

Levaram annie thorne



C. J. TUDOR



C. J. Tudor

Levaram Annie Thorne

Tradução
Victor Antunes

 Planeta

Os escritores são como os quebra-cabeças. Precisamos de paciência, perseverança e, por vezes, de alguém que apanhe peças soltas.

Para Neil, por me completar.

Prólogo

Mesmo antes de entrar na moradia, Gary apercebe-se de que aquilo é mau.

O cheiro repugnante e adocicado que se escapa pela porta aberta; o zunido das moscas que volteiam no corredor quente e peganhento e, se isso não fosse um indício suficiente de que há qualquer coisa de errado naquela casa, qualquer coisa de errado no pior sentido possível, então o silêncio vem confirmá-lo.

À entrada está estacionado um elegante *Fiat* branco; junto à porta, uma bicicleta encostada e, lá dentro, um par de galochas que alguém descalçou. Uma casa de família. Contudo, mesmo vazia, uma casa de família deixa perceber ecos de vida. Não se queda envolta num manto de silêncio pesado, sufocante e agoirento, como acontece com aquela casa.

Apesar disso, volta a chamar.

– Olá! Está aí alguém?

Cheryl levanta a mão e desfere algumas pancadas rápidas na porta aberta. Estava encostada quando chegaram, mas não fechada. Mais uma coisa que não bate certo. Arnhill não passava de uma pequena aldeia, mas as pessoas costumavam fechar as portas.

– Polícia! – grita ela.

Nada. Nem sombra de passos, um rangido, um sussurro. Gary deixa escapar um suspiro e apercebe-se de uma relutância supersticiosa que o impede de entrar. E não é só por causa do fedor rançoso da morte. Há mais qualquer coisa. Uma sensação primitiva que parece ordenar-lhe que dê meia volta e se afaste imediatamente.

– Sargento?

Cheryl ergue os olhos para ele e fita-o com a sobrancelha fina arqueada, numa interrogação.

Baixa o olhar para a companheira de pouco mais de um metro e sessenta e menos de cinquenta quilos. Com mais de um metro e noventa e cento e vinte e cinco quilos, Gary parece o urso *Baloo* ao lado do frágil *Bambi* que é Cheryl. Pelo menos no aspecto. No que respeita à personalidade, basta dizer que Gary chora ao ver os filmes da Disney.

Com ar carrancudo, faz-lhe um breve sinal com a cabeça e entram em casa. São envolvidos pelo fedor intenso de um corpo em putrefacção. Gary engole em seco e tenta respirar pela boca, a desejar de alma e coração que tivesse sido outra pessoa – *qualquer outra pessoa* – a atender o telefonema. Cheryl contorce o rosto num esgar e tapa o nariz com a mão.

Aquelas pequenas moradias têm uma planta muito característica. Um corredor pequeno. Escadas do lado esquerdo. Sala de estar do lado direito, e ao fundo uma cozinha minúscula. Gary vira-se para a sala de estar e abre a porta com um empurrão.

Não era a primeira vez que via um cadáver. Um miúdo atropelado por um condutor que se pusera em fuga. Um adolescente estropiado por uma máquina agrícola. Horríveis, é claro. Absolutamente horríveis, é escusado dizer. Mas isto... Isto é mau, volta a pensar. Muito mau.

– Foda-se – murmura Cheryl, e Gary não teria dito melhor.

Tudo contido numa simples expletiva aterrada. *Foda-se!*

No meio da sala está o corpo de uma mulher, esparramado sobre um sofá de cabedal, já gasto, em frente de uma grande televisão de ecrã plano. O aparelho apresenta uma racha em forma de teia de aranha, em volta da qual se arrastam preguiçosas dezenas de varejeiras.

As restantes volteiam com ruído em torno da mulher. *Do corpo*, corrige-se Gary. Já não é uma pessoa. Não passa de um cadáver. Apenas um caso mais. Recompõe-te.

Apesar do inchaço da podridão, percebe que em vida devia ter sido uma mulher esguia, de pele clara, agora coberta de manchas e sulcada por veias verdes, como veios de mármore. Está bem vestida. Blusa de xadrez, calças a condizer e botas de cabedal. Dizer a idade é difícil, sobretudo porque lhe falta grande parte do alto da cabeça. Bem, não está em falta. Há pedaços dela colados à parede, à estante e às almofadas.

Não restam muitas dúvidas sobre quem terá puxado o gatilho. A caçadeira continua no colo dela, presa nos dedos inchados. Gary avalia o que deve ter acontecido. O cano da arma metido na boca, gatilho premido, a bala sai um pouco para o lado esquerdo, mais danificado, o que faz sentido, uma vez que segura a arma com a mão direita.

Gary não passa de um sargento de uniforme e não trata de assuntos forenses, mas costuma ver a série *CSI*.

A decomposição deve ter sido bastante rápida. Faz muito calor dentro da pequena moradia, um calor sufocante, de facto. Lá fora, a temperatura anda

pelos vinte e poucos graus, as janelas estão fechadas e, embora as cortinas estejam corridas, no interior deve rondar os trinta e tal. Já sente o suor a escorrer-lhe pelas costas e a humedecer-lhe as axilas. Cheryl, que nunca perde o seu ar fresco, enxuga a testa e está visivelmente incomodada.

– Merda. Mas que porcaria – diz numa voz cansada que lhe é pouco habitual.

Cheryl olha para o corpo sobre o sofá, sacode a cabeça e os seus olhos vagueiam pelo compartimento, os lábios cerrados numa expressão lúgubre. Gary sabe o que ela está a pensar. *Bela casa. Bom carro. Roupas caras. Mas nunca se sabe. Nunca se sabe o que vai lá dentro.*

Além do sofá de cabedal, a mobília consta apenas de uma pesada estante de carvalho, uma mesa baixa, de café, e a televisão. Gary olha outra vez para o aparelho, e interroga-se sobre a racha no ecrã e a razão pela qual as moscas se arrastam por cima dela. Avança alguns passos, a esmigalhar pedaços de vidro sob os pés, e inclina-se para a frente.

Mais perto, percebe a razão. O vidro rachado está coberto de sangue escuro e seco. Mais sangue escorreu do ecrã para o chão, onde por pouco não tinha pisado uma poça pegajosa que alastrara sobre as pranchas do soalho.

Cheryl aproxima-se e fica de pé, ao lado dele.

– O que é isso? É sangue?

Acodem-lhe à memória a bicicleta, as galochas, o silêncio.

– Temos de inspeccionar o resto da casa – diz.

Ela atira-lhe um olhar inquieto e acena.

A escada é íngreme, os degraus rangem e há mais rastos de sangue escuro. No alto, um patamar estreito conduz a dois quartos e a uma casa de banho muito pequena. Se possível, no patamar o calor é ainda mais intenso e o cheiro mais repugnante. Com um gesto, Gary indica a Cheryl que verifique a casa de banho. Por um instante, pensa que ela vai protestar. É evidente que o cheiro provém de um dos quartos, mas para variar ela deixa que ele assumo o papel de agente mais graduado e atravessa o patamar em passos cautelosos.

A sentir na boca um sabor metálico, Gary está defronte da porta do primeiro quarto, e abre-a lentamente.

É um quarto de mulher. Limpo, arrumado e vazio. A um canto está um roupeiro, a cómoda perto da janela, e a cama está coberta por uma colcha imaculada, de cor creme. Sobre a mesa-de-cabeceira, um candeeiro e uma

fotografia com uma moldura de madeira muito simples. Gary aproxima-se e pega-lhe. É a fotografia de um rapaz de dez ou onze anos, pequeno, magro, de cabelos loiros revoltos e que sorri a mostrar os dentes. *Meu Deus, dá por si a implorar, Meu Deus, por favor, não.*

Com o coração ainda mais pesado, regressa ao corredor, onde encontra Cheryl, muito pálida e tensa.

– A casa de banho está vazia – diz, e Gary percebe que ela pensa o mesmo que ele.

Só falta um compartimento. Só mais uma porta para encontrar o grande prémio. Com um gesto colérico, Gary sacode uma mosca e teria respirado fundo se o fedor não o sufocasse. Dirige-se para o puxador da porta e abre-a com um empurrão.

Cheryl é demasiado resistente para vomitar, mas mesmo assim ouve-lhe um arranco. O estômago de Gary contorce-se numa náusea que acaba por dominar.

Quando pensara que aquilo era mau, tinha-se enganado. É um pesadelo terrível.

O rapaz está deitado na cama, vestido com uma *T-shirt* de tamanho exagerado, calções largos e meias brancas, de desporto. O elástico das meias enterra-se na carne inchada das pernas.

Meias brancas, de um branco intenso, notou Gary sem querer. Uma brancura de cegar. Como um anúncio de detergente. Ou talvez assim pareçam porque tudo o resto é vermelho. Vermelho-escuro. Em laivos sobre a enorme *T-shirt*, esborratado sobre as almofadas e os lençóis. No lugar onde devia estar o rosto do rapaz, apenas uma pasta vermelha informe, as feições impossíveis de distinguir, a ferver sob uma massa de corpos negros que se agita febrilmente, varejeiras e moscardos que entram e saem da massa de carne destrocada.

Vem-lhe à memória o ecrã partido da televisão e a poça de sangue no chão, e de repente vê a cena. A cabeça do rapaz batida contra o ecrã e depois contra o chão até ficar irreconhecível, até não haver rosto.

Talvez seja esse o motivo, pensa, ao erguer os olhos para o outro vermelho. O vermelho mais óbvio. O vermelho impossível de não ver. Letras grandes rabiscadas na parede, por cima do corpo do rapaz:

NÃO É O MEU FILHO

Capítulo 1

Nunca volte atrás. É o que nos estão sempre a dizer. As coisas terão mudado. Não serão como te recordas. Deixa o passado no passado. É claro que esta última é mais fácil de dizer que de fazer. O passado tem o hábito de se repetir em nós. Como o cheiro a peixe podre.

Não quero voltar atrás. Não quero mesmo. Há coisas mais importantes na minha lista de desejos, tal como ser comido vivo por ratazanas ou participar numa dança folclórica. É essa a vontade que tenho de voltar a ver a merda do sítio onde cresci. Só que por vezes não há alternativa, excepto a alternativa errada.

É por isso que dou por mim a conduzir numa estrada sinuosa do Norte de Nottinghamshire, pouco passa das sete da manhã. Há muito tempo que não via esta estrada. Pensando bem, há muito tempo que não via as sete da manhã no relógio.

Há pouco trânsito. Sou ultrapassado apenas por dois automóveis, um deles a tocar a buzina (é sem dúvida a maneira de o condutor me indicar que lhe estou a impedir a condução à Lewis Hamilton para uma qualquer porcária de emprego onde tem de chegar alguns minutos mais cedo). Tenho de lhe fazer justiça, conduzo devagar. O nariz encostado ao pára-brisas, as mãos agarradas ao volante até os nós dos dedos estarem brancos e salientes: devagar.

Não gosto de conduzir. Sempre que posso, evito. Ando a pé ou de autocarro, de comboio para viagens mais longas. Infelizmente, Arnhill não é servida por nenhuma das principais carreiras de autocarros e a estação de comboios mais próxima fica a dezoito quilómetros. Ir de carro é a única opção. Como já disse, por vezes não há alternativa.

Faço sinal e saio da estrada principal para entrar numa teia de vias rurais ainda mais estreitas e traiçoeiras. De um lado e do outro estendem-se campos congestionados de castanho e verde-sujo, há porcos a farejar o ar em barracas de chapa ondulada, entremeadas por pequenas matas de decrepitos vidoeiros prateados. A Floresta de Sherwood, ou que resta dela. Hoje, para encontrar Robin Hood e João Pequeno, só nas tabuletas mal

pintadas que anunciam os *pubs* degradados. Lá dentro, os homens que as frequentam são tipos alegres e bem-dispostos, e a única coisa que nos podem roubar são os dentes, se os olharmos com demasiada insistência.

Não é o *Norte profundo*. Nottinghamshire nem fica muito a norte – a menos para quem só conheça o circuito infernal da M25 – mas é um território plano e desprovido da cor e da vitalidade que se espera de uma paisagem campestre. Como se as minas que antes abundavam por aqui lhe tivessem sugado a vida por dentro.

Por fim, depois de muito tempo sem topar com qualquer coisa que se assemelhasse a civilização, nem um McDonald's, deparo-me com uma tabuleta decrépita e torcida do meu lado esquerdo: BEM-VINDO A ARNHILL.

Por baixo, um parvalhão eloquente tinha acrescentado: PARA SER FODIDO.

Arnhill não é uma povoação acolhedora. É fria, amarga e ensimesmada. Fecha-se sobre si e olha os visitantes com desconfiança. É ao mesmo tempo austera, conservadora e indiferente. O género de aldeia que nos sorri quando chegamos e cospe para o chão, enojada, quando nos vamos embora.

Com excepção de duas casas de quinta e de algumas antigas moradias de pedra nos arrabaldes, Arnhill não é encantadora nem pitoresca. Embora a mina tenha encerrado há perto de trinta anos, a sua herança está disseminada pela aldeia como o minério pelo solo. Não há casas cobertas de colmo nem cestos pendurados. As únicas coisas penduradas no exterior das casas são as cordas para estender roupa e uma ou outra bandeira de São Jorge.

As fiadas de casas geminadas de tijolos enegrecidos pela fuligem alinham-se ao longo da rua principal, onde sobrevive um *pub* decrépito, o Running Fox. Dantes havia mais dois, o Arnhill Arms e o The Bull, mas fecharam há muito tempo. No meu tempo, o proprietário do Fox, Gipsy, fazia vista grossa quando alguns de nós, garotos mais velhos, lá íamos beber. Ainda me recordo de emborcar três copos de meio litro de *Snakebite* e da sensação que me provocava nas entranhas ao vomitar nos lavabos nojentos e de, ao levantar a cabeça, ver o dono de pé, de balde e esfregona em punho.

Na porta ao lado, o *takeaway* Wandering Dragon, que vendia peixe e batatas fritas, também não foi bafejado pelo progresso, nem por uma pintura nova e, estou pronto a apostar, por um novo menu. Há uma coisa em falta na minha recordação do conjunto: a pequena loja de esquina onde comprávamos sacos de rebuçados, *flying saucers* e barras *Wham*, já não existe. No seu lugar há agora um Sainsbury Local. Parece que nem mesmo

Arnhill é imune aos avanços do progresso.

Com excepção disso, confirmam-se os meus piores receios. Nada mudou. Infelizmente, o lugar permanece tal qual como o recordava.

Continuo ao longo da rua principal, passo pelo parque infantil degradado e pelo pequeno jardim também votado ao abandono. No centro, ergue-se a estátua de um mineiro. Um monumento em memória dos mineiros mortos em 1949 no desastre da mina de carvão de Arnhill.

Já fora do centro da povoação, no cimo de uma colina baixa, vejo os portões da escola. Arnhill Academy, é como agora se chama. Os edifícios foram pintados de novo e o velho edifício inglês, do alto do qual um rapaz tinha caído, foi demolido e substituído por um auditório. Um cagalhão pode estar envolto em ouro, mas continua a ser um cagalhão. Já o devia saber.

Estaciono nas traseiras do edifício, no parque reservado ao pessoal, e apeio-me do meu velho *Golf* a cair de podre. Há mais dois automóveis estacionados, um *Corsa* encarnado e um velho *Saab*. Durante as férias de Verão, é raro as escolas estarem vazias. Os professores têm de elaborar os planos das aulas, organizar os painéis das salas de aulas e supervisionar as obras. E, por vezes, fazer entrevistas.

Fecho o carro e dirijo-me à recepção, na frente do edifício, a fazer o possível para não coxear. Hoje sinto dores na perna. Em parte por causa de ter conduzido, em parte por causa da tensão de aqui estar. Há quem tenha enxaquecas; eu tenho a mesma coisa, mas na perna doente. Devia usar a bengala. Mas detesto-a. Faz-me sentir um inválido. As pessoas olham-me com uma expressão de dó. A piedade devia estar reservada para quem a merece.

Com uma ligeira contracção de dor, subo os degraus até à porta principal. No alto da escada, pode ler-se numa placa brilhante. «Bom, melhor, excelente. Nunca pares. Até que o teu bom seja melhor e o melhor excelente.»

Mensagem de estímulo. Acode-me à memória a alternativa de Homer Simpson: «Miúdos, deram o vosso melhor e fracassaram estrondosamente. A lição é: nunca tentar.»

Primo o botão do intercomunicador que está ao pé da porta. Ouve-se um estalido e inclino-me para a frente para falar.

– Venho falar com o senhor Price.

Outro estalido, seguido de um guincho de interferência, e a fechadura abre-se com um zumbido. Esfrego a orelha e entro.

A primeira coisa que me atinge é o cheiro. Todas as escolas têm o seu odor próprio. Nas academias modernas é o desinfetante e o produto para limpar os ecrãs. Nas escolas onde se pagam propinas é o cheiro a giz, a soalhos de madeira e a dinheiro. A Academia de Arnhill cheira a hambúrgueres estragados, a desinfetante de sanitários e a hormonas.

– Bom dia.

Uma mulher de aspecto austero, com o cabelo grisalho curto e óculos, fita-me do outro lado do vidro da receção.

A menina Grayson? Não pode ser. Já se deve ter reformado, não é? Até que a vejo. A verruga castanha protuberante no queixo, sempre com o mesmo pêlo negro. *Cristo!* É mesmo ela. Quer dizer que, durante todos aqueles anos em que a julguei tão velha como os dinossáurios ela devia ter o quê? Uns quarenta, não mais. A mesma idade que eu tenho agora.

– Venho falar com o senhor Price – repito. – Sou o Joe... o *senhor* Thorne.

Espero um vislumbre de reconhecimento. Nada. Mas já lá vai muito tempo, e por aquelas portas passou entretanto uma multidão de alunos. E eu já não sou o mesmo garoto escanzelado num uniforme demasiado grande que se escapulia a correr ao passar pela receção para não a ouvir ladrar o meu nome e repreender-me por causa da fralda da camisa fora das calças e dos ténis que não respeitavam o regulamento da escola.

A menina Grayson não era má de todo. Era frequente ver alguns dos alunos mais fracos e tímidos no seu pequeno gabinete. Quando a enfermeira da escola não estava, punha-lhes pensos nos joelhos esfolados, deixava-os sentar e beber sumo enquanto esperavam por um professor, ou auxiliava-os a preencher impressos, qualquer coisa que os ajudasse a aliviar os tormentos do recreio. Um pequeno refúgio.

Mas mesmo assim eu tinha medo dela.

E percebo que ainda tenho. A menina Grayson solta um suspiro de maneira a dar-me a entender que estou a fazer-lhe perder tempo, além do meu tempo e do tempo da escola, e estende a mão para o telefone. Interrogo-me sobre a razão para ela estar ali hoje. Não faz parte do quadro docente. Mas não estou surpreendido. Quando era miúdo, nunca imaginava a menina Grayson *fora* da escola. Fazia parte da estrutura. Onnipresente.

– Senhor Price? – troveja para o telefone. – Tenho aqui um senhor Thorne para falar consigo. Sim. Está bem. Com certeza. – Pousa o auscultador. – Ele vem já.

– Ótimo. Muito obrigado.

Vira-se para o computador e não me presta mais atenção. Não me oferece chá nem café. E neste preciso momento todos os meus neurónios clamam por cafeína. Empoleiro-me numa cadeira de plástico e evito não parecer um aluno aflito que quer falar com o director. Sinto o joelho a latejar. Entrecruzo os dedos por cima dele e massajo sub-repticiamente a articulação.

Pela janela entrevejo alguns garotos sem uniforme que fazem uma algazarra ao pé do portão da escola. Agitam latas de *Red Bull* e riem por causa de qualquer coisa que estão a ver nos *smartphones*. Sou avassalado por uma sensação de *déjà vu*. Tenho outra vez quinze anos, deambulo junto daqueles portões a empunhar uma garrafa de *Panda Cola* e... o que nos atraía e fazia rir antes de haver *smartphones*? Exemplares de *Smash Hits* e revistas pornográficas roubadas, creio eu.

Desvio os olhos e fito as minhas botas. O cabedal está um pouco esfolado. Devia tê-las engraxado. *Preciso* mesmo de um café. Estou quase a ceder e vou pedir um maldito café quando ouço o ranger de uns sapatos sobre o linóleo e as portas duplas que dão para o corredor principal se escancaram.

– Joseph Thorne?

Levanto-me. Harry Price é tudo quanto esperava, e menos do que isso. Um homem magro na casa dos cinquenta, de ar angustiado, com um fato mal feito e calçado com sapatos-luva. O cabelo grisalho e ralo está penteado para trás e tem no rosto a expressão de quem está sempre à espera de receber notícias desagradáveis. Paira em torno dele um ar de resignação fatigada, como o cheiro de uma loção de barba barata.

Sorri. Um sorriso retorcido e amarelo, da nicotina. Faz-me recordar que não fumei um cigarro desde que saí de Manchester. Isso, e a carência de cafeína, dão-me vontade de rilhar os dentes até se desfazerem.

Em vez disso, o que faço é estender a mão e exhibir um sorriso que espero seja agradável.

– Muito prazer.

Percebo que me avalia num relance. Sou mais alto do que ele uns cinco ou seis centímetros. Bem barbeado. Um fato caro quando era novo, e de bom corte. Cabelo escuro, já com algumas madeixas grisalhas. Olhos escuros, um tanto raiados de sangue. Costumam dizer-me que tenho cara de pessoa honesta. O que mostra como sabem pouco.

Aperta-me a mão, que sacode com firmeza.

– O meu gabinete é por aqui.

Ajeito a sacola no ombro e esforço-me por não coxear enquanto sigo Harry para o gabinete. Está na hora do espectáculo.



– A carta de recomendação do seu antigo director é excelente.

Não é para admirar. Fui eu que a escrevi.

– Muito obrigado.

– Na verdade, tudo isto é impressionante.

As aldrabices são uma das minhas especialidades.

– Mas...

Cá está.

– Passou-se muito tempo desde o seu último emprego, mais de doze meses.

Estendo a mão para o deslavado café com leite que a menina Grayson por fim pousou com ruído sobre a secretária, à minha frente. Bebo um gole e disfarço uma careta.

– Sim, foi intencional. Resolvi tirar um ano sabático. Ensino há quinze anos. Era o momento de recarregar as baterias. De pensar no futuro. De decidir o que fazer em seguida.

– Importa-se que lhe pergunte o que fez nesse ano sabático? O seu currículo é um tanto vago.

– Dei explicações. Fiz algum trabalho comunitário. Leccionei algum tempo no estrangeiro.

– A sério? Onde?

– No Botswana.

– No Botswana? Por que raio se foi lembrar disso? Creio que nem seria capaz de o apontar no mapa.

– É altamente recomendável.

– E imaginativo.

– Não foi altruísta. O tempo lá é melhor.

Ambos rimos.

– E agora quer voltar a leccionar a tempo inteiro?

– É verdade, estou pronto para o próximo patamar da minha carreira.

– Bem, a minha pergunta seguinte é: por que razão quer trabalhar aqui, na Arnhill Academy? Considerando o seu currículo, presumo que tenha hipótese de fazer escolhas.

Segundo o meu currículo, já devia ter ganho o Prémio Nobel da Paz.

– Bem – respondo –, eu sou de cá. Cresci em Arnhill. Gostaria de dar algo

em troca à comunidade.

Parece pouco à vontade, a remexer os papéis sobre a secretária.

– Está ao corrente das circunstâncias que deram origem a esta vaga?

– Li a notícia.

– E qual é a sua opinião?

– É trágico. Terrível. Mas uma tragédia não deve qualificar toda uma escola.

– Fico satisfeito por ouvi-lo dizer isso.

E eu fico satisfeito por ter ensaiado a resposta.

– No entanto – acrescento – parece-me que ainda se encontram todos bastante transtornados.

– A senhora Morton era uma professora muito popular.

– Tenho a certeza que sim.

– Quanto a Ben, era um aluno muito promissor.

Sinto um ligeiro aperto na garganta. Tenho-me preparado para ser insensível, mas por vezes não consigo. Uma vida cheia de promessas. Mas a vida é isso mesmo. Uma promessa. Nada de garantido. Todos gostamos de acreditar que temos o nosso lugar no futuro, mas é apenas uma reserva. A vida pode ser cancelada a qualquer momento, sem devolução de custos, apesar da jornada já feita. Mesmo que mal se tenha tido tempo para apreciar a paisagem.

Como Ben. Como a minha irmã.

Percebo que Harry continua a falar.

– Como é evidente, a situação é delicada. Fizeram-se muitas perguntas. Como foi possível que a escola não se tivesse apercebido que uma das professoras era mentalmente desequilibrada? Que os alunos estavam em risco?

– Compreendo.

O que compreendo é que Harry está mais preocupado com a sua posição e com a escola do que com o infeliz Benjamin Morton, que ficou com a cara desfeita pela pessoa que o devia proteger.

– O que quero dizer é que tenho de ser cauteloso com a pessoa que escolho para ocupar o lugar. Os pais têm de se sentir seguros.

– Claro. E compreendo se tiver outro candidato melhor...

– Não é isso que estou a dizer.

Não tem. Tenho a certeza absoluta. E eu sou um bom professor (quase sempre). A verdade é que a Arnhill Academy é um buraco de merda. Não

satisfaz os critérios. É mal vista. E ele sabe. E eu sei, encontrar um bom professor para trabalhar aqui, em especial nas «circunstâncias» actuais, é mais difícil do que encontrar um urso que não cague no bosque.

Resolvo insistir no assunto.

– Presumo que não se importará se eu for honesto?

É muito bom de dizer quando não se tem a intenção de ser honesto.

– Sei que a Arnhill Academy tem problemas. É por isso que quero trabalhar cá. Não estou à espera de facilidades. Procuro um desafio. Conheço estes garotos, pois fui um deles. Conheço a comunidade. Sei com quem e com quem tenho de tratar. Não me assusta. De facto, há-de descobrir que poucas coisas me assustam.

Percebo que o tenho na mão. Sou bom nas entrevistas. Sei o que as pessoas querem ouvir. Mais importante ainda: percebo quando estão desesperadas.

Harry reclina-se na cadeira.

– Bem, creio que não tenho mais nada para lhe perguntar.

– Muito bem. Foi uma reunião agradável...

– Oh, afinal ainda há uma coisa.

Mas que porra...

Sorri.

– Quando pode começar?

Capítulo 2

Três semanas mais tarde

Faz frio dentro da moradia. O género de frio que se insinua numa casa que foi fechada e que esteve desabitada durante algum tempo. O género de frio que penetra nos ossos e aí fica mesmo depois de o aquecimento estar ligado no máximo.

E também há um cheiro. A abandono, a humidade e a tinta barata. As fotografias publicadas no sítio da internet não lhe faziam justiça. Transmitem a ideia de uma elegância medíocre. De um desleixo requintado. A realidade é mais crua e dilapidada. Mas não me posso dar ao luxo de ser esquisito. Tenho de viver em algum lugar, e mesmo numa lixeira como Arnhill esta moradia é o único que está ao alcance das minhas posses.

É claro que não foi essa a única razão pela qual a escolhi.

– Está tudo bem?

Viro-me para o jovem de cabelo liso que se conserva à entrada da porta. Mike Belling, da Belling & Co. Letting Agency, uma agência de aluguer. Não é da terra. É demasiado bem vestido e bem-falante. Sou capaz de apostar que está em pulgas para regressar ao seu escritório do centro da cidade e limpar a bosta de vaca que se lhe agarrou aos sapatos pretos reluzentes.

– Não é bem o que eu esperava.

O sorriso dele desaparece.

– Bem, tal como dizemos na descrição da propriedade, é uma moradia tradicional, não é uma casa de construção moderna, e já está desocupada há algum tempo...

– Pode ser – replico em tom de dúvida. – Disse que a caldeira era na cozinha? Tenho de aquecer a casa. Obrigado por ter vindo mostrá-la.

Continua no mesmo sítio, algo embaraçado.

– Há só uma coisa, senhor Thorne...

– Sim?

– O cheque do depósito...

– O que tem?

– Tenho a certeza de que se trata de um lapso... mas ainda não o recebemos.

– É mesmo? – Abano a cabeça. – Os correios andam cada vez piores...

– Bem, não é problema. Se lhe fosse possível...

– Com certeza.

Meto a mão no bolso e tiro o livro de cheques. Mike Belling estende-me uma caneta. Apoio-me no braço do sofá púido e escrevinho um cheque. Solto-o e entregolho.

O homem sorri. Depois, olha para o cheque e o sorriso some-se.

– Isto são quinhentas libras. O depósito, incluindo o mês de caução, é de mil.

– Tem razão. Mas agora acabo de *ver* a moradia. – Perpasso o olhar em redor e faço uma careta. – Para falar com franqueza, isto é uma espelunca. É fria, é húmida, cheira a mofo. Se você arranjasse algum clandestino já seria muita sorte. Nem teve a gentileza de vir cá ligar o aquecimento antes de eu entrar.

– Peço desculpa, mas isto não é aceitável!

– Então procure outro inquilino.

Estava feito o *bluff*. Vejo que hesita. É preciso nunca mostrar fraqueza.

– Ou não consegue? Ou será que ninguém quer alugar esta casa por causa do que aqui aconteceu? Aquele insignificante homicídio/suicídio que se esqueceu de mencionar?

O rosto dele fica tenso, como o de alguém a quem meteram um ferro em brasa pelo cu acima. Engole em seco.

– Não temos a obrigação legal de informar os inquilinos...

– Pois não, mas moralmente seria simpático, não? – Esboço um sorriso agradável. – Levando tudo isso em conta, julgo que um desconto substancial no depósito é o mínimo que pode oferecer.

Retesa o queixo. O olho direito contrai-se num pequeno tique. Tem vontade de ser rude comigo, talvez mesmo de me agredir. Mas não pode, pois perderia o seu confortável emprego de vinte mil por ano mais as comissões, e depois como poderia pagar aqueles fatos elegantes e os sapatos pretos reluzentes?

Dobra o cheque e volta a guardá-lo.

– Pois claro. Não há problema.



Não preciso de muito tempo para desembalar as minhas coisas. Não sou

pessoa de acumular coisas só por acumular. Nunca gostei de objectos decorativos, e as fotografias são interessantes quando se tem mulher e filhos, que eu não tenho. As roupas, uso-as até estarem no fio, e depois substituo-as por outras idênticas.

É claro que há excepções a esta regra. Duas coisas que deixei para o fim, dentro da minha pequena mala de viagem. Uma delas é um baralho de cartas de jogar, muito usado. Enfio-o no bolso. Há jogadores que trazem consigo amuletos para lhes dar sorte. Eu nunca acreditei na sorte, até ter começado a perder. Então amaldiçoei a sorte, os sapatos que trazia calçados e o alinhamento das estrelas. Amaldiçoei tudo, menos a minha pessoa. As cartas são o meu talismã invertido, algo para me recordar como acabei por estragar tudo.

A outra coisa é mais volumosa, e está envolta em papel de jornal. Pego nela e coloco-a em cima da cama, com cuidado, como se fosse um bebé verdadeiro, e desembrulho-a com cuidado.

As pequenas pernas gordas estão espetadas para cima, os punhos fechados ao lado do corpo, os cabelos loiros brilhantes emaranhados em caracóis. Os olhos azuis e vazios fitam-me. Pelo menos um deles. O outro agita-se na órbita, a olhar num ângulo estranho, como se qualquer coisa mais interessante lhe tivesse despertado a atenção e não se incomodasse a informar o companheiro.

Agarro na boneca de Annie e sento-a sobre a cómoda, onde me pode olhar com os olhos vinhos todos os dias e todas as noites.



Passo o resto da tarde e o começo da noite a andar de um lado para o outro, a tentar aquecer. A perna incomoda-me se estiver sentado durante muito tempo. O frio e a humidade da casa não ajudam. Os radiadores não parecem funcionar bem, provavelmente por terem ar dentro da tubagem.

Na sala de estar há um fogão, mas uma busca intensiva na moradia e no pequeno barracão exterior não revelou sinais de achas para a fogueira nem de material para atear o lume. Contudo, descobri um velho irradiador eléctrico num dos armários. Quando o ligo, as barras fritam com estalidos uma espessa camada de poeira e espalha-se no ar um cheiro a queimado. De qualquer maneira, deve projectar uma dose de calor decente, se não me electrocutar antes disso.

Apesar de alguns estragos ligeiros, percebo que deve ter sido uma acolhedora casa de família. A casa de banho e a cozinha são antiquadas, mas

limpas. O quintal das traseiras, ladeado por terrenos abertos, é comprido e bom para jogar futebol. Um sítio acolhedor, confortável e *seguro* para um rapaz crescer. Só que ele nunca cresceu.

Não acredito em fantasmas. A minha avó dizia-me sempre: «Não é dos mortos que deves ter medo, meu amor, é dos vivos.» E ela tinha quase sempre razão. No entanto, acredito que se podem sentir os efeitos distantes das coisas más. Insinuem-se no tecido da nossa realidade, como uma pegada em cimento fresco. O que causou a impressão há muito que desapareceu, mas a marca que deixou é impossível de apagar.

Talvez tenha sido por isso que ainda não fui ao quarto dele. Não tenho problema em habitar a moradia, mas a moradia não se *sente* bem. Como poderia? Aconteceu uma coisa terrível dentro destas paredes, e as casas têm memória.



Não comprei nada para comer, mas não sinto fome. Quando o relógio passa das sete, abro uma garrafa de *bourbon* e sirvo-me de uma dose quádrupla. Não posso usar o computador portátil porque ainda não contratei uma ligação à internet. Para já, não tenho muito que fazer além de me sentar e de me adaptar ao meu novo ambiente, a procurar não dar atenção à dor na perna e à leve comichão já conhecida que sinto nas entranhas. Tiro do bolso o baralho de cartas e pouso-o sobre a mesa de café, mas não o abro. Não é para isso que serve. Ouço um pouco de música no telemóvel enquanto vou lendo um *thriller* exageradamente publicitado que já percebi como irá terminar. Depois, fico junto da porta das traseiras, de pé, a fumar um cigarro e a olhar para o quintal onde a vegetação cresceu desordenada.

O céu está mais negro do que um poço de mina no inferno, nem uma estrela consegue furar o negrume. Já me tinha esquecido de como é o negrume no campo. Vivo há demasiado tempo na cidade. Na cidade nunca fica tão escuro, nem tão silencioso. Os únicos sons que se ouvem são a minha respiração e o crepitar do filtro do cigarro.

Interrogo-me uma vez mais sobre a verdadeira razão do meu regresso. É certo que Arnhill é um lugarejo isolado, um ponto meio esquecido no mapa. Mas no estrangeiro estaria mais seguro. Milhares de milhas entre mim, as minhas dívidas e as pessoas que não encaram com complacência um rasto de perdas. Quando não é possível pagá-las.

Podia ter mudado de nome e arranjado trabalho a servir num bar de praia.

A bebericar *margaritas* ao pôr do Sol. Mas escolhi isto. Ou talvez tenha sido isto a escolher-me.

Não acredito no destino. Mas acredito que há coisas que nos estão inculcadas nos genes. Estamos programados para agir e reagir de uma certa maneira, e é isso que molda a nossa vida. Não podemos mudar essas coisas, da mesma maneira que não alteramos a cor dos olhos ou a propensão para ficar com sardas quando nos expomos ao sol.

Ou talvez tudo isto não passe de um chorrilho de disparates, de uma desculpa conveniente para fugir às responsabilidades dos meus actos. A verdade é que, mais tarde ou mais cedo, um dia havia de voltar. A mensagem de correio electrónico apenas tornou a decisão mais fácil.

Recebi-a há quase há dois meses. É surpreendente que não tenha sido atirada para o «lixo».

Remetente: ME1992@hotmail.com

Assunto: Annie

Por pouco não a apaguei de imediato. Nunca tinha ouvido falar no remetente. Devia ser um idiota qualquer que resolvera fazer uma piada de mau gosto. Há assuntos que não devem ser abordados. Nada de bom pode resultar daí. A única coisa sensata a fazer era apagar a mensagem, esvaziar o ficheiro do «lixo» e esquecer-me que a tinha visto.

Tomada a decisão, fiz clique em «Abrir»:

Sei o que aconteceu à sua irmã. Está a acontecer de novo.

Capítulo 3

Os pais não deviam preferir uns filhos a outros. Mais uma coisa estúpida que as pessoas costumam dizer. *É claro* que os pais têm as suas preferências. Faz parte da natureza humana. Recua aos tempos em que nem todos os filhos sobreviviam. A preferência ia para o rebento mais forte. Não valia a pena afeiçoar-se ao que talvez não vivesse muito tempo. E, diga-se em abono da verdade, algumas crianças são mais fáceis de amar do que outras.

Annie era a preferida dos nossos pais. O que se compreende. Nasceu quando eu tinha sete anos. A minha fase de garotinho engraçado já tinha passado há muito. Tornara-me um miúdo introvertido, escanzelado, de calções sujos e joelhos sempre esfolados. Já não era uma criancinha amorosa. Nem compensava com uns chutos na bola nem a acompanhar o meu pai aos jogos do Forest. Preferia ficar em casa, a ler livros de banda desenhada ou a jogar no computador.

Um desapontamento para o meu pai e uma irritação para a minha mãe.

– Vai lá para fora apanhar ar fresco – ralhava-me.

Apesar de só ter sete anos, achava que exageravam os benefícios do ar fresco, mas obedecia com relutância e acabava por cair ou ir de encontro a qualquer coisa, voltava para casa todo emporcalhado e ouvia mais uma série de gritos.

Não era para admirar que os meus pais ansiassem por outro filho: uma menina amorosa que pudessem vestir de cor-de-rosa e rendinhas e acarinhar sem que ela refilasse e se contorcesse para escapar.

Na altura não me dei conta de que os meus pais andavam há algum tempo a tentar ter outro filho. Um irmãozinho ou uma irmãzinha para mim. Como se me estivessem a fazer um favor. Não tinha a certeza de precisar de um irmão ou de uma irmã. Os meus pais já me tinham a mim. Na minha opinião, outro filho estava além das necessidades.

Não mudei de ideias depois de Annie nascer. Uma massa cor-de-rosa mirrada, com uma cara encarquilhada de extraterrestre. Tudo o que fazia era dormir, cagar e chorar. Os seus guinchos agudos acordavam-me durante

a noite e ficava a olhar para o tecto, a pensar que os meus pais teriam feito melhor se me comprassem um cão, ou mesmo um peixinho dourado.

Esse estado de apatia prolongou-se por vários meses, sem gostar nem detestar muito a minha irmã bebé. Permanecia indiferente quando ela palavra para mim ou me agarrava o dedo até eu sentir que começava a ficar azul, ou quando a minha mãe arrulhava, deleitada, e se esganiçava para o meu pai:

– Vai buscar a máquina de filmar, Sean.

Quando Annie gatinhava atrás de mim ou mexia nas minhas coisas, afastava-me mais depressa e sacava-lhe o que me pertencia. Não era desabrido, apenas desinteressado. Não tinha pedido para ela nascer, portanto não via motivo para lhe prestar atenção.

E isto continuou até ela ter mais ou menos doze meses. Pouco antes do seu primeiro aniversário, ela começou a andar e a balbuciar coisas que se assemelhavam a palavras. De um momento para o outro, começou a parecer-se mais com uma pessoa pequena do que com um bebé. Mais interessante. Mesmo engraçada, com as suas arengadas que soavam a língua estrangeira e os passos inseguros de um velho.

Comecei a brincar e a falar um pouco com ela. Quando ela me começou a imitar, experimentei uma estranha sensação de importância que me inchava o peito. Quando ela olhava para mim e palavra «Joe-ee, Joe-ee», sentia um calor no estômago.

Começou a seguir-me para todo o lado e a imitar tudo quanto eu fazia; ria-se com as minhas caretas, escutava-me com atenção quando eu lhe dizia coisas que ela não podia compreender. Quando chorava, bastava um toque meu para que se calasse, tão desejosa de agradar ao irmão mais velho que esquecia num ápice todas as mágoas.

Nunca ninguém me tinha amado assim. Nem a minha mãe ou o meu pai. É claro que gostavam de mim. Mas não me olhavam com a mesma adoração não dissimulada com que a minha irmã o fazia. Ninguém fazia isso. Estava habituado a ser olhado com piedade ou desdém.

Não era um rapazinho com muitos amigos. Não que fosse tímido. Na escola primária, um professor até disse aos meus pais que eu era «arrogante», creio eu. Achava os outros miúdos um tanto estúpidos e maçadores com as suas brincadeiras monótonas de lutar e de subir às árvores. Além disso, sentia-me muito bem sozinho. Até Annie ter aparecido.

Pelo terceiro aniversário da minha irmã, poupei os meus trocos

e comprei-lhe uma boneca. Não foi uma boneca cara, daquelas que se podem comprar na loja de brinquedos, das que emitem sons e fazem chichi. Foi aquilo a que o meu pai chamaria uma «imitação». Para dizer a verdade, era um bocado feia e assustadora, com os seus olhos azuis duros e os lábios invulgarmente comprimidos. Mas Annie adorava aquela boneca. Levava-a consigo para todo o lado e todas as noites adormecia abraçada a ela. Por qualquer razão (com certeza um nome mal ouvido), chamava-lhe *Abbie-Olhos*.

Quando Annie chegou aos cinco anos, *Abbie-Olhos* tinha sido relegada para uma prateleira do quarto, substituída na sua preferência pela *Barbie* e *My Little Pony*. Mas bastava a mãe sugerir que a levassem para a venda de caridade, para Annie lha arrancar com um grito de horror e apertá-la com tanta força que eu ficava admirado por os olhos azuis não saltarem das órbitas.



À medida que fomos crescendo, Annie e eu continuámos muito chegados. Líamos juntos, jogávamos às cartas ou jogos de computador na minha *play station Sega Megadrive* em segunda mão. Nas tardes chuvosas de domingo, quando o pai ia para o *pub* e a minha mãe estava ocupada a passar a ferro, com o ar carregado de calor estático e do cheiro do amaciador da roupa, enfiávamo-nos num saco-cama acolchoado e víamos vídeos antigos... *ET*, *Os Caça-Fantasmas*, *Os Salteadores da Arca Perdida*; por vezes eram outros mais recentes, mais para adultos, e que Annie não devia ver, como *Exterminador 2* e *Desafio Total*.

O meu pai tinha um colega que pirateava filmes e os vendia por cinquenta cêntimos. A imagem era um tanto esbatida e por vezes não se percebia o que os actores diziam mas, como o meu pai gostava de dizer «Os pobres não escolhem» e «A cavalo dado não se olha o dente».

Eu sabia que os meus pais não tinham muito dinheiro. O meu pai trabalhava na mina, mas veio-se embora depois da greve, embora eles não a tivessem fechado logo.

Tinha sido um dos mineiros que não aderiram à greve. Nunca falava no assunto, mas eu sabia que o mau ambiente gerado pelas tensões e pelas lutas – operário contra operário, vizinho contra vizinho – tinha sido demasiado para ele. Era muito criança quando isso aconteceu, mas lembro-me da minha mãe a esfregar a palavra FURA-GREVES que alguém tinha escrito na porta da frente. Uma vez, alguém atirou um tijolo pela janela

quando estávamos a ver televisão. Na noite seguinte, o meu pai saiu com alguns colegas. Quando voltou tinha um corte no lábio e estava muito agitado.

– Já resolvi o assunto – disse ele para a minha mãe, numa voz cava e lúgubre que nunca lhe tinha ouvido.

Depois da greve, o meu pai mudou. Aos meus olhos tinha sido sempre um gigante, alto e corpulento, com uma espessa massa de cabelos escuros encaracolados. Depois, pareceu encolher, ficou mais magro e curvado. Quando sorria, o que acontecia cada vez com menos frequência, as rugas em redor dos olhos cavavam-se-lhe mais fundo na pele. Nas ténporas começaram a aparecer-lhe cabelos grisalhos.

Resolveu abandonar a mina e passar a conduzir autocarros. Creio que nunca gostou do novo emprego. O ordenado era decente, mas inferior ao que ganhava na mina. Ele e a minha mãe discutiam cada vez mais, em geral por causa do que ela gastava ou porque ele não se apercebia de que uma família maior custava mais a alimentar e a vestir. Era nessas ocasiões que ele saía para o *pub*. Só bebia num dos *pubs* da aldeia. O mesmo em que bebiam os mineiros que tinham ficado para trabalhar. O Arnhill Arms. Os mineiros que tinham pousado as ferramentas bebiam no Bull. O Running Fox era o único território mais ou menos neutro. Nenhum dos mineiros lá bebia. Mas eu sabia que alguns dos garotos mais velhos iam lá beber, pois tinham a certeza de não se cruzarem com o pai ou com o avô.

O meu pai e a minha mãe não eram maus pais. Amavam-nos tanto quanto podiam. Se discutiam e nem sempre tinham tempo para nós não era por não nos darem importância mas porque trabalhavam muito, porque tinham pouco dinheiro e porque andavam sempre cansados.

É verdade que tínhamos uma televisão, um leitor de cassetes e um computador, mas mesmo assim, e sem querer parecer um anúncio da Hovis, na maior parte do tempo éramos nós que fazíamos os nossos entretenimentos: brincava ao «toque e fuge» com Annie na rua, desenhávamos no chão com giz ou jogávamos às cartas nas tardes de chuva. Nunca me queixei de entreter a minha irmãzinha. Gostava de estar com ela.

Quando o tempo estava bom (ou pelo menos não chovia a cântaros), a minha mãe não hesitava em enxotar-nos para a rua a um sábado de manhã com alguns trocos no bolso para comprar uns doces e não nos queria de volta antes da hora da refeição. Em geral, era uma coisa boa. Tínhamos liberdade. Tínhamos a nossa imaginação. E tínhamo-nos um ao outro.

Quando cheguei ao fim da adolescência, as coisas mudaram. Dei por mim com um grupo de novos «companheiros». Stephen Hurst e o seu bando. Um grupo de miúdos duros, onde um desajeitado de difícil integração como eu não tinha hipótese de fazer amigos.

É possível que Hurst tenha confundido com dureza o facto de eu ser um tipo estranho. Ou talvez tenha apenas visto um miúdo que podia manipular com facilidade. Fosse qual fosse a razão, senti-me grato por fazer parte da sua quadrilha. Nunca antes tinha sentido qualquer problema em ser solitário. Mas um pouco de aceitação social pode ser inebriante para um adolescente que nunca tinha sido convidado para uma festa.

Andávamos juntos e fazíamos o que fazem os grupos de adolescentes: praguejávamos, fumávamos e bebíamos. Grafitávamos o recinto de jogos e enrolávamos os baloiços por cima das barras de suporte. Atirávamos ovos à casa dos professores de quem não gostávamos e cortávamos os pneus daqueles que detestávamos mesmo. E fazíamos *bullying*. Atormentávamos os garotos mais fracos do que nós. Garotos que eram como eu, embora isso me custasse a admitir.

De um momento para o outro, andar na companhia da minha irmã de oito nos deixou de ser interessante. Pelo contrário, era um terrível embaraço. Quando Annie me pedia para ir comigo às compras inventava uma desculpa ou saía sem que ela me visse. Quando andava pelas ruas com o meu grupo, virava a cara para o lado quando ela me acenava.

Procurava não ver a mágoa nos seus olhos, nem o desapontamento no seu rosto. Em casa, esforçava-me duplamente para lhe dar atenção. Ela percebia que a procurava compensar. As crianças não são estúpidas. Mas fingia não perceber. O que me fazia sentir ainda pior.

O mais estúpido, olhando em retrospectiva, é que me sentia mais feliz na companhia de Annie do que na de qualquer outra pessoa. Fingir que se é insensível não é o mesmo que ser insensível. Gostaria de ter dito isto à minha versão de quinze anos, além de uma série de outras coisas: as raparigas não se interessam pelos rapazinhos bem-comportados, anestesiar a orelha com um cubo de gelo para a furar não resulta, *Thunderbird* não é uma marca de vinho nem uma bebida adequada para ser servida numa festa de casamento.

Acima de tudo, gostaria de ter dito à minha irmã quanto a amava. Mais do que tudo o resto. Era a minha melhor amiga, a única pessoa com quem podia ser quem de facto sou e a única capaz de me fazer rir até às lágrimas.

Mas não pude fazê-lo. Porque a minha irmã desapareceu quando tinha oito anos. Na ocasião, julguei que era a pior coisa do mundo que podia acontecer.

E depois ela voltou.

Capítulo 4

Para o meu primeiro dia na Arnhill Academy, preparo-me da maneira habitual: bebo em excesso na noite anterior, acordo tarde, praguejo contra o despertador e depois dirijo-me relutante e contrariado através do patamar para a casa de banho.

Abro o duche no máximo, o que deixa correr um fio de água, entro na banheira e apanho alguns borrifos de água quente antes de voltar a sair, enxugo-me com a toalha e visto roupa lavada.

Escolho uma camisa preta, calças de ganga azul-escuras e os meus velhos ténis *Converse*. Há uma elegância de primeiro dia e há o usar sapatos de dança. É uma frase estúpida, eu sei. Aprendi-a com Brendan, o meu antigo companheiro de apartamento. Brendan é irlandês, o que quer dizer que conhece um provérbio para cada situação. A maioria não faz o mínimo sentido, mas este percebi-o sempre. Toda a gente tem um par de sapatos para dançar. Aqueles que se enfiam nos pés quando nos queremos sentir confortáveis e à vontade. Há dias em que precisamos mais deles do que noutros.

Passo um pente pelo cabelo e deixo que ele seque enquanto desço a escada para beber um café e fumar um cigarro. Fumo junto da porta das traseiras aberta. Lá fora, o frio é só um pouco mais intenso do que cá dentro. O céu é uma placa de betão cinzento, e uns chuviscos desagradáveis salpicam-me o rosto. Se o sol tivesse posto um chapéu, seria sem dúvida um chapéu-de-chuva.



Chego ao portão da escola um pouco antes das nove menos um quarto, com os primeiros alunos: um trio de raparigas que digitam nos *smartphones* e ajeitam os cabelos esticados; um grupo de rapazes que se vão batendo e empurrando, numa brincadeira que num abrir e fechar de olhos pode descambar numa briga a sério. Um par de garotos *emo*¹, de grandes franjas caídas, por baixo das quais olham com desdém para todas as figuras de autoridade.

Há também os que chegam sozinhos. Caminham de cabeça baixa e os ombros curvados. Com os passos lentos e arrastados dos condenados: são as vítimas da violência.

Reparo numa rapariga: pequena, de cabelos ruivos encaracolados, pele mal cuidada e um uniforme que não lhe assenta bem. Traz-me à memória uma aluna dos meus tempos de escola, Ruth Moore. Cheirava sempre a suor e ninguém se queria sentar ao lado dela na aula. Os outros miúdos troçavam dela com versos que rimavam. «Ruth Moore, é tão pobre que recebe refeições grátis e pede mais.» «Ruth Moore, feia e pobre, lambe merda do chão da retrete.»

É curioso como os miúdos conseguem ser criativos quando querem ser cruéis.

Um pouco atrás, localizo a vítima número dois – um rapaz alto e escanzelado, com uma massa de cabelos escuros espetados que emerge quase verticalmente da cabeça. Usa óculos e caminha curvado, em parte por causa da altura, em parte devido à pesada mochila que carrega às costas. Sou capaz de apostar que é uma nulidade no futebol e nos outros desportos, mas que com a *PlayStation* é um cromo entre os cromos. Identifico-me logo com ele.

– Ei, Marcus, cona mole!

O grito provém de um grupo de rapazes que caminha indolente pela rua, atrás dele. São cinco. Devem ser do 11.º ano. Abordam o rapaz escanzelado com os movimentos fluidos de uma quadrilha. Passivos-agressivos. O chefe – um rapaz alto, de cabelos escuros e com bom aspecto – passa o braço pelos ombros do *Escanzelado* e diz-lhe qualquer coisa. O *Escanzelado* procura afectar descontração, mas na sua linguagem corporal tudo grita tensão e nervos. Os restantes membros da quadrilha formam um círculo largo. Para lhe cortar a fuga. Para lhe vedarem o caminho para a escola e impossibilitar que lhes escape.

Deixo-me ficar a observar. Ainda não me viram. Estou do outro lado da estrada. E, claro está, não sabem que sou professor. Sou apenas um tipo mal-amanhado, com um casacão grosso e ténis *Converse*. Podia continuar a não ser mais do que isso. Oficialmente, ainda não são horas da escola. Nem atravessámos os portões. E é o meu primeiro dia. Haverá outros dias, outras ocasiões, para lidar com aqueles assuntos.

Levo a mão ao bolso para tirar os *Marlboro Lights* e fico a observar enquanto a quadrilha encurrala o *Escanzelado* contra um muro. O seu

sorriso nervoso sumiu-se. Abre a boca para protestar. O chefe da quadrilha comprime-lhe a garganta com o braço enquanto outro dos assaltantes lhe arranca a mochila dos ombros e os restantes se lançam sobre ela como uma matilha de cães raivosos, a tirar livros e cadernos de exercícios, a arrancar páginas e a espezinhar as sanduíches embrulhadas em película.

Com um ar feliz, um deles pega no que parece ser um *iPhone* novo. *Porquê?*, pergunto-me. *Por que os pais os mandam para a escola com aquelas porcarias?* Pelo menos no meu tempo o pior que um latagão nos podia palmar era o dinheiro para o almoço ou uma revista de banda desenhada.

Olho para os cigarros com um desejo recalcado. Depois, volto a enfiá-los no bolso, solto um suspiro e atravesso a estrada em direcção ao desacato.

O *Escanzelado* tenta recuperar o *iPhone*. O chefe da quadrilha aplica-lhe uma joelhada no baixo-ventre e saca o telefone ao compincha.

– Ooooh, novinho em folha. Que lindo.

– Por favor – arqueja o *Escanzelado*. – Foi um presente... pelo meu aniversário.

– Não me lembro de termos sido convidados para a tua festa. – O chefe da quadrilha perpassa os olhos pelos comparsas. – Ou fomos?

– Não. O convite deve ter-se extraviado no correio.

– Nem uma mensagem, nada.

O chefe do bando ergue o telefone acima da cabeça. O *Escanzelado* esboça um gesto sem convicção para o agarrar. É vários centímetros mais alto que o seu carrasco, mas está antecipadamente derrotado. É uma coisa que reconheço com facilidade.

O chefe do bando sorri, escarninho.

– Espero não o deixar cair...

Deito-lhe a mão ao pulso levantado.

– Não vais deixar, não.

O rapaz vira de repente a cabeça.

– Quem raio é você?

– Sou o senhor Thorne, o vosso novo professor de Inglês. Mas basta que me trates por *senhor*.

Um murmúrio colectivo percorre o grupo. O rosto do líder ensombra-se um pouco. Depois sorri de uma maneira que tenho a certeza que considera encantadora. Só faz com que o deteste ainda mais.

– É apenas uma brincadeira, senhor professor. Não passa de uma piada.

– É mesmo? – Olho para o *Escanzelado*. – Estavas a divertir-te?

Olha de relance para o chefe do bando e acena com a cabeça, numa confirmação silenciosa.

– Era só uma brincadeira.

A contragosto, largo o pulso do líder e devolvo o telefone ao *Escanzelado*.

– No teu lugar, Marcus, amanhã deixava isto em casa.

Volta a assentir, agora duas vezes repreendido. Viro-me para o líder do bando.

– Como te chamas?

– Jeremy Hurst.

Hurst. Sinto um tremor no olho. Pois claro. Já devia ter percebido. O cabelo escuro confundiu-me, mas agora reconheço as parecenças familiares. O brilho hereditário de crueldade nos olhos azuis.

– É tudo, *senhor*?

Enfatiza a palavra «senhor». Sarcástico. Quer que eu morda o isco. Mas isso seria demasiado simples. *Haverá outros dias*, digo para comigo. *Outros dias*.

– Por agora. – Viro-me para os outros. – Ponham-se a andar. Mas daqui para a frente, nem que vos veja só deitar fora uma pastilha elástica salto-vos para cima como a peste.

Dois deles não conseguem disfarçar um sorriso. Com um movimento da cabeça indico os portões da escola e eles afastam-se sem pressa. Hurst é quem se deixa ficar mais tempo, até que por fim se volta e segue indolente atrás deles. Marcus deixa-se ficar, sem saber o que fazer.

– Tu também – digo-lhe.

Continua a não se mexer.

– O que foi?

– Não devia ter feito aquilo.

– Preferias que ele se safasse depois de te esmagar o telefone?

Abana a cabeça com ar cansado e vira-se:

– Vai ver.

¹ Subgénero da música *post-hardcore* e *punk*; os apreciadores desse ritmo. (*N. do T.*)

Capítulo 5

Não preciso de esperar muito.

Estamos no intervalo para almoço. Estou sentado à secretária, a tomar apontamentos sobre as aulas e a felicitar-me por ter conseguido passar a manhã sem me chatear de morte e sem atirar nenhum aluno pela janela, ou sem eu me atirar.

Como Harry bem tinha sublinhado, já se passou algum tempo desde que deixei de dar aulas. Reconheço que estou um tanto enferrujado. Lembro-me então de uma coisa que me disse um colega mais velho: dar aulas é como andar de bicicleta. Nunca se esquece. E se sentires que te desequilibras e vais cair, não te esqueças de que tens trinta miúdos à espera para se rirem de ti e agarra-te à bicicleta. Portanto, continua a pedalar, mesmo que não faças a menor ideia para onde vais.

Continuo a pedalar. Quando a manhã chega ao fim, estou a impar de orgulho com o meu êxito.

É evidente que isto não vai durar muito.

Ouçó uma pancada na porta da sala e Harry mete a cabeça para espreitar.

– Ah, senhor Thorne? Ainda bem que o apanho. Está tudo bem?

– Bem, ninguém adormeceu na minha aula, portanto tenho de dizer que sim.

Faz um gesto de assentimento.

– Bem. Muito bem.

Mas não tem ar de quem está muito bem. Parece alguém que perdeu uma nota de dez libras e foi dar com um ninho de vespas. Entra na sala e espectral-se à minha frente, um tanto embaraçado.

– Lamento ter de lhe dizer isto no primeiro dia, mas vim a saber de uma coisa que não posso deixar passar em branco.

Merda, digo para comigo. Cá está. Foi confirmar as minhas referências e descobriu-me a careca.

Era sempre um jogo. Debbie, a secretária da minha escola anterior, tinha um fraquinho por mim e um fraquinho ainda maior por carteiras de luxo. Em atenção aos velhos tempos (e um pequeno apalpão), interceptou o

pedido de referências de Harry e entregou-mo, com algumas folhas de papel oficial da escola. Era essa a origem das minhas excelentes credenciais. Tudo pelo melhor, a menos que Harry investigasse um pouco mais.

Preparo-me. Mas afinal não é isso.

– Ao que parece, esta manhã houve um incidente com um dos nossos alunos, do lado de fora da escola, não foi?

– Se por «incidente» quer dizer «molestar», então houve, sim.

– Quer dizer que não bateu num aluno?

– *O quê?*

– Tenho uma queixa de um aluno, Jeremy Hurst, de que foi agredido por si. Aquele monte de merda! Sinto uma veia a palpitar na têmpora.

– Está a mentir.

– Diz que lhe agarrou violentamente o braço.

– Apanhei Jeremy Hurst e a sua pequena quadrilha a molestar outro aluno.

Aí, tive de intervir.

– Mas não utilizou força além do razoável?

Olhei-o nos olhos.

– É claro que não.

– Está bem – suspira. – Lamento, mas tinha de perguntar.

– Eu compreendo.

– Devia ter vindo falar comigo sobre esse incidente. Podia ter matado o assunto no ovo.

– Não vi necessidade disso. Pensei que o caso estava arrumado.

– Tenho a certeza de que sim, mas a situação de Jeremy Hurst é bastante delicada.

– Não me pareceu muito delicado quando estava a atormentar outro miúdo e a ameaçar esmagar-lhe o telefone.

– É o seu primeiro dia, você não está a par da dinâmica da escola e eu aprecio a sua tomada de posição em relação ao *bullying*, só que há coisas que não são o que parecem.

– Eu sei aquilo que vi.

Harry tira os óculos e esfrega os olhos. Percebo que não é mau tipo, apenas alguém cansado e com excesso de trabalho que tenta fazer o melhor que pode em circunstâncias difíceis, geralmente sem êxito.

– O caso é que Jeremy Hurst é um dos nossos melhores alunos. É o capitão da equipa de futebol da escola...

Mas também pode ser um canalha.

– Isso não desculpa o *bullying*, as mentiras...

– A mãe dele tem cancro.

Arrepio logo caminho.

– Cancro?

– Cancro nos intestinos.

Estou quase a dizer «merda», o que, nas circunstâncias, seria muito pouco apropriado.

– Estou a ver.

– Olhe, eu sei que Hurst tem problemas de coesão social e controlo temperamental...

– Então é isso que lhe chamam hoje.

Harry esboça um sorriso pesaroso.

– Considerando a situação, temos de ser cautelosos.

– Tem razão – digo com um aceno de concordância. – Agora já percebo um pouco melhor.

– Ainda bem. Devia ter conversado consigo sobre algumas destas coisas. Os manuais escolares não abrangem tudo, não é?

– Não.

Não podem mesmo, penso.

– Bem, vou deixá-lo continuar.

– Obrigado, e obrigado também por me ter falado sobre Jeremy Hurst.

– Não há problema. Voltamos a falar mais tarde. – Faz uma pausa. – Mas vou ter de assinalar isto na sua ficha.

– Desculpe?

– Na sua ficha pessoal. Uma queixa destas tem de ser registada, mesmo que não tenha fundamento.

Sinto a pulsação a acelerar. Hurst. O estupor do Hurst.

– Pois com certeza. – O meu sorriso é forçado. – Eu compreendo.

Harry dirige-se para a porta.

– Ela está muito mal? – pergunto. – A mãe de Jeremy?

Vira-se e lança-me um olhar estranho.

– O tratamento vai tão bem quanto possível. Mas com este tipo de cancro as hipóteses não são encorajadoras.

– Deve ser difícil para o Jeremy e para o pai, não?

– É, claro que é.

Por um instante parece querer acrescentar alguma coisa, mas faz um dos seus desajeitados acenos de cabeça e fecha a porta.

Difícil para o pai. Pego no maço de cigarros e sorrio. Ora ainda bem, penso. Óptimo. O karma é tramado.



Antigamente, o edifício do Departamento de Inglês situava-se entre o corpo principal e o refeitório, ligado por um corredor que funcionava como um estreito cordão umbilical onde os alunos se acotovelavam entre as aulas numa amálgama confusa e suada, e era mais quente que o Acelerador de Partículas Hadron no Verão. Costumávamos brincar dizendo que quem lá permanecesse muito tempo ficaria mais negro do que Jim Berry (o único mestiço da escola).

Embora fosse oficialmente designado por Departamento de Inglês, para todos os garotos era sempre o «Bloco». Quatro pisos de betão de uma fealdade horrorosa que abanavam quando o vento era muito forte.

Mesmo antes do que aconteceu, nenhum miúdo gostava de ter aulas no Bloco. Era sempre frio, as janelas vedavam mal, e num Inverno bastante rigoroso recordo-me de estarmos numa aula com os bonés e os cachecóis postos, e das placas de gelo que se formavam do lado de dentro das vidraças.

Foi fechado depois de Chris Manning ter mergulhado lá do alto e reabriu com «novas medidas de segurança», que afinal se resumiam a garantir que a porta de acesso à cobertura estava sempre fechada a cadeado.

A dada altura durante as últimas duas décadas, foi demolido. No lugar onde antes se situava o Bloco existe agora uma pequena praça pavimentada com três bancos em redor de um canteiro insignificante com algumas plantas semimortas. Um dos bancos ostenta uma placa pequena onde se pode ler: «Em memória de Christopher Manning.»

Sento-me num dos outros bancos e saco um cigarro do maço. Rolo-o entre os dedos enquanto examino as placas do pavimento, a perguntar-me quais serão as que escondem o lugar exacto onde ele caiu.

Não produziu um único som. Ao cair. Nem mesmo ao atingir o solo. Foi uma pancada seca, macia, abafada. Nem pareceu forte. Era quase capaz de acreditar que ele ainda estava vivo, apenas ali estendido, a gozar os raios mortícios do Sol de Outono, não fosse o facto de o seu corpo parecer sugado, como se alguém lhe tivesse tirado o ar. Além do sangue, é claro, o sangue que ia alastrando vagaroso por debaixo dele, numa mancha de um vermelho-rubi, alongada pelos raios do Sol moribundo.

– Foi muito triste, não foi?

Estremeço, sobressaltado. De pé, à minha frente, está uma rapariga baixa, de cabelos escuros, com um rabo-de-cavalo desgrenhado e uma abundância de prata nas orelhas. Não a senti aproximar-se, mas é tão magra que podia ter sido trazida pelo vento.

Por momentos julgo que se trata de uma aluna de uma classe adiantada, até que reparo na ausência de uniforme (a menos que uma *T-shirt* dos Killers, as calças de ganga apertadas e as botas *Doc Martens* sejam o novo conjunto) e nas rugas em volta dos olhos, que desmentem a impressão inicial de juventude.

– Desculpe?

Faz um gesto na direcção do cigarro que continuo a rolar entre os dedos.

– É uma pena que tenham criado uma área perfeita para fumadores e proíbam acender um cigarro dentro das instalações da escola.

– Ah! – Olho para o cigarro e volto a guardá-lo no maço. – De facto é uma tragédia.

Sorri e senta-se a meu lado, sem pedir. Em geral, este género de intimidade descarada é capaz de me chatear de morte. Mas por qualquer razão, com a *Menina dos Muitos Piercings* apenas me irrita um pouco.

– Também tenho pena do miúdo que saltou. – Sacode a cabeça. – Já lhe aconteceu perder algum?

– Um aluno?

– Bem, não estou a falar de uma meia.

– Não, não me parece.

– Havia de se lembrar, espero.

Agarra num pacote de pastilhas de mentol, abre-o e mete uma na boca. Estende-me o pacote. Apetece-me dizer que não, mas dou por mim a tirar uma pastilha.

– Uma das minhas alunas morreu. Uma *overdose*.

– Lamento.

– Pois. Era uma miúda simpática. Popular. Parecia que tudo lhe corria bem e... dois pacotes de paracetamol e uma garrafa de vodca. Ficou em coma. Uma semana mais tarde tiveram de desligar as máquinas.

Franzo a testa.

– Não me lembro de ouvir falar nisso.

– É natural que não. O caso ficou na sombra do de Julia e Ben Morton. – Encolhe os ombros. – Há sempre uma tragédia maior, não é?

– Suponho que sim.

Segue-se um silêncio.

– E então, não vai perguntar?

– O quê?

– O costume. «Conhecia-os? Desconfia de alguma coisa? Não viu nenhuns sinais?»

– E então, apercebeu-se de alguma coisa?

– Nem por isso. Sim e não. Não lhe cheguei a dizer? Julia veio para a escola com um grande letreiro pendurado ao pescoço: «Tenciono matar o meu filho e suicidar-me. Tenham um bom dia.»

– Bem, não custa nada ser bem-educado.

Solta uma pequena risada e estende a mão.

– Beth Scattergood. Arte.

Aperto-lhe a mão.

– Scattergood? É mesmo?

– Pode crer.

– Aposto que os miúdos se fartam de gozar com isso.

– *Dava-lhe Uma* é a melhor aposta, um pouco à frente de *Menina Tripa Gorda*.

– Bestial.

– Pois. São miúdos, não é? Ou se gosta deles ou se arranja um emprego melhor.

– Eu sou Joe...

– Eu sei. Joe Thorne. O substituto.

– Já me chamaram coisas piores.

– E qual deles é?

– O que quer dizer?

– Só há duas espécies de professores que vêm para a Arnhill Academy. Os que querem fazer a diferença e os que não encontram trabalho em mais lado nenhum. A qual delas pertence?

Hesito.

– Gosto de pensar que sou capaz de fazer a diferença.

– Está bem. – Responde numa voz carregada de sarcasmo. – Bem, gostei de conhecê-lo, senhor Thorne.

– Obrigado. É encorajante, no meu primeiro dia.

Ela sorri.

– Gostamos de agradar.

Percebo que gosto dela. A emoção surpreende-me mais do que devia.

– E você a que grupo pertence?

Levanta-se.

– Ao dos famintos. Ia a caminho do refeitório. Vem? Posso apresentá-lo a alguns dos outros anormais que ensinam cá na escola.



Muito antes de lá chegar, chega-me aos ouvidos o bruaá do refeitório. As recordações assaltam-me de novo. O cheiro do óleo rançoso dos fritos e qualquer coisa impossível de definir que nunca se vê a ser servida mas cujo odor é arrastado pelas ventoinhas dos exaustores das escolas e das casas das pessoas velhas.

Lá dentro, não mudou tanto como esperava. Chão de parkê. Mesas e cadeiras de plástico. A cozinha parece ter sido alvo de um restauro desde a última vez que estive na fila para comprar o meu hambúrguer com batatas fritas e cebola. Agora é tudo frango e arroz, massa de vegetais e salada. A culpa é de Jamie Oliver.

– Estão ali alguns dos nossos. Venha daí.

Beth conduz-me para uma mesa situada a um canto distante. A mesa dos professores. À volta dela estão sentadas quatro pessoas. Faz as apresentações.

– A menina Hardy, Susan – uma senhora franzina, de óculos grossos e cabelos grisalhos –, História.

– O senhor Edwards, James – um jovem bem-parecido com uma barbicha de boémio –, Matemática.

– A menina Hibbert, Coleen – uma mulher de queixo voluntarioso e corte de cabelo militar –, Educação Física.

– E o senhor Saunders, Simon – um tipo magricela, com uma *T-shirt* dos Pink Floyd, calças de bombazina desbotadas e o cabelo escasso apanhado atrás num rabo-de-cavalo –, Sociologia.

Por qualquer razão, embirro logo com ele. Talvez por me cumprimentar com um:

– Como vai isso, meu?

A menos que se faça parte de uma banda ou se seja um surfista americano, o termo «meu» não é recomendável. Faz-nos parecer imbecis, tal como um rabo-de-cavalo a apanhar os cabelos ralos, e não engana ninguém.

Quando me sento, aponta para mim com o garfo.

– A sua cara não me é estranha, meu. Não nos conhecemos já?

– Não me parece – respondo, enquanto desembrulho a sanduíche de atum.

- Onde ensinou antes de vir para cá?
- No estrangeiro.
- Onde?

Preciso de uns momentos para me recordar da mentira.

- Botswana.
 - É mesmo? A minha antiga namorada ensinou lá durante algum tempo. Tinha de ser, caracas.
- Sorriu.
- *Wareng*?

Considero as possibilidades. *Wareng*? Não é uma localidade. É demasiado óbvio. Deve ser uma espécie de cumprimento. Não é um «Olá», já fizemos isso, portanto deve significar...

- Estou bem, obrigado – respondo em tom alegre. – E você?

O sorriso desaparece-lhe mais depressa do que o cabelo. Dou uma dentada na sanduíche e pergunto-me se alguém se sentiria incomodado se o arrastasse lá para fora e o atirasse para debaixo do primeiro autocarro.

– Ouvi dizer que é daqui, de Arnhill? – pergunta Coleen, felizmente a mudar de assunto.

- Cresci aqui – confirmo.
- E voltou? – pergunta James em tom incrédulo e meio a brincar.
- Para mal dos meus pecados.
- É bom tê-lo connosco – adianta Susan. – Tem sido difícil encontrar um substituto depois de... bem, depois da senhora Morton.
- Pois é – corrobora Simon. – Não é preciso ser doido para trabalhar aqui, mas ajuda.

E larga uma risada, divertido com a sua piada.

Beth olha-o com frieza.

- A Julia sofria de depressão. Não era doida.

Ele reage com um sorriso escarninho.

– Pois claro. Então esmagar a cara do filho não é uma prova de sanidade mental?

Mete na boca uma enorme garfada de massa, que mastiga com ruído.

Viro-me para Beth.

- Alguém tinha conhecimento da depressão de Julia?
- Ela não fazia segredo – responde Beth. – Passou por um mau bocado depois de se ter separado do pai de Ben. Creio que ao mudar-se para cá a intenção era começar de novo.

E que recomeço, digo para comigo.

– Andava a tomar medicamentos – acrescenta Susan. – Mas parece que deixou de os tomar.

– Como tinha ela uma arma?

– A família tinha uma quinta perto de Oxton. A arma era do pai.

– Como é evidente – diz James – se algum de nós tivesse desconfiado que se passava alguma coisa de anormal...

O quê?, pergunto-me. O que teriam feito? Perguntavam-lhe se estava bem e sorriam de alívio quando ela respondesse que sim, que estava? Estava o serviço arrumado. Um traço na quadrícula «Preocupações», a confirmar que estava feito. A verdade é que ninguém quer saber. Não quer mesmo. Porque quando sabemos temos de nos preocupar, e quem tem tempo para isso?

– Pois claro – concordo.

Simon estala os dedos e volta a apontar para mim.

– Stockford Academy.

Sinto um nó no estômago.

– É *daí* que me lembro de si – diz ele. – Trabalhei lá há dois anos como professor suplente.

Agora que ele fala nisso, recordo-me de um tipo esgalgado, mal vestido e com mau hálito. Não pertencíamos ao mesmo departamento. Mesmo assim. *É mesmo?*

– Bem, não estive lá muito tempo, portanto...

– Pois foi. Você saiu de repente. O que aconteceu? Chateou-se com o director?

– Não, não foi nada disso.

Chatear-me nem de longe se aproxima da realidade.

– Não deixa de ser estranho. – Franze a testa e faz um gesto com a cabeça na direcção da minha perna doente. – Naquela altura não me recordo de o ver coxear.

Olho-o.

– Deve estar a confundir-me com outra pessoa. Coxeio desde criança.

O momento prolonga-se ao ponto de se tornar embaraçoso. Susan intervém:

– O que aconteceu? Se não se importa que pergunte...

De facto importo-me. Mas a culpa foi minha.

– Tinha quinze anos. Foi num acidente de automóvel, com o meu pai e a minha irmã mais nova. Saímos da estrada e chocámos contra uma árvore.

Annie e o meu pai morreram instantaneamente. Eu fiquei com a perna esmagada. Foram precisos doze implantes metálicos para a pôr a funcionar.

– Oh, meu Deus! Tenho tanta pena – diz Susan.

– Obrigado.

– Que idade tinha a sua irmã? – pergunta Beth.

– Oito anos.

Lançam-me um olhar de compaixão, com excepção de Simon que, para minha satisfação, não é capaz de me olhar de frente.

– Seja como for – continuo –, já foi há muito tempo. E já tinha decidido ser professor e não bailarino de sapateado, portanto cá estou.

Soltam uma gargalhada, algo nervosa. A conversa aborda outros assuntos. Representei bem. Sou um bom homem, um tipo decente. Um homem que viveu uma tragédia da qual guarda as cicatrizes, mas que nem por isso deixa de ter senso de humor.

Sou também um mentiroso. Nem perdi a minha irmã num acidente de automóvel nem coxeio desde então.

Capítulo 6

As pessoas costumam dizer que o tempo cura tudo. Estão enganadas. O tempo só apaga. Rola e rola sem cessar, a apagar as nossas recordações e a desbastar os grandes penedos da desgraça até que nada deles reste além de pequenos fragmentos aguçados, ainda dolorosos, mas suportáveis.

Os corações quebrados não se recompõem. O tempo limita-se a trituralhes os pedaços até os reduzir a pó.

Reclino-me numa das desengonçadas cadeiras de braços da moradia e sorvo um grande gole de cerveja. O dia foi longo. O primeiro dia a leccionar a tempo inteiro desde há muito. Ressinto-me disso, tanto física como mentalmente. A perna doente lateja, e nem os quatro comprimidos de codeína que tomei conseguem atenuar a dor persistente e incómoda. Esta noite não vou conseguir dormir, portanto a única solução é beber até cair no torpor. Automedicação.

A sala está imersa numa semiobscuridade, iluminada apenas por um candeeiro de mesa e pelo fulgor do fogão de sala. Fui a um supermercado dos arredores e abasteci-me do essencial: piza, refeições pré-cozinhadas, café, cigarros e álcool. No regresso, passei por uma casa de quinta B&B onde vendiam lenha. Ninguém atendeu quando bati à porta, embora cá fora estivesse um velho *Ford Focus* estacionado. No assento de trás havia duas cadeiras para transporte de crianças e na janela um letreiro: MONSTRINHOS A BORDO.

Ao lado dos toros de madeira estava um cesto e uma placa indicadora: «5 libras o saco – deixe aqui.» No cesto devia haver uns quinze quilos. Olhei por um momento para as notas amarrotadas, depois lembrei-me das crianças e larguei uma de cinco. Peguei num saco e regresssei ao supermercado para comprar acendalhas.

Precisei de meia dúzia e de uma série de pragas para conseguir acender a maldita coisa. Contudo, agora e pela primeira vez desde que me mudei para cá, paira na sala um calor seco e agradável. Consigo ver a humidade a desaparecer das paredes. Apesar do mobiliário estafado, da ausência de objectos pessoais e do facto de ali terem morrido duas pessoas, sinto-me

quase em casa.

Tenho um bloco de apontamentos aberto no colo. Na primeira página escrevi quatro nomes e garatujei algumas notas ao lado de cada um: Chris Manning, Nick Fletcher, Marie Gibson e, é claro, Stephen Hurst. O velho bando de novo reunido, pelo menos no papel. Os que lá se encontravam quando aconteceu. Os únicos que sabiam.

Descobri que Fletcher trabalha em Arnhill, como canalizador. Hurst está na Câmara Municipal. Sobre Marie não encontrei nada na internet, mas pode ser que tenha casado e mudado de nome. Ao lado do nome de Chris apenas escrevi: «Falecido». Embora isso não diga tudo. De maneira nenhuma.

No alto da página seguinte estão dois nomes: Julia e Ben Morton. Por baixo acrescentei mais algumas notas, a maior parte retiradas da internet e dos jornais – nenhuma delas muito fiável, já sei. Se os jornais são o lugar onde os factos se transformam em histórias, a internet é onde as histórias se transformam em teorias da conspiração.

O que sei é o seguinte: Julia tinha um historial de depressão. Tinha acabado de se divorciar do pai de Ben (Michael Morton, advogado). Tinha parado de tomar os medicamentos, e pouco tempo antes retirara Ben da escola. Ah, e depois de ter matado o filho à pancada – e antes de ter rebentado com a cabeça – escrevera umas palavras com sangue na parede do quarto de Ben:

NÃO É O MEU FILHO.

Resumindo, não são actos de uma mente equilibrada.

Imprimi duas fotografias e preendi-as ao bloco com um clipe. A primeira é de Julia. Parece ter sido tirada durante um evento profissional. Veste um fato elegante e tem o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo. O sorriso é amplo, mas o olhar é cauteloso e fatigado. *Tire a fotografia e deixe-me em paz*, é o que a expressão dela diz. Pergunto-me se terá sido por isso que o jornal a escolheu. Esta mulher está prestes a quebrar. Uma mulher à beira de um ataque de nervos. Ou talvez apenas irritada por ter sido obrigada a posar para uma fotografia estúpida.

A de Ben é uma fotografia da escola. O sorriso é rasgado e cativante, tem os dois dentes da frente um pouco torcidos, o nó da grava está perfeito (com certeza) pela primeira vez. Os jornalistas acrescentaram todo um rol de banalidades habituais; popular, bom aluno, muitos amigos, um futuro brilhante. Não dizem nada acerca da pessoa concreta. Um simples trabalho de corta-e-cola retirado do ficheiro «crianças mortas».

Só um artigo sugere algo mais. Uma ligeira sombra sob a esplendorosa existência imaginária de Ben. Nas semanas anteriores à sua morte, uma fonte não identificada da escola afirmou que Ben se andava a comportar de maneira estranha; a meter-se em sarilhos, a faltar às aulas.

– Andava esquisito. Nem parecia ele.

Penso nas palavras que Julia escreveu: NÃO É O MEU FILHO. É como se um dedo gelado me aflorasse o alto da coluna.

Atiro o bloco de apontamentos para cima da mesinha de café. O meu telefone toca *Enter Sandman* a rasgar o silêncio acolhedor. De súbito tenso, pego nele e olho para o ecrã. Brendan. Primo o botão para atender.

– Está lá?

– Como vai isso?

– Boa pergunta. Ainda não sei a resposta.

Espero. Brendan não é o género de amigo que telefona apenas para saber como estou. Se nada souber em contrário parte do princípio de que estou vivo, o que já chega.

– Um dia destes estava alguém no *pub* a fazer perguntas a teu respeito – diz ele.

– Alguém?

– Uma mulher. Pequena, loura. Bonita, mas com ar duro.

Sinto uma contracção no estômago e a perna lateja-me com mais força.

– Falaste com ela?

– Eu não, porra. Saí à socapa assim que a vi. Há mulheres que parecem irradiar más notícias.

– Fizeste bem. Não voltes lá.

– Mas é que eles servem a melhor empada de carne e rim que já encontrei fora da cozinha da minha querida mãe.

– Compra um livro de cozinha.

– Estás a gozar comigo?

– Não é gozo. Não voltes lá.

– Meu Deus! – Ouço o estalido de um isqueiro e o som dele a inalar. – Que fizeste? Palmaste-lhe as jóias? Fugiste-lhe com as poupanças?

– Pior.

– Sabes o que diria a minha querida mãezinha?

– Tenho a sensação de que me vais dizer.

– A maneira mais rápida de enterrar um homem é dar-lhe uma pá.

– E isso quer dizer o quê?

- Quando vais acabar de escavar?
- Quando encontrar o tesouro.
- Meu caro, a única coisa que vais encontrar é uma cova antes do tempo.
- Adoro as tuas conversas. Ajudam a levantar o ânimo.
- Se queres levantar o ânimo vê a Oprah.
- Tenho um plano...
- Anseias pela morte.
- Só preciso de algum tempo.

Suspira.

- Já pensaste em pedir uma ajuda profissional?
- Vou pensar, quando tiver resolvido isto.
- Trata disso.

Termina a chamada. Fico a pensar. Durante dez segundos. Devo isso a Brendan. Conhecemo-nos há cerca de três anos, partilhámos um apartamento um ano e meio, alugado por ele. Ajudou-me quando mais ninguém o fez. Mas Brendan é um alcoólico em recuperação. O que significa que é dado a coisas como confissão, perdão e redenção. Eu sou mais por manter segredos, guardar rancores e nutrir ressentimentos.

Por vezes pergunto-me como raio nos tornámos amigos. Julgo que, como acontece com muitos relacionamentos, foi uma mescla de álcool e circunstâncias (pelo menos no que me diz respeito).

Encontrávamo-nos regularmente num *pub* perto do sítio onde eu vivia. Uma noite, os cumprimentos de circunstância derivaram em conversa. Começámos a sentarnos juntos e a conversar diante de uma bebida – sumo de laranja para Brendan, *Guinness* ou uísque para mim.

A companhia de Brendan era fácil e pouco exigente. Talvez a única coisa na minha vida que era simples e pouco exigente. Os alicerces da minha confortável existência de classe média desmoronavam-se sob os meus pés. O emprego estava preso por um fio e era com dificuldade que pagava a renda do apartamento. Quando já estava com seis meses de atraso, o senhorio apareceu com dois irmãos corpulentos, pôs-me na rua e substituiu a fechadura.

As minhas hipóteses de alojamento foram de súbito restringidas. Devia optar por um quarto com manchas suspeitas nas paredes ou o apartamento da cave que cheirava a bolor e com uns vizinhos por cima que pareciam fazer sapateado? Para não mencionar que me via obrigado a procurar em bairros onde até o *Batman* pensaria duas vezes antes de vaguear por lá

numa noite escura.

Foi então que Brendan sugeriu que fosse viver com ele.

– Porra, tenho um quarto livre que só serve para desperdiçar gás e electricidade.

– É uma proposta amável, mas não posso pagar uma renda muito alta.

– Esquece a renda.

Olhei para ele.

– Não, não posso.

Lançou-me um olhar de reprovação.

– Como diria a minha mãezinha: «Não podes lutar com os lobos que tens à porta se tens de te haver com um leão na sala de visitas.»

Pensei no assunto. Avaliei as minhas outras opções. Não valia a pena pensar nos leões; podia muito bem vir a acordar com as ratazanas a comer-me os olhos.

– Está bem. Obrigado.

– Agradece-me resolvendo os teus problemas.

– Não posso estar sempre em maré de azar.

A expressão dele ensombrou-se por momentos.

– É melhor que não. Pelo que ouvi, deves dinheiro a pessoas que não aceitam pagamentos a prestações, dão-te cabo das rótulas.

– Estou a resolver isso. E vou pagar-te. Garanto.

– Ai pagas, pagas. – Sorriu. – Gosto de uma boa massagem nas costas antes de me deitar. E não poupes no óleo.



Estendo a mão para a cerveja, vejo que a lata está vazia e amachuco-a entre os dedos. Levanto-me para ir buscar outra, mas resolvo ir antes à casa de banho. Atravesso a saleta e ligo a lâmpada do corredor, que se acende com relutância. Coloco o pé no primeiro degrau, que range como era de esperar. Ao subir a escada estreita tento não pensar em Julia Morton a arrastar penosamente o corpo do filho, degrau a degrau. Um rapaz de onze anos é pesado. E um peso morto ainda é mais. Lembro-me disso.

Faz frio no patamar. Cá em cima não há radiador. Mas não se trata disso. Não é um frio normal. Não é o mesmo frio que senti quando entrei na moradia pela primeira vez. Este frio é diferente. *Um frio arrepiante*. Uma frase que não me ocorria desde garoto. O género de frio que se insinua nos ossos e se instala nas entranhas como um bloco de gelo.

Além disso, ouço qualquer coisa. Distante e ténue, mas persistente.

Estalidos, um estranho sussurro, como de ar na canalização. Detenho-me para escutar. Vem da casa de banho. Empurro a porta e puxo o velho cordão do interruptor. A luz pestaneja com um zumbido baixo e irritante, como um mosquito moribundo.

Aqui, o frio ainda é pior. Não é ar na canalização. Não é. Aquele *roçar* *arrastado*, *aqueles estalidos*, é algo mais. Algo que me é familiar. Algo mais... *vivo*. E vem da sanita.

A tampa está em baixo. Não por me deixar influenciar pelo meu lado feminino, mas porque tenho uma ligeira fobia a buracos abertos. A ralos, a líquidos a transbordar. A qualquer buraco no chão. A noite passada, antes de me deitar, fiz uma ronda e tapei todos os ralos. Agora, aproximo-me e levanto a tampa da sanita com um movimento hesitante.

– *Merda!*

Salto para trás, tão depressa que perco o equilíbrio e por pouco não me estateloo no chão. Mas consigo deitar a mão ao lavatório e manter-me de pé. Não tenho o mesmo controlo sobre a bexiga cheia. Um esguicho de urina quente escorre-me pela perna.

Mal dou por isso. O interior da sanita agita-se, a ferver com uma massa de pequenos corpos negros e brilhantes. *Clic, clic, clic*, a correrem de um lado para o outro, como um mar de excrementos agitado.

– Cristo!

Sou percorrido por um arrepio de repulsa. Além do eco difuso de uma vaga recordação:

São as sombras. As sombras movem-se.

Ofegante, apoio-me no lavatório. Escaravelhos. Malditos escaravelhos.

Passado um instante, dou um passo em frente e volto a erguer a tampa. A agitação aumenta, como se sentissem a minha presença. Um par deles começa a tentar subir para a borda. Baixo apressado a tampa e entalo-os entre as duas peças de plástico. Estalam com um agradável som de esmagamento.

Como raio vieram eles aqui parar? A sanita deve estar seca e podem ter subido pelos canos, mas mesmo assim? Estendo a mão para a lixívia, inspiro fundo, levanto uma vez mais a tampa e espalho todo o conteúdo da garrafa na sanita, a molhar todos os insectos.

O som dos estalidos e dos movimentos arrastados aumenta. Alguns sobem para o rebordo da sanita. Agarro na escova e empurro-os para baixo. Depois, descarrego o autoclismo. Uma e outra vez, até ouvir gorgolejar e nada ficar

no fundo além de um resto de água e alguns corpos negros a flutuar. Por causa das dúvidas, pego no rolo de papel higiênico e enfio-o no sifão da sanita de modo a tapá-lo.

Sento-me na borda da banheira, ou melhor, as minhas pernas cedem bruscamente e o rebordo da banheira ergue-se para me saudar com uma pancada violenta. *Escaravelhos. Porra, porra, porra.* O meu coração bate apressado, e estou a suar apesar do frio. Preciso de uma bebida e de um cigarro. Mais do que isso, preciso de uma dose. Pela primeira vez desde que aqui cheguei. Pela primeira vez desde há muito tempo. Preciso de qualquer coisa que me acalme os nervos e impeça as minhas mãos de tremer.

Tacteo os bolsos à procura do telefone. A British Telecom só vem instalar a banda larga na semana que vem, mas tenho 3G. Chega à justa. Estar ligado à rede é uma segunda ou terceira opção. Mas como um alcoólico a socorrer-se de álcool metílico quando já esgotou todas as outras garrafas, a necessidade impõe-se.

Procuro uma página da *web*. Vegas Gold anuncia em adequadas letras douradas. Não me escapa a ironia de jogar Vegas Gold sentado na borda de uma banheira incrustada de bolor e vestido com umas calças de ganga molhadas de urina. O meu polegar detém-se sobre o *link*.

É nesse momento que ouço o estardalhaço lá em baixo.

– Mas que raio...?

Coxeio tão depressa quanto posso a descer a escada e a entrar na sala de estar. Uma chapada de ar frio da noite fustiga-me a cara. As cortinas agitam-se e enrolam-se sob a acção do vento. A vidraça apresenta um buraco irregular e as pranchas do soalho estão juncadas de pedaços de vidro. Ouço um chiar de pneus, um motor a arrancar e o ruído estridente de uma motorizada em aceleração perde-se à distância.

No meio da sala vejo a origem dos estragos. Um tijolo enrolado num pedaço de papel preso por um elástico. Muito original.

Avanço, a afastar com os pés os bocados de vidro, e pego no tijolo. Solto o papel. É fino e pautado, como o de um caderno de exercícios.

Quanto a mensagem de boas-vindas, não deixa nada a desejar: VAI-TE EMBORA, *ALAIJADO*.

Capítulo 7

Percebemos que estamos a ficar velhos quando os polícias são mais novos do que nós. Não sei o que significa quando os polícias começam a ficar mais pequenos em relação a nós.

Olho para baixo – mesmo para baixo – em direcção à agente Cheryl Taylor. Pelo menos parece-me que foi como ela disse que se chamava. O tom em que fala é brusco e os modos são frios. Fico com a impressão de que ela preferia não estar aqui. Talvez eu esteja a impedi-la de investigar um roubo em grande escala, ou então foi a sanduíche da tarde.

– Então diz que alguém atirou um tijolo pela sua janela mais ou menos às 8 h 7 m desta noite?

– Sim.

Há mais ou menos uma hora, portanto quem quer que o tenha feito já deve ir longe. Mas pelo menos deu-me a oportunidade de trocar de *jeans*.

– Viu alguma coisa?

– Vi um grande tijolo no meio da sala onde tinha acabado de ligar o ar condicionado.

Lança-me um olhar a que já estou habituado. As mulheres costumam olhar-me assim.

– O que quero saber é se não viu mais nada.

– Não, mas ouvi uma motorizada a acelerar.

Toma mais alguns apontamentos, inclina-se e apanha o tijolo.

– Não quer meter isso num saco, para ver se tem impressões digitais, ou assim?

– Isto é Arnhill, não é o CSI – diz ela, e volta a pousar o tijolo.

– Pois claro. Com certeza. Desculpe, por momentos pensei que estivessem interessados em apanhar quem fez isto.

Olha-me como quem me vai responder à letra mas refreia o comentário e limita-se a perguntar:

– O bilhete?

Estendo-lho, e ela examina-o.

– Como ortografia, não é grande coisa.

– De facto não creio que se trate de um erro. Penso que é intencional. Para me despistar.

Uma sobrelha fina arqueia-se.

– Continue.

– Sou professor de Inglês – explico paciente. – Farto-me de ver erros de ortografia. Não é uma palavra que os alunos escrevam mal, e se o fazem erram em tudo. Não trocam só um «e» por um «a».

Fica a pensar no assunto.

– Muito bem. Sabe quem pode ter feito isto? Algum inimigo, alguém com ressentimentos?

Por pouco não deixo escapar uma gargalhada. Não faço a menor ideia, mas reconsidero. Tenho a certeza de que Hurst ou um dos compinchas é responsável por isto. Mas não tenho testemunhas nem provas, e tendo em conta a curta conversa desta manhã com Harry (meu Deus, foi só esta manhã?), não quero arriscar o meu emprego. Pelo menos por enquanto.

– Senhor Thorne?

– Para ser sincero, acabei de me mudar para cá. Ainda não tive tempo para irritar muita gente.

– Mas parece que está a tratar disso.

– É óbvio.

– Bem, vamos analisar o caso, com certeza é coisa de garotos. Já tivemos alguns problemas com miúdos da sua escola.

– Verdade? Que espécie de problemas?

– O costume. Vandalismo. Invasão de propriedade. Comportamento desordeiro.

– Ah, isso faz-me lembrar o passado.

– Se quiser, um agente pode ir lá à escola fazer uma palestra sobre responsabilidade social, ou coisa do género.

– E isso serve para alguma coisa?

– A última vez que o meu parceiro fez isso esvaziaram-lhe os pneus.

– Talvez seja melhor não.

– Muito bem. Está aqui o número da sua participação, para efeitos de seguro. Se tiver mais algum problema telefone-nos de imediato.

– Com certeza.

Detém-se junto à porta e parece hesitar.

– Olhe, não lhe quero tornar a noite ainda pior...

Penso nos escaravelhos a correrem de um lado para o outro.

- Deve ser difícil.
- Alguém lhe falou sobre esta casa?
- Quer dizer, sobre o que aconteceu aqui?
- Então sabe?
- Veio à conversa.
- E não se sente incomodado?
- Não acredito em fantasmas.

Relanceia o olhar em volta sem disfarçar um estremecimento de repugnância. Desperta-me a curiosidade.

- Foi você quem os encontrou?

Hesita antes de responder.

- Sim, eu e o meu parceiro fomos os primeiros a chegar.
- Deve ter sido difícil, não?
- Faz parte do trabalho. Temos de nos habituar.
- Mas mesmo assim não lhe agradaria viver aqui, pois não?

Um ligeiro encolher de ombros.

- Nunca se consegue limpar o sangue. Por muita lixívia que se use, por muito que se esfregue. Está sempre lá, mesmo que não se consiga ver.

- Tranquilizador. Muito obrigado.

- O senhor é que perguntou.

- Posso perguntar-lhe outra coisa?

- Penso que sim – responde em tom cauteloso.

- Poderá haver outra explicação para o que aqui se passou?

- Não havia sinais de arrombamento nem do envolvimento de uma terceira pessoa. Acredite ou não, mas procurámos.

- Então e o pai de Ben?

- Nessa noite jantou com um cliente.

- Quer dizer que Julia Morton se passou, matou o filho e se suicidou?

- *Parece-me* que está a fazer muitas perguntas para alguém que não se sente incomodado.

- Apenas por curiosidade.

- Deixe-se disso. Por aqui não lhe vai trazer nada de bom. – Enfia o bloco de apontamentos no bolso. – E só lhe falei no assunto para o caso de o agente da imobiliária não o ter posto ao corrente dos factos.

- Obrigado... Mas não me parece que a moradia seja um problema.

- Pois não.

Volta a lançar-me um olhar, e desta vez consigo interpretá-lo: «É capaz de

ter razão.»



O vidraceiro chega quinze minutos depois. Prega uma tábua sobre o vidro partido e informa:

– São cinquenta «mocas».

E que um vidro novo demora «praí uma semana».

Respondo-lhe que está bem. Consigo viver sem vista para a rua.

Também me atira um olhar estranho. Não faz parte do meu público.

Depois de ele sair, emborco mais um par de *bourbons* e fumo um cigarro, encostado à porta das traseiras, até que resolvo que tenho mais do que chegue para um dia e subo a escada para me meter na cama.

O frio desapareceu. É apenas a friagem da moradia. Aproximo-me da casa de banho pé ante pé, mas a sanita continua vazia. Retiro o rolo de papel higiénico, alivio-me, lavo os dentes, desligo o interruptor e fecho a porta.

Ocorre-me uma ideia. Volto a descer a escada e agarro no tijolo. Levo-o para a casa de banho e coloco-o sobre a tampa da sanita.

À cautela.



Não sonho.

Tenho pesadelos.

Por norma, o álcool ajuda.

Mas não esta noite.

Estou a subir a escada da casa onde vivi a minha infância, só que – como é costume nos sonhos – não é de modo algum a casa da minha infância. A escada é muito mais íngreme e estreita e desenvolve-se em espiral. Mais abaixo, no escuro, ouço um ruído abafado de coisas que se mexem e murmuram. Um enxame de sombras agita-se lá em baixo. Por cima de mim, outro ruído. Um lamento terrível, estridente, como o de um animal em sofrimento, intercalado de gritos: *Abbie-Olhos. Abbie-Olhos. Beija os rapazes e fá-los chorar.*

Não quero subir a escada, mas não tenho alternativa. Olho para baixo e vejo que mais alguns degraus desapareceram na escuridão. As sombras avançam com lentidão, tal como o frio, e ganham-me terreno.

Continuo a subir a escada em caracol que parece não ter fim, e de repente estou no patamar. Olho para trás. A escada já lá não está. Foi engolida pelas sombras que agora se agitam num frenesi, a poucos centímetros dos meus

pés.

Há três portas, todas fechadas. Empurro a primeira. O meu pai está lá dentro. Sentado na cama. «Sentado» não é a palavra exacta. Está pendurado, como uma marioneta com metade dos cordéis cortados. A cabeça pende sobre o ombro, como se descansasse do esforço de estar acima de tudo. Precariamente presa ao corpo por tendões reluzentes e pelos fios vermelhos dos músculos. Quando o automóvel embateu na árvore, um pedaço de vidro aguçado por pouco não o decapitou.

Abre a boca e articula um som estranho, asmático. Percebo que é o meu nome.

– *Joe-eee!*

Tenta levantar-se. Fecho a porta com força. O coração salta-me no peito, sinto as pernas a tremer. Dirijo-me para a porta seguinte. Esta ainda vai ser pior, já sei. E, no entanto, como uma personagem de um mau filme de horror, sei que a vou abrir.

Empurro a porta e recuo. A sala está repleta de moscas. As varejeiras erguem-se a zunir numa nuvem negra. Algures entre as moscas consigo distinguir dois vultos. Julia e Ben. Pelo menos penso que são Julia e Ben. É difícil ter a certeza, pois falta grande parte da cabeça de Julia e Ben não tem rosto. Apenas uma massa vermelha e esbranquiçada de sangue, ossos e cartilagens.

Estão de pé, vultos indistintos entre as moscas... até que percebo que eles são formados por moscas. Quando olho para eles, dissolvem-se e escorrem na minha direcção. Transponho a porta de um salto e fecho-a com força. Consigo ouvir as moscas a embaterem contra a madeira num enxame furioso.

Acorda, penso. Acorda, acorda, acorda. Mas o meu subconsciente não está disposto a deixar-me escapar assim com tanta facilidade. Viro-me para a última porta. A minha mão roda a maçaneta. A porta abre-se lentamente. O compartimento está vazio. Com a excepção de uma cama e de *Abbie-Olhos*. Está deitada ao centro, de olhos fechados. Avanço e pego-lhe. Os olhos abrem-se de repente. Os lábios de plástico cor-de-rosa retorcem-se num sorriso: *Ela está atrás de ti.*

Volto-me. Annie está de pé, à entrada. Tem o pijama vestido. Um pijama claro, cor-de-rosa, enfeitado com pequeninas ovelhas brancas. A roupa que tinha vestida na noite do acidente. Mas está errado. Não era isso que a minha irmã tinha vestido quando morreu.

– Vai-te embora – ordeno.

Arrasta os pés na minha direcção e estende os braços.

– Vai-te embora.

Então ela abre a boca e sai de lá um enxame de escaravelhos. Tento correr, mas a perna doente fica presa e estatelo-me no chão. Atrás de mim, ouço o roçar das carapaças rijas e o ritmo apressado das patas minúsculas. Sinto-os a subirem-me pelos tornozelos, a meterem-se-me na pele. Tento esmagá-los, sacudi-los. Sobem-me pelos braços e pelo pescoço, entram-me na boca e entopem-me a garganta. Não consigo respirar. Estou sufocado pelos pequenos corpos pretos e malcheirosos...

Acordo a tremer e encharcado em suor, a sacudir os lençóis desfeitos, emaranhados em redor do meu corpo nu.

Réstias de luz penetram pelas frestas das cortinas meio corridas e agridem-me as pupilas. Olho de soslaio para o despertador, no momento em que ele começa a retinir com um doloroso repicar que me ecoa na cabeça.

Rolo para o lado, a resmungar. É hora de ir para a escola.

Capítulo 8

– Professor?

– Sim, Lucas?

Aponto com um gesto cansado para o braço que se agita no ar e depois, antes que o rapaz consiga dizer alguma coisa, levanto a minha mão.

– Se é mais alguma pergunta a respeito do Tinder, creio que já ficou esclarecido que as aplicações para organizar encontros não eram comuns no tempo de Romeu e Julieta.

Ergue-se outra mão.

– Josh?

– Então e o Snapchat?

Uma gargalhada sacode toda a turma. Disfarço um sorriso.

– Muito bem. Deste-me uma ideia.

– Dei mesmo, professor?

– Deste. Peguem num dos capítulos que lemos e reescrevam-no como se a acção se passasse nos dias de hoje. Dêem especial atenção aos paralelismos e aos temas da tragédia e da calamidade.

Mais mãos se levantam. Escolho uma ao acaso.

– Aleysha?

– O que é um paralelismo?

– É uma coisa semelhante ou correspondente a outra.

– O que é uma calamidade?

– Esta turma.

A campainha toca para o almoço. Disfarço um estremecimento ao ouvir o som.

– Muito bem. Podem sair. Amanhã quero ler esses trabalhos.

As cadeiras arrastam-se e chocam quando os alunos se apressam a sair. Não faz qualquer diferença tentar imprimir interesse às aulas nem entusiasmar os alunos. Quando a campainha toca fogem da sala a correr como reclusos acabados de sair da prisão.

Começo a guardar os livros e o outro material na sacola. Uma cabeça escura e conhecida espreita pela porta.

- Ei!
- Olá!

Beth entra na sala, hoje traz uma *T-shirt Nirvana*, calças de ganga rasgadas e tênis *Vans* e debruça-se sobre a minha secretária.

- Ouvi dizer que na noite passada alguém lhe atirou um tijolo pela janela.
- As notícias correm depressa em Arnhill.
- Sim, mas nunca saem de cá.

Solto uma curta risada.

- Quem lhe disse?
- Um dos primos da auxiliar que trabalha em *part-time* com uma mulher que tem um irmão que é polícia.

- Caramba! São fontes mais seguras do que a CNN.
- E em geral mais exactas.

Arqueia uma sobrancelha, que interpreto como uma deixa para confirmar ou negar o relato.

Encolho os ombros.

- Parece que alguém não gostou do meu plano de aulas.
- Pensa que foi algum dos garotos de cá?
- Acho provável.
- Desconfia de alguém em especial?
- Pode crer que sim. – Hesito. – Jeremy Hurst.
- Oh!
- Não parece surpreendida.
- Santo Jeremy? Não. Ouvi dizer que discutiu com ele.
- Já percebi que tem um ouvido excelente. Se ouvir qualquer coisa sobre os números da lotaria...

Sorri.

- Como se eu lhe dissesse.
- Então, o que sabe acerca...

Ouve-se uma pancada na porta entreaberta. Ambos olhamos para lá. Uma rapariga um tanto anafada, de cabelos louros às madeixas e demasiada maquilhagem para um dia de aulas, está a espreitar.

- É a aula do senhor Anderson?
- Não, é na porta ao lado – responde Beth.
- Certo – responde, irritada, e desaparece.
- Não tem de quê! – grita Beth, que depois olha para mim. – Por que não temos esta conversa fora da sala de aula? Parece ser hora de almoço.

- No refeitório?
- Que se lixe o refeitório. Estava a pensar no *pub*.



As cadeiras e os bancos velhos e gastos desapareceram. A carpete de múltiplos matizes que provocava dores de cabeça foi substituída por um soalho de pranchas brilhantes. Nos recantos das janelas, candeeiros de bom gosto e uma exposição de bons vinhos e dos *bourbons* disponíveis no bar. Além de um novo e excitante «menu gastronómico».

De facto, nada disto é verdadeiro.

O Fox nada mudou desde a última vez que cá estive, já lá vão vinte e cinco anos. A mesma velha máquina de discos a um canto, com os mesmos discos antigos. Até alguns clientes parecem não ter mudado, nem mexido, desde o século passado.

- Eu sei - diz Beth, quando me vê a relancear os olhos pelo *pub*. - Levo-o a todos os lugares melhores.

- Na verdade, estava a pensar se ainda cheirá ao meu vômito na retrete.

- Boa. Esqueci-me de que você cresceu aqui. Bem, não foi bem *aqui*.

- Sei lá.

- Então, era aqui que costumava vir?

- Mais ou menos. Oficialmente, ainda não tinha idade para beber.

Na prática, o dono não era muito rigoroso com essas coisas.

Volto-me para o balcão. Quase espero ver Gipsy lá atrás, a servir, mas quem lá está é uma jovem com umas enormes argolas nas orelhas e o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo tão esticado que as sobancelhas parecem lançar-me um olhar carrancudo.

- O que tomam?

Olho para Beth.

- Só uma *Diet Coke*, obrigada.

Lanço um ar guloso ao uísque e depois digo relutante:

- São duas *Diet Coke*, se faz favor. Oh, e a lista.

- Sandes de queijo, de presunto, empada de porco e batatas fritas.

- Heston Blumenthal deve estar a tremer de medo.

Olha para mim e continua a mascar a pastilha elástica.

- Batatas fritas e uma sanduíche de queijo - diz Beth.

- Para mim é o mesmo, obrigado.

- São dez libras e sessenta.

Diga-se o que se disser da sua atitude, a aritmética mental não é nada má.

Beth começa a procurar na carteira.

– Deixe isso – replico. – Eu pago estas. – Levo a mão ao bolso e franzo a testa. – Merda. Esqueci-me da carteira em casa.

– Não se preocupe – retorque Beth. – Não vai levar o banco à falência.

Esboço um sorriso um pouco culpado. Mas só um pouco.

Pagamos e procuramos um lugar – o que não é difícil – a um canto, perto de uma das janelas.

– Então – digo para Beth, que beberica a *Diet Coke* – ia a dizer-me qualquer coisa dizer a respeito de Hurst?

– É isso. Bem, não há muito para dizer. O rapaz é esperto, atlético, tem bom ar e é um sádico de merda. E safa-se graças ao pai.

– Stephen Hurst.

– Conhece-o?

– Andámos juntos na escola.

– Ah, estou a ver!

– Ouvi dizer que agora estava na Câmara.

– Pois está. E você sabe qual o género de pessoas que acabam como vereadores...

– Pessoas que desejam mesmo ajudar a comunidade?

– E os filhos-da-puta que se instalam numa posição de poder e o usam em proveito próprio.

– Caramba, nem consigo imaginar a qual dos grupos pertencerá Stephen Hurst.

– Pois, é uma boa peça. Mas você já deve saber isso. Já ouviu falar no projecto para a mina velha?

– A Câmara quer transformá-la num parque rural?

– Isso mesmo. Bem, um dos motivos por que tem levado tanto tempo a arrancar é por causa de Hurst.

– Como assim?

– Oficialmente, por dificuldades de financiamento. Na verdade, porque Hurst tem ligações a uma empresa imobiliária que quer construir casas nesse terreno.

– Casas? No lugar de uma antiga mina? Isso vai levar anos para obter a aprovação da Câmara... – Nesse momento percebo. – Ah, estou a ver.

– É isso. Hurst Junior é uma lasca da pedra maior. E o papá faz parte do Conselho Administrativo da escola, de maneira que de cada vez que Jeremy faz uma coisa que levaria à expulsão de qualquer outro aluno, o Hurst

Sénior entra em cena, tem uma conversa com Harry, decerto sobre o financiamento para o novo pavilhão desportivo ou para o novo edifício de Ciências de que estamos a precisar e adivinhe o que acontece? Não acontece nada.

Sinto as entranhas revolverem-se numa familiar sensação de cólera. É o mesmo de sempre, digo para comigo.

A *Empregada do Ano* aproxima-se de novo, a empunhar os talheres como se fossem armas brancas. Atira-os para cima da mesa com ruído.

- As batatas ainda levam um bocado. Acabou-se o *ketchup*.

- Está bem.

Fita-me com demora ao ponto de se tornar desconfortável e pergunto-me se dizer «está bem» a terá ofendido. Depois, afasta-se num passo arrogante. Beth olha para mim.

- Você sabe mesmo fazer amigos e influenciar as pessoas, não é?

- Será o meu encanto natural?

- Não se iluda.

Bebo um gole de *Diet Coke* e digo:

- No ano passado, Julia Morton era a directora de turma de Hurst, não era? Confirma com um aceno de cabeça.

- Sim, mas não vejo qual é a relação.

- Não?

- Não. Julia era capaz de lidar com Hurst. Não tolerava merdas e não se deixava impressionar. Era uma tipa dura. Não cedia com facilidade.

Mas acabou por ceder, penso. Espancou o filho até à morte. Por que razão não terá usado a arma? Um momento de loucura? Ou terá sido mais qualquer coisa?

Como se lesse o que me ia na cabeça, Beth diz:

- É por isso que o que aconteceu não faz qualquer sentido.

- Não disse que ela andava deprimida?

- *Tinha sofrido* uma depressão, no passado.

- Mas uma depressão não passa de um momento para o outro. Tinha deixado de tomar os medicamentos. Pode ser que tenha tido uma recaída, que se tenha ido abaixo?

Beth solta um suspiro.

- Não sei. Pode ser que sim. E *se apenas* tivesse resolvido suicidar-se ainda percebia. Mas matar Ben? Adorava-o. *Nunca* serei capaz de compreender.

- E Ben, como era ele?

– Bastante inteligente, tinha muitos amigos. Talvez um pouco fácil de levar, o que algumas vezes lhe arranhou sarilhos. Mas era um bom rapaz. Até começar a desaparecer.

– Ben começou a desaparecer? Quando?

– Uns dois meses antes de morrer. Aparecia vinte e quatro horas depois, quando toda a aldeia já andava à procura dele. Não dizia onde tinha estado. Era muito estranho, não era coisa dele.

Preciso de algum tempo para interiorizar aquilo. Desparecia. Mas voltava.

– Nunca li nada a esse respeito.

Beth encolhe os ombros.

– Foi mais ou menos varrido para debaixo da carpete, como tudo o resto que aconteceu. Seja como for, depois... – Faz uma pausa. – Estava diferente.

– Como?

– Alheado, distraído. Deixou de andar com os amigos, ou foram eles que deixaram de andar com ele. Isto parece horrível, mas cheirava mal, como se não tomasse banho. Depois envolveu-se numa briga e magoou seriamente o outro miúdo. Foi quando a Julia o tirou da escola. Disse que ele tinha «problemas emocionais» por causa do divórcio.

– Por que razão nunca ninguém me falou nisso?

– A sério? Quem vai dizer mal de um miúdo que morreu? Além disso, toda a gente culpava a Julia pelo comportamento dele. Tinha uma mãe chanfrada. Era tudo por culpa dela, percebe?

Vem-me à memória a fonte anónima da escola. Apetece-me perguntar mais coisas, mas com um delicioso sentido de oportunidade a nossa encantadora empregada surge de novo ao pé da mesa.

– Sandes de queijo, batatas fritas.

– Obrigado.

Bate com os pratos no tampo da mesa e volta a lançar-me um olhar de poucos amigos.

– Peço desculpa – digo. – Passa-se alguma coisa?

– Alugou a vivenda Morton?

– Sim.

– Sabe o que aconteceu lá?

Ao que parece, é a pergunta da semana.

– Sim.

– Afinal, o que é você?

– Perdão?

- É algum monstro?
- Bem, creio que não. De facto, sou professor.
- É isso.

Pensa um pouco, mete a mão no bolso, tira um cartão e estende-mo.

Para não incorrer noutra assomo de fúria, agarro-o. «Serviço de Limpezas Dawon's».

- O que é isto?
- A minha mãe. Faz limpezas. Era ela quem limpava a vivenda para a senhora Morton. Talvez fosse bom fazer-lhe um telefonema.

Deve ser o esquema de vendas mais esquisito que já vi.

- Bem, não sei se neste momento tenho dinheiro que chegue para pagar a uma empregada, mas obrigado.

- Faça como quiser.

E volta a afastar-se. Olho para Beth.

- Uau!
- Sim, é um pouco...
- Rude? Estranha? Assustadora?
- Na verdade Lauren sofre de autismo. Pode ter dificuldade com as convenções sociais normais.
- Percebo. E alguém lhe deu emprego como empregada de mesa?
- Não acha que todos os miúdos devem ter oportunidades iguais?
- Só estou a dizer que uma actividade onde se contactam pessoas pode não ser a melhor opção de carreira.
- Está a ser preconceituoso.
- Estou a ser prático.
- Tome ou *tumate*, vem tudo a dar no mesmo.
- Na verdade é tomate. Quanto a isso tenho preconceitos.

O rosto dela distende-se num sorriso largo, a mostrar os dentes. Ri com frequência, digo para comigo. Tenho vontade fazer o mesmo, de usar os músculos que há algum tempo não exercito.

- Seja como for - digo, enquanto guardo o cartão no bolso -, você estava a dizer...

- Esqueça. - Faz um gesto na minha direcção, a empunhar o garfo. - É a sua vez. *Por que* alugou a moradia Morton?

- Você também?

- Bem, é um pouco estranho.

- Porque é barata e me dá jeito. E há alguns anos não era a moradia

«Morton», pertencia a uma velha que atirava migalhas de pão aos pássaros e insultava os garotos que passavam de bicicleta. É apenas uma casa. Com história. O que acontece com a maioria das casas.

Embora a maioria das casas não esteja infestada de escaravelhos na canalização do esgoto. Reprimo um estremecimento.

Beth olha-me com curiosidade.

– A propósito, e falando de história, não é estranho que tenha voltado para cá?

Encolho os ombros.

– É sempre estranho regressar ao lugar onde se cresceu.

– Agora a sério, não me consigo imaginar a ter vontade de regressar a Arnhill. Assim que puder, vou-me embora daqui.

– Há quanto tempo cá está?

– Um ano, um dia e mais ou menos – olha para o relógio – doze horas e trinta e dois minutos.

– Está a contá-las?

– Ai estou, estou.

– Bem, sei que é uma terra pequena, provinciana e um tanto atrasada.

– Não é isso...

– Então o que é?

– Já estive na Alemanha?

– Não.

– Eu estive uma vez, logo depois de ter acabado a faculdade. Tinha uma amiga que trabalhava em Berlim. Levou-me a um campo de concentração.

– Divertido.

– Estava um belo dia de sol. O céu azul, os passarinhos a chilrearem, e os edifícios são apenas edifícios, não são? Mas aquele lugar continua a causar impressão, sabe? Como se pairasse no ar, nos átomos. Percebemos que ali aconteceu uma coisa terrível, mesmo que ninguém nos tenha dito. Mesmo enquanto se acompanha o guia, a acenar com a cabeça com um ar compenetrado, há uma parte de nós que quer dar meia volta e fugir dali aos gritos.

– É isso que pensa de Arnhill?

– Não. À Alemanha era capaz de voltar. – Enfia uma batata na boca antes de perguntar: – Qual é o problema entre si e Stephen Hurst?

– Problema?

– Tenho a impressão de que naquele tempo não eram os melhores amigos

do mundo.

– Não exactamente.

– Aconteceu alguma coisa?

Espeto uma batata frita.

– As coisas do costume entre adolescentes.

– Claro.

O tom dá a entender que não acredita em mim, mas não insiste.

Mastigamos a comida. As batatas fritas são boas. A sanduíche de queijo sabe a plástico, como se alguém tentasse fabricar plástico com menos sabor.

– Harry disse-me que a mulher de Hurst está doente – digo.

Confirma com um aceno de cabeça.

– Cancro.

– E sejam quais forem os seus sentimentos em relação a Hurst, não deixa de ser desagradável.

– Pois não.

Por vezes, o que vai depois volta.

– Estão casados há muito tempo?

– Namoro de adolescentes. – Olha para mim. – Se você andou na escola com Hurst deve recordar-se dela.

– Andei na escola com muita gente.

– Ela chama-se Marie.

O tempo corre mais devagar e pára.

– Marie?

– Sim, infelizmente não lhe sei dizer o nome de solteira.

Nem precisa. Mais um pedaço do meu coração que se desfaz.

– Era Gibson – digo. – Marie Gibson.

Capítulo 9

Marie e eu crescemos na mesma rua. As nossas mães eram amigas, e quando éramos pequenos fomos muitas vezes postos juntos a brincar enquanto elas bebiam chá e tagarelavam. Jogávamos à apanhada e às escondidas, sentávamo-nos na beira do passeio a comer sorvetes quando chegava a furgoneta dos gelados. Isto era antes de Annie ter nascido, portanto devíamos ter uns quatro ou cinco anos.

Eu adorava Marie em silêncio. Ela tolerava-me discretamente, era o único miúdo da sua idade que vivia na rua. Na escola, depressa me abandonou em benefício de outros companheiros de jogos mais populares. Penso que considereei ser aquele o meu destino. Marie era bonita e alegre. Eu era o miúdo estranho e ensimesmado de quem ninguém gostava.

Quando chegámos ao terceiro ciclo comecei a reparar que Marie era mais do que uma rapariga bonita. Era linda. O cabelo castanho e brilhante – usava-o enrolado em trancinhas quando era miúda – era agora uma massa curta que abanava de um lado para o outro. Por vezes frisava-o como Madonna, a sua heroína. Usava calças de ganga desbotadas e camisolas largas com mangas que lhe desciam até aos dedos. Tinha dois furos em cada orelha, e quando estava na escola enrolava o cós da saia de modo a esta lhe ficar acima dos joelhos, a deixar entrever uma imagem tentadora de carne bronzeada entre a bainha e as meias altas.

Como é evidente, por esta altura Marie nem dava pela minha presença.

Não era desagradável nem cruel. Pelo menos de propósito. Quando passava por mim na rua era como se visse alguém conhecido, de quem mal se recordava. Saudava-me com um «Olá» indiferente que me deixava radiante horas. Por vezes, Annie troçava de mim:

– Olha, é a tua namorada.

E imitava o som de beijinhos.

– Joey e Marie, sentados numa árvore, dão BEIJINHOS.

Era a única ocasião em que me irritava com Annie. Talvez por me fazer vibrar uma corda sensível. Marie não era minha namorada; nunca seria minha namorada. As raparigas como Marie não se interessavam por rapazes

como eu: um magricela socialmente inepto, agarrado aos livros de banda desenhada e aos jogos de computador. Saíam com rapazes *a sério*, que jogavam futebol e rãguebi e andavam pelo parque de jogos a cuspir e a praguejar sem motivo.

Rapazes como Stephen Hurst.

Começaram a sair juntos no terceiro ano. De certa maneira era inevitável – Hurst era o vivaço da aldeia, Marie era a rapariga mais bonita da escola. As coisas eram mesmo assim. Não me senti muito ciumento. Bem, talvez um bocadinho. Já nesse tempo sabia que Marie era melhor do que Hurst. Mais inteligente, mais simpática e, ao contrário de muitas raparigas da escola, acalentava ambições mais elevadas do que casar-se e ter filhos.

Quando fui aceite no bando de Hurst – e ela voltou a reparar em mim – falava-me na vontade que tinha de ir para a faculdade estudar para estilista. Tinha muito jeito para as artes. Sonhava em mudar-se para Londres e imaginava-se a ganhar dinheiro para se sustentar trabalhando como modelo. Tinha tudo planeado. Nem pensar em deixar-se ficar numa lixeira como Arnhill. Assim que pudesse, metia-se no primeiro autocarro dali para fora.

Só que nunca o fez. Houve qualquer coisa que mudou. Qualquer coisa que a impediu. Algo que a arrancou aos seus sonhos, que calcou aos pés as suas ambições e as deixou esmagadas no chão. Qualquer coisa que a reteve aqui.

Ou alguém.



Estou à esquina da minha antiga rua, a fumar e a observar o movimento. Tencionara voltar para casa logo depois da escola. Mas parece que o meu subconsciente tem outras ideias.

A rua mudou, e não mudou. As mesmas casas em banda de tijolo vermelho erguem-se ombro a ombro, a fitarem-se em ar de desafio de um e do outro lado da rua, como se se preparassem para um confronto. Mas há coisas novas: antenas de satélite, clarabóias, janelas e portas em uPVC. Mais automóveis estacionados ao longo do passeio estreito. *Golfs* reluzentes, *4x4* e *Minis*. No meu tempo, nem todas as famílias tinham um automóvel, sobretudo um automóvel novo.

Há coisas que continuam inalteradas. Um grupo de jovens em volta de uma moto desmontada, a fumar e a beber *Calrsberg* da lata. Dois cães ladram furiosamente, sem parar. De uma das janelas chega um som de música, carregado de *baixos* e sem melodia nem métrica. Um bando de

garotos dá chutos numa bola.

A minha antiga casa, o n.º 29, fica mais ou menos a meio da rua, alguns números depois do mecânico amador, alguns antes dos futuros Rooneys. De todas as casas, é a que parece ter mudado menos. A porta é a mesma de que me lembro, de madeira pintada de preto, mas o velho batente de latão foi substituído por outro mais moderno, prateado. A cancela de ferro forjado continua um bocado descaída, faltam duas telhas no telhado e a argamassa dos tijolos em redor da porta precisa de uma reparação.

O meu quarto ficava nas traseiras, ao lado do de Annie. O dela era o mais pequeno da casa, calhou-lhe a palha mais curta. Quando éramos garotos costumávamos bater na parede para comunicar antes de irmos dormir. Mais tarde, depois de ela ter voltado, deixava-me ficar no quarto com os auscultadores na cabeça para não ter de a ouvir.

A minha mãe vendeu a casa pouco depois de eu ter saído do hospital, na sequência do acidente. A desculpa que deu foi que eu precisava de um lugar de acesso mais fácil, pois continuava agarrado às muletas. A casa em banda, com a sua escada íngreme, não era de facto prática.

Como é evidente, a verdadeira razão não foi essa. Havia demasiadas recordações. Quase todas más. A minha mãe comprou uma pequena vivenda, não muito longe daqui. Vivemos lá até eu completar dezoito anos. A minha mãe ficou até ao dia em que a levaram para o hospital, para morrer, tinha apenas cinquenta e três anos. Disseram que foi um cancro no pulmão. Mas não foi só isso. A minha mãe morreu na noite do acidente. O resto apenas levou algum tempo a juntar-se-lhe.

Viro-me. A luz começa a escassear, o ar está mais frio, e se me deixo ficar por aqui mais tempo ainda alguém chama a polícia. A última coisa que quero é atrair as atenções. Levanto a gola do casaco e volto a descer a rua.



Há uma coisa que as pessoas gostam de atirar cá para fora, em geral as pessoas que se querem dar ares de sábias e sensatas e que, por muito que viajemos, nunca podemos escapar a nós mesmos.

Um perfeito disparate. Se nos afastarmos o suficiente das relações que nos prendem, das pessoas que nos definem, das paisagens conhecidas e das rotinas que nos amarram a uma identidade, podemos facilmente escapar a nós mesmos, pelo menos durante algum tempo. O *eu* é uma construção que pode ser desmontada, refeita, renovada.

Desde que nunca se volte atrás. Se o fizermos, esse novo *eu* cai-nos aos pés

como as roupas novas do rei, a deixar-nos nus e expostos, com todos os nossos horríveis defeitos e erros, para que o mundo os possa ver.

Não tenciono voltar ao *pub*, mas é para lá que acabo por ir. Deixo-me ficar uns momentos cá fora, a acabar um cigarro e a tentar convencer-me de que não vou entrar. Está decidido, não vou. Não quero começar outro dia de escola com uma ressaca. Vou voltar para casa, preparar o jantar e deitar-me cedo. Deito fora a beata, felicito-me pela resolução e entro no *pub*.

Percebo logo que há diferenças em relação à hora de almoço. Muitos *pubs* são assim. À noite ficam diferentes. Está mais escuro e os velhos candeeiros com quebra-luzes de franjas criam poças de luz poeirentas. Quanto ao ambiente é, se possível, ainda menos acolhedor. O cheiro também é outro. Mais intenso, mais adocicado e, se não soubesse que era ilegal, seria até capaz de jurar que alguém esteve aqui a fumar há pouco tempo.

Também há mais movimento do que à hora de almoço. Alguns jovens vagueiam pela sala com canecas de cerveja na mão, apesar de haver imensos lugares desocupados. É o comportamento possessivo dos clientes habituais. A marcar o território, como os cães que mijam contra uma árvore (e não ficaria surpreendido se o tivessem feito também contra o balcão).

As mesas restantes estão ocupadas por homens e mulheres mais velhos. Debruçam-se sobre as bebidas como animais que vigiam uma presa morta. Os homens ostentam anéis de emblema e as mangas arregaçadas das camisas revelam tatuagens cinzentas esborratadas. As mulheres usam madeixas cor de cobre e exibem braços de pele engelhada que emergem das *T-shirts* pouco adequadas.

Conheço *pubs* assim, e não apenas da minha juventude. Podem situar-se em cidades maiores e dar-se ares mais sofisticados, mas tanto a clientela como a atmosfera são as mesmas. Não são *pubs* para comer uma refeição em família nem para beber um bom copo de *Chardonnay* gelado com a namorada. São *pubs* para as pessoas da terra, *pubs* para bebedores e nalguns casos também para jogadores.

Dirijo-me para o balcão, a procurar não parecer tão deslocado como me sinto. Posso conhecer este género de *pubs*, mas aqui, e apesar de ter sido criado na terra, continuo a ser um estranho. Não é porque as portas basculantes se abram de par em par ou que o pianista deixe de tocar, mas por um instante sou capaz de jurar que o bruaá das conversas se suspende e que todos os olhos se cravam em mim enquanto me encaminho para o balcão.

A *Menina Assustadora* não está de serviço esta noite. No lugar dela, um homem de calvície avançada e com papos escuros sob os olhos dirige-me um olhar carrancudo e desdentado.

– O qué que vai?

– Ehh, uma caneca de *Guinness*, se faz favor.

Em silêncio, começa a encher a caneca. Agradeço-lhe, pago, e enquanto a espuma assenta volto a relancear os olhos pela sala. Distingo uma mesa livre a um canto. Quando ele acaba de encher a caneca, dirijo-me para lá e sento-me. Trago comigo os livros da escola para ir fazendo algumas anotações enquanto beberico a *Guinness*. Apesar do pessoal, das luzes e da decoração, a cerveja é bem tirada. Desaparece mais depressa do que tencionava.

Volto ao balcão. O empregado está no outro extremo. Parece ter sido sujeito a uma miraculosa alteração de personalidade, pois está a sorrir e à gargalhada com o grupo de homens em que reparei ao entrar. Tão sociável que por instantes me perguntei se não se trataria de um gêmeo.

Espero. Um dos jovens olha para mim e diz qualquer coisa. O empregado ri mais alto e continua a conversar. Espero mais algum tempo, a afectar descontração e a fingir que não estou irritado. O homem continua a conversar. Tossico alto. Olha para mim, o sorriso desaparece-lhe do rosto e aproxima-se devagar. Como que arrastados por uma força magnética invisível, dois dos jovens vêm atrás dele.

Ergo o copo vazio.

– Obrigado – *por se dignar a cumprir a sua obrigação*. – Outra *Guinness*, se faz favor.

Agarra num copo e coloca-o sob a torneira com um gesto desabrido.

Apercebo-me da proximidade excessiva e desagradável dos dois jovens. Um deles é baixo e entroncado, tem a cabeça rapada e uma manga de tatuagens. O outro é mais alto e magro, a pele tem mau aspecto e usa um penteado com gel que eu julgava ter desaparecido com as meias brancas e as calças demasiado curtas. Ainda não estão a invadir o meu espaço vital, mas estão nos limites. Chega-me ao nariz o cheiro desagradável a suor entranhado, apenas disfarçado pelo desodorizante barato. Há qualquer coisa naquele par que me é estranhamente familiar, ou talvez seja apenas a ameaça de confronto.

Espero enquanto observo o empregado que enche a caneca. Até que o mais baixo e entroncado diz:

– Nunca te topámos por cá, companheiro.

Se há coisa que me irrita ainda mais do que me chamarem «meu» é ser tratado por «companheiro» por alguém que não o é nem nunca o será.

Viro-me e respondo com um sorriso:

- Mudei-me para cá há pouco tempo.
- Você é o professor novo – diz o *Penteado Idiota*.
- É verdade.

Adoro quando as pessoas me dizem coisas que já sei.

- Joe Thorne – apresento-me, a estender a mão.

Nenhum deles a aperta.

- Está a viver na antiga moradia Morton?

Outra vez. A moradia «Morton». A tragédia, em especial quando é violenta e sanguinária, imprime a sua identidade em tudo o que a rodeia.

- É verdade – repito.
- Estranho como o caraças, não é?

O *Penteado Idiota* aproximou-se mais.

- O que quer dizer?
- Sabe o que lá aconteceu, não sabe? – pergunta o *Entroncado*.
- Sei.

– A maioria das pessoas não gostaria de viver numa casa onde um miúdo morreu assim.

– A menos que seja um tipo esquisito – acrescenta o *Penteado Idiota*, para o caso de eu não ter compreendido a subtilidade da insinuação.

- Se assim é, devo ser um tipo esquisito.
- Está a gozar, companheiro?
- Penso que não.

Acerca-se mais.

- Não gosto da sua cara.
- E eu que estava quase a pedir-lhe o número do telefone.

Vejo que cerra o punho. Pego na caneca vazia, pronto para a partir sobre o balcão se necessário, como aconteceu no passado, pelo menos uma vez.

Nesse momento, quando parece que a violência é inevitável, ouço uma voz conhecida.

- Pronto, rapazes. Está tudo bem por aqui, não está?

Os Manos Engraçados dão meia volta e somem-se. Um tipo alto e corpulento aproxima-se do balcão. Se calhar acredito em espíritos. Espíritos maus, que não há tempo nem distância que consiga exorcizar.

- Joe Thorne – diz ele –, há quanto tempo!

Olho para Stephen Hurst.
– É isso. É isso mesmo.

Capítulo 10

Se alguns miúdos já nascem vítimas, será que outros nascem carrascos?

Não sei a resposta. O que sei é que não é aceitável dizer isso nos dias de hoje. Não se pode dar a entender que alguns miúdos, ou algumas famílias, são apenas maus. Não tem nada que ver com classe social, com dinheiro ou com carências. Estão apenas programados para serem diferentes. Está-lhes nos genes.

Stephen Hurst descende de uma extensa linhagem de tiranetes. O gozo de abusar dos mais fracos tem sido transmitido de geração em geração como uma herança, ou como a hemofilia.

Dennis, o pai dele, era capataz na mina. Os homens odiavam-no, temiam-no e abominavam-no ainda mais. Usava o poder como uma picareta de mineiro, abatendo todos os que se opunham, obrigando os inimigos a fazer os turnos mais penosos e deliciando-se a recusar folgas para passar com recém-nascidos ou familiares doentes.

Quando a greve foi desencadeada era possível vê-lo na linha da frente do piquete, a agitar um cartaz, a insultar os mineiros que trabalhavam e a atirar pedras e garrafas à polícia. Não quero dizer com isto que todos os membros dos piquetes agiam mal, nem pretendo julgar os mineiros que foram trabalhar, como o meu pai. Uns e outros pensavam estar a fazer o melhor para as suas famílias, para garantir a sua subsistência. Mas Hurst não fazia parte do piquete por razões ou crenças políticas, estava lá porque adorava o confronto, o insulto, a grosseria e, acima de tudo, a violência.

Na ocasião ninguém o disse, mas mais tarde percebi que devia ter sido Dennis quem estava por detrás dos *graffiti*, das ameaças e do tijolo atirado pela nossa janela. Era o seu estilo. Procurar o alvo mais fácil. Em vez de atacar o meu pai, optou por lhe atacar a família.

Era costume a mãe de Stephen andar com um olho negro ou um lábio rachado. Uma vez deu um trambolhão que lhe escalavrou um braço magricela. A maioria das pessoas sabia que os ferimentos não se deviam a ser «um tanto desastrada», mas ao facto de Dennis usar os punhos depois de ter bebido uns copos. No entanto, nunca ninguém disse nada. Naquele

tempo, e num povoado pequeno como Arnhill, essas coisas eram só entre o marido e a mulher. E o filho.

Stephen era alto como o pai, mas tinha olhos azuis e as feições correctas da mãe. Um rosto de cartaz. Distinto, mesmo belo. Quando lhe convinha, conseguia ser alegre e encantador. Mas toda a gente sabia que era uma fachada. Stephen era um Hurst da cabeça aos pés.

É claro que havia uma grande diferença entre ele e o pai: enquanto Dennis era um rufião brutamontes, o filho nada tinha de estúpido. Era esperto e manipulador, além de violento, brutal e sádico.

Vi-o empurrar a cabeça de um miúdo para dentro de uma sanita cheia de mijo, obrigar outro a comer lagartas; bater, humilhar, torturar – tanto física como mentalmente. Por vezes odiava-o. Outras vezes tinha medo dele. Por mais de uma ocasião teria sido capaz de o matar com toda a alegria.

E nunca fui uma das vítimas dele. Era um dos seus amigos.



O cabelo loiro está mais ralo, as feições outrora vincadas suavizaram-se, disfarçadas pela idade e por uma vida farta. Traz vestido um pólo, calças de ganga azul-escuras e uns ténis demasiado brancos. Tal como acontece com muitos homens de meia-idade, as roupas desportivas nele são uma contradição.

Parece um pouco desconfortável, habituado como está a pavonear-se de fato e gravata. E tem um ar cansado. O bronzeado dos dois períodos anuais de férias não consegue disfarçar os círculos escuros sob os olhos azuis nem a flacidez da pele, de tal modo as preocupações parecem arrancar dos ossos.

Mas isto não me faz sentir melhor. Ao longo dos anos, desejei muitas coisas terríveis a Stephen Hurst. E agora a mulher dele está a morrer e não sinto qualquer satisfação. Talvez eu seja um homem melhor do que pensava. Ou talvez signifique o contrário. Que não é horrível o suficiente. Talvez o significado seja o de sempre, que a vida é injusta. Não devia ser Marie a ser comida com lentidão por dentro por um cancro. Devia ser Hurst. Diria que era a prova de que o diabo protege os seus, isto se eu não suspeitasse que Hurst é o diabo em pessoa.

Sentamo-nos frente a frente à mesa pequena e desengonçada e observamo-nos. Já bebi metade da minha *Guinness*. Ele mal tocou no uísque.

– Então o que te traz de volta a Arnhill? – pergunta.

– Um emprego.

– Tão simples como isso, é?

– Exacto.
– Devo dizer que és a última pessoa que eu esperava ver regressar.
– Bem, as coisas nunca correm como nós as imaginamos em garotos, pois não?

Baixa os olhos.

– Como vai a perna?
Típico de Hurst. Directo ao ponto mais fraco.
– De vez em quando incomoda-me. Como muitas outras coisas.
Lança-me um olhar sagaz. Apesar da atitude amistosa, consigo entrever uma luz fria naqueles olhos.

– Qual foi a verdadeira razão para teres voltado?
– Já te disse, foi um emprego.
– Há empregos a aparecer a toda a hora e por todo o lado.
– Este pareceu-me interessante.
– Tens jeito para fazer más escolhas.
– Tenho de ser bom em qualquer coisa.
Sorri. Um sorriso de uma brancura pouco natural. Totalmente falso.
– Se Harry me tivesse dito que te estava a entrevistar, não tinhas ficado com o emprego. Arnhill é uma terra pequena. As pessoas de cá cuidam umas das outras. Não gostam de estranhos que venham causar problemas.
– Em primeiro lugar, não sou um estranho e, em segundo lugar, não sei que problema terei causado.
– O facto de cá estares já é um problema.
– Tens a consciência pesada? Não, espera, isso implicaria que *tivesses* consciência.

Vejo que muda de posição. Só um pouco. Um gesto reflexo. Apetece-lhe dar-me um murro na cara, mas domina-se. A custo.

– O que aqui se passou já foi há muito tempo. Ainda não é altura de pores isso para trás das costas?

Pôr isso para trás das costas. Como se fosse uma brincadeira de miúdos da escola ou uma primeira paixoneta. Sinto a raiva a crescer dentro de mim.

– E se tiver acontecido outra vez?
O rosto dele permanece impenetrável. Talvez seja melhor do que eu a fazer *bluff*.
– Não sei o que queres dizer.
– Estou a falar de Benjamin Morton.
– A mãe dele andava em baixo. Sofreu uma depressão. É preocupante, este

género de pessoas que se tornam professores, não te parece?

Não mordo o anzol.

– Ouvi dizer que Ben desapareceu pouco antes de ter sido morto.

– Por vezes os miúdos fogem.

– E desaparecem vinte e quatro horas? Como disseste, Arnhill não é uma terra grande. Onde esteve ele?

– Não faço ideia.

– Os miúdos continuam a brincar na mina velha?

Há uma cintilação nos seus olhos. Inclina-se para a frente.

– Sei o que estás a insinuar. Mas estás enganado. Não é nada como...

Interrompe-se quando um velho de farta cabeleira branca e calças castanhas espalhafatosas passa por nós e ergue um braço:

– Tudo bem, Steve?

– Vamos indo. Amanhã à noite vens para o concurso?

– Alguém tem de te dar outra ensaboadela.

Riem ambos. O homem afasta-se em direcção a outra mesa. Stephen vira-se de novo para mim. O sorriso desaparece, como se alguém desligasse um interruptor.

– Tenho a certeza de que um homem com as tuas credenciais consegue arranjar emprego num lugar melhor do que este buraco de merda. Faz um favor a ti mesmo. Vaite embora, antes que aconteça mais alguma coisa desagradável.

– *Mais* uma coisa desagradável?

Portanto, ele sabe do acto de vandalismo.

– Diz-me – pergunto. – O teu filho tem uma motorizada?

– Não metas o meu filho nisto.

– Bem gostava, mas parece que ele tem o hábito *desagradável* de atirar tijolos contra a minha janela.

– Isso é uma calúnia.

– Pensei que fosse um acto criminoso.

– Creio que já acabámos.

E começa a puxar a cadeira para trás.

– Lamento pela Marie.

Algo se transforma na sua expressão. Treme-lhe o lábio. Semicerra um olho. De repente, parece um velho. E por uma ínfima fracção de segundo tenho pena dele.

– Deve ser duro, vocês estão casados há muito tempo.

– Estás com ciúmes?

– De facto, sinto-me desapontado. Sempre pensei que Marie abandonasse este lugar. Ela tinha aspirações.

– Tinha-me a *mim*.

Pela maneira como fala, parece mais um fardo do que uma razão.

– E foi só isso?

– Que mais poderia ser? Estávamos apaixonados. Casámos.

– E foram muito felizes?

– *Somos* felizes. Talvez para ti seja difícil compreender. Tivemos uma vida boa aqui. Tivemos o Jeremy. Temos uma casa grande, dois automóveis e uma moradia em Portugal.

– Que maravilha.

– Podes crer. E ninguém, em especial nenhum professorzeco de terceira ordem de uma escola de merda, é capaz de estragar isso.

– Pensei que o cancro já o tinha feito.

– Marie é uma lutadora.

– A minha mãe também era. Mesmo até ao fim.

Mas não é verdade. No fim, deixou de lutar. Apenas gritava. O cancro que lhe começou nos pulmões, alimentado pelo hábito de fumar vinte *Benson & Hedges* por dia, alastrou para o fígado, para os rins, para os ossos, invadiu tudo. Nem a morfina anestesiava as dores, pelo menos nem sempre. Gritava porque estava em sofrimento e, nos poucos momentos de alívio, gritava por ter medo de sucumbir à única coisa que lhe poderia aliviar as dores para sempre.

– Pois sim, mas isto é diferente. Marie vai vencer o cancro. E aqueles médicos idiotas do Serviço Nacional de Saúde, alguns deles mal têm idade para fazer a barba, não sabem tudo.

Fita-me com os olhos azuis faiscantes, as maçãs do rosto muito vermelhas e a saliva a acumular-se nas comissuras dos lábios.

– Disseram que ela estava a morrer, não foi?

– *Não!*

Desfere uma palmada no tampo da mesa. As bebidas saltam. Eu também salto.

– Marie *não* vai morrer. *Não* vou deixar que isso aconteça.

Desta vez toda a gente se cala mesmo e o *pub* mergulha em silêncio; o ar parece ter parado. Todos os olhares se fixam em nós. Hurst também o deve sentir. Ao cabo de um momento, um momento muito prolongado durante o

qual espero ouvi-lo soltar um rugido, atira a mesa de pantanas, deita-me as mãos ao pescoço, olha em redor, recompõe-se e levanta-se.

– Agradeço a tua preocupação mas, tal como a tua presença aqui, é desnecessária.

Fico a vê-lo sair, e é nesse momento que me sinto avassalado por uma onda de apreensão, como uma vertigem que me cava por dentro um buraco no estômago e me mina a força dos ossos.

Não vou deixar que isso aconteça.

Está a acontecer outra vez.



Depois de Hurst sair acabo a minha cerveja, mais como um gesto de afirmação do que pelo desejo de beber mais ou de permanecer no *pub*, e sigo a pé para casa. A perna não me agradece. Diz que sou um sádico e um parvalhão estúpido, que devia engolir o orgulho e usar a maldita bengala. E tem razão. A meio caminho, paro para inspirar fundo e massajar a perna inchada e torta.

São quase nove horas, e a luz do dia é escassa. O céu está de um cinzento-sujo, e a Lua é um fantasma nu e pálido que se esconde por detrás da cortina agitada das nuvens.

Apercebo-me de que estou perto da mina abandonada. Os restos do minério erguem-se atrás de mim, em montes escuros de pedaços vítreos que se assemelham a dragões adormecidos.

A área da mina é enorme. Perto de oito quilómetros quadrados. Deste lado, a vedação é nova, bem como o portão pesado, fechado a cadeado. Num letreiro pode ler-se: PARQUE RURAL DE ARNHILL. ABERTURA PREVISTA PARA JUNHO.

Considerando que estamos em Setembro, o anúncio é pelo menos optimista, para não dizer mais. Já quando eu era miúdo havia projectos para reaproveitamento da zona. E os antigos poços e túneis deviam ter sido entulhados quando a mina foi fechada. Mas correu o boato de que a operação tinha sido demasiado rápida. Que tinham atalhado caminho. Que os planos não tinham sido rigorosamente respeitados. Que havia aluimentos. Buracos mal tapados. Lembro-me de ouvir falar num tipo que passeava o cão e quase foi engolido por um desses buracos.

Esta noite, toda a zona exhibe um aspecto lúgubre e devastado. Um lugar morto e desolado. A meio de uma das encostas está uma escavadora que parece abandonada, cuja visão ainda me provoca arrepios na coluna.
Escavar a terra, perturbar as coisas.

Viro-me e retomo a minha marcha irregular e vagarosa. Ouço um ruído atrás de mim. Um automóvel aproxima-se pela estrada. Não vem demasiado depressa, para variar. De facto, parece arrastar-se. Viro-me para olhar. Os faróis encandeiam-me. Traz os máximos ligados. Levanto a mão para proteger os olhos. Mas que raio é isto?

Até que percebo. O automóvel encosta e ouço uma voz perguntar:

– Tudo bem, companheiro?

O *Penteado Idiota* está sentado no *Cortina* estafado, ao lado do companheiro entroncado, que segue ao volante. A estrada está deserta. Não se vê mais nenhum automóvel. Nenhuma casa. A moradia ainda dista uns quatrocentos metros. São dois dentro de um carro e não tenho nada que possa usar como arma, nem uma maldita bengala.

Procuro falar em voz calma.

– Estou bem, obrigado.

– Quer uma boleia?

– Não, estou bem.

E continuo a avançar em passos irregulares. Ouço o ranger das engrenagens e o automóvel avança ao meu lado.

– Está a coxear, companheiro. Devia entrar.

– Já disse que não, obrigado.

– E eu estou a dizer para entrar.

– Não creio que possa pagar o preço que cobra.

O automóvel guincha numa paragem brusca. *Joe estúpido. Mesmo estúpido.* Às vezes parece que a minha boca está desejosa de uma briga. Ou talvez queira apenas apressar o que de qualquer modo vai acontecer.

As portas abrem-se e ambos se apeiam. Podia tentar correr, mas seria inútil, além de patético. Contudo, não me importo de implorar:

– Ouça, foi uma piada, companheiro. A única coisa que quero é chegar a casa.

O *Penteado Idiota* dá um passo na minha direcção.

– O seu lugar não é aqui. Ninguém o quer cá.

– Está bem, percebi a mensagem.

– Não, não percebeu. Foi por isso quem ele nos mandou.

A vida tem destas inevitabilidades. Como disse, não se trata do destino, mas de uma sequência de acontecimentos impossíveis de evitar. Um instante antes de a primeira pancada me atingir no rosto, percebo até que ponto fui estúpido. *Foi ele quem nos mandou.* Estes tipos são lacaios de

Hurst. Foi por isso que se afastaram como cachorrinhos obedientes quando ele entrou no *pub*. Depois, como eu não desisti, ele mandou-os no meu encalço. O mesmo de sempre, penso, no momento em que outro soco me obriga a dobrar e a cair de joelhos.

Enrolo-me numa bola e levo um pontapé nas costelas que as faz ferver de dor. Protejo a cabeça com os braços. Infelizmente, já antes estive nesta posição. Se pudesse falar, o que não posso porque tento preservar os dentes, diria àqueles bandidos que já tinha levado uma tarefa maior de sequazes contratados mais musculosos do que eles. Que no plano dos espancamentos faziam parte de um campeonato de categoria inferior. Um pontapé atinge-me as costas. A minha coluna parece em fogo. Deixo escapar um grito. Por outro lado, até os amadores têm sorte. Duvido que Hurst lhes tenha dado ordem para me matarem, mas a linha de separação é ténue. Tão ténue que não sei se estes imbecis são capazes de lhe apreender as subtilezas.

Uma bota entra em contacto com a minha têmpora. O crânio parece explodir e perco por momentos a visão. Nesse momento, ouço qualquer coisa ao longe. Um grito, um berro? Apercebo-me das pragas abafadas, de um grito de dor que desta vez não foi meu. E para meu grande espanto, chega-me aos ouvidos o som de portas que batem e o ronco de um motor em aceleração. Gostaria de me sentir aliviado, mas as dores são muitas e mal consigo manter-me consciente.

Deixo-me ficar estendido no chão áspero e frio, e todo o meu corpo é uma massa em sofrimento. Custa-me respirar, quanto mais mexer-me. Sinto na cabeça um entorpecimento inquietante. Além da vaga impressão de que não estou ali estatelado sozinho.

Sinto movimento de um lado. Não sei se à direita se à esquerda. Alguém me toca no braço. Procuro concentrar-me no rosto que se debruça sobre o meu e cujos contornos tão depressa aparecem como desaparecem. Cabelos loiros. Lábios vermelhos. E a última coisa de que me apercebo, antes de a escuridão me envolver, é que tenho a esperança de estar a morrer.

Porque a alternativa é muito pior.

Capítulo 11

O ranger de sapatos de sola de borracha sobre o linóleo brilhante. O cheiro a couves, a desinfetante e a qualquer coisa mais que o desinfetante não consegue mascarar: fezes e morte.

Se isto é o céu, cheira bastante mal. Entreabro um olho.

– Ah, já está de regresso à terra dos vivos.

Uma imagem define-se à minha frente. Uma mulher vestida com uma bata de médica. Alta e magra, cabelos loiros cortados curtos e um rosto vigoroso.

– Sabe onde está?

Olho para a fina cortina azul que rodeia a cama, para as enfermeiras exaustas que ao fundo se deslocam em passos rápidos, para os gritos e gemidos à minha volta... e arrisco.

– No hospital?

– Boa.

Aproxima-se e acende uma lanterna para me examinar os olhos. Pestanejo e tento desviar-me quando uma nova onda de dor desperta a um canto do meu cérebro dolorido.

– Ora muito bem. – O hálito dela chega-me ao nariz. Café e hortelã-pimenta. Agarra-me a cabeça e move-a de um lado para o outro. – É capaz de me dizer o seu nome?

– Joe Thorne.

– E a data, Joe?

– Ehhh... 6 de Setembro de 2017.

– Boa. E agora a data do seu nascimento?

– Treze de Abril de 1977.

– Boa.

Afasta-se. Sorri. Um sorriso que nada tem de natural. Tem o ar de quem passa muito tempo a ser eficiente e o resto do tempo a dormir. Mas não o bastante.

– Recorda-se do que aconteceu?

– Eu... – O meu cérebro continua confuso e delicado nas extremidades. Se penso insistentemente, faz-me doer. – Ia para casa, de regresso do *pub* e...

O automóvel. Os rufiões de Hurst. E mais outra coisa qualquer. Calo-me.

– Não me lembro bem.

– Tinha estado a beber?

– Duas canecas de cerveja. – Desta vez é verdade. – Aconteceu tudo muito depressa.

– Está bem. É evidente que foi atacado, de maneira que a polícia há-de querer falar consigo.

Bestial.

– Acha que estou bem?

– Tem algumas costelas magoadas com gravidade e algumas contusões mais profundas na parte inferior do tronco.

– Está bem.

– Tem duas escoriações com mau aspecto e dois altos enormes na cabeça, mas por milagre não há fracturas e não revela sinais de concussão, mas gostaria que passasse cá esta noite, apenas para ficar sob observação.

Está a falar, mas não a escuto. De repente, acode-me à memória. O vulto debruçado sobre mim.

– Como vim aqui parar?

– Foi encontrado por uma boa samaritana. Uma mulher que ia a passar de automóvel. Viu-o caído no chão, parou e trouxe-o para cá. Teve muita sorte.

– Como era ela?

– Pequena, loira. Porquê?

– Ainda cá está?

– Sim. Na sala de espera.

Rodo as pernas para fora da cama.

– Tenho de sair daqui.

– Senhor Thorne, não me parece que seja sensato...

– Estou-me nas tintas para aquilo que você pensa que é ou não é sensato.

O rosto pálido e fatigado cora. Corre a cortina e afasta-se para o lado.

– Muito bem.

– Peço desculpa... eu...

– De nada. A decisão é sua.

– Não me vai impedir?

Esboça um sorriso cansado.

– Se está em condições de sair daqui pelo seu pé, não há muito mais que eu possa fazer.

– Prometo que tentarei não cair morto.

Encolhe os ombros.

– Só cá para nós, temos muitos lugares na morgue.



Vou à casa de banho e molho a cara. Não faz muito para lavar o sangue seco, mas faz-me sentir um pouco mais humano. Depois, avanço a coxear para o corredor. É um hospital grande, com inúmeras entradas e saídas. Viro as costas aos sinais que indicam a saída principal e dirijo-me para dentro, para o labirinto dos corredores cinzento-azulados. Por fim, vejo a indicação «Saída Norte». Serve.

Levo bastante tempo. As costelas magoadas queixam-se de cada vez que respiro. Nas costas, parece que alguém me espetou um ferro em brasa na base da coluna, e sinto uma dor de cabeça constante. Mesmo assim, podia ser pior. Ela podia ter-me encontrado.

Chego à «Saída Norte» e empurro as portas para as abrir. O ar frio da noite recebe-me com uma bofetada gélida. Depois do calor sufocante do hospital, o meu corpo é assaltado por uma convulsão de arrepios. Estaco por momentos, a esforçar-me por dominá-los e a inalar o ar frio em grandes haustos. Com as mãos trémulas, tiro do bolso o telemóvel. Preciso de chamar um táxi. Tenho de voltar à moradia antes de... e é nesse momento que a verdade me atinge com uma pancada surda.

Se ela está *cá*. Se esta noite seguia de automóvel por Arnhill Lane, então já sabe onde vivo.

Baixo o telefone quando ouço o ruído de um motor. Sei que é ela, mesmo antes de o elegante *Mercedes* prateado parar à minha frente e o vidro da janela descer.

Gloria sorri-me do assento do condutor.

– Joe, meu querido. Estás com um aspecto miserável. Entra. Eu levo-te a casa.



Há um momento, que a maioria dos viciados conhece, em que nos apercebemos de que o nosso vício, seja o álcool, a droga ou, no meu caso, o jogo, se tornou um problema concreto.

O meu momento de lucidez surgiu quando conheci Gloria. De facto, pode dizer-se que Gloria me salvou de mim próprio.

Até aí, andava a fingir que não passava de um entretenimento, de uma distracção. Apesar de ter perdido o emprego, os amigos, as poupanças, o

automóvel e quase todas as noites no engodo do pano verde e nos gestos rápidos e secos de baralhar e distribuir as cartas, tinha tudo controlado.

É curioso com as maiores trapaças são as que impingimos a nós mesmos.

Foram os meus avós que me ensinaram a jogar às cartas. Canasta, vinte-e-um, *Newmarket*, setes e, por fim, o póquer. Jogávamos a tostões, que guardavam num grande boião de vidro. Aos oito anos achava aquilo fascinante e viciante. Adorava os desenhos entrelaçados e baços do verso das cartas, os diferentes naipes, as figuras de dois rostos (ora estou em cima, ora estou em baixo), a gravidade austera dos Reis e das Rainhas e os Valetes um tanto sinistros e agarotados.

Adorava ver o meu avô dar as cartas, a distribuí-las com a rapidez de relâmpago com os dedos amarelos e calosos; dedos que pareciam ásperos e desajeitados e que se revelavam tão destros e ligeiros com um baralho de cartas.

Procurei copiar os modos de baralhar, de cortar, a ligeireza da mão. Alguns dos meus momentos mais felizes de criança foram vividos sentado àquela mesa de fórmica lascada na cozinha gordurenta, com um copo de *cola* sem gás à minha frente, cerveja preta para o meu avô e cerveja branca cortada com lima para a minha avó, a olhar para as cartas enquanto no cinzeiro os cigarros ardiam até ao filtro.

Ensinei a Annie alguns desses jogos. Mas como a minha mãe e o meu pai nunca tinham tempo para jogar, não era a mesma coisa. Em geral são precisas pelo menos três pessoas, mas mesmo assim entretínhamo-nos nas tardes de chuva a jogar *Snap* ou a fazer paciências.

Depois do acidente deixei de jogar. Concentrei-me nos estudos. Resolvi ingressar num curso de formação de professores. Gostava de inglês e parecia-me um emprego decente (capaz mesmo de encher de orgulho a minha mãe) e uma parte de mim via nisso a possibilidade de fazer algo de bom. Ajudar as crianças e compensar os erros que eu tinha cometido quando era garoto.

Para minha surpresa, descobri que era um bom professor. Numa das escolas chegou mesmo a falar-se numa promoção a subdirector. Devia ter ficado feliz, ou pelo menos contente. Mas não fiquei. Faltava qualquer coisa. Havia dentro de mim um vazio que nada preenchia, nem o trabalho, nem os amigos, nem as namoradas. Em certos dias, a vida parecia-me irreal. Como se a realidade tivesse terminado no dia em que Annie morreu e depois disso não passasse de uma cópia de má qualidade.

Em dado momento do meu percurso, voltei a pegar nas cartas. Em geral encontrava conhecidos dispostos a jogar umas partidas no *pub*, depois do trabalho. Como os bêbedos, os jogadores descobrem-se uns aos outros. Mas dentro em pouco os jogos amigáveis, em que se apostavam quando muito cinco libras, já não me chegavam.

Conheci um tipo. Há sempre um tipo que muda a nossa perspectiva. Um demónio que surge junto ao nosso ombro. Certa noite, quando estava prestes a sair, já com uns copos no bucho, um dos frequentadores habituais, um tipo magro e macilento cujo nome nunca soube nem perguntei, puxou-me à parte e segredou-me:

– Apetece-lhe um jogo a sério?

Devia ter dito que não. Devia ter sorrido, dito que já era tarde e que dentro de algumas horas tinha de ir trabalhar, para já não falar nos montes de trabalhos de casa atrasados que tinha para corrigir. Devia ter-me lembrado que era um professor e não um ás das cartas. Conduzia um *Toyota*, comprava café no Costa e sanduíches no Marks & Spencers. O meu mundo era esse. Devia ter-me afastado, apanhado um táxi para casa e continuado com a minha vidinha do costume.

Era o que devia ter feito. Mas não fiz.

Perguntei:

– Onde?

Mais tarde, muito mais tarde, quando me dei conta de que tinha batido no fundo, quando as dívidas se começaram a acumular aos meus pés como granadas por explodir, quando já tinha vendido o *Toyota*, abandonado o emprego e batido inutilmente à porta de todos os que me podiam emprestar dinheiro, uma noite fui arrastado para a traseira de um camião, onde encontrei Gloria sentada e a sorrir com aquele sorriso misto de *majorette* e psicopata americana...

Foi quando disse:

– Não. Por favor, não!

Se hoje coxeio não é por causa do acidente de automóvel de há vinte e cinco anos, embora depois disso o tenha feito durante algum tempo. Mas esse problema já tinha passado e as cicatrizes há muito que tinham sarado quando Gloria encostou uma unha pintada de cor-de-rosa aos meus lábios e sussurrou com doçura:

– Não implores, Joe, não suporto um homem que implora.

Deixei de implorar. E comecei a gritar.

Bate com as unhas no volante – esta noite são de um vermelho-brilhante. Na estereofonia berram os Human League.

Cada átomo se encarquilha de terror. Além de magoar as pessoas, aquilo de que Gloria mais gosta é de música dos anos de 1980. Não consigo ouvir Cindy Lauper sem correr para a casa de banho e vomitar. As noites dos anos 80 são pura negação.

– Como me encontraste?

– Tenho os meus métodos.

Sinto que o coração me pára.

– Não foi o Brendan?

– Oh, não, o Brendan está óptimo. – Olha-me como se me repreendesse. – Não ando por aí a magoar pessoas sem motivo. Nem mesmo a ti.

Sinto-me aliviado e demasiado grato. Até que me lembro de uma coisa:

– Então e os outros dois? Aqueles que me atacaram?

– Ah, o *Idiota* e o *Imbecil*. Um ombro deslocado e um nariz partido. E tive cuidado. Não foi preciso muito para fugirem a sete pés.

Não, também me parece. Aposto que não. Gloria pode ter o aspecto delicado de uma boneca de porcelana. Mas a única boneca com quem tem algo em comum é o *Chucky*. Corre o boato de que foi ginasta em criança e que depois se especializou em artes marciais. Foi proibida de competir depois de ter posto uma adversária em coma. A mulher é veloz e forte e conhece todos os pontos vulneráveis do corpo humano. Alguns que nem os anatomistas ainda descobriram.

Olha para mim.

– Se eu não tivesse aparecido, eles tinham dado cabo de ti.

– E tinham-te poupado o trabalho.

Emite um grunhido de impaciência.

– Morto não me serves de nada. Os mortos não pagam dívidas.

– É tranquilizador.

– E o *Gordo* continua a querer o dinheiro.

– As pessoas chamam-lhe mesmo isso ou é um nome que ele aproveitou de uma história aos quadradinhos?

Solta uma gargalhada rouca.

– Estás a ver, é o tipo de comentário que faz com que ele contrate pessoas como *eu* para te magoarem.

– Um tipo porreiro. Um dia destes tenho de o conhecer.

– Não aconselho.

– Estou a trabalhar para conseguir o dinheiro. Tenho um emprego novo.
– Joe, desculpa-me a franqueza, mas uns quantos chavos aqui e ali não resolvem o problema. São trinta mil. É isso que o *Gordo* quer.
– *Trinta?* Mas isso é muito mais...
– E para o mês que vem vai querer quarenta. Sabes como estas coisas são. Eu sei. Aceno.
– Tenho um plano.
– Estou a ouvir.
– Há cá um tipo que me quer fora da aldeia. E depressa.
– Por acaso não é o mesmo tipo que contratou aqueles bandidos para te espancarem?

– É.
– E agora vai dar-te uma pipa de massa?
– Sim.
– E por que razão vai ele mudar de opinião?
Por causa do que aconteceu. *Por causa do que ele fez.* Porque, como ele disse, tem aqui uma rica vida e eu posso dar cabo de tudo de um momento para o outro.

– Porque está em dívida para comigo. E porque não quer que eu lhe arranje sarilhos.

– Interessante. Quem é esse tipo?
– É vereador e um homem de negócios bem-sucedido.
Faz sinal para virar para a aldeia.
– Gosto de figuras públicas. Há tantas maneiras de lhes foder a vida, não te parece?

– Nunca pensei muito nisso.
– Oh, mas devias. São os mais fáceis de espremer. Os que têm mais a perder.

– Se assim fosse, eu devia ser inacessível.
– Bem, ninguém é. Mas a dor física é a mais fácil de sarar.
Neste preciso momento quase todas as partes do meu corpo gostariam de discordar, mas não respondo. Falar de sofrimento com Gloria é má ideia. É como levar um caçador furtivo para um safari.

Prosseguimos em silêncio um bocado. Gloria suspira.

– Gosto de ti, Joe...
– Tens uma maneira curiosa de o mostrar.
– Sinto aí uma ponta de sarcasmo.

– Deixaste-me aleijado.

– Na verdade, salvei-te de ficares aleijado. – Encosta defronte da casa e puxa o travão de mão. – O *Gordo* queria que eu desse cabo da tua perna sã. Vira-se e pousa com suavidade a mão sobre a minha coxa.

– Felizmente para ti, a mulherzinha pateta de Manchester confundiu as coisas.

Olho para ela:

– Queres que te agradeça?

Sorri de novo. Seria um sorriso lindo, se nele participassem os olhos azuis mortiços. Se os olhos são as janelas da alma, os de Gloria nada revelam além de salas vazias cobertas de lençóis manchados de sangue.

Faz deslizar a mão pela minha coxa, até ao joelho. Aí, aperta com força. Para uma mulher tão pequena, tem um aperto poderoso. Noutras circunstâncias até podia ser agradável. Neste momento, suga-me todo o ar do diafragma. Estou demasiado dorido até para gritar. Quando julgo que vou desmaiar, ela larga-me. Inclino-me para trás no assento, ofegante.

– Não quero que me agradeças. Quero que arranjes as trinta mil, pois da próxima vez não serei tão compreensiva.

Capítulo 12

– Não me diga – diz Beth. – Posso ver o cilindro?

Tento erguer uma sobancelha. Dói-me. Esta manhã, tudo me dói. O único consolo é que isso torna a dor na perna mais tolerável, por comparação.

– Muito engraçado. – Sento-me à mesa do refeitório, ao lado dela. – Desculpe-me por não rir, mas tenho medo de rebentar qualquer coisa.

Olha-me com um pouco mais de compaixão. Ou é isso, ou tem qualquer coisa entalada na garganta.

– O que aconteceu?

– Caí pela escada.

– Foi mesmo?

– Os degraus são muito íngremes.

– Pois.

– É fácil tropeçar.

– Uh-huh.

– Até parece que não acredita.

Encolhe os ombros.

– Pensei que tinha chateado mais alguém.

– Tem-me em pouca consideração.

– Não. Tenho grande consideração pela sua capacidade de ser irritante.

Solto uma risada. Como já esperava, é dolorosa.

– Bem – diz ela –, pelo menos consegue rir-se disso.

– Mais ou menos.

A sua expressão suaviza-se.

– A sério, sente-se bem? Se quiser falar sobre alguma coisa...

Antes que tenha tempo de responder, sinto um bafo de mau hálito à mistura com loção de barba barata. Tusso e empurro a minha sanduíche para o lado. Para ser sincero, nem tinha muita fome.

– Joey, meu.

Tinha julgado que não o conseguiria odiar ainda mais, mas a adição de «ey» no fim do meu nome acaba de tornar isso possível.

Simon puxa uma cadeira e senta-se. Hoje traz vestida uma *T-shirt Magic*

Roundabout e calças de bombazina de cor castanho-avermelhada. *Castanho-avermelhada*.

– Uau, o que lhe aconteceu à cara, homem? Ou devo ver como ficou o outro tipo?

– De facto ele tem os nós dos dedos esfolados – acrescenta pressurosamente Beth.

Simon solta uma gargalhada amorfa. Percebo que não gosta de mulheres inteligentes e divertidas. Fazem-no sentir-se inferior. E com razão. Além disso, a minha cara não se safou mal. Apenas um olho negro e um lábio gretado.

– Caí na escada – digo.

– Foi mesmo? – Sacode a cabeça. – Pensei que tivesse alguma coisa a ver com Stephen Hurst.

Olho para ele.

– O quê?

– Vi-os a conversar no *pub*, na noite passada.

– Estava lá?

– Fui só beber uma caneca em sossego.

E para me espiar. A ideia ocorre-me de repente. Paranóico. Talvez. Mas por que razão não veio falar comigo?

– Não quis interromper – diz ele.

Sou capaz de reconhecer uma mentira ensaiada.

– O que conversar com Stephen Hurst tem a ver com o resto? – pergunto em tom inocente. Se vamos brincar às mentiras, aposto que ganho.

Simon sorri. Preferia que o não tivesse feito.

– Bem, aqui entre nós, que ninguém nos ouve... Stephen Hurst pode dar a impressão de ser um vereador respeitável, mas corre o boato de que não é avesso a utilizar métodos menos profissionais quando as pessoas o provocam.

– E isso quer dizer?

– Quer dizer – adianta Beth – que Jeremy Hurst teve uma desavença com o nosso último orientador da disciplina de Inglês. Antes de se demitir teve um encontro com os punhos de alguém quando ia a caminho de casa.

Olha para mim e percebo que ela sabe. Percebeu desde que me sentei com esforço.

– Não deve dar atenção a boatos – digo sem emoção.

– Essa é boa – diz Simon, a desembrulhar ruidosamente a sanduíche de

frango e a dar-lhe uma dentada não menos ruidosa. Aposto que também faz barulho a dormir.

– Faz-me lembrar... – diz com a boca cheia – recorda-se de Carol Webster?

– Perdão?

– Da Stockford Academy. Era subdirectora.

Procuro manter-me impassível, mas o meu coração acelera como um corredor à vista da linha da meta. Com a diferença de que não me agrada o rumo que a estrada leva.

– Creio que não.

Na verdade, lembro-me. Era uma mulher grande e gorda, com uma imensa juba escura encaracolada e uma cara que parecia sempre desapontada, fosse consigo mesma, com a escola ou com o mundo em geral, isso nunca percebi.

– Continuamos em contacto pelo Facebook.

É claro que estão, digo para comigo. O Facebook é o lugar onde as pessoas que não têm amigos verdadeiros na vida real se mantêm em contacto com pessoas com as quais não gostariam de travar amizade na vida real.

– Isso é interessante.

– Ela lembra-se de si, ou melhor, lembra-se de se ter vindo embora.

– Ah sim?

– Foi mais ou menos na mesma altura em que desapareceu o dinheiro do cofre da escola.

Olho-o.

– Parece-me que não conhece os factos. Ouvi dizer que o dinheiro foi devolvido.

Finge coçar o queixo.

– Ah, sim. Creio que foi por isso que a polícia nunca se envolveu no caso. Foram mais ou menos silenciados.

Beth olha para Simon.

– Está a acusar o senhor Thorne de qualquer coisa? A sua subtileza é comparável à de um tanque de guerra.

Simon ergue as mãos num falso gesto de rendição.

– Oh, não! De maneira nenhuma. Só estou a dizer que é por isso que ela se recorda dele. Da coincidência no tempo. Por falar em tempo – olha para o relógio –, tenho de ir ver um miúdo que ficou de castigo. – Levanta-se e agarra na sanduíche. – Até logo.

– Até logo – respondo.

– Não sem antes nos vacinarmos – resmunga Beth entredentes e com um

sorriso agradável.

Fico a olhar para as costas de Simon, que se afasta, a desejar que uma cratera se abra de repente sob os seus pés, que o tecto lhe desabe em cima ou que se verifique um caso de combustão humana espontânea.

– Não deixe que ele o provoque – aconselha Beth.

– Não consegui.

– Uma ova. Como professor, Simon é uma desgraça, mas é muito bom a insinuar-se sob a pele das pessoas. Se tiver um calcanhar-de-Aquiles ele há-de descobri-lo e abocanhá-lo como um *terrier* faminto.

– Muito agradecido pela imagem mental.

– Não tem de quê. – Mete na boca um pedaço de massa. – Não é verdade, pois não?

– O quê?

– Que palmou o dinheiro da última escola onde esteve?

– Não.

Pensei em fazê-lo. Desci mesmo muito baixo. Mas quando a ocasião se apresentou, não consegui.

Porque alguém lá tinha chegado primeiro.

– Peço desculpa. Nem devia ter perguntado.

– Não faz mal.

– Quero dizer, sei que Harry estava desesperado por encontrar um professor de Inglês. Convenhamos que o lugar é mais ou menos um presente envenenado...

– Esqueça isso, já disse.

– ... mas nem mesmo Harry...

– *Esqueça!*

O tom foi brusco. Beth olha para mim. Não quero afugentar a única aliada que tenho aqui.

– Peço desculpa – digo. – Estou cheio de dores e...

– Não, não tem importância. – Abana a cabeça, a arrancar cintilações aos brincos de prata. – Por vezes não sei quando me devo calar.

– Não é que...

O telefone zumbe no meu bolso. Gostaria de fingir que não ouvi. Mas insiste, e pode ser que seja Gloria. Na noite passada deixou bem claro que não está disposta a deixar-se ignorar.

– Peço desculpa – repito. – Tenho de...

– Vá lá.

Tiro o telefone do bolso e olho para o ecrã. Não é Gloria. Fico a olhar para a mensagem de texto e é como se me espetassem na pele um milhão de forquilha minúsculas, geladas.

– Algum problema?

Sim.

– Não. – Volto a meter o telefone no bolso. – Acabo de me lembrar que tenho onde ir.

– Agora?

– Imediatamente.

– Tem uma aula daqui a meia hora.

– Volto a tempo.

– Ainda bem, fortalhão.

Atiro o casaco pelas costas com uma careta de dor.

– Encontramo-nos mais tarde.

– Veja onde põe os pés.

Franzo a testa.

– Porquê?

Franze uma sobrancelha.

– Não quer voltar a cair pela escada abaixo, pois não?

Capítulo 13

St. Jude é um edifício pequeno incrustado de fuligem que se parece mais com uma guarita de sentinela em mau estado do que com uma igreja de aldeia. Não tem pináculo, apenas um telhado abaulado onde faltam telhas e que apresenta buracos aqui e ali. As janelas estão protegidas por grades e, a porta, entaipada. Os únicos fiéis que se sentam nos bancos corridos e nas vigas que suportam o telhado são os corvos e os pombos.

Empurro a cancela e sigo pelo carreiro rasgado entre as ervas. O cemitério também está abandonado. Há muito tempo que ninguém lá é sepultado. A minha irmã e os meus pais foram cremados no grande crematório de Mansfield.

As pedras tumulares ou estão rachadas ou faltam-lhes pedaços, as inscrições foram apagadas pelas intempéries e pela passagem do tempo, algumas desapareceram. As raízes das árvores derrubaram algumas das tumbas mais antigas, agora invadidas pelas ervas daninhas.

Esforçamo-nos tanto para deixar a nossa marca na terra. Para deixar algo de nós mesmos. Mas no fim, até essas marcas são transitórias, impermanentes. Não podemos lutar contra o tempo. É como correr para cima numa escada rolante que desce cada vez mais depressa. O tempo está sempre em movimento, sempre ocupado a limpar o que deixa para trás, a retirar os restos do velho e a varrer para lá o novo.

Contorno vagarosamente a igreja, em direcção às traseiras. O terreno eleva-se um pouco; há menos pedras tumulares. Estaco e olho em volta. Por momentos não o vejo. Talvez se tenha ido embora. Talvez a mensagem fosse apenas... até que o localizo, à espera, no extremo mais distante do cemitério. Meio escondido, encoberto pela hera e pelas trepadeiras.

O *Anjo*. Não é um monumento à memória de ninguém, nem faz parte de nenhum túmulo. Ao que parece foi lá colocado durante a era vitoriana pelos proprietários da mina. Há quem diga que foi depois de as duas gémeas da família terem morrido ainda crianças, mas a campa já foi aberta (por qualquer razão relacionada com a preocupação da igreja por não estar assinalada) e não encontraram lá quaisquer restos humanos.

Ninguém sabe ao certo de onde veio, nem para que fim. Hoje em dia, nem se parece muito com um anjo. Os braços estão reduzidos a cotos partidos e falta-lhe a cabeça. A estátua está um pouco inclinada, insegura sobre os pés de pedra. As vestes outrora graciosas e flutuantes estão cobertas por uma camada de musgo, como se a natureza resolvesse envolvê-la com uma camada suplementar para lhe conservar quentes os braços de pedra.

Baixo-me – uma onda de dor faz-me perceber que tenho de tomar mais analgésicos – e afasto o musgo e as ervas que cobrem a base. A inscrição está um pouco apagada, mas ainda é legível.

E Jesus disse: Deixai as crianças e não as impeçais de vir ter comigo, pois delas é o Reino do Céu.

Volto a olhar para mensagem que tenho no telefone:

Sufoquem as criancinhas. Fodam-nas. Que descansem em pedaços.

Há muitos anos, um bando de adolescentes cobriu o *Anjo* de *graffiti*. Os mesmos que pegaram numa pá e lhe deceparam a cabeça e as mãos, que o decapitaram e mutilaram. Não houve qualquer motivo para o atentado. Apenas vandalismo inconsciente, estimulado pela cidra barata e pela fanfarronice da adolescência.

As mutilações e as latas de *spray* foram ideia de Hurst. Mas as palavras, envergonho-me de dizê-lo, foram minhas. Naquele momento, com a bexiga a rebentar de bebida e a ouvir as palavras de incitamento do resto do bando, tive orgulho na minha pessoa.

Mais tarde, dobrado sobre a sanita, a vomitar a bÍlis e a vergonha, senti-me um monte de merda. Não era religioso, ninguém na minha família era, mas tinha consciência de que o que tínhamos feito era errado.

Vinte e cinco anos depois ainda me sinto mal ao recordar. É curioso como as boas recordações são esquivas como borboletas: frágeis, incertas, impossíveis de agarrar sem as esmagar. Mas as más – como a culpa e a vergonha –, essas permanecem, como parasitas que nos comem em silêncio por dentro.

Éramos quatro nesse dia: Hurst, eu, Fletch e Chris. Marie não estava. Andava cada vez mais na companhia do nosso bando – para grande irritação de Fletch, que se sentia ofendido por haver uma rapariga entre nós –, mas nem sempre. Contudo, Hurst deve ter-lhe falado no assunto. E na escola os boatos espalham-se depressa. O facto de sermos os únicos naquele dia não queria dizer que mais ninguém soubesse.

O que implica que, *quem quer* que me tenha enviado a mensagem devia

andar connosco na escola. Terá sido a mesma pessoa que enviou a mensagem de correio electrónico? Tentei chamar o número. Foi para o atendedor de chamadas. Enviei uma mensagem. Não espero resposta. Não creio que quem enviou a mensagem deseje ter uma conversa. Queriam que eu viesse aqui. Mas para quê?

Endireito-me e olho para o anjo sem cabeça. Recusa-se liminarmente a providenciar-me qualquer iluminação divina. Pergunto-me o que será feito da cabeça e das mãos. É possível que a igreja as tenha guardado, ou então é algum tarado que as conserva como recordação sob as tábuas do soalho. Sempre é melhor do que uma cabeça verdadeira, acho eu.

Há qualquer coisa que me está a escapar. Qualquer coisa óbvia. Atento na inclinação bizarra do *Anjo*. E é então que me ocorre. Rodeio a estátua para o lado de trás e volto a acocorar-me.

No sítio onde as raízes das trepadeiras começaram a arrancá-la do solo há um espaço vazio. Um recesso na terra húmida. E alguém meteu qualquer coisa lá dentro. Estico a mão, com uma careta por causa da terra fria e húmida. Está lá dentro um embrulho, enrolado em plástico. Preciso de dois puxões para o retirar, sacudo a terra e algumas lesmas e raízes. Examino o pacote, a revirá-lo entre os dedos: tem as dimensões de uma folha A4, com metade da espessura de um livro brochado de tamanho médio. Está embrulhado num saco de plástico para lixo, preso com fita isoladora. Vou precisar de uma tesoura para o abrir. O que significa que tenho de voltar à escola.

Guardo o pacote dentro da sacola (com um bloco de apontamentos e alguns exercícios que devia estar a corrigir). Aperto a fivela, levanto-me e circundo a igreja em passo mais acelerado. Estou quase a chegar à cancela quando me dou conta de que não estou sozinho. Está um vulto sentado no único banco do adro, debaixo de um velho sicómoro. Um vulto magro e corcovado que me é familiar. O coração cai-me aos pés. Agora não. Preciso de voltar para a escola. Tenho de abrir o pacote. Não me apetece brincar ao professor preocupado nem ao bom samaritano.

Nesse momento, outra parte de mim, aquela parte irritante que se está borrifando para os miúdos e que fez de mim um professor, leva a melhor.

Dirijo-me para o banco.

– Marcus?

Sobressaltado, levanta a cabeça e estremece, surpreendido. A reacção de alguém que só espera pancadas ou insultos.

– O que estás aqui a fazer? – pergunto.

Agita-se no banco, atrapalhado e muito vermelho.

– Nada.

– É isso mesmo.

Aguardo. Por vezes é o que se tem de fazer. Não se deve forçar os miúdos a contarem-nos coisas. Espera-se que tomem a iniciativa.

Suspira.

– Vim para aqui comer o almoço.

Estive quase a perguntar-lhe porquê, mas seria uma pergunta estúpida. Por que Ruth Moore almoçava todos os dias na paragem de autocarro que ficava em frente da escola? Porque era mais seguro. Para se esconder dos rufiões. Antes uma paragem de autocarro a cheirar a mijo ou um banco húmido de cemitério do que a humilhação ritual do refeitório e do recreio.

– Vai moer-me o juízo por estar fora da escola? – pergunta Marcus.

Sento-me ao lado dele, a disfarçar uma careta por causa da dor nas costas.

– Não, mas tenho curiosidade em saber como conseguiste passar pela segurança do portão.

– Como se eu lhe fosse dizer.

– Marcaste um ponto. – Relanceio os olhos em redor. – Não encontras outro lugar melhor para estar?

– Em Arnhill, não.

Outro ponto.

– Estás aqui para fugir ao Hurst?

– O que lhe parece?

– Olha...

– Se tenciona dar-me algum sermão sobre como devo opor-me a Hurst porque os rufiões nos respeitam quando lhes fazemos frente, então bem pode meter essa treta na merda da sacola, ao lado do exemplar do *Guardian*.

Olha-me com uma expressão de desafio. E tem razão. Os rufiões não nos respeitam por lhes fazermos frente. Limitam-se a bater com mais força. Porque são sempre mais numerosos. É uma simples questão de número.

Tento outra vez.

– Não é isso que te quero dizer, Marcus. Sei que é uma treta. O melhor que tens a fazer é manter a cabeça baixa, ficar longe de Hurst e safares-te o melhor possível. Não vais andar na escola para sempre, embora neste momento seja isso que te parece. Mas *podes* vir sempre falar comigo. Eu encarrego-me do Hurst. Posso garantir-te.

Olha-me um instante, na dúvida se é conversa fiada ou se pode confiar em mim. Pode ser uma coisa ou outra. Por fim, faz um ligeiro aceno de cabeça.

– Não sou só eu. Hurst implica com muitos miúdos. Toda a gente tem medo dele... mesmo os outros professores.

Recordo-me das palavras de Beth no *pub*. De Hurst fazer parte da turma de Julia Morton. E dos desaparecimentos de Ben.

– Então e a senhora Morton? No ano passado era a directora de turma dele, não era?

– Era, e não tinha medo dele. Era mais... como o senhor.

Tendo em conta que matou o filho e rebentou a sua cabeça, não sei se devo considerar isto um elogio.

– Conhecias Ben Morton?

– Não muito bem. Ainda frequentava o primeiro ano.

– E Hurst? Quero dizer, Hurst perseguia o Ben?

Abana a cabeça.

– Hurst não implicava com Ben. Ben era muito popular. Tinha colegas... – Calase, hesitante.

– Mas passava-se alguma coisa?

Olha-me de viés.

– Há muitos garotos mais novos que querem impressionar Hurst. Cair-lhe nas boas graças. Pertencer ao bando.

– E...?

– Hurst obrigava-os a fazer coisas... para os pôr à prova.

– Uma espécie de iniciação?

Confirma com um aceno de cabeça.

– Que género de coisas?

– Coisas estúpidas e arriscadas. É mesmo patético.

– Dentro das instalações da escola?

– Não. Hurst conhece um lugar... na antiga mina de carvão.

Sinto que o sangue se me gela nas veias.

– No terreno da mina? Ou é lá em *baixo*? Ele encontrou alguma coisa, galerias, grutas?

Sem querer, elevei a voz. O rapaz olha para mim.

– Eu não sei, está bem? Nunca quis fazer parte da merda do bando de Hurst.

Fui longe de mais. E ele *sabe*. Só que ainda não está preparado para revelar. De qualquer modo, já faço uma ideia. Para já, deixo passar. Podemos

voltar ao assunto noutra ocasião. Com garotos como Marcus há sempre outra ocasião. Hurst pode não mostrar preferências quanto a perseguir este ou aquele. Contudo, tal como os pais, também os rufiões têm os seus preferidos, ainda que não o reconheçam.

Volto a relancear os olhos pelo cemitério.

– Sabes, quando era miúdo por vezes vínhamos para aqui.

– Ah, sim?

– Sim... *vandalizávamos anjos...* bebíamos, fumávamos, essas coisas. Não te devia contar isto.

– Eu gosto de olhar para as campas antigas – diz ele. – Para os nomes das pessoas. Gosto de imaginar como seria a vida delas.

Breve, dura e miserável, imagino. Como era a vida da maioria das pessoas no século XIX. Temos tendência para romancear o passado, com os nossos dramas de época e as adaptações cinematográficas de aparência ilusória. Mais ou menos o que fazemos com a natureza. A natureza não é bela. A natureza é violenta, imprevisível e implacável. Comer ou ser comido. A natureza é isso. Por muito que a embrulhemos em Attenborough ou em Coldplay.

– Naquele tempo, a maior parte das pessoas tinha uma vida muito dura – digo para Marcus.

Acena com a cabeça, de súbito entusiasmado.

– Eu sei. Sabe qual era a esperança média de vida no século XIX?

Ergo as mãos.

– Inglês, não História.

– Quarenta e seis anos. Quando tinham sorte. E Arnhill era um povoado industrial. Os trabalhadores manuais das classes baixas morriam mais cedo. Infecções pulmonares, acidentes na mina e, é claro, as doenças do costume... varíola, febre tifóide e por aí adiante.

– Não era a melhor altura para nascer.

Pelos olhos dele perpassa um fulgor. Percebo que descobri o seu tema preferido.

– Isso é outro aspecto. Nos anos de 1800, as mulheres tinham em média oito ou dez filhos. Mas muitos morriam na infância, ou antes de chegarem à adolescência. – Faz uma pausa para me deixar digerir o assunto. – Alguma vez reparou em alguma coisa estranha neste lugar?

Olho em volta.

– Além dos mortos, queres dizer?

A expressão dele volta a fechar-se. Pensa que estou a fazer troça.

– Peço desculpa. Foi uma irreverência. Um mau hábito que tenho. Diz-me tu.

– O que falta no cemitério?

Relanceio o olhar em redor. Há aqui *qualquer coisa*. Qualquer coisa óbvia. Algo em que já devia ter reparado. Consigo senti-la algures na minha mente, mas não sou capaz de precisar o quê.

Abano a cabeça.

– Continua...

– Não há um único bebé ou pessoa nova que esteja aqui enterrada. – Olha-me com uma expressão triunfante. – Onde estão todas as crianças?

Capítulo 14

Quando tinha mais ou menos três anos, a minha irmã Annie perguntou-me:

– Onde estão os bonecos de neve?

Não foi uma pergunta ao acaso. Estávamos em Novembro e dois dias antes tinha nevado bastante. Todos os garotos da aldeia tinham corrido para a rua para atirar bolas de neve e para as amassarem em bonecos grotescos que em nada se pareciam com os bonecos de neve que se vêem nos filmes e nos postais de Natal. Os verdadeiros bonecos de neve nunca são assim. Em geral estão longe de serem redondos e a neve nunca é branca, misturada com lama, ervas e por vezes com merda de cão.

Seja como for, naquele fim-de-semana havia por toda a parte muitos bonecos de neve, toscos e tortos. Em todos os parques, jardins e quintais. Pela janela do quarto de Annie era possível ver alguns à frente das casas das outras pessoas. É claro que também tínhamos feito um, e embora fosse pequeno não tinha ficado muito mal. Tinha pedaços de carvão para fazer os olhos e a boca e um velho barrete meu de lã empoleirado na cabeça. Os braços, tinha-os feito com régua da escola, pois na nossa rua não havia árvores nem ramos.

Annie adorava o nosso boneco de neve, e de manhã acordava muito excitada e espreitava pela janela para ver se ele ainda lá estava. Até que ao terceiro dia a temperatura subiu, começou a chover, e durante a noite a neve e todos os bonecos desapareceram.

Annie correu para a janela e o seu rosto ensombrou-se à vista dos pedaços de carvão dispersos, dos chapéus encharcados e dos membros improvisados desfeitos.

– Onde estão os bonecos de neve?

– Bem, a neve derreteu-se – disse eu.

Lançou-me um olhar impaciente.

– Sim, mas onde estão os *bonecos de neve*? Para onde *foram*?

Não era capaz de perceber que quando a neve se derreteria os bonecos tinham derretido também. Para ela, eram coisas diferentes. Concretas,

sólidas, substanciais. *Bonecos de neve*. Uma vez criados não podiam desaparecer. Tinham de estar em *algum lado*.

Procurei explicar-lhe. Disse-lhe que podíamos fazer outro boneco quando voltasse a nevar. Mas ela limitou-se a dizer:

– Já não será o mesmo. Não vai ser o *meu* boneco de neve.

E tinha razão. Há coisas assim – únicas e transitórias. Podemos copiá-las, recriá-las, mas nunca as podemos fazer regressar. Não é a mesma coisa.

Só desejava que Annie não tivesse de morrer para que eu percebesse isso.



Sento-me no sofá, de sobretudo vestido, e com o misterioso pacote à minha frente, sobre a mesa de café. Não tive oportunidade para o abrir na escola. Quando regresssei já ia atrasado para a aula seguinte. Tive de aproveitar o intervalo para classificar os testes e quando acabei a única coisa que queria era sair do edifício.

Tive mesmo de recusar o convite para beber um copo de sexta-feira à noite no Fox, com Beth, Susan e James. Uma coisa de que já estou arrependido. Boa companhia e uma cerveja fresca num *pub* quente e acolhedor, mesmo que seja o Fox, parece-me de súbito uma opção melhor do que uma casa gelada sem televisão, onde tenho por única companhia os meus agitados e ruidosos companheiros da casa de banho.

Olho para o pacote. Pego na tesoura que encontrei no armário da cozinha e corto com cuidado o saco de plástico. Lá dentro encontro uma pasta de arquivo a abarrotar de papéis, presa com dois elásticos.

Escrita a esferográfica preta na frente da pasta, uma única palavra: Arnhill.

Estendo a mão para a bebida e engulo um grande trago.



Todas as aldeias, vilas e cidades têm uma história. Por vezes mais do que uma. Há a história oficial. Há a versão abreviada e seca que consta dos livros escolares e dos recenseamentos, repetida nas aulas palavra por palavra.

Mas, além dessa, há a história passada de boca em boca através das gerações. As histórias contadas no *pub* entre chávenas de chá enquanto os bebês se contorcem nos carrinhos, nos refeitórios das fábricas e no recreio das escolas.

A história secreta.

Em 1949, uma derrocada na Mina de Carvão de Arnhill soterrou dezoito mineiros sob várias toneladas de detritos e de pó. Ficou conhecida como o

Desastre da Mina de Carvão de Arnhill. Só foram recuperados quinze corpos.

As gentes da terra lembram-se do rugido do abalo que sacudiu toda a aldeia. A princípio pensaram que se tratava de um tremor de terra. As pessoas entraram em pânico e correram para fora de casa. Os professores apressaram-se a fazer sair os alunos das salas de aula. Os únicos que não fugiram foram os mais velhos. Continuaram a bebericar as suas cervejas e a trocar olhares inquietos. Perceberam que era na mina. E quando a mina rugia assim, era com certeza demasiado tarde.

Depois do ronco veio o pó: nuvens de pó preto que taparam o céu e encobriram o Sol. O silvo agudo do alarme da mina a rasgar o céu negro, seguido pelo som das sirenes das ambulâncias dos bombeiros e da polícia.

Houve relatórios e inquéritos, mas ninguém foi responsabilizado pela ocorrência. E os três mineiros desaparecidos permaneceram sepultados nas profundezas da terra.

Oficialmente.

Oficiosamente – pois quem seria capaz de contar essas coisas a alguém de fora ou a um jornal? – muitas pessoas juravam, entre elas o meu avô (em especial depois de um par de canecas), que tinham visto os desaparecidos à noite, nos terrenos da mina. Uma lenda urbana – recontada de cada vez com mais pormenores excitantes – afirmava que alguns dos que se salvaram estavam sentados no Bull, já fora de horas, quando uma noite a porta se escancarou de rompante e entrou Kenneth Dunn, o mais novo dos mineiros desaparecidos naquele dia (tinha apenas dezasseis anos), que se dirigiu para o balcão. Tão arrojado como o dia e negro como a noite por causa do pó de carvão.

Parece que o taberneiro pousou o copo que estava a limpar, mirou o rapaz morto de cima a baixo e disse:

– Vai-te embora, Kenneth. Não tens idade para entrar aqui.

É uma boa história de fantasmas, e toda a aldeia que se preze está cheia delas. Como é evidente, nenhum mineiro admitiu alguma vez ter lá estado nessa noite. E quando perguntaram ao taberneiro (que há muito se tinha reformado), este limitava-se a bater com o dedo no nariz sulcado de veias vermelhas e a dizer:

– Você teria de me pagar muitas bebidas para que eu lhe contasse essa história.

Nunca ninguém lhe pagou as bebidas suficientes, embora muitos tenham tentado.

Perto da rua principal ficava a Associação de Bem-Estar dos Mineiros. Não era o edifício primitivo. Esse tinha sido demolido nos anos de 1960, quando a falta de manutenção provocou o colapso de uma parede que esmagou vários mineiros e as suas famílias. Morreram duas mulheres e uma criança pequena. As pessoas diziam que o garotinho ainda vagueava pelo edifício novo e que por vezes se avistava no corredor comprido e escuro entre o salão principal e os lavabos.

Quando eu era miúdo e ficava a bebericar uma gasosa enquanto o meu pai emborcava cervejas e a minha mãe bebia meia *lager* cortada com lima e ao mesmo tempo embalava Annie que estava no carrinho (sexta-feira era a noite em que as famílias dos mineiros se reuniam na Associação), só desejava que a minha bexiga aguentasse até voltarmos para casa. Quando era mesmo obrigado a ir aos lavabos, ia e vinha a correr a sete pés pelo corredor comprido e escuro, aterrado com a ideia de uma noite sentir uma mão gelada no meu pulso e virar-me para enfrentar um miudinho de rosto enfarruscado pela fuligem, as roupas em farrapos e com uma ferida vermelha aberta na cabeça, onde o crânio tinha sido esmagado.

Em 1857, um homem de nome Edgar Horne assassinou a mulher à facada, foi enforcado num candeeiro público por uma multidão sedenta de justiça e o seu corpo foi atirado para dentro de uma vala pouco funda num terreno baldio não consagrado. Rezava a lenda que ainda estava vivo quando foi enterrado. Abrira caminho com as unhas e por vezes era visto, com o cabelo e as roupas cobertas de lama, sentado junto à lápide tumular da mulher. Durante anos, na noite de 5 de Novembro², em vez de um boneco qualquer queimava-se a efígie de Edgar Horne. Para ter a certeza de que desta vez estava mesmo morto.

O meu pai troçava dessas coisas. Quando ouvia o meu avô a contar a história de Kenneth Dunn, o seu rosto ensombrava-se e dizia:

– Deixa-te disso, Frank. Sai mais ar quente dessa boca do que do monte de carvão da mina.

No entanto, pela maneira como o dizia, às vezes parecia-me mais por medo do que por irritação. Não eram palavras de desprezo, mas de defesa contra coisas sobre as quais nem queria pensar.

Mas nem mesmo o meu pai era capaz de negar que Arnhill era um povoado atormentado pela má sorte. Nunca mais houve acidentes mortais na mina, mas outros menos graves custaram tempo, dinheiro e, num certo caso, as pernas de um mineiro. A mina ganhou a fama de estar amaldiçoada,

e alguns mineiros mostravam-se relutantes em mandar os filhos lá para baixo. Embora continuasse a dar lucro – com toneladas de carvão logo abaixo da superfície –, em 1988 foi tomada a decisão de encerrar para sempre a mina de Arnhill.

O que quer que estivesse lá em baixo assim ficou, abandonado e em sossego.



Folheio o processo, página a página. É uma leitura mórbida e fascinante. Algumas coisas já sabia, ou julgava saber. Mas há pormenores que desconhecia. Factos obscurecidos pelas muitas repetições. Sempre imaginei Edgar Horne como um monstro grosseiro. Mas na realidade era um médico respeitado na comunidade. Até um dia quente de Verão em que foi à igreja, jantou um caldo de puré de batata e cortou a garganta à mulher com um bisturi enquanto ela dormia.

Curiosamente, nenhum dos aldeões foi acusado do linchamento. Todos se encobriram uns aos outros. Pergunto-me quantos dos seus descendentes ainda viverão em Arnhill e quantos saberão – ou se importarão – com o sangue nas mãos dos seus antepassados.

Recuando mais, a história da aldeia torna-se mais difusa: as habituais histórias de pobreza, doença e morte prematura. Muitas mortes. Algumas páginas foram realçadas a cor. Pego numa delas e tiro-a da pasta.



A SALEM DE NOTTINGHAMSHIRE

Durante o século XVI, a caça às bruxas generalizou-se por toda a Europa. Em Arnhill, os julgamentos começaram com um jovem de nome Thomas Darling a acusar a tia de pactuar com demónios para ressuscitar crianças mortas. De acordo com Darling, Mary Walkenden levava crianças doentes para as grutas da serra e entregava as suas almas em troca de vida eterna.



O nome Darling não me diz nada, mas lembro-me de um Jamie Walkenden que andava na escola. Parece que para eles o autocarro nunca parte. Geração após geração. Nascem, vivem e morrem aqui.

Ponho a página de lado e tiro outra.

EZEKERIAH HYRST – MILAGREIRO (1794-1867)

Hyrst foi um curandeiro famoso de quem se diz ter realizado muitos milagres. De acordo com algumas testemunhas, Hyrst curou um rapaz parálítico das pernas, expulsou o demônio de uma mulher e insuflou o sopro da vida a um bebê nado-morto. A maior parte destes acontecimentos teve lugar em Nottinghamshire, numa pequena aldeia chamada Arnhill.

Hyrst? Hurst? Não é coincidência, pois não? E um curandeiro charlatão parece encaixar-se na tradição familiar. Milagres e tragédias. Tragédias e milagres. Não é possível ter umas sem os outros.

Viro para a página seguinte. Parece que todo o ar me foge dos pulmões.

CONTINUA A BUSCA POR CRIANÇA DE OITO ANOS DESAPARECIDA

O rosto de Annie sorri para mim. Um sorriso amplo, desdentado, e o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo. A minha mãe sempre quis fazer-lhe tranças, mas Annie nunca ficava quieta o tempo necessário, sempre desejosa de se afastar para fazer qualquer coisa. Sempre à procura de uma aventura. Sempre atrás de mim. Não preciso de ler esta história. Vivi-a. Empurro a pasta dos documentos para o lado, estendo a mão para a minha bebida e vejo que o copo está vazio. É estranho. Levanto-me. E estaco. Parece-me ter ouvido alguma coisa. Um rangido proveniente do corredor. *Merda. Gloria?*

Volto-me, e por pouco as pernas não cedem sob o meu peso. Não é Gloria.

– Olá, Joe.

² Data em que foi descoberta a conspiração para fazer explodir o Parlamento (também conhecida por Noite de Guy Fawkes). (*N. do T.*)

Capítulo 15

A vida não é agradável para ninguém, afinal.

Pesa-nos sobre os ombros, tolhe-nos a passada. Dilacera as coisas de que gostamos e endurece-nos a alma com desgostos.

Na vida não há vencedores. A vida é sobretudo perda: da juventude, do aspecto. Mas acima de tudo perdemos o amor. Por vezes penso que não é a passagem dos anos que nos envelhece, mas o desaparecimento das pessoas e das coisas de que gostamos. Um envelhecimento que não pode ser atenuado com agulhas nem compensado com *botox*. A dor está nos nossos olhos. Os olhos que já viram demasiado traem-nos sempre.

Como os meus. Como os de Marie.

Senta-se embaraçadamente no velho sofá. Com os joelhos unidos e as mãos entrelaçadas sobre eles. É mais magra – muito mais magra – do que a adolescente em flor das minhas recordações. Nesse tempo, tinha umas maçãs do rosto cheias que faziam covinhas quando sorria. Os seus membros eram compridos e ágeis, almofadados com a frescura da carne juvenil.

Agora, as pernas vestidas com uns *jeans* apertados são finas e secas como paus. Tem as faces encovadas. O cabelo continua espesso, escuro e lustroso. Preciso de algum tempo para perceber que deve ser uma cabeleira postiça. As sobrancelhas são riscos finos de lápis.

Inclino-me, também embaraçado. Volto a guardar na capa de arquivo os papéis que estava a ler e entalo-a debaixo do braço. Não sei o que Marie poderá ter visto. Não sei há quanto ali estava de pé, depois de ter entrado quando não a ouvi bater. Pelo menos ela *disse* que bateu.

– Queres beber alguma coisa? Chá, café, qualquer coisa mais forte?

A frase arranca-me um estremecimento. *Cliché*, anoto de cabeça com a caneta encarnada.

Inclina a cabeça, e o cabelo cai para o lado, como dantes.

– Mais forte como?

– Cerveja, *bourbon*? É claro que ainda não provaste o meu café...

Um ligeiro esboço de sorriso.

– Cerveja, obrigada.

Aceno e dirijo-me para a cozinha. O coração salta-me no peito. Sinto-me um pouco tonto. Deve ser por causa do estômago vazio. Devia mesmo comer qualquer coisa. Ou beber qualquer coisa sem álcool. Mais álcool só me fará sentir pior.

Abro o frigorífico e tiro duas cervejas.

Antes de regressar à sala de estar, abro o armário por baixo do lava-louça e meto lá dentro a pasta com os documentos. Regresso à sala e coloco uma lata sobre a mesa baixa, em frente de Marie. Abro a minha e bebo uma golada. Estava enganado. Não me faz sentir pior. Também não me faz sentir melhor, mas a ideia não era essa.

Sento-me na cadeira de braços.

– Há quanto tempo – digo, como se espera da fábrica de *clichés* que sou esta noite.

– Pois foi. Vais dizer-me que não mudei nada?

Sacudo a cabeça.

– Todos nós mudámos.

Acena, estende a mão para a cerveja e arranca a cápsula.

– Pois é, mas nem todos estamos a morrer de cancro.

A rudeza das palavras apanha-me de surpresa. Quando ela volta a emborcar a cerveja, percebo. Não é a primeira bebida que toma.

– Presumo que saibas – diz ela. – Afinal de contas, estamos em Arnhill.

Aceno com a cabeça.

– Como vão os tratamentos?

– Não resultam. O tumor continua a espalhar-se. Mais devagar. Mas só estão a adiar o inevitável.

– Lamento.

Cliché atrás de *cliché*, porra. Depois do acidente, passei a odiar as pessoas que me diziam que lamentavam muito. Porquê? Foi você que provocou o acidente? Não? Então lamenta o quê?

– O que os médicos dizem?

– Não muito. Têm demasiado medo de Stephen para me darem uma resposta frontal. De qualquer maneira, ele diz que eles não sabem tudo. Considera a possibilidade de me levar para uma clínica experimental na América. A Bardon-Hope Clinic. Um novo tratamento miraculoso.

Ezekeriah Hyrst – Milagreiro, penso, e depois, a afirmação exaltada dele: *Marie não vai morrer. Não vou deixar que isso aconteça.*

– Ele disse que género de tratamento era? – pergunto.

Abana a cabeça.

– Não, mas estou disposta a tentar tudo. – Olha-me com os olhos encovados. – Quero viver. Quero ver o meu rapaz crescer.

Pois claro. Todos queremos o mesmo. Mesmo sabendo que não há milagres. Que há um preço a pagar.

Olho para o lado. Bebericamos as nossas cervejas. É curioso que quanto mais sabemos menos temos para dizer.

– Estás a leccionar na academia? – pergunta por fim.

– Estou.

– Não é um pouco estranho?

– Um pouco. Agora sou um dos guardas, não um dos reclusos.

– Por que voltaste?

Por causa de um *e-mail*. Porque me senti obrigado. Um assunto por arrumar. Por tudo isso e por nada disso. No fundo, sempre soube que havia de voltar.

– Ao certo não sei. Apareceu o emprego e pensei que era uma boa oportunidade.

– Para quê?

– O que queres dizer?

– Foi uma surpresa, saber que tinhas regressado. Nunca pensei voltar a ver-te.

– Bem, sabes como eu sou, não presto.

– Não, tu és um dos bons, Joe.

Sinto-me corar e de repente é como se tivesse outra vez quinze anos, a deliciar-me com a sua aprovação.

– Então e tu? Nunca saíste daqui?

Um ligeiro e mortício encolher de ombros.

– Havia sempre alguma coisa a impedir-me, e depois Stephen propôs-me casamento.

– E disseste que sim?

– Por que não havia de dizer?

Vem-me à memória uma miúda de quinze anos a chorar no meu ombro. Com um hematoma num olho. E da promessa de que nunca mais deixaria que isso acontecesse.

– Julguei que tivesses outros planos.

– Mas nem sempre resultam, pois não? Não cheguei a fazer o curso que queria. A minha mãe foi despedida. Precisávamos de dinheiro, de maneira

que arranjei um emprego e casei-me. Fim da história.

Não me parece, penso.

– E tens um filho?

– Sabes que sim.

– Sim, quem sai aos seus não degenera. Aposto que o pai tem muito orgulho nele.

Lança-me um olhar tão acutilante que lhe sinto a picada.

– Ambos temos muito orgulho no Jeremy.

– É mesmo?

– Não tens filhos?

– Não.

– Então, não nos podes julgar. – Amachuca a lata. – Tens outra?

– Tens a certeza?

– Bem, não creio que me vá matar.

Levanto-me e vou à cozinha buscar mais duas cervejas. Detenho-me a meio caminho. Marie deve ter vindo para cá a conduzir. Vi-a meter as chaves do automóvel na carteira. Não devia beber mais e depois conduzir até casa.

Seja como for, não é problema meu. Regresso à sala e estendo-lhe a cerveja. Ela olha em volta e tem um arrepio.

– Esta casa é gelada.

– Pois é, o aquecimento não funciona muito bem.

Mas não é isso.

– Porquê aqui?

– Aconteceu.

– Como o emprego.

– Sim.

– És um mentiroso de merda.

Cá está. O azedume que tem vontade de cuspir desde que chegou.

– Se voltaste para agitar o passado...

– O que foi? De que tens medo? De que tem Hurst medo?

Demora algum tempo a responder. Quando o faz, é em tom mais suave.

– Foste-te embora. Nós ficámos cá. Estou a pedir-te que deixes as coisas como estão. Não é pelo Stephen. É por mim.

Percebo a jogada.

– Foi ele quem te mandou, não foi? Os rufias não deram resultado, de maneira que ele julgou que me podias tocar a corda sensível, persuadir-me em nome dos velhos tempos.

Abana a cabeça.

– Se Stephen quisesse que desaparecesses não me teria mandado a mim. Mandaria alguém acabar o serviço que os rapazes Fletch começaram.

– Os rapazes *Fletch*?

Pois claro. O *Entroncado* e o *Penteado Idiota*. Foi por isso que me pareceram familiares. Já devia ter adivinhado. Já quando éramos garotos, Fletch era o músculo sem cérebro. Agora são os filhos a dar continuidade à tradição.

– Devia ter notado as parecenças de família – digo. – Aquele andar de orangotango.

Cora até às orelhas. Sinto um aperto nas entranhas. Não é a minha corda sensível. É o nó deprimente que sentimos no estômago quando os nossos piores receios se confirmam.

– Portanto, sabias da minha festa de boas-vindas?

É isso que explica o facto de não me ter perguntado quando chegou por que razão tenho a cara amassada.

– Só soube depois. Lamento.

– Eu também.

Levanta-se.

– Tenho de ir. Isto foi estúpido, uma perda de tempo.

– Não. Podes transmitir uma mensagem ao Hurst.

– Não me parece.

– Diz-lhe que tenho uma coisa que lhe pertence.

– Duvido que Stephen queira qualquer coisa que tu tenhas.

– Digamos que é uma recordação. Da mina.

– Por amor de Deus, já lá vão vinte e cinco anos. Éramos uns garotos.

– *Não*, a minha irmã é que era uma criança.

É elucidativo a meu respeito que sinta satisfação ao vê-la contorcer a face magra e lívida.

– Lamento muito pela Annie – diz.

– E por Chris?

– Foi uma opção dele.

– Foi mesmo? Por que razão não perguntas mais uma coisa a Hurst? Pergunta-lhe se Chris saltou mesmo.

Capítulo 16

1992

Foi Chris quem o encontrou. Era a especialidade dele, encontrar coisas.

Tal como eu, Chris era uma estranha aquisição para o bando de Hurst: alto, magro, com uns cabelos de um louro quase branco que se espetavam como palhas carregadas de electricidade e uma gaguez que se acentuava mais quando estava nervoso (e à semelhança da maioria dos garotos desajeitados e socialmente inadaptados, Chris estava quase sempre nervoso na escola).

Nunca ninguém percebeu por que motivo Hurst resolveu acolhê-lo debaixo da asa. Mas eu percebi. Hurst era um rufião, mas era esperto. Sabia quem devia esmagar e quem devia poupar. Chris tinha alguma utilidade. Creio que todos tínhamos.

Enquanto os parceiros ocasionais de Hurst eram a mistura habitual de fanfarrões e exibicionistas, o seu círculo íntimo era diferente. Fletch era o músculo, o rufião desmiolado que ria por tudo e por nada das piadas de Hurst, lhe lambia o traseiro e partia cabeças. Chris era o cérebro, o desajustado, o génio incompreendido. A sua propensão para as ciências ajudava-nos a criar as melhores bombas de mau cheiro caseiras, as armadilhas engenhosas para as vítimas incautas e, uma vez, uma explosão química que obrigou à evacuação da escola e custou o emprego a um professor substituto de Ciências.

Mas Chris tinha outra particularidade muito útil. Uma curiosidade febril. Um desejo ardente de descobrir coisas, de as encontrar. Uma maneira de ver as coisas que os outros não tinham. Quando alguém se queria apoderar dos pontos de exame, Chris arranjava maneira de lhes deitar a mão. Descobria o melhor lugar no campo de onde se conseguia ver o vestiário das raparigas. Se era preciso maneira de entrar na banca de jornais para roubar rebuçados e fogo-de-artifício, Chris engendrava um plano para o conseguir.

Se o seu crânio não se tivesse esmagado no pátio da escola e o seu cérebro brilhante não se tivesse espalhado pelo chão de cimento, Chris viria a ser

um empresário de êxito que ganharia bilhões... ou um mestre do crime. Foi o que sempre pensei.

Naquela tarde de sexta-feira, quando irrompeu no recreio, atrasado como de costume, pois Chris chegava sempre atrasado – sem poses, muito corado, a gravata às três pancadas, a camisa suja de comida e a pedir desculpa –, estava ainda mais excitado e frenético do que o habitual. Percebi de imediato que ali havia coisa.

– Tudo bem, Chris?

– O sítio. Enc-enc-encontrei no chão.

Quando estava nervoso, o gaguejar de Chris aumentava e tornava-se quase incompreensível.

Olhei de relance para Hurst e Fletch. Marie não estava connosco nessa tarde, tinha ficado a ajudar a mãe nalguns trabalhos domésticos, portanto só lá estávamos os três, a matar o tempo e a dizer baboseiras. De certa maneira, era bom. Embora gostasse de Marie... bem, o problema era mesmo esse. *Eu gostava de Marie*. Demasiado. E quando ela estava connosco andava sempre com *Hurst*, que lhe passava o braço pelos ombros, numa atitude de proprietário.

Hurst atirou para o chão o cigarro meio fumado, saltou do espaldar e fitou Chris à luz mortíça do crepúsculo.

– Está tudo bem, companheiro. Acalma-te. Porra, pareces um *Fala e Soletra*.

Fletch riu à gargalhada, como se alguém lhe tivesse enchido o cigarro com gás hilariante.

O rosto de Chris congestionou-se ainda mais, com as maçãs do rosto de um vermelho de fogo a contrastarem com a palidez da cara. O cabelo dele era revoltado e espigado como um monte de feno sacudido pelo vento. Mas o que mais me impressionava nele eram os olhos. Sempre de um azul surpreendente, mas naquela noite pareciam lançar faíscas. Embora não gostasse de o admitir, para não parecer bizarro nem maricas, por vezes Chris fazia-me lembrar um belo anjo tresloucado.

– Deixa-o em paz – disse para Hurst.

Era o único que se podia dar ao luxo de falar assim com Hurst. Ele dava-me ouvidos. Penso que era essa a minha utilidade. Era a sua voz da razão. Confiava em mim. E o facto de às vezes lhe fazer os trabalhos de casa de Inglês também não lhe fazia mal.

Espezinho o cigarro no chão. Nunca gostei muito de fumar. Nem de

cerveja. O gosto dava-me vontade de cuspir e de limpar a língua. Como é evidente, entretanto cresci, tornei-me mais sensato e viciiei-me.

– Respira fundo – aconselhei a Chris. – Fala devagar. Conta lá.

Chris acenou com a cabeça e procurou controlar a respiração alterada. Entrelaçou os dedos com força e esforçou-se por dominar o nervosismo e a gaguez.

– Atrasado de merda – resmungou Fletch, a lançar para o chão um escarro enorme.

Hurst olhou para mim. Meti a mão no bolso, tirei de lá uma barra de *Wham* um pouco derretida e estendi-a a Chris, como quem dá uma guloseima ao cãozinho.

– Toma.

Contrariamente ao que hoje em dia se pensa, uma coisa doce era o ideal para acalmar Chris. Talvez fosse por isso que trazia sempre consigo um fornecimento delas.

Chris aceitou a barra de *Wham*, mordiscou um pedaço e disse, ainda a mastigar:

– Estive... na mina velha.

– Está bem.

Todos os miúdos iam lá de vez em quando fazer umas tropelias. Antes de terem demolido os edifícios antigos, esgueirávamo-nos lá para dentro e palmávamos qualquer coisa. Objectos sem importância. Pedacos de ferro-velho e de máquinas. Apenas para provar que lá tínhamos estado. Mas Chris ia lá muitas vezes. Sozinho, o que era estranho. Mas em Chris tudo era estranho, de tal modo que ao fim de algum tempo se tornava normal. Quando uma vez lhe perguntei por que razão lá ia tantas vezes, ele respondeu:

– Tenho de procurar.

– O quê?

– Ainda não sei.

Conversar com Chris podia ser desesperante. Eu dominava a irritação enquanto ele lutava por encontrar as palavras sem as partir aos bocados com a língua.

Por fim, ele disse:

– Encontrei uma coisa. No ch-ch-chão. Po-po-pode ser uma entrada.

– Uma entrada para onde?

– Para a mina.

Olhei para ele e fui assaltado por uma sensação estranha. Senti que já antes tinha ouvido aquelas palavras. Ou tinha esperado ouvi-las. Um arrepio esquisito percorreu-me o corpo, como quando se toca numa tomada de corrente e o corpo estremece com a electricidade estática. *A mina.*

Hurst aproximou-se a correr.

– Encontrei um caminho para os antigos poços?

– Sorte do caraças – acrescentou Fletch.

Abanei a cabeça.

– Não pode ser. Foram todos entulhados e além disso os túneis estão a dezenas de metros abaixo do chão.

Hurst olhou para mim e concordou com um gesto da cabeça.

– Thorney tem razão. Tens a certeza, *Molengão*?

Molengão era a alcunha que Hurst tinha posto a Chris por ele ser «mole como massa».

Chris olhava para um e para outro, encandeado como um coelho gigante apanhado pelos faróis. Engoliu em seco.

– N-n-não, tenho a certeza. Posso mostrar-vos.

Foi só mais tarde, quando pensei no caso – e tive muitas ocasiões para pensar nele – que me dei conta de que ele nunca respondeu à pergunta de Hurst.

– Uma entrada para os antigos poços?

Presumimos que era isso que ele queria dizer. Mas não me parece que fosse, mesmo naquele momento. Ele estava a falar do Túmulo. Como se já soubesse como ele era. E o Túmulo era na verdade algo muito diferente.



Quando lá chegámos, a luz do dia já escasseava. Estávamos em fins de Agosto, nos últimos dias das férias de Verão, e «as noites desenhavam-se», como a minha mãe costumava dizer (o que me fazia sempre pensar em alguém que apagava o dia com um grande pedaço de carvão).

Creio que todos experimentávamos o mesmo sentimento de fim, como sempre acontece quando se é miúdo e as seis semanas de férias estão prestes a terminar. Creio que também tínhamos todos a consciência de que era o nosso último Verão como «garotos». No ano seguinte tínhamos exames, e muitos dos nossos colegas, mesmo nos anos de 1990, deixariam a escola para irem trabalhar, embora já não na mina, como antes.

A essa hora, a antiga mina de carvão não passava de um rasgão lamacento na paisagem. As ervas e os arbustos rasteiros começavam a apoderar-se da

zona. Mas o local continuava a ser negro do pó do carvão e estava salpicado de pedras, maquinaria enferrujada, fragmentos aguçados de metal e grandes pedaços de betão.

Entrámos por um buraco na vedação ineficaz que circundava o espaço e ostentava letreiros como PERIGO, PROIBIDO e ENTRADA PROIBIDA, que para nós bem podiam ser BEM-VINDOS, ENTRA e ATREVE-TE.

Chris seguia à frente. Bem, mais ou menos. Cambaleava, tropeçava, escorregava, até que parou. Olhou em volta e voltou a cambalear, tropeçar e escorregar mais um pouco.

– Porra, *Molengão*, tens a certeza de que o caminho é este? – perguntou Hurst, ofegante. – Os poços antigos ficam para aquele lado.

Chris sacudiu a cabeça.

– É por aqui.

Hurst olhou para mim, e eu encolhi os ombros. Com o indicador apoiado na têmpora, Fletch fez um movimento rotativo.

– Dá-lhe uma oportunidade – digo.

Continuámos o nosso penoso avanço. No alto de um monte íngreme e enlameado, Chris deteve-se e olhou em redor algum tempo, como um cão grande a farejar o ar. Depois, desceu rápido a encosta inclinada, a escorregar e a deslizar pela gravilha e pelos detritos.

– Porra para isto – resmungou Fletch –, eu não desço por aí.

Admito que me senti tentado a voltar para trás, mas estava dominado por uma excitação estranha e febril. Como quando se vê um carrossel de feira e não se quer lá entrar porque é assustador como o raio e uma outra parte de nós *quer* desesperadamente ir para lá.

Olhei para Fletch e não consegui evitar:

– Estás com medo?

Olhou-me com ar carrancudo:

– Vai-te foder!

Hurst sorriu. Nada o fazia mais feliz do que a discórdia entre as suas tropas.

– Meninas! – gritou, e com um grito selvático precipitou-se pela encosta.

Segui atrás dele, em movimentos mais cautelosos. Fletch voltou a praguejar e fez o mesmo.

Na base do monte escorreguei e quase caí de traseiro, mas aguentei-me de pé. Tinha os ténis cheios de gravilha que se me enterrava nas plantas dos pés. Lá em cima, o céu parecia mais baixo, pesado com a escuridão que se

avizinhava.

– Não vamos conseguir ver nada, porra – resmungou Fletch.

– Falta muito? – perguntou Hurst.

– Já cá estamos! – respondeu Chris, que desapareceu.

Pestanejei, olhei em volta e apercebi-me de um reflexo cinzento. Chris estava acorado numa cova coberta por uma saliência da rocha. Quem olhasse depressa nem daria por ele na depressão. Descemos até onde ele estava. Os tufo de erva e os arbustos seguravam precariamente o terreno em volta e proporcionavam uma camuflagem adicional. Em redor, havia grandes pedregulhos soltos. Chris afastou alguns e percebi que os tinha lá colocado para assinalar o lugar.

Com as mãos, escavou terra e pedras miúdas. Depois, sentou-se nos calcanhares e encarou-nos com uma expressão triunfante.

– O que foi? – perguntou Fletch, irritado. – Não vejo nada.

Espreitámos todos para o pedaço de terra que ele acabava de destapar. Talvez um pouco mais irregular e de uma cor diferente do terreno em volta, mas nada mais do que isso.

– Estás a gozar, *Molengão*? – rosnou Hurst, que o agarrou pela gola da camisola. – Se isto é uma brincadeira...

Chris esbugalhou os olhos.

– Não é brincadeira nenhuma.

Mais tarde dei-me conta de que, mesmo meio sufocado por Hurst, ele ali não tinha gaguejado.

– Espera – disse eu.

Inclinei-me para a frente, afastei mais alguma terra e os meus dedos tocaram num objecto mais frio. Metálico. Voltei a sentar-me e foi então que o distingui com nitidez.

Uma forma circular no solo, enferrujada ao ponto de se confundir com a terra, mas não totalmente. À primeira vista parecia o tampão de uma roda, mas examinada com mais atenção percebia-se que era demasiado grande e grossa para ser um tampão. Em volta do objecto sobressaíam pequenas proeminências redondas, como rebites. No centro apresentava outro círculo, um pouco mais elevado e com entalhes.

– Cá está – disse eu. – Já estão a ver o que é?

Apontei para o chão e olhei para os outros.

Hurst largou o pescoço de Chris.

– Que raio de merda é esta?

– É só um tampão velho – disse Fletch, a exteriorizar a minha primeira impressão.

– É demasiado grande para isso – atalhou logo Hurst, tal como eu também tinha visto. – Olhou para Chris: – Então?

Chris olhou para ele, como se a resposta fosse óbvia.

– É um alçapão.

– *Um quê?*

– É uma entrada – disse eu. – Para descer.

O rosto de Hurst alegrou-se num sorriso rasgado.

– Bestial. – Voltou a atentar na forma circular no solo. – E então? Deve ser uma saída de emergência das minas, ou coisa assim. Creio que já ouvi falar nisso.

Eu nunca tinha ouvido, e o meu pai tinha trabalhado toda a vida na mina, mas sabia que havia algumas que tinham poços de ventilação. No entanto, não fazia ideia para que aquilo nos serviria. Aqueles poços eram como chaminés, comunicavam com a superfície. Uma queda de noventa metros na vertical. Não era uma maneira de entrar, era suicídio.

Ia para dizer isto quando Hurst voltou a falar.

– Vá lá então – disse ele para Chris. – Abre-a.

Chris olhou para ele, acabrunhado.

– Não consigo.

– Não consegues? – Hurst abanou a cabeça, desapontado. – Mas que porra, *Molengão*.

Baixou-se e tentou agarrar as bordas da peça metálica metendo-lhe os dedos por baixo. Mas a peça era tão grande e tão pesada que nem a conseguiu mexer. Ofegante, soltou um grunhido e depois virou-se para nós:

– Venham ajudar, porra. Bando de inúteis.

Sobressaltado, obedeci, com Fletch. Todos juntos, enterrámos os dedos na terra e tentámos agarrar o rebordo metálico, mas era impossível. Não só a peça era demasiado grossa como estava embebida no solo. Há anos que não devia ser deslocada. Por muito que nos esforçássemos a puxar e a rodar, o alçapão não se mexia.

– Porra para isto – arquejou Hurst, e todos nos deixámos cair no chão, aliviados, com os braços doridos e a respiração ofegante.

Olhei de novo para o estranho círculo metálico. Estava profundamente enterrado no solo, mas se fosse uma tampa para libertar fumos ou para

saída de emergência haveria um puxador ou uma alavanca para a abrir com rapidez em caso de necessidade. Era para isso que servia. Mas não havia nada, excepto aquele segundo círculo estranho, era como se não se destinasse a ser aberta. Para não deixar ninguém entrar, ou sair.

– Pronto – disse Hurst. – Temos de arranjar ferramentas para a levantar.

– Agora? – perguntei.

O dia tinha caído tão depressa que mal lhes distinguia os rostos fantasmagóricos.

– Qual é o problema? Estás a *perder a coragem*, Thorney?

Aquilo espevitou-me.

– Não, o que estou a dizer é que é quase noite. Não vamos ter tempo. Se queremos entrar, temos de estar preparados.

Não que eu tivesse a mais pequena vontade de entrar, se de facto houvesse para onde entrar, mas na ocasião pareceu-me ser o melhor argumento.

Julguei que ele fosse protestar, mas Hurst disse:

– Tens razão. Voltamos amanhã. – Olhou-nos a todos. – Vamos precisar de lanternas. – Sorriu. – E de um pé-de-cabra.



Cobrimos mais ou menos o alçapão com terra e pedras e Hurst deixou a gravata da escola com o nó desapertado a marcar o sítio. Quem ali passasse por acaso não acharia nada de anormal. As gravatas, tal como os ténis e as meias apareciam frequentemente por todo o terreno da antiga mina.

Depois, quando já o último raio de luz se sumia no céu, encetámos o caminho de regresso a casa. Não tenho a certeza, mas creio que olhei uma ou duas vezes para trás, com uma estranha sensação de inquietação na base do pescoço. Àquela distância não podia ver nada, mas na minha imaginação continuava a distinguir a tampa enferrujada.

E não gostei.

Um-pé-de cabra. Também não gostei.

Capítulo 17

Depois de Marie sair, não consigo sossegar. Voltei a sentir dores na perna e nem mesmo uma dose generosa de *bourbon* e dois comprimidos de codeína conseguem acalmar as contracções dos nervos.

Se estou sentado, dói-me. Se ando, sinto-os palpitar. Praguejo e fricciono a perna com força. Tento distrair-me com um livro e a ouvir música, até que me levanto e vou para a porta das traseiras fumar um cigarro. Outra vez.

A minha cabeça não pára de trabalhar. *Sufoquem as criancinhas. Que descansem em pedaços.* Está de novo a acontecer. Quem enviou o texto deve ser a mesma pessoa que me mandou a mensagem de correio electrónico. E se sabe a respeito do anjo, deve conhecer-me há muito tempo. Não foi Hurst, nem Marie. *Fletch*? Não sei se Fletch será capaz de redigir uma mensagem coerente, com aquele cérebro primitivo. Então, quem mais poderá ser? E acima de tudo, porquê, porquê, porquê?

A confusão que me atordoa não beneficiou com a inesperada visita de Marie esta noite. Não sei se agi como devia. Se não terei mostrado o jogo demasiado cedo. Um bom jogador sabe que não o deve fazer sem ter a certeza das cartas que o outro jogador tem na mão.

Mas a verdade é que não disponho de muito tempo. Pelo menos não tanto quanto julgava. Porque Gloria está cá. À espera, impaciente. A tamborilar com as unhas pintadas de verniz vermelho-brilhante. Se não satisfaço as suas exigências, o jogo está acabado. Porque estarei morto, se calhar sem mãos. Ou sem pés. Ou qualquer coisa que possa ser usada para identificar o meu corpo.

Atiro o cigarro fumado para o escuro e fico a ver a beata vermelha arder até se apagar. Viro-me, coxeio até à cozinha e pego no processo que está debaixo do lavalouça. Afinal, estou a enganar quem? De qualquer modo ia sempre ler aquilo. Sirvo-me de outra bebida, dirijo-me para a sala e pouso-a à minha frente, sobre a mesa de café.

Os nervos que se contraem e distendem na perna não são a única coisa que não sossega esta noite. À minha volta, toda a moradia se agita. As luzes parecem perder intensidade de vez em quando – o que não é uma novidade

no fornecimento energético de uma aldeia – mas também ouço qualquer coisa. Um ruído. Familiar. Inquietante. O mesmo som de roçar. Sinto as entranhas a zunir, eriçam-se-me os pêlos. É um zumbido arranhado, que vem de fora.

Pergunto-me se Julia também se sentou neste sítio, atenta aos mesmos sons insidiosos. Noite após noite. Ou terão aparecido só mais tarde? Como o ovo e a galinha. O que aconteceu a Ben poderá de algum modo ter afectado a moradia? Ou será que a moradia colaborou naquilo? Com o som de insectos a correr pelas paredes e o frio arrepiante a alimentarem o medo e a paranóia de Julia?

Aliso o cabelo com as mãos e esfrego os olhos. O ruído parece intensificar-se. Procuro não lhe prestar atenção. Vou virando as páginas até que, uma vez mais, se me depara o rosto de Annie.

PROSSEGUEM AS BUSCAS PELA CRIANÇA DE OITO ANOS DESAPARECIDA. É o título. Mas está longe de ser toda a história. Nem se aproxima.

Foi o meu pai quem a deitou naquela noite. Por volta das oito horas. Pelo menos ele julgou que eram. Estava embriagado. Como naquele tempo acontecia quase todas as noites. A mãe estava em casa dos meus avós porque a minha avó tinha dado uma queda «desagradável» alguns dias antes e partira um pulso. Eu andava por fora, com Hurst e o bando. Foi só na manhã seguinte que a minha mãe descobriu que Annie não estava na cama nem no quarto, nem em parte nenhuma da casa.

Chamaram a polícia. Houve perguntas, buscas. Polícias de uniforme e homens da terra, entre eles o meu pai, espalharam-se em linha pelos terrenos da antiga mina e pelos campos que ficavam além dela, curvados sob a chuva grossa e envoltos em impermeáveis pretos e compridos que lhes davam o aspecto de abutres gigantescos. Avançavam em passos vagarosos e pesados, como se acompanhassem um ritmo interno e sinistro, e iam vasculhando o solo com ramos e paus.

Eu queria ir com eles. Pedi, implorei, mas um agente de rosto simpático, de barba e calva redonda, pousou-me a mão no ombro e disse-me em tom afável:

– Não me parece que seja boa ideia, filho. Fica aqui e ajuda a tua mãe.

Na ocasião fiquei furioso. Achei que ele me estava a tratar como a uma criança incómoda. Mais tarde percebi que tentava proteger-me. De encontrar o corpo da minha irmã.

Podia ter-lhe dito que era demasiado tarde para me proteger. Podia ter

contado muitas coisas à polícia, mas ninguém me quis ouvir. Contei-lhes que por vezes Annie se esgueirava para fora de casa e me seguia quando eu saía com os meus companheiros. E que eu a trazia de volta. Assentiram, tomaram apontamentos, mas isso não valeu de nada. Eles *sabiam* que Annie se tinha esgueirado para fora de casa. O que não sabiam era para onde tinha ido.

O que lhes *podia ter* contado era a verdade, mas não toda a verdade, pois ninguém acreditaria em mim. Nem eu tinha a certeza de acreditar.

À medida que passavam os segundos, os minutos e as horas, o meu complexo de terror e de culpa foi aumentando. Nunca tive uma percepção tão nítida do cobarde que sou como nas quarenta e oito horas que se seguiram ao desaparecimento da minha irmã. O medo lutava contra a consciência e dilacerava-me as entranhas. Não sei qual deles no fim teria prevalecido se o impossível não tivesse acontecido. Viro a página:

ENCONTRADA A CRIANÇA DE OITO ANOS DESAPARECIDA...

A alegria dos pais!

Estava na cozinha a fazer torradas para o meu pai e para a minha mãe quando Annie voltou. O pão era velho e um tanto bolorento. Ninguém ia às compras desde a semana anterior. Raspei o bolor e meti-o na torradeira. Não tinha importância. De qualquer maneira não o iam comer. Ia acabar por deitá-lo no lixo, com as refeições do dia anterior.

Ouviram-se uma pancada na porta. Olhámos todos, mas ninguém se mexeu. Três pancadas. Haveria novidades? Escutávamos como se fosse código Morse. *Truz, truz, truz*. É bom ou mau?

A minha mãe foi a primeira a reagir. Talvez porque fosse a mais corajosa, talvez porque estava farta de esperar. Fosse como fosse, precisava de se mexer. Empurrou a cadeira para trás e cambaleou até à porta. O meu pai nem se mexeu. Eu deixei-me ficar no corredor. Senti o cheiro do pão a queimar, mas nenhum de nós cuidou de o tirar da torradeira.

A minha mãe abriu a porta. À entrada estava um polícia. Não consegui ouvir o que ele dizia, mas vi que a minha mãe desfalecia e se agarrava à ombreira. O coração parou-me no peito. Não conseguia engolir. Não conseguia respirar. Até que ela se virou e soltou um grito:

– *Está viva! Encontraram-na! Encontraram a nossa menina!*

Fomos os três até à esquadra (naquele tempo, Arnhill tinha uma esquadra), apertados na traseira de um pequeno furgão azul e branco da polícia: a minha mãe e o meu pai de olhos marejados de alegria e alívio e eu

uma massa informe de nervos e suor. Quando saímos do carro, as minhas pernas cederam e o meu pai teve de me segurar por um braço.

– Está tudo bem, filho. Agora vai ficar tudo bem.

Queria acreditar nele. Queria mesmo. Costumava pensar que o meu pai tinha razão em tudo. Sempre confiei na sua palavra. Mas mesmo então já sabia. Nada estava bem. As coisas nunca mais estariam bem.

– Ela não falou muito – disse-nos o agente enquanto seguíamos ao longo de um corredor comprido pintado de azul-pálido que cheirava a suor e a urina. – Só disse o nome e pediu para beber.

Todos acenámos com a cabeça.

– Foi alguém que a levou? – perguntou atabalhoada a minha mãe. – Alguém lhe fez mal?

– Não sabemos. Um tipo que andava a passear o cão encontrou-a nos terrenos da antiga mina de carvão. Não parece ter qualquer ferimento. Só tem frio e está um pouco desidratada.

– Podemos levá-la para casa? – quis saber o meu pai.

O agente assentiu.

– Sim, creio que será o melhor.

Abriu a porta da sala de interrogatórios.

– Joe.

A minha mãe empurrou-me à sua frente e antes de me poder recompor ou de perceber o que estava a acontecer, entrámos na sala.

Annie estava sentada numa cadeira de plástico, ao lado de uma agente que devia perceber muito pouco de crianças e se mostrava embaraçada e pouco à vontade.

Sobre a mesa havia um pequeno copo de sumo e alguns biscoitos. Annie olhava por cima deles, para a parede suja e esfolada e balançava as pernas para a frente e para trás. Tinha o pijama sujo de lama e rasgado em vários sítios. Os polícias tinham-na enrolado num cobertor demasiado grande, sem dúvida destinado aos presos adultos que ocupavam as celas. Estava descalça. E negra do pó do carvão.

Contra o peito apertava qualquer coisa meio oculta pelo cobertor. Só consegui entrever caracóis loiros sujos, plástico cor-de-rosa e um olho azul. Eriçaram-se-me os cabelos da nuca. *Abbie-Olhos. Ela trouxe-a de volta.*

– Oh, Annie!

A minha mãe e o meu pai correram para ela e envolveram-na nos seus braços.

Cobriram-na de beijos, sem quererem saber da sujeira do pó de carvão, pois a filha estava de volta. A menina deles estava em casa, sã e salva.

Annie permaneceu em silêncio, de rosto impenetrável, só as pernas continuaram a balançar para a frente e para trás. A minha mãe afastou-se devagar, com o rosto sulcado pelas lágrimas. Estendeu a mão e acariciou-lhe o rosto.

– Que aconteceu, meu amor? Que te aconteceu?

Fiquei ao pé da porta, na esperança de que os agentes tomassem a minha hesitação por embaraço de adolescente. Talvez eu me estivesse a convencer de que era por esse motivo que não me aproximava mais.

Annie levantou a cabeça e o seu olhar cruzou-se com o meu.

– Joey.

Sorriu... e só então percebi o que estava errado. O que estava tão muitíssimo errado.



Levanto-me. A proximidade das recordações é asfixiante, sufoca-me. Sinto no fundo da garganta o gosto da bílis. Cambaleio escada acima e chego à casa de banho mesmo a tempo de cuspir o líquido acastanhado e azedo para o lavatório manchado. Fico imóvel, a respirar irregularmente, até que o meu estômago entra outra vez em convulsão. Outro vômito abre caminho pela minha garganta e pelo nariz. Agarro-me à porcelana fria, para recuperar o fôlego e deixar de tremer. Permaneço assim algum tempo, à espera que as pernas retomem consistência, e a olhar para o lavatório coberto de vomitado.

Por fim, abro a torneira e lanço o conteúdo castanho e grumoso do meu estômago pelo cano abaixo. Cuspo algumas vezes e respiro fundo, devagar. A água do lavatório gorgoleja nos tubos.

Mas não é tudo o que ouço. Agora que acabei de vomitar, apercebo-me uma vez mais daquele roçar invasivo. Mais perto. Insistente. A toda a minha volta. Estremeço. O frio também voltou. *Um frio arrepiante.*

Olho para a sanita. O tijolo continua em cima da tampa. Retiro-o com cuidado. Pego na escova de plástico e uso o cabo para levantar a tampa. Inclino-me para espreitar. Nada. Olho em redor. A cortina da banheira está corrida. Pego na ponta coberta de bolor e puxo-a com violência para um lado. A única coisa por detrás dela é espuma de gel e uma esponja suja.

Saio da casa de banho. O estranho roçar parece acompanhar-me. Será na tubagem, nas paredes? Avanço pelo patamar, ainda a brandir a escova da

sanita. Espreito para o meu quarto. Não vejo nada. Isto é irritante. Até que desaparece. Continuo a andar, em direcção ao quarto de Ben.

Há um cheiro no ar, e não provém da escova da sanita. É um cheiro intenso, metálico. Já o senti antes. Numa outra casa. Do lado de lá de outra porta. Mas é o mesmo odor selvagem, o mesmo *frio arrepiante*, que se insinua nas minhas entranhas como um parasita gelado.

Agarro o puxador. Abro a porta com um sacão e ligo o interruptor. Da lâmpada nua jorra uma claridade amarela e biliosa. Olho em volta. Não é um quarto grande. Só há espaço para uma cama de solteiro, um roupeiro e uma pequena cómoda. O quarto foi pintado. Com várias demãos, imagino...

Vejo tudo isto, mas é como se não visse. Porque tudo quanto vejo é vermelho. Vermelho a ensopar o colchão novo, a escorrer pelas paredes. Os fios cor de rubi escorrem, viscosos, das palavras pintadas na parede.

Com a letra dela. E o sangue dele.

NÃO É O MEU FILHO.

Quando terá ela resolvido? Quando terá percebido? Foi um acumular lento, o medo e o horror a crescerem a cada minuto, a cada hora, a cada dia, até ela não aguentar mais? O cheiro, o frio de arrepiar, os ruídos. A arma, já a tinha. Mas não a usou para matar Ben. Matou-o com as mãos. Cega pelo medo, pela raiva? Ou terá acontecido alguma coisa que a deixou sem alternativa?

Obrigo-me a fechar os olhos. Quando os volto a abrir, o sangue e as palavras desapareceram. As paredes estão nuas e limpas, da mesma cor branco-acinzentada do resto da casa. Magnólia malévola. Lanço um último olhar ao quarto, recuo e fecho a porta. Apoio a cabeça na madeira e respiro fundo.

É só a moradia a pregar partidas à tua mente.

Viro-me, e o meu coração pára.

– Jesus!

Abbie-Olhos está sentada na carpete, a meio do patamar. As pernas gorduchas estão esticadas para a frente, tem os caracóis loiros desgrenhados, o olho vesgo fixado numa teia de aranha coberta de pó que está a um canto. O olho azul bom fita-me com uma expressão de troça.

Olá, Joey. Voltei. Outra vez.

Relanceio os olhos em volta, como se procurasse um intruso que deixa bonecas a descer em silêncio a escada e a rir-se baixinho da partida que acaba de pregar. Mas não está lá ninguém.

Em passos inseguros, aproximo-me e agarro *Abbie-Olhos*. O olho solto chocalha. O vestido de poliéster barato e rígido range. O peso dela, o contacto do plástico frio e duro contra a minha mão provoca-me um arrepio na pele.

Sinto uma vontade quase irresistível de a atirar pela janela, para as ervas que crescem desmesuradamente nas traseiras, mas sou assaltado pela imagem ainda mais arrepiante dela a rastejar de regresso a casa, a encostar a cara rosada e gorducha ao vidro, a espreitar do escuro.

Seguro-a com o braço estendido, como uma bomba que pode explodir, desço a escada e entro na cozinha. Abro o armário por baixo do lava-louça e meto-a lá dentro com a escova da sanita e bato a porta com força.

Merda. Um tremor apodera-se de todo o meu corpo. Não sei se vou desmaiar ou ter um ataque cardíaco. Encho um copo com água e bebo com sofreguidão.

Tento racionalizar. Pode ser que tenha sido eu que mexi na boneca de Annie e depois me esqueci – uma espécie de amnésia alcoólica. Lembro-me de Brendan me contar que no tempo em que bebia sofria de alucinações e perdas de memória. Um dia acordou e descobriu que tinha empurrado um roupeiro pela escada abaixo. Não tinha a mais leve recordação de o ter feito, nem porquê.

– Nesse tempo eu era muito mais forte do que agora. – Pestanejou. – O peso do álcool.

Brendan. Tenho de falar com Brendan. Experimento ligar para o número dele. Vai para o correio de voz. Isto não é tranquilizador, embora Gloria me tenha dito que ele estava bem. Não me parece que Gloria seja mentirosa. Mas seria bom ouvir a voz dele, ainda que fosse só para me mandar bugiar. Percebo que acabei por contar que Brendan esteja presente quando preciso dele, que a sua presença é tão familiar e confortável como a de um velho par de calças de ganga ou dos meus *mocassins*. A inquietação desgasta-me as arestas já carcomidas.

Coxeio até à sala de estar. O processo continua aberto sobre a mesa de café. Não acabei de o ler. Passei por alto algumas páginas. Mas por hoje chega. Entendi a mensagem: Arnhill é uma pequena aldeia desolada onde aconteceram muitas coisas más. Agoirada. Amaldiçoada. Abandonai toda a esperança, vós que aqui entraís.

Começo a recolocar as folhas na pasta de arquivo. Uma delas desperta-me a atenção. É outro recorte de jornal:

MORTE TRÁGICA DE ESTUDANTE PROMISSORA

A imagem: uma adolescente sorridente. Bonita, de cabelos escuros compridos e uma argola cintilante no nariz. Há qualquer coisa no sorriso dela que me faz lembrar Annie. Apesar de não me apetecer, examino o artigo. Emily Ryan, treze anos, aluna da Arnhill Academy, que se suicidou com uma *overdose* de álcool e paracetamol. Descrita como «espirituosa, alegre e cheia de vida».

– *Já perdeu algum?*

A voz de Beth acode-me à memória. A aluna de que falou. Tem de ser. Contudo, há aqui qualquer coisa que não bate certo. Sento-me. Preciso de algum tempo, o meu cérebro exausto tem dificuldade em entrar no ritmo. Até que engrena, com um tilintar ferrugento.

Quase nunca sei em que dia da semana estou, mas consigo recitar passagens inteiras de Shakespeare (se o meu interlocutor não tiver sorte e eu não gostar dele). Sou capaz de decorar resmas de texto e palavras soltas. É assim que o meu cérebro funciona. Recolho informações inúteis como quem apanha lixo.

– *Um ano, um dia e mais ou menos doze horas e trinta e dois minutos.*

Foi o que disse Beth sobre o seu tempo de trabalho na Arnhill Academy. O que implicaria que tivesse começado em Setembro de 2016. Segundo este artigo, Emily Ryan morreu no dia 16 de Março de 2016.

É claro que Beth se pode ter enganado. Pode ser que tenha baralhado as datas. Mas não me parece.

– *Ando a contá-los.*

Quer isto dizer que Beth não era professora quando Emily Ryan se matou. Emily Ryan não podia ser sua aluna. Então, por que razão me mentiu?

Capítulo 18

Na manhã seguinte acordo cedo. O que não me fazia falta nenhuma. Entreabro uma pálpebra, resmungo e viro-me para o outro lado. O cérebro recusa-se a mergulhar no esquecimento, embora todo o resto do meu corpo pareça ter-se moldado à cama durante a noite.

Permaneço deitado alguns minutos, a esforçar-me por adormecer, mas acabo por desistir, arranco-me do colchão e balanço as pernas para fora da cama, para o chão frio. Café, ordena o meu cérebro. E nicotina.

O dia está cinzento e tempestuoso, e o vento arrebanha as nuvens no céu como um pai a espreitar os filhos recalcitrantes. A tiritar, acabo o cigarro, ansioso por regressar ao conforto relativo da casa.

Os acontecimentos da noite passada são já uma massa indistinta e desfocada na minha memória. Retiro *Abbie-Olhos* do armário. À luz do dia, o seu ar é inofensivo. É apenas uma velha boneca partida. Mal vestida, pouco amada. És tu e eu, penso.

Agora sinto-me mal por tê-la metido debaixo do lava-louça, de modo que a levo para a sala de estar e a deposito na cadeira de braços. Sento-me no sofá e acabo de beber o café. Eu e *Abbie-Olhos*, a fruir um breve descanso matinal.

Tento mais duas vezes ligar o número de Brendan. Continua a não atender. Releio o artigo do jornal sobre a morte de Emily Ryan. Não faz mais sentido esta manhã do que fazia ontem à noite. Procuro distrair-me pegando numa pilha de exercícios para corrigir. Já vou a meio quando me apercebo de que acabo de escrever «Porra, não!!!» ao lado de um parágrafo particularmente mal escrito. Desisto.

Olho para o relógio. São 9 h 30 m. Não me apetece passar o dia dentro de casa. E sem nada para ocupar o tempo.

Não tenho alternativa.

Resolvo sair para dar um passeio.



As primeiras escavações em Arnhill começaram algures durante o século XVIII. A mina cresceu, expandiu-se, foi sendo demolida, reconstruída e

modernizada ao longo de um período de duzentos anos.

Milhares de homens e as respectivas famílias organizaram a sua vida em volta da mina. Não era um emprego. Era um modo de vida. Arnhill era um organismo vivo e o seu coração palpitante e fumegante era a mina.

Quando a mina fechou, a Câmara precisou de menos de dois anos para extirpar esse coração, que já então tinha deixado de bater havia muito. A fuligem e o fumo já não circulavam pelas suas artérias de aço. Os edifícios em ruína tinham sido vandalizados. Os ladrões tinham-se apoderado de muitos equipamentos metálicos. De certo modo, foi um acto de misericórdia que os *bulldozers* tivessem avançado.

Por fim, nada restou. Nada, além de uma ferida profunda na terra, uma recordação constante do que se tinha perdido. Algumas famílias mudaram-se para outros locais, em busca de trabalho. Mas houve quem ficasse e se adaptasse, como o meu pai. A aldeia foi-se arrastando numa tentativa de recuperação. Só que há feridas que nunca saram.

A paisagem agreste eleva-se à minha frente, espessa na abundância de flores silvestres e de ervas. Custa a acreditar que neste mesmo local se ergueram grandes edifícios industriais. Que por baixo da terra continua a haver túneis e maquinaria abandonada por ser demasiado dispendioso tirá-la de lá.

Mas não é só isso que se esconde por debaixo da terra. Antes das minas. Antes das máquinas que perfuraram o solo, houve aqui outras escavações. Outras tradições, sobre as quais esta aldeia foi edificada.

Começo a subir, satisfeito por ter trazido a bengala que me ajuda a caminhar pelo terreno irregular. Encontro maneira de entrar por uma estreita abertura na vedação exterior. Pelas ervas pisadas e pela terra nua do outro lado, calculo que seja uma entrada muito utilizada.

Quando era miúdo conhecia muito bem este sítio. Agora, é-me estranho. Não consigo determinar onde me encontro, nem o lugar dos antigos túneis. O alçapão já não existe. Perdeu-se, e com ele o nosso modo de entrar, graças a Chris. *Definitivamente*, pensei. Mas já devia saber. Há coisas que nunca permanecem enterradas. E os garotos hão-de sempre encontrar um caminho.

Detenho-me no alto de uma encosta íngreme, para recuperar o fôlego. Mesmo que não tivesse uma perna aleijada, não estou habituado a andar, nem a subir montes. Sou feito para estar sentado à mesa e empoleirado em bancos de bar. Nunca corri para apanhar um autocarro. Procuro que os

meus pulmões inspirem longos haustos do oxigénio de que tanto necessito. Até que desisto, tiro o maço dos cigarros e acendo um. Pensei que quando ali estivesse sentiria alguma reacção instintiva, um palpite, como que uma varinha mágica interior. Mas não há nada. As únicas palpitações que sinto são as das costelas doridas. Talvez me tenha esforçado demasiado para esquecer. Não sei se estou desapontado ou aliviado.

Relanceio o olhar em redor, sobre as linhas ondulantes castanhas e verdes. Ervas raquíticas e arbustos espinhosos, encostas de gravilha escorregadia e fundas depressões repletas de água estagnada e lamacenta, de onde emergem juncos que se agitam.

Quase os ouço sussurrar-me: *Pensavas que te bastava vires até aqui para voltares a encontrar o caminho? Não é assim que funciona, Joey. Ainda não aprendeste nada? Não me consegues encontrar. Sou eu que te encontro. E nunca esqueceste, porra.*

Sinto um ligeiro arrepio. Talvez este breve percurso até à colina da memória seja um exercício infrutífero, como muitas das minhas acções. Talvez a mensagem de correio electrónico também não seja importante. Nem o texto. Nada. Talvez o melhor a fazer seja levar o que me é devido e ir-me embora. Não sou do género heróico. Não sou o tipo que no filme volta atrás, resolve o mistério e fica com a rapariga. Se alguma coisa sou, é o falhado que nunca consegue passar do segundo acto. O que aconteceu aqui já foi há muito tempo. Vivi vinte e cinco anos sem sentir necessidade de voltar a este lugar. Por que razão me devo incomodar agora?

Porque está novamente a acontecer.

Quem quer saber disso? Não é problema meu. Não é a minha luta. Com um pouco de sorte, as escavadoras vão fazer que toda aquela aldeia miserável fique soterrada e isso sim, seria mesmo o fim de tudo.

Começo a virar-me quando qualquer coisa me desperta a atenção. Qualquer coisa que esvoaça junto ao chão. Fico um momento a olhar, até que me acocoro e lhe pego. É uma embalagem de um barra *Wham*. Era capaz de reconhecer aquelas cores, azul e vermelho, em qualquer lado. Chris costumava ter os bolsos cheios delas. Se tivesse chegado à idade adulta, duvido que os seus dentes o tivessem acompanhado.

Endireito-me e olho para o fundo da encosta. Tenho a certeza de que não é muito íngreme. Mesmo assim, meto a embalagem no bolso e começo a descer. De facto é mais inclinada do que julguei quando a vi lá do alto, e a meio do caminho a minha perna doente dá de si, escorrega-me o pé e desço

os últimos metros a escorregar sobre o traseiro.

Deixo-me ficar lá em baixo, ofegante e abalado. Assumir de novo a posição vertical obriga-me a fazer um esforço. Fecho os olhos e inspiro fundo várias vezes.

– Nunca telefonou à minha mãe.

Sento-me, sobressaltado. Uma jovem pálida, com o rosto emoldurado pelo carapuço de uma *parka*, está a olhar para mim. Pela trela traz um rafeiro pequeno e esgalgado. Há nela algo que me é familiar, até que percebo quem é. A encantadora empregada do *pub*. *Lauren*.

Se percebe que estou prostrado e coberto de sujidade, a sua expressão nada revela.

– Estou bem. Obrigado por ter perguntado.

– Um tipo velho caiu aqui no ano passado. Morreu de hipotermia.

– Ainda bem que uma boa samaritana como você me encontrou.

Agarro na bengala e ergo-me com dificuldade. O cão fareja à volta das minhas botas. Gosto de cães. Não são complicados. São fáceis. Ao contrário das pessoas. Ou dos gatos. Estendo a mão para o acariciar debaixo do queixo. Arreganha os dentes e rosna. Tiro a mão de imediato.

– Não gosta que lhe façam festas – diz Lauren.

– Já percebi.

Falta-lhe o pêlo em volta do pescoço, como um anel. É uma cicatriz antiga.

– O que lhe aconteceu?

– Ficou preso num arame farpado que lhe rasgou a garganta.

– É espantoso que tenha sobrevivido.

Encolhe os ombros.

– O cão é seu?

– Não. É da minha mãe. Já o tem há anos.

– Costuma vir com ele até aqui?

– Sim.

– Há mais pessoas que vêm passear para aqui?

– Algumas.

Acodem-me à mente as palavras «sangue» e «pedra».

– Ouvi dizer que alguns dos miúdos da escola também andam por aqui.

– Alguns.

– Quando era miúdo, costumávamos fazer isso. Andávamos à procura de maneiras de entrar nos antigos túneis.

– Deve ter sido há muito tempo.

– Pois foi. Obrigado por me ter lembrado.

Não sorri.

– Por que não telefonou à minha mãe?

– Neste momento não preciso de ninguém para fazer a limpeza. Lamento.

– Está bem.

Vira-se para se ir embora. Percebo que estou a perder uma oportunidade.

– Espere.

Olha para trás.

– A sua mãe... ela fazia a limpeza em casa da senhora Morton?

– Sim.

– Portanto, conhecia-a.

– Nem por isso.

– Mas deve ter falado com ela, não?

– A senhora Morton era muito metida consigo.

– A sua mãe nunca referiu atitudes estranhas da senhora Morton, de ela andar transtornada, perturbada?

Encolhe os ombros.

– Ouvi dizer que Ben desapareceu. Pensa que ele fugiu?

Outro encolher de ombros. Tento uma última vez.

– Ben era um dos miúdos que vinham até aqui? Sabe se eles encontraram alguma coisa? Um túnel, uma caverna?

– Devia telefonar à minha mãe.

– Já lhe disse que... – Calo-me a meio da frase. – Se eu telefonar à sua mãe, acha que ela fala comigo?

Olha para mim.

– Cobra dez libras à hora. Cinquenta libras por limpar a casa toda.

Percebo a dica.

– Muito bem. Vou ter isso em consideração.

O cão volta a aproximar-se das minhas botas. Lauren dá um ligeiro puxão na trela e ele olha-a com o focinho cinzento enrugado.

– Já deve ser muito velho – observo.

– A minha mãe diz que já devia ter morrido.

– Tenho a certeza de que não é isso que ela quer dizer.

– Quer, quer. – Vira-se. – Tenho de ir andando.

– Até à próxima! – digo para as costas dela.

Não corresponde à despedida, mas ouço-a murmurar quase para si enquanto se afasta:

– Veio ao lugar errado.
Dizer que é esquisito não chega.



Quando chego a casa vejo um pequeno furgão branco parado à entrada. Na parte de trás apresenta uma torneira de tamanho grande. Imagino que se trate de um canalizador. Tendo em conta os meus problemas com a casa de banho, não pode ser um acaso. Se tivesse telefonado a um canalizador.

Aproximo-me e os meus piores receios confirmam-se. No lado do furgão está escrito Fletcher & Filhos, Canalizações e Aquecimentos. Observo quando as portas se abrem. O *Penteado Idiota* sai de um lado. Outra figura, menos familiar nos dias que correm, apeia-se do lugar do motorista e atira para o chão um escarro amarelo.

– Thorney! Foda-se! Nunca pensei voltar a ver-te por estas bandas.

Não posso dizer o mesmo. Sempre soube que Fletcher nunca sairia dali. Com alguns miúdos, é assim. Não quer dizer que não tenham vontade de partir para outro lugar. O que nunca lhes ocorreu foi a possibilidade de *existir* outro lugar.

– Que posso eu dizer? – pergunto de braços abertos. – Escapou-me a recepção calorosa.

Fletch olha-me de cima a baixo.

– Não mudaste nada.

Mais uma vez, não posso dizer o mesmo. Se é verdade que os anos não foram amáveis para qualquer de nós, para com Nick Fletcher foram mesmo impiedosos. Foi sempre um garoto de rosto inexpressivo, uma daquelas crianças que ainda de fraldas parecem sempre mais velhas, e perdeu a musculatura vigorosa que fazia dele um formidável segurança de Hurst. Agora é magro, quase esquelético. O cabelo, muito curto, é de um amarelo-nicotina, e tem o rosto sulcado por profundas rugas que só a doença ou uma vida dissoluta conseguem cinzelar.

Dirige-se para mim e o *Penteado Idiota* vem atrás, numa atitude que pretende ser ameaçadora, mas que lhe dá um ar de quem sofre de prisão de ventre. Reparo no nariz inchado e nas equimoses negras sob os dois olhos. Gloria. Pergunto-me se o irmão ainda andarà a tratar do ombro deslocado. Sinto uma réstia de satisfação.

Quanto a Fletch, tem um modo de andar, não muito diferente do meu, de um homem que sofre de dores e rigidez nas articulações. Artrite, talvez? Os nós dos dedos deformados também o denunciam. Parece que isso de andar

por aí a rebentar cabeças também tem os seus custos ao fim de algum tempo.

Quando ele se aproxima, sinto-lhe o cheiro: pastilha elástica *Juicy Fruit* e cigarros. Fletcher nunca cheirou a outra coisa senão a *Juicy Fruit* e a cigarros. Afinal de contas, talvez não tenha mudado assim tanto.

– Não és bem-vindo aqui, Thorney. Por que não fazes um favor a todos e te pões na alheta para esse buraco de merda de onde saíste?

– Uau! Que frase tão comprida! Mas um tanto gasta. Uma mistura trivial de adjectivos e verbos, mas não está mal.

O seu rosto ensombra-se. O *Penteado Idiota* avança pesadamente. Vibra no ar uma violência contida. Não só está preparado para me dar uma sova como está ansioso por fazê-lo. A babar-se como um cão diante de um osso suculento.

Tal pai, tal filho. Fletcher sempre gostou de esmurrar primeiro e perguntar depois. Não precisava de justificação para agredir alguém, mas Hurst dava-lhe uma. Fletch adorava partir dentes e fazer olhos negros. Era um lutador maldoso e desleal. E nunca desistia. Vi-o enfrentar rapazes maiores do que ele e derrubá-los à força de maldade e persistência. Se Hurst não o segurasse com rédea curta, tenho a certeza de que não teria dificuldade em espancar alguém até à morte.

Levanta a mão disforme, e o filho tropeça e estaca.

– O que queres?

– Paz para o mundo, salários justos para todos e um futuro melhor para os nossos filhos.

– Continuas a achar que és engraçado?

– Alguém tem de ser.

A mão dele vacila.

– Quero falar com Hurst – digo rapidamente. – Creio que podemos chegar a um entendimento vantajoso para ambos.

– É mesmo?

– Tenho uma coisa que ele quer e estou disposto a dar-lha. Por um preço.

Resfolega.

– Sabes, o Hurst disse para não apertar muito contigo na outra noite. Talvez não se sinta tão generoso agora que o estás a ameaçar.

– Estou disposto a arriscar.

– Então és ainda mais estúpido do que pareces.

– Ah, sim? Pois a mim parece-me que o teu filho também levou uma

valente coça ontem. – Sorrio para o *Penteado Idiota*. – Como está o ombro do teu irmão?

– Tiveste sorte, aleijado – responde, vermelho de raiva.

– Pois foi – diz Fletch. – Agora não tens nenhuns calmeirões que te ajudem...

Calmeirões? Quer dizer que filhos não reconheceram que foram espancados por uma mulher.

– E ninguém se mete com os meus filhos – rosna Fletch, que baixa a mão.

O *Penteado Idiota* salta. Só que desta vez estou preparado. Quando ele levanta o punho desfiro um golpe com a bengala que o apanha por cima da orelha. Estatela-se no chão. Outra bengalada no estômago, outra nas costas. Encolhe-se como um *origami* particularmente feio.

Fletch avança sobre mim. Mas é mais velho e mais lento do que o filho. Dou um passo para o lado e aplico-lhe uma bengalada entre as pernas. Solta um grito e cai de joelhos. Ao longo dos anos também aprendi algumas coisas sobre a arte de provocar a dor. Inclino-me sobre ele, ofegante:

– Estás enganado – digo. – Eu *estou diferente*.

Fita-me com os olhos marejados.

– O que tu estás é morto.

– E quem o diz é o gajo que está agarrado aos tomates. Agora vai dizer ao Hurst que quero uma reunião com ele. Pode escolher em que noite. Mas tem de ser esta semana.

– Não fazes ideia daquilo em que te estás a meter.

O *Penteado Idiota* começa a levantar-se. Parece estonteado, e mais novo do que a princípio julguei. Sinto uma pitada de culpa. Mas só uma pitada. Dou balanço à bengala e aplico-lhe um golpe no nariz inchado. O sangue espirra. Grita e agarra-se à cara.

– Não. *Tu* é que não fazes a menor ideia daquilo de que te estás a livrar. Tens cinco minutos para saíres daqui antes que chame a polícia.

Viro-me e caminho em passos inseguros em direcção à moradia. Agora que a adrenalina está a passar, todo o meu corpo magoado protesta em voz alta contra os esforços que fiz.

Lá de trás chega-me a voz de Fletch, que grita.

– A tua irmã está morta. Não a podes trazer de volta...

A frase fica a meio. Não a acaba. Não precisa de a acabar.

Capítulo 19

1992

Tínhamos combinado um encontro na mina às nove da noite. Ninguém lá ia a uma hora tão tardia e não queríamos que alguém nos apanhasse e nos perguntasse o que estávamos a fazer.

Planeei sair à socapa depois do jantar. A minha mãe estava ocupada com uma pilha de roupa para engomar e o meu pai devia ir até ao *pub*. Havia só uma coisa que tinha de fazer antes. Saí sorrateiro pela porta da cozinha e dirigi-me para o barracão das traseiras. Era lá que o meu pai guardava as ferramentas e o seu antigo equipamento de mineiro.

Tive de procurar um bocado, a afastar teias de aranha e aranhas mortas. Até que encontrei. Um blusão velho de trabalho, umas botas pesadonas, uma corda, uma lanterna e... *sim*... um capacete de mineiro. Peguei nele, sacudi algum pó e experimentei a lanterna frontal. Temia que pudesse não funcionar, mas para minha surpresa emitiu um poderoso fluxo de luz amarela.

– O que estás a fazer?

Dei um salto e virei-me e por pouco não larguei o capacete.

– *Merda!* O que estás *tu* aqui a fazer? Andas a espiar-me?

Annie estava à porta, e a sua silhueta franzina recortava-se contra a claridade mortiça do fim do dia. Tinha o pijama vestido – cor-de-rosa, com um boneco da *Care Bear* – e os cabelos escuros e compridos estavam apanhados num rabo-de-cavalo.

A minha irmãzinha. Oito anos e pretensões a dezoito. Bem-disposta, rabugenta, teimosa, estúpida. Demasiado inteligente, irritantemente querida. Risonha, irritante, divertida. O corpinho mais ossudo e mais tenro que jamais me envolveu numa teia de braços e pernas. Uma dentuça sorridente capaz de derreter o coração mais empedernido. Uma maria-razapaz determinada que continuava a querer acreditar no Pai Natal e em magia. E quem não quer?

– Não devias dizer asneiras – disse ela.

- Está bem, está bem. Já sei. E tu não devias andar a espiar as pessoas.
- Não andei. Não estavas a prestar atenção.

Uma das muitas coisas da vida que não vale a pena fazer é discutir com uma miúda de oito anos. Por muito esperto que se seja, a lógica dos oito anos leva sempre a melhor.

- Bem, estava ocupado.
- A fazer o quê? Isso não é do pai?

Repus apressado o capacete no seu lugar.

- Pois é. E depois?
- O que vais fazer com isso? – De súbito reparou na mochila que eu carregava na outra mão. – Vais levar as coisas do pai?

Adorava a minha irmã. Adorava mesmo. Mas por vezes era como uma dor insuportável no pescoço. Como um *terrier*. Quando ferrava o dente em qualquer coisa, nunca mais a largava.

- Olha, vou só levá-las emprestadas, está bem? Ele já não usa isto.
- E vais levá-las para quê?
- Não tens nada com isso.

Cruzou os braços e semicerrou os olhos. Percebi que havia sarilho.

- Diz-me.
- Não.
- Diz-me, senão vou contar à mãe.

Soltei um suspiro. Sentia-me tenso, nervoso. Não tinha mesmo vontade de voltar àquele alçapão. Nem sabia por que razão estávamos a fazer aquilo, mas tinha de seguir em frente para não parecer cobarde aos olhos dos outros, e agora a minha irmãzinha de oito anos estava a causar-me problemas.

- Olha, é só uma mer... uma coisa chata, está bem? Vamos dar um salto à mina antiga.

Acercou-se discretamente de mim.

- Então para que precisas das coisas do pai?

Suspirei de novo.

- Se te disser, tens de prometer que não contas a ninguém, está bem?
- Está bem.

– Encontrámos um buraco que dá para o centro da terra e vamos descer porque pensamos que há lá um universo cheio de dinossáurios.

Olhou para mim, carrancuda.

- Só dizes merdas.

Lá se vai a intenção de não dizer palavrões.

– Muito bem. Se é assim, não acredites.

– Não acredito.

– Muito bem.

Segue-se uma pausa. Meti o capacete, as roupas, a corda e as botas na mochila, corri o fecho e coloquei-a às costas.

– Joey?

Detesto que qualquer pessoa me chame Joey, excepto a minha irmã, sobretudo por ser um insulto fácil.

– O que é?

– Tem cuidado.

E correu para casa com os pés descalços e sujos e o rabo-de-cavalo a saltitar-lhe nas costas.

Fiquei a vê-la afastar-se e gostaria de dizer que senti um arrepio de premonição. Que uma nuvem correu pelo céu, empurrada por um vento malévolo. Que os pássaros se ergueram das árvores a voar e a piar ou que o estrondo repentino de um trovão quebrou a quietude da noite.

Mas nada aconteceu.

É o problema da vida. Nunca nos dá um aviso. Nunca nos fornece o mais ligeiro indício de que o momento pode ser importante. Podíamos tentar ganhar tempo, avaliar a situação. Mas a vida nunca nos deixa saber se vale a pena agarrar uma coisa, a não ser quando já a perdemos.

Fiquei a ver Annie a afastar-se – alegre, inocente, descuidada – sem fazer ideia de que seria a última vez que a veria assim.

E não me apercebi de que ela tinha levado a lanterna.



Estávamos de pé à volta do alçapão – eu, Fletch e Chris. Hurst ainda não tinha aparecido. Uma parte de mim – uma parte grande – ansiava por que ele não viesse.

Todos trazíamos botas, roupas escuras e coletes pesados, com excepção de Chris, que tinha o ar de quem tinha passado o dia a passear pelo parque, com um blusão e calças de ganga e ténis. Eu era o único que levava um capacete de mineiro (e a mochila com a corda lá dentro), mas todos traziam lanternas. Estávamos prontos. Mas sem uma alavanca para levantar o alçapão, estávamos prontos para nada.

– Por onde raio andarás ele? – resmungou Fletch, que tirou do bolso um maço de *Benson & Hedges*.

Encolhi os ombros.

– Se calhar não vem.

E podíamos todos ir para casa e esquecer aquele projecto estúpido sem ficarmos mal vistos nem darmos parte de fracos.

Chris não parava quieto. Fletch fumou o cigarro até ao fim. Eu fingi estar muito chateado, sempre a olhar para o relógio, mas cada vez mais aliviado. Estava quase a sugerir que esquecêsemos o assunto quando se ouviu uma voz conhecida:

– Tudo bem, rapazes?

Todos nos virámos. Hurst saltitava pela encosta abaixo. Não estava sozinho. Marie apressava-se atrás dele.

– O que está ela aqui a fazer? – perguntou Chris.

– É a minha namorada, só isso.

Senti que o coração me caía sobre as botas demasiado grandes. Embora Marie não viesse adequadamente vestida para explorar um buraco – vestia uns *jeans* claros e sapatos de saltos agulha – trazia consigo um saco de onde emergia o gargalo de uma garrafa de *Diamond White*.

– Então, estamos prontos? – perguntou Hurst com um sorriso, a brandir o pé-de-cabra.

A sua voz soou um pouco arrastada.

– Prontos.

Fletch atirou para o lado a ponta do cigarro, que ficou a reluzir como um olho vermelho e malévolo.

Chris agitou-se outra vez, como se precisasse de ir à casa de banho ou calçasse sapatos apertados. Parecia nervoso, mas o nervosismo dele não era igual ao meu. Irradiava uma agitação inquieta.

– Ela não devia estar aqui – resmungou, quase para consigo.

Marie olhou-o com uma expressão ameaçadora.

– Estás a falar de mim? – perguntou.

Apesar da situação – e de concordar com Chris – não pude deixar de notar que naquela noite ela estava esplêndida. Tinha o cabelo revoltado e a caminhada (e talvez também a cidra) imprimiam-lhe ao rosto uma magnífica coloração rosada. Engoli em seco e agitei-me também.

Marie avançou para Chris.

– Estás a dizer que não devia aqui estar porque sou uma rapariga? Porque sou demasiado fraca para fazer as mesmas coisas que vocês fazem?

Marie era capaz de ser agressiva, mas naquela noite havia nela qualquer

coisa – uma vez mais, talvez fosse efeito da cidra – que a predispunha para o confronto.

Chris encolheu-se.

– Não, é que...

– O quê?

– Nada – atalhei rapidamente. – Chris estava só preocupado contigo. Não sabemos o que está lá em baixo. Pode ser perigoso.

Pareceu que ia outra vez refilar. Mas em vez disso a sua expressão suavizou-se.

– Bem, é muito simpático, mas não se preocupem. Sei tomar conta de mim.

Tirou do saco a garrafa de *Diamond White*, desenroscou a tampa e bebeu um gole.

– E se ela não conseguir, tomo *eu* conta dela – disse Hurst, a dar-lhe um apalão no traseiro antes de lhe tirar a garrafa para emborcar vários tragos.

– Vamos lá então – resmungou Fletch.

Percebi que também não lhe agradava a presença de Marie. Mas por outras razões. Fletch sempre se considerou o melhor amigo de Hurst. Com a presença de Marie descia um ponto na escala dos afectos.

– Tens razão, porra – disse Hurst, a devolver a garrafa a Marie.

Assumiu um ar superior e entalou o pé-de-cabra sob o rebordo metálico da tampa. À primeira tentativa tropeçou e o pé-de-cabra escapou-lhe das mãos.

– Merda!

Pegou-lhe de novo e voltou a entalá-lo debaixo do alçapão. Voltou a fugir-lhe.

– Deve estar preso – disse eu.

Atirou-me um olhar irritado.

– Achas que sim, *cérebro*? – Olhou para Fletch e para mim. – E se me ajudassem, hem?

Avançámos ambos com relutância (pelo menos eu, de certeza). Fletch foi o primeiro a chegar. Agarrou no pé-de-cabra logo abaixo de onde Hurst o segurava e os dois fizeram força.

Olhei para o alçapão, desejoso de que não se mexesse. Mas desta vez ouviu-se um guincho. Do metal ferrugento a ceder, depois de anos sem uso.

– Mais – rosnou Hurst entre os dentes cerrados.

Voltaram a fazer força, e desta vez consegui ver o alçapão a levantar. Alguns centímetros de escuridão surgiram entre o metal e a terra. O meu

pressentimento agoirento subiu ao mesmo tempo que a tampa.

– Outra vez – grunhiu Hurst.

Fletch rugiu, foi mesmo um rugido e voltaram a fazer força para baixo.

O alçapão ergueu-se mais.

– Agarrem-no! – gritou Hurst.

Chris e eu baixámo-nos e agarrámos o rebordo metálico. Marie juntou-se a nós. Puxámos todos. Era pesado, mas não tanto como eu esperava.

– Um, dois, três.

Levantámos ao mesmo tempo, e desta vez a tampa deu de si de repente. Cambaleámos para trás quando ela caiu no chão, a levantar uma nuvem de poeira e terra. O baque surdo ao embater no solo pareceu repercutir-se através das solas das minhas botas.

Hurst soltou um grito de triunfo. Atirou o pé-de-cabra para o chão e saudou Fletch com a mão aberta. Marie sorria como uma idiota. Até eu senti um súbito frémito de adrenalina. Só Chris se conservou em silêncio, impassível.

Todos avançámos um passo, e eu espreitei para o buraco. Fletch ligou a lanterna. Ajustei a luz do capacete. Esperava ver um buraco negro, um negrume que as nossas lanternas dificilmente penetrassem, um poço vertical em direcção a nada.

Mas não foi o que vi. O que vi foi pior. Degraus. Uma estrutura metálica presa à rocha, como uma escada, e que conduzia lá para baixo, muito lá para baixo. Não consegui ver o fundo. Um arrepio gélido percorreu-me a coluna.

– Merda – murmurou Hurst. – Tinhas razão, *Molengão*. Isto é uma entrada.

Uma entrada para quê?, pensei. *Que raio esperávamos nós encontrar lá em baixo?*

Hurst levantou a cabeça. Nos seus olhos havia um fulgor que eu bem conhecia. Fixo, perigoso, tresloucado.

– Quem desce primeiro?

Uma pergunta desnecessária. Porque...

Voltou-se para mim.

– Thorney, tens o equipamento completo.

Pois claro. Voltei a olhar para o buraco e senti um nó nas tripas. Não queria descer por ali. Nada que pudéssemos encontrar no fundo daquele poço comprido e escuro poderia ser bom. Nada daquilo era bom.

– Não sabemos aonde vai dar – contrapus. – Aqueles degraus estão velhos e enferrujados. Podem partir-se. É um trambolhão do caraças.

Fletch imitou o cacarejar de uma galinha.

– Qual é o problema, Thorney? Estás com cagufa?

Estava. É claro que estava. Como uma galinha choca, com penas e tudo.

Há momentos na vida em que temos de fazer uma opção. Fazer o que está certo ou ceder a pressões. Se virasse costas e viesse embora estaria a ser sensato – os outros até poderiam seguir-me –, mas bem podia esquecer que fazia parte do bando de Hurst. Passaria o resto do meu tempo de escola a comer o almoço numa paragem de autocarro.

Mas ao menos estaria vivo para almoçar.

– Joe? – Era Marie. Pousou a mão no meu braço e dirigiu-me um sorriso mole, embriagado. – Se não quiseses, não és obrigado a fazer isto. Está tudo bem.

Aquilo resolveu o problema. Ergui o braço e apertei o frangal do capacete do meu pai.

– Eu vou.

– Boa – disse Hurst, a dar-me uma palmada nas costas. Olhou para os outros. – Estão prontos?

Assentiram e murmuraram que sim. Mas eu percebi o nervosismo na expressão de Fletch. Só Hurst se mostrava confiante, estimulado pelo álcool e pela excitação tresloucada. E Chris. Chris estava calmo como se fosse dar uma volta pelas lojas.

– Pronto. Vamos lá fazer esta merda. – Hurst apanhou a gravata que tinha deixado no chão. Amarrou-a à volta da cabeça e sorriu. – Vamos fazer sangue.

Depois, como se lhe tivesse ocorrido alguma ideia, baixou-se e apanhou o pé-de-cabra.

Olhei para o ferro e formou-se-me um nó no estômago.

– Para que precisas disso?

Sorriu de novo e bateu com o pé-de-cabra na palma da outra mão.

– À cautela, Thorney. À cautela.



Os degraus *estavam* enferrujados e eram estreitos. Mal conseguia apoiar a ponta do pé. Gemiam e dobravam-se sob o meu peso. Agarrei-me desesperadamente, a rezar para que aguentassem pelo menos até eu chegar ao fundo.

Lá de cima chegava-me o som dos outros que me seguiam; uma chuva de terra e pedaços de metal caiu-me sobre o capacete. Embora me tivesse

sentido um bocado estúpido ao pô-lo na cabeça, agora agradava-me ter aquela protecção, que me deixava as duas mãos livres para me agarrar.

À medida que descia, fui contando os degraus. *Dez, onze, doze*. Aos dezanove senti que me faltava um degrau. O meu pé pairou no ar até assentar em terreno firme. Fui percorrido por uma onda de alívio. Baixei o outro pé. Tinha conseguido.

– Cheguei ao fundo! – gritei.

– Vês alguma coisa? – gritou Hurst lá de cima.

Olhei em volta. A lâmpada do capacete de mineiro projectava uma luminosidade fraca e amarelada. Encontrava-me numa pequena gruta onde não caberiam mais de umas seis pessoas. Além do que me pareceram alguns ossos de animais espalhados pelo chão, estava vazia. Não sei se fiquei aliviado ou desapontado.

– Muito pouco – respondi.

Hurst aterrou a meu lado com um baque surdo. A seguir chegaram Fletch, Chris e Marie, que descia desajeitadamente com os sapatos de salto alto e sempre agarrada ao saco com a garrafa de cidra.

– É só isto? – perguntou ela.

Fletch fez girar a lanterna e escarrou no chão.

– É só um buraco de merda.

– Foi uma perda de tempo – disse eu, a disfarçar a minha satisfação.

Hurst fez uma careta.

– Que se foda isto. Preciso de mijar.

Virou-se para a parede. Ouvi-o correr o fecho e o jacto de urina a bater no chão. O cheiro acre, reforçado com a cidra, encheu o espaço acanhado.

Chris continuava a olhar em volta, com ar intrigado.

Olhei para ele e perguntei:

– O que é?

– Julguei que houvesse mais qualquer coisa.

– Mas não há, portanto...

Mas ele não me estava a ouvir. Tinha começado a rodear a caverna, como um cão à procura de um osso. De repente estacou junto a um sítio onde as sombras pareciam adensar-se. Inclinou-se para a frente.

E de repente desapareceu. Pestanejei. Mas que raio...?

– Onde se meteu? – perguntou Marie.

Hurst puxou o fecho das calças e voltou-se para nós.

– Onde está o *Molengão*?

– Aqui – respondeu uma voz sem corpo.

Apontei a luz na direcção do som. Foi então que a vi. Uma abertura na rocha. Estreita e com pouco mais de um metro de altura. Passava despercebida desde que não se procurasse com afinco. Ou se soubesse da sua existência.

– Isto vai mais fundo! – gritou Chris da escuridão. – Há mais degraus.

– Isso já faz mais sentido, porra! – exclamou Hurst.

Afastou-me com um empurrão e esgueirou-se atrás de Chris. Após uma ligeira hesitação e mais um gole de cidra, Marie foi atrás dele, e Fletch seguiu-a.

Soltei um suspiro, amaldiçoei Chris e baixei-me para os seguir. A minha cabeça embateu na parede. O capacete de mineiro era demasiado largo. A luz vacilou e apagou-se. Merda. Devo ter batido com a bateria. Recuei e tirei o capacete. Tinha de o levar de lado. Comecei a avançar pelo buraco, mas hesitei. Pareceu-me ter ouvido qualquer coisa. Um raspar e uma derrocada de pedras. O som vinha detrás de mim, da escada por onde tínhamos descido.

Olhei em redor, mas sem a luz o que vi foram só trevas e agitação diante dos meus olhos.

– Ei! – gritei. – Está aí alguém?

Silêncio.

Mas que estúpido, Joe. Não podia estar ali ninguém. Se calhar era o vento a soprar pelo buraco aberto. Como podia estar ali alguém? Ninguém sabia do alçapão. Ninguém sabia que *nós* estávamos ali. Ninguém.

Não há aqui ninguém além de nós, pensei disparatadamente, a recordar-me de uma canção antiga que a minha avó costumava cantarolar. *Aqui não está ninguém.*

Lancei um derradeiro olhar às trevas. Voltei-me, esgueirei-me pelo buraco e segui atrás dos outros.

Capítulo 20

– O fim-de-semana, foi bom?

Beth surge ao meu lado, entre um grupo de alunos.

Tem um ar fresco e atrevido e todas essas coisas que em geral detesto ver nos outros antes das nove da manhã de uma segunda-feira.

Fito-a por debaixo das pálpebras pesadas como chumbo.

– Não foi mau.

Olha-me com mais atenção.

– Foi mesmo? Está com um aspecto miserável.

Prossigo pelo corredor.

– É o resultado de um bom fim-de-semana.

– Pois. Quando se chega à sua idade, as ressacas levam mais tempo a passar.

– À *minha* idade?

– A meia-idade, está a ver? Crise, comezainas e exames à próstata.

– Você é mesmo um pequeno raio de Sol numa triste manhã de segunda-feira, não é?

– Oh, e ainda não viu o melhor.

– Vamos fingir que já vi.

Pestaneja.

– Quando vir, percebe.

– Duvido. Na *minha* idade.

Solta uma gargalhada baixa e sincera que de certo modo me alegra um pouco a disposição fúnebre.

Mas por que razão mentiu ela?

Estou a pensar numa maneira de lhe fazer a pergunta quando um aluno do nono ano com um penteado extravagante e um uniforme pouco mais do que aceitável dobra a esquina a correr e quase colide connosco antes de conseguir parar.

– Já te disseram que não se pode correr nos corredores? – pergunto em tom desabrido.

– Desculpem, mas têm de ir à casa de banho.

– Já fui, obrigado.
Beth olha-me de viés.
– O que se passa? – pergunta.
O rapaz agita-se, nervoso.
– Acho que é melhor ir lá ver, minha senhora.
– Precisamos de saber mais do que isso – digo.
– É o Hurst, tem um miúdo lá dentro e...
Cala-se. Nenhum aluno gosta de ser delator.
– Muito bem. Vamos lá. – Aceno com a cabeça a indicar que se pode ir embora. – E não te preocupes, não viste nada.
Agradecido, retoma a corrida pelo corredor.
Olho para Beth, que deixa escapar um suspiro.
– Lá se vai o meu café.



Quando nos aproximamos começo a ouvir gritos abafados e gargalhadas. Empurro a porta. Do outro lado, alguém a mantém fechada.

– Desaparece. Está ocupado.
– Já não está.

Empurro a porta com o ombro e entramos de roldão. O miúdo que segurava a porta cambaleia na direcção dos urinóis.

Avalio a cena. Três dos comparsas de Hurst estão de pé num semicírculo largo. Hurst está ajoelhado ao lado de um miúdo deitado no chão com uma caixa *Tupperware* ao lado. Agarro-o por um braço e levanto-o.

– Tu. Vem para aqui.

Olho para o miúdo que está no chão. O coração cai-me aos pés. Marcus. É claro que tinha de ser.

– Estás bem?

Acena com a cabeça. Tenta sentar-se, mas não consegue. Estendo-lhe a mão, mas não a agarra. Há qualquer coisa estranha com a boca dele.

– Marcus. Fala comigo. Sentes-te bem?

De repente, leva as mãos ao estômago, inclina-se para a frente e vomita. Uma torrada meio comida espalha-se sobre os ladrilhos gretados, com qualquer outra coisa. Uma mistura ensarilhada de corpos escuros e pernas compridas. Um deles arrasta-se e tenta fugir. Sinto que o meu estômago também se revolta. Uma aranha de patas longas.

Pego na caixa *Tupperware*. Continua meio cheia de insectos esguios. Estavam a obrigar Marcus a comê-los. Por um momento, é como se cegasse.

Só vejo manchas brancas à minha frente.

– De quem foi a ideia? – pergunto.

Como se não soubesse.

Mais silêncio.

– Perguntei *de quem foi a ideia?*

A minha voz faz eco nas paredes revestidas a azulejo.

Hurst dá um passo em frente, os lábios recurvados num sorriso desdenhoso. Sinto uma vontade irreprimível de lho arrancar.

– Foi minha. Mas fui provocado.

– Foste mesmo?

– Sim. Marcus tem andado a chamar nomes à minha mãe. Por causa do cancro. Pergunte a quem quiser.

Olha de relance para o bando de paspalhões. Todos acenam.

– És um mentiroso – acuso.

Avança para mim até que os nossos narizes quase se tocam.

– Prove-o, *senhor* professor.

Não me contenho e empurro-o com força contra o lavatório. Agarro-o pelos cabelos e bato-lhe com a cabeça contra as torneiras enferrujadas, uma e outra vez. O sangue espirra para a parede de azulejo, a criar formas abstractas em vermelho. Sinto a cabeça dele a rachar. Saltam-lhe da boca alguns dentes, que caem no chão. Não consigo parar. Não consigo parar até que...

Beth põe a mão no meu braço.

– Deixe-me tratar disto, senhor Thorne, está bem?

Pestanejo. Hurst continua à minha frente, com aquele sorriso escarninho. Cerrei o punho da mão direita, estendida ao longo do corpo. Mas não lhe toquei.

Beth tira-me da outra mão a caixa *Tupperware*.

– Hurst, estou a um passo de te suspender de imediato. Dizes mais uma palavra e é o que faço. Agora, todos, para o gabinete do director. Já.

– Devia ir consigo.

– *Não* – responde em tom firme. – Deve ficar aqui e cuidar de Marcus.

Abre a porta com um puxão e saem todos em fila, mesmo Hurst. Beth volta-se e lança-me um olhar severo.

– Falamos disto mais tarde, senhor Thorne.

– Tinha tudo controlado.

Como resposta, bate com a porta ao sair. Fico a olhar durante uns

momentos, até que me viro para Marcus. Continua curvado no chão, a respirar pesadamente.

– Consegues levantar-te?

Um ligeiro aceno de cabeça. Estendo-lhe a mão e desta vez ele agarra-a. Puxo-o para cima, até ao lavatório.

– Não queres lavar a cara e passar a boca por água?

Mais um aceno de cabeça estonteado. Olho para a torrada e para os aranhões vomitados. O insecto meio morto desistiu e imobilizou-se no solo.

Suspiro. Trabalho de professor. Entro num dos cubículos, tiro um longo pedaço de papel higiénico (segundo o regulamento da escola, é preciso usar várias folhas para que não se rompam ao contacto com algo húmido ou sólido). Reparo que há qualquer coisa na sanita, além de uma quantidade de urina malcheirosa. Um objecto preto flutua no centro da peça de porcelana. Um telemóvel. Puxo o autoclismo, contando que seja demasiado grande para ir pelo cano abaixo, tiro-o para fora e seco-o com o papel higiénico. Olho para o velho *Nokia* e saio do cubículo.

Marcus fecha a torneira, limpa a cara à manga do casaco e fita-me a pestanejar. Tem círculos vermelhos em volta dos olhos.

– Isto é teu? – pergunto, a mostrar o telefone.

– Sim – e acena com a cabeça.

– O que aconteceu ao teu *iPhone*?

Baixa os olhos para o chão.

– O que lhe parece?

A ira cresce-me no peito. Não os podemos proteger a todo o momento. Isso já sei. Faz-se o que se pode quando se está na escola. Mas não estamos presentes no caminho para casa, no parque, no campo de jogos, nas lojas. Os rufiões não deixam de ser rufiões quando a campainha toca.

– Marcus...

– Eu não vou ao director.

– Não te vou obrigar. Beth e eu vimos o que aconteceu. Com um pouco de sorte, Hurst será suspenso.

– Pois.

Gostaria de o contradizer, mas descubro que não tenho vontade.

– Nunca se sabe – digo.

– Eu sei. E o senhor também sabe.

Não respondo.

– Posso-me ir embora?

Aceno com um gesto cansado. Passa a correia da pasta pelo ombro e sai em passo arrastado. Fico sozinho, a olhar para a porcaria que está no chão. *Marcus não é um problema meu*, digo para comigo. *Nem vou ficar por aqui muito tempo*. Mesmo assim, o meu lado bom e irritante insiste que quer fazer alguma coisa por ele. Procuro ignorá-lo e vou buscar mais papel higiénico. Dou-me conta de que ainda tenho o telefone dele. Meto-o no bolso. Devolvo-lho mais tarde. Limpo o vomitado com uma careta de nojo enquanto o meu estômago se revolta, e saio dos lavabos a coxear.

Podia ir ao gabinete de Harry, mas tenho o pressentimento de que a minha presença só pode prejudicar a situação. Além disso, já sei o que vai acontecer. Até consigo imaginá-lo. Uma palmadinha na mão. Castigo. Harry a suspirar fundo enquanto explica que tem as mãos atadas; suspender Hurst não seria apropriado, tendo em consideração o estado de saúde da mãe, para já não falar nos exames, que estão à porta. Afinal de contas, são coisas de garotos.

O problema é que, se os deixamos ser garotos, não tarda que sujem a cara com sangue de porco, que se empurrem uns aos outros do alto das falésias e que esmaguem a cabeça dos colegas com pedras. A nossa função enquanto professores, adultos e pais é impedir a todos os níveis que os garotos sejam garotos antes que nos enfiem o mundo inteiro pela cabeça abaixo.

Arrasto-me vagarosamente pelo corredor, agora vazio, ainda que os corredores de uma escola nunca pareçam vazios. Ecoam neles o riso, os gritos e os berros dos alunos que há muito de lá saíram. Os seus fantasmas permanecem, rodeiam-me, passam por mim com gritos de *Ei, Thorney!* e *Vamos apanhar-te*, Molengão! A campainha toca e volta a tocar enquanto os ténis agora apodrecidos chamam pelos cantos a correr para aulas intermináveis. Por uma ou duas vezes tenho a sensação de entrever outros reflexos além do meu nos vidros das janelas. Uma massa de cabelos loiros, um miúdo pequeno e franzino com uma amálgama vermelha no lugar onde estive o rosto. E lá vamos outra vez, entregues aos registos da memória.

– Senhor Thorne?

Sou apanhado de surpresa. A menina Grayson está à minha frente, a segurar contra o peito uma pilha de processos azuis e a olhar-me com frieza através dos óculos.

– Não devia estar na aula?

Pelo tom da voz dela, até parece que estou em calções.

– Sim, sim, vou a caminho.

- Está tudo bem?
- É só uma daquelas manhãs. Sabe como é, daquelas em que nos perguntamos por que razão quisemos ser professores.
- Acena com a cabeça.
- Está a fazer um bom trabalho, senhor Thorne.
- A sério?
- Sim. – Pousa a mão no meu braço. Sinto-a fria através da manga da camisa. – Faz cá falta. Não desista.
- Muito obrigado.

Qualquer coisa que se assemelha a um sorriso perpassa-lhe pelo rosto. Para logo em seguida desaparecer a passos largos nos seus *mocassins*, vestida com o *cardigan* e a saia beges, como um fantasma dos tempos passados.



Quando chego à sala de aula, os meus alunos do 10.º ano estão à minha espera. Quando digo «estão à espera», quero dizer que estão para ali sentados, agarrados aos telemóveis e com os pés em cima das carteiras. Quando entro, alguns esboçam uma tentativa tímida de guardar os telefones e de se sentarem devidamente. Mas a maioria não se dá a esse trabalho e limita-se a olhar-me de relance quando atiro a sacola com os livros para cima da cadeira.

Olho para eles. Apesar das palavras da menina Grayson, experimento uma súbita depressão quanto à futilidade do meu trabalho, da minha vida e do meu regresso a este lugar. Desloco-me pela sala a distribuir exemplares muito manuseados de *Romeu e Julieta*.

– Guardem os telefones antes que os confisque. E devo avisá-los que muitas vezes me engano e confundo o cofre da escola com microondas.

Segue-se um pequeno frémito de actividade.

– Muito bem – digo a retomar o meu lugar defronte da turma. – A lição de hoje é sobre a maneira de todos obterem *pelo menos* um *B* pelos exercícios medíocres que apresentaram a semana passada.

Um murmúrio percorre a sala. Um atrevido levanta o braço:

– E como fazemos isso, senhor professor?

Sento-me e tiro da pasta a pilha de trabalhos de casa que devia ter classificado durante o fim-de-semana.

– Sentam-se quietos e calados e fingem que estudam enquanto eu finjo que leio isto.

Pego na caneta encarnada e perpasso pela sala um olhar carregado de intenção. Abrem os livros.



Terminada a aula, libertados os alunos e acabada a correcção dos exercícios – contrariamente ao que disse li a maior parte e alguns até mereciam um *B* – arrumo as minhas coisas e verifico o telefone em busca de mensagens. Nada. Nenhuma resposta do meu correspondente secreto. Não que eu esperasse alguma. Não é assim que estas coisas funcionam. Mesmo assim, empenhado como sempre em futilidades, volto a tentar o número.

Ouçó um telefone tocar. Franzo a testa. Há outro telefone a retinir nesta sala, em perfeita sincronia. No meu bolso. Meto a mão lá dentro e retiro o velho *Nokia*. O telefone de Marcus. Fico a olhar para o aparelho. O meu número pisca no mostrador. A campainha cala-se e uma voz automática informa-me que cheguei ao correio de voz da Vodafone, blá, blá, blá.

Estou a olhar para o telefone, a tentar compreender o que se passa – compreender *qualquer coisa* – quando ouço uma pancada forte na porta da sala de aula. Volto a meter o *Nokia* no bolso.

Beth entra a passos largos e empoleira-se numa das carteiras.

- Ei.
- Entre, sente-se.
- Obrigada.
- O que aconteceu ao Hurst?
- Uma semana de castigo.
- Só isso?
- Foi mais do que eu esperava. Já conheci amebas com mais coluna dorsal do que Harry.
- Quer dizer que todos os comparsas de Hurst corroboraram a história dele?
- Cantavam em coro, como a mais horrível das bandas de adolescentes.
- Pois claro.
- Estabeleceu-se um silêncio.
- Ouça, a propósito daquilo que aconteceu...
- Você teve razão – digo. – Estava quase a perder as estribeiras.
- Foi o que eu pensei.
- Às vezes, com Hurst, a coisa passa das marcas, é como se a história se repetisse.
- Sei que com certeza não me diz respeito...

– Com certeza.

– Mas não há qualquer coisa mais entre você e o Hurst Sênior? Que tem a ver com o seu regresso aqui?

– Por que motivo pergunta?

– Não sou a única a perguntar.

– E isso quer dizer...

– Chegou aos ouvidos de Harry que vocês os dois têm uma história. Creio que tem medo que isso lhe venha a causar problemas. E quando falo em problemas, falo no emprego.

– Não há razão para ele se preocupar. É uma história muito antiga.

– Nesta terra isso não existe.

Ela tem razão. Arnhill tem mais segredos do que genes partilhados.

– Seja como for – continua ela –, se estiver disposto a uma conversa em frente de uma caneca de cerveja, pode ser amanhã à noite?

Pondero a proposta. Não tenho vontade de falar a respeito de Hurst. Mas *gostaria* de conversar com Beth.

– Pode ser.

– Está combinado.

– Boa.

Sorri e deixa-se escorregar da carteira. Há outra coisa que tenho de lhe perguntar.

– Beth, sabe alguma coisa a respeito de Marcus e da família dele?

– Porquê?

– Simples curiosidade.

– Bem, a mãe dele faz limpezas. No outro dia, Lauren deu-lhe o cartão dela no *pub*.

Ouçõ um tilintar surdo num recesso do meu espírito. É a moeda a cair. Tiro a carteira do bolso e procuro o cartão.

– *Dawson's Dust Busters*?

– Ora aí tem – diz Beth.

Isto faz de Lauren – *Empregada Carrancuda, Passeadora Relutante de Cães* – irmã de Marcus. Agora percebo as semelhanças. O destrambelhamento desengonçado. O comportamento social estranho. Ponho-me a pensar. A mensagem veio do telefone de Marcus. E naquele dia ele estava no cemitério. Não foi uma coincidência. Mas como arranjou o meu número? E como sabia dos *graffiti* e da minha irmã? Não. Aqui há mais qualquer coisa. Qualquer coisa que me está a escapar.

- A mãe de Marcus viveu sempre cá?
- Não é o caso da maioria dos habitantes de Arnhill?
- Qual é o primeiro nome dela?
- Ruth.

Agora qualquer coisa se agita nas traseiras do meu cérebro. Tal como aconteceu no dia primeiro dia, à entrada da escola. Uma velha recordação despertada.

- Dawson é o nome de solteira?

Beth revira os olhos.

– Meu Deus! Você pensa que eu sou o quê? O registo matrimonial das pessoas de Arnhill? Tenho uma vida fora desta aldeia de merda, não sei se sabe.

- Claro. Desculpe.

Cruza os braços e fita-me com ar severo.

- Por que quer saber?

Porque preciso de respostas.

- Penso que posso ter andado na escola com ela.

Solta um longo suspiro.

– De facto, *não* é. O marido dela morreu há alguns anos. Não se perdeu nada, não era boa peça, sob aspecto nenhum. Lauren nem usa o apelido dele.

- E como sabe isso?

– Porque ajudei Lauren a preencher algumas candidaturas de emprego. Reparei que o apelido era diferente. Disse-me que usava o nome da mãe...

- Que é...?

- Moore.

Por pouco não bato na testa com a palma da mão.

Ruth Moore, é tão pobre que recebe refeições grátis e pede mais. Ruth Moore, feia e pobre, lambe merda do chão da retrete.

Mais uma miúda desajeitada e socialmente inadaptada. Outra vítima. E, no entanto, muitas vezes são os que se apercebem de mais coisas. Sem ninguém dar por eles, absorvem tudo o que se passa – as histórias, os mexericos, os podres da vida escolar, e captam-no como um tronco à deriva num rio caudaloso. E ninguém se apercebe daquilo que eles sabem. Porque ninguém pergunta.

Beth franze a testa.

- Você sente-se bem?

- Sim, estava só a pensar que talvez possa falar com ela... a respeito de

Marcus.

Entre outras coisas.

– Pode tentar. Mas ela é um bocado esquisita. – Olha para mim e muda de opinião. – Vocês os dois são capazes de se entender bem.

– Obrigado.

– De nada. – Dirige-se para a porta. – Até mais logo.

Espero até não se ouvir o ranger dos ténis dela e pego no cartão de Ruth. *Dawson's Dust Busters*. No verso, um número e um subtítulo: «Não há serviços insignificantes nem desarrumações demasiado grandes.»

Se ao menos fosse verdade. Há coisas que não se conseguem limpar com uma escova e um balde de lixívia. Tal como o sangue, permanecem como pústulas sob a superfície.

Eu sei o que aconteceu à tua irmã.

E por vezes regressam.

Capítulo 21

A casa em banda é pequena e muito asseada. Não parece pobre sob nenhum aspecto. As janelas são novas, em uPVC, a porta de madeira é bonita, e cá fora tem um alegre arranjo floral pendente. Junto ao passeio está estacionado um *Ford Fiesta* azul com as palavras *Dawson's Dust Busters* escritas lateralmente em brilhantes letras prateadas.

Percorro o caminho curto até à porta. No peitoril da janela está reclinado um gato cor de tigre que me olha com um desprezo preguiçoso. Detenho-me junto da porta. Embora tenha tido o dia inteiro para reflectir sobre o assunto, continuo a não saber como devo abordar isto. Por alguma razão aquelas mensagens eram anónimas. Se Ruth as enviou, não há-de querer falar. A questão é, *por que razão* as enviou?

Não conheço Ruth. Nunca a conheci de facto. Ninguém a conhecia. Na escola, não fazia parte de nenhum grupo. Não era amiga de ninguém. Ninguém a acolhia. Nunca era escolhida para nada, a menos que o desporto fosse humilhar e atormentar.

Lembro-me de um dia uma das outras raparigas lhe roubar as calcinhas na aula de Educação Física. Um bando de miúdos – rapazes e raparigas – armados com paus e réguas, seguiram-na à saída da escola. Cercaram-na quando tentava escapulir-se para casa, troçaram dela, chamaram-lhe nomes e levantaram-lhe a saia para lhe exhibir a nudez. Foi cruel e horrendo, sem nada de sexual. Foi humilhação brutal, pura e simples. Não sei a que ponto poderia ter ido se a menina Grayson não tivesse visto por uma janela o que se passava e interviesse para a levar a casa.

Não que em casa fosse muito melhor. A mãe gostava de beber e o pai tinha mau génio, o que não era uma boa combinação. Ao que parece, conseguia-se ouvi-los na rua a gritarem um com o outro o dia inteiro. O único companheiro de Ruth era um cão velho e sarnento que ela costumava levar a passear até à antiga mina.

Não fui um dos garotos que a humilharam. Pelo menos nesse dia. Mas não é nada de que me deva orgulhar. Também não a ajudei. Fiquei de parte, a ver o seu tormento. Depois fui-me embora. E não foi a primeira vez. Nem a

última.

Ruth era uma daquelas miúdas em que nos esforçamos por não pensar depois de sairmos da escola, porque fazê-lo nos faz sentir um pouco pior a nosso respeito. E eu tinha coisas muito mais graves para me sentir mal.

Levanto a mão para bater à porta... que se abre de imediato.



À minha frente está uma mulher baixa e entroncada. Veste uma bata de limpezas de um cor-de-rosa-encarniçado com o nome da empresa bordado no peito. O cabelo espesso e castanho está aparado curto. Mais por razões práticas do que estéticas, imagino. Por detrás da franja mal cortada, o seu rosto tem o aspecto estóico de quem está habituado a sofrer desgostos. Um rosto desgastado pelos pequenos golpes infligidos pela vida. Em geral, são os que mais fazem sofrer.

Olha-me com ar desconfiado, de braços cruzados.

– Sim?

– Ehhh, senhora Dawson? Deixei-lhe uma mensagem. O meu nome é Joe Thorne. Sou professor na...

– Eu sei quem é.

– Muito bem.

– O que quer?

É evidente que as subtilezas sociais não são uma característica da família.

– Bem, como lhe disse na mensagem, quero devolver o telefone do Marcus. Perdeu-o hoje na escola. Ele está?

– Não. – Estende a mão. – Eu entrego-lho.

Hesito. Se lhe entrego o telefone agora tenho a certeza de que vou continuar a conversa com uma porta fechada.

– Posso entrar?

– Para quê?

– Porque há outra coisa sobre a qual lhe queria falar.

– O que é?

Debato-me comigo. Por vezes temos de mostrar o nosso jogo. Outras vezes precisamos de prolongar a partida.

– Um serviço de limpeza.

Fico à espera. Por um momento, tenho a sensação de que me vai bater com a porta na cara. Em vez disso, afasta-se para o lado.

– A cafeteira está ligada.



A casa é tão imaculada por dentro como por fora, o que é um tanto enervante. Cheira a desinfetante e a purificador do ar. Sinto que me incham os seios nasais e que a cabeça me começa a latejar.

– Por aqui.

Ruth conduz-me até uma pequena cozinha. Em cima da bancada está outro gato sentado: cinzento, felpudo, de olhos maldosos. Pergunto-me onde estará o cão. Talvez Lauren o tenha levado a passear.

Tiro do bolso o telefone de Marcus e coloco-o sobre a mesa da cozinha.

– Molhou-se um bocado, mas creio que ainda funciona.

Ruth olha para ele. O seu rosto permanece inexpressivo.

– Marcus tem um *iPhone*.

– Receio que já não tenha. Partiu-se.

Lança-me um olhar inquisidor.

– Partiu-se ou partiram-no?

– Não sei dizer.

– É claro que não. Nunca ninguém sabe.

– Se Marcus quiser apresentar uma queixa por maus-tratos...

– E então? O que faz? O que faz a escola?

Abro e fecho a boca, como um peixe fora de água.

Ruth vira-se para o armário e tira duas canecas. Uma delas tem a imagem de um gato. Na outra leio: «Fica calmo. Faço limpezas.»

– Já estive várias vezes na escola. Montes de vezes – diz ela. – Falei com o vosso director.

– Sim.

– Não serviu de nada.

– Lamento.

– Pensei que agora fosse diferente. As escolas já não toleram essas coisas. Castigam os rufiões.

– A ideia é essa.

– Pois é. Uma bela ideia, embora seja uma treta. – Vira-se para a cafeteira.

– Chá?

– Humm... preferia café.

Gostaria de lhe dizer que está enganada. Que agora as escolas *castigam* mesmo os rufiões. Que não varrem o lixo para debaixo do tapete para conseguirem um relatório Ofsted³ favorável. Que não importa quem é o pai de quem no que respeita ao tratamento aplicado pelos professores. Era isso que lhe *queria* dizer.

– Não temos café.

Mas nem sempre se obtém o que se deseja.

– Então pode ser chá.

Enche as canecas com água a ferver e acrescenta leite.

– Lembro-me de si na escola – diz ela. – Fazia parte do bando do Hurst.

– Durante algum tempo.

– Nunca pensei que fosse como os outros.

– Obrigado.

– Não disse que era um elogio.

Penso na resposta a dar. Resolvo não dizer nada, por agora.

Acaba de preparar o chá e traz as canecas.

– Vai sentar-se ou quê?

Deixo cair o traseiro numa cadeira. Ela senta-se do lado oposto.

– Ouvi dizer que tinha alugado a moradia.

– As notícias correm depressa em Arnhill.

– Sempre foi assim.

Pega na chávena e bebe um gole. Olho para o líquido castanho e turvo que ferve na minha caneca e resolvo não fazer o mesmo.

– Fazia a limpeza da moradia para Julia Morton?

– Sim, mas duvido que ela lhe dê referências.

– Portanto, conheceu-a a ela e ao Ben?

Rodeia a caneca com as mãos e lança-me um olhar astuto.

– Foi por isso que veio cá? Para saber o que realmente aconteceu?

– Tenho algumas perguntas.

– Isso custa dinheiro.

– Quanto?

– Uma limpeza integral da casa.

Vem-me à memória a tabela de preços de Lauren.

– Cinquenta libras?

– Pagas em dinheiro.

Penso um pouco.

– Meia casa, e vai ter de ser em cheque.

Reclina-se na cadeira, cruza os braços e diz:

– Continue.

– Que espécie de pessoa era a Julia?

– Muito boa, como professora. Não se dava ares. Mas julgava-se demasiado boa para este sítio. Acontece com a maioria.

E a maioria tem decerto razão.

– Mas não andava deprimida?

– Que eu visse, não.

– E Ben?

– Bom rapazinho. Pelo menos *era*, antes de ter desaparecido.

– O que aconteceu?

– Um dia, não foi para casa depois da escola. Toda a gente andou à procura dele. Até que voltou.

Pela primeira vez, detecto-lhe uma sensação de desconforto, uma fissura na rigidez da fachada.

– E...?

– Estava diferente.

– Como?

– Costumava ser um rapaz educado e asseado. Depois, não puxava o autoclismo. A cama estava sempre manchada de suor e de outras coisas. O quarto dele cheirava mal, como se algum bicho se tivesse arrastado para lá para morrer.

– Talvez estivesse só a atravessar uma fase – digo. – Os miúdos podem passar de um momento para o outro de crianças adoráveis a adolescentes malcheirosos.

Olha para mim e bebe mais um pouco de chá.

– Fazia lá a limpeza na minha última ronda. Às vezes, Ben já tinha voltado da escola. Conversávamos. Fazia chá para os dois. Depois de ter voltado, quando me virava encontrava-o de pé, a olhar-me fixamente. Era de causar arrepios. A maneira como olhava para mim, o cheiro dele. Às vezes ouvia-o a murmurar entredentes coisas obscenas. Não parecia coisa dele. Não estava bem.

– Disse alguma coisa a Julia?

– Tentei. Foi quando ela disse que já não precisava mais de mim. Despediu-me.

– Quando foi isso?

– Pouco antes de o ter retirado da escola.

Olho para a caneca e apetece-me um café forte. É melhor esquecer. Apetece-me um *bourbon* e um cigarro.

– Abra a porta das traseiras – diz Ruth.

– O quê?

– Apetece-lhe fumar. Também não dizia que não a um cigarro. Abra a

porta das traseiras.

Levanto-me e encaminho-me para a porta. Dá para um pequeno quintal que alguém tentou enfeitar com alguns vasos de plantas. Ao fundo, há um canil. Volto a entrar e sento-me. Tiro dois cigarros do maço, estendo um a Ruth e acendo ambos.

– O que pensa que aconteceu a Ben?

Leva algum tempo a responder.

– Quando era miúda tínhamos um cão. Costumava ir passear com ele até à antiga mina.

– Eu lembro-me – replico, e pergunto-me onde irá isto dar.

– Um dia, ele fugiu-me. Fiquei desesperada. Adorava aquele cão. Voltou dois dias depois, com a capa coberta de sujidade e terra e uma grande cicatriz ensanguentada em volta do pescoço. Baixei-me para ralar com ele, e ele abanou a cauda e mordeu-me a mão. Foi até ao osso. O meu pai queria estrangulá-lo ali mesmo. «Quando um cão se vira ao dono, acabou-se. Nunca mais volta a ser o mesmo», disse ele.

Olho-a.

– Está a comparar Ben Morton a um *cão*?

– O que estou a dizer é que aconteceu qualquer coisa àquele rapaz, qualquer coisa tão má que a mãe não suportou mais viver com ele.

Chupa o cigarro e expele uma espessa nuvem de fumo.

– Contou alguma dessas coisas à polícia?

Ruth funga.

– Para eles me chamarem maluca?

– Mas está a dizer-me a mim.

– Porque me paga.

– Só por isso?

Deixa cair a beata dentro da caneca.

– Como já disse, você não era como os outros.

– Foi por isso que me enviou o *e-mail*?

Franze a testa.

– Qual *e-mail*?

– Sobre a minha irmã: «*Está a acontecer outra vez.*»

– Nunca lhe mandei nenhum *e-mail*. Hoje é a primeira que lhe ponho a vista em cima desde que éramos garotos.

– Sei que foi você quem me enviou a mensagem. – Pego no *Nokia* que está em cima da mesa. – Veio deste telefone. Creio que é um velho telefone seu

de que Marcus se apropriou.

– Também nunca lhe mandei a porra de mensagem nenhuma. E esse telefone não é meu.

A confusão no rosto dela parece sincera. O coração bate-me com mais força. Nesse preciso momento, ouve-se bater a porta da frente e Marcus entra na cozinha.

– Ei, mãe. – Vê-me. – O que está ele a fazer aqui?

– Vim trazer o teu telefone – digo, a estender-lhe o *Nokia*.

Parece atrapalhado.

– Onde o arranjaste? – pergunto.

– Tenho isso há montes de tempo.

– Ah, sim? Então isto deve significar alguma coisa para ti: *Sufocai as criancinhas. Fodam-nas. Que descansem em pedaços.*

Irradia culpa como calor corporal.

– Marcus? – insiste Ruth.

– Foi só uma piada. Uma partida.

– Foi tudo ideia tua?

– Foi.

– Não acredito.

– É verdade.

– Alguém te obrigou a enviar a mensagem?

– Não foi nada disso. Ninguém *me obrigou a* enviar nada.

E espeta o queixo num gesto de desafio.

– Muito bem. – Guardo o telefone no bolso. – Terá de ser a polícia a tratar do assunto.

Dou um passo em direcção à porta.

– Espere!

Dou meia volta.

– O que é, Marcus?

Olha-me com uma expressão de desespero.

– Ela não vai perder o emprego, pois não?

³ Organismo oficial que superintende a qualidade da educação. (*N. do T.*)

Capítulo 22

1992

Mais degraus. Diferentes dos primeiros. Estes eram escavados na rocha e curvavam gradualmente para baixo, como uma escada de caracol. Uma escada escorregadia e traiçoeira. Alguns esboraavam-se um pouco quando os pisávamos, a projectar pedacinhos de pedra que saltitavam até baterem no fundo. O som parecia vir de muito longe.

De um lado e do outro, as paredes eram ásperas e irregulares e o tecto baixo. Tive de me curvar um pouco. Tinha ajustado a bateria do capacete, mas por causa da curva a lâmpada iluminava apenas um ou dois degraus, de modo que por vezes parecia que o terceiro degrau se perdia nas trevas. Conseguia ver à minha frente as duas outras lanternas que oscilavam para cima e para baixo, mas apenas forneciam ocasionais e abstractos trechos iluminados. Mas, pelo menos confirmavam que ninguém tinha caído por um precipício e partido o pescoço. Pelo menos por enquanto.

De vez em quando ouvia um dos outros praguejar, em geral Marie. Não fazia ideia como ela se aguentava nos saltos agulha. Estava banhado em suor por baixo do meu equipamento de mineiro. Escorria-me pela testa e pingava pelas sobranceiras. O coração pulava-me no peito e a respiração tornava-se cada vez mais irregular. E não era só por causa da tensão e do esforço. O meu pai uma vez disse-me que quanto mais fundo se desce menos oxigénio há no ar.

– Quanto falta ainda, porra? – resmungou Fletch.

Se eu tinha dificuldade, Fletch, com o seu hábito de fumar um maço de cigarros por dia, devia estar *mesmo* com problemas.

Esperei que Hurst lhe respondesse, mas foi Chris o primeiro a falar:

– Estamos perto – retorquiu em tom calmo, e era capaz de jurar que a sua voz não denotava falta de ar, parecia que nem estava a suar.

Retomámos a descida lenta e hesitante. Ao fim de mais alguns minutos, percebi uma coisa. Já não precisava de me dobrar tanto, podia manter-me direito. O tecto era cada vez mais alto. A qualidade da luz parecia também

ter melhorado, já não era tão escuro. Até o ar parecia mais respirável, como se houvesse mais à nossa volta.

Estamos perto, pensei. Mas perto de quê?

– Tenham cuidado – voltou a dizer Chris. – Há um desnível.

Tinha razão. Passada a esquina seguinte, a passagem estreita alargava-se numa caverna muito maior. Grande. Mesmo muito grande. Olhei para cima. O tecto erguia-se muito lá no alto, numa abóbada tosca. Grandes traves grossas serviam-lhe de suporte. Entrecruzavam-se e curvavam de uma maneira que me fez lembrar os tectos arqueados dos celeiros ou das igrejas. Semelhante, mas mais rudimentar. Os degraus continuavam, mas do lado esquerdo já não havia parede. Apenas um buraco hiante.

– *Merda!* – gritou de súbito Marie. Da escuridão, chegou o som de um estilhaçar de vidros. – A cidra.

Assustei-me. Perdi a concentração. O pé que devia apoiar no degrau seguinte escorregou e o tornozelo torceu-se sob o meu corpo. Soltei um grito de dor e tentei agarrar-me à parede, mas é claro que ela não estava lá. Nada de parede, só o vazio.

O medo abafou-me o grito na garganta. Tentei agarrar-me a qualquer coisa – mesmo qualquer coisa –, mas era demasiado tarde. Estava a cair. Fechei os olhos e preparei-me para uma longa queda... e atingi o solo quase de imediato, num embate súbito de fazer estalar a coluna.

– *Auuuu! Merda!*

– Joe! – chamou Chris lá de cima. – Estás bem?

Tentei sentar-me. As costas doíam-me um bocado. Sentia-me magoado, mas podia ter sido pior – muito pior. Olhei para cima. Consegui ver a luz das lanternas e umas silhuetas difusas. Poucos metros acima de mim.

Tínhamos encontrado, percebi. Tínhamos chegado.

Pus-me de pé. Senti uma dor violenta no tornozelo.

– Merda!

Agarrei-o. Já estava inchado. Tive esperança de só o ter torcido, de não ter partido nada. Ainda tinha de subir todos aqueles malditos degraus.

– Estou bem! – gritei lá para cima. – Mas dei cabo da porra do tornozelo.

– Que pena... Vês alguma coisa? O que há aí?

A voz de Hurst. Carinhoso e preocupado, como sempre.

Ao cair, o capacete ficara de lado na cabeça. Levantei-me apoiado à parede rochosa para aliviar o peso no tornozelo, e ajustei-o. Olhei em volta. Mais vigas nas paredes. Erguiam-se do chão. Entre elas, consegui distinguir

algumas marcas. Pareciam ter sido feitas com paus brancos embebidos na rocha, Formavam desenhos intrincados. Estrelas e olhos. Letras esquisitas. Figuras de homens esboçadas em linhas rectas. Reprimi um arrepio. Algumas paredes apresentavam menos desenhos. Mas sob algumas arcadas maiores havia pilhas de paus e pedras amarelas num arranjo compacto.

Não gostei daquilo. De nada. Era medonho. Estranho. Deslocado.

Ouvi os outros descerem. Chris entrou lentamente na caverna. Hurst saltou e aterrou ao meu lado com um baque surdo, quase logo seguido por Marie e Fletch. Fez-se silêncio enquanto eles olhavam em volta, a compenetrarem-se do que viam.

– Au! Isto é bestial – exclamou Marie. – Parece uma coisa saída de *Os Rapazes da Noite*.

– Isto tem alguma coisa a ver com a mina? – perguntou Fletch, numa demonstração da sua habitual imaginação fértil.

– Não.

Quem respondeu foi Chris, mas eu tinha a mesma resposta na ponta da língua.

Aquilo não tinha sido criado pelos mineiros. As minas eram escavadas, perfuradas e talhadas na rocha; era um trabalho tosco e industrial, feito com ferramentas pesadas.

O que ali estava era diferente. Não tinha sido feito por necessidade nem por perícia laboral estóica. Tinha sido imaginado com uma espécie de paixão, mas não fazia qualquer sentido. Ao olhar em redor, outra palavra me acudiu à mente: *devoção*. Era isso – devoção.

– Ilumina à tua volta, estúpido – invectivou Hurst, dirigindo-se a Fletch, que se apressou a obedecer.

Traçou um círculo, a apontar a lanterna para as paredes da caverna. Mal chegava às mais distantes, e em vez de as iluminar parecia acentuar as cavidades profundas e os recantos envoltos na escuridão. Devia ser apenas um bizarro efeito da luz, mas quando se olhava de repente pelo canto do olho parecia que as sombras se agitavam, que avançavam e recuavam sem cessar.

– Isto é mesmo muito estranho – comentou Hurst entredentes. – O *Molengão* tem razão. Isto não tem nada que ver com a mina. – Virou-se para mim: – O que te parece, Thorney?

Tentei chegar a uma conclusão, mas ali em baixo era difícil pensar. Embora a caverna fosse vasta e menos sufocante do que o túnel estreito,

continuava a sentir dificuldade em respirar. Como se houvesse alguma coisa de errado com o ar, como se o oxigénio tivesse sido substituído por qualquer outra coisa. Qualquer coisa mais pesada e repugnante. Qualquer coisa que ninguém devia respirar.

Gases venenosos, ocorreu-me de súbito. O meu pai tinha falado muitas vezes nos vapores que emanavam das profundezas da terra. Seria isso? Estaríamos a ser envenenados devagar ali em baixo? Olhei para Chris.

– Chris, que espécie de sítio é este?

Chris continuava junto dos degraus, sem se aventurar mais longe. À luz crua da lanterna, o seu rosto estava pálido, manchado de sujidade, não amedrontado, mas tenso. Parecia muito mais velho do que os seus quinze anos, como o homem que nunca viria a ser. Quando os seus olhos inteligentes encontraram os meus, compreendi. Não tinha sido ele a encontrar aquele lugar. Tinha sido o *lugar* a encontrá-lo, e agora ansiava desesperadamente sair dali.

– Ainda não percebeste? – perguntou. – Não estás a ver?

Voltei a atentar nas paredes da caverna. No tecto alto e abobadado. Nas vigas de madeira. Foi quando qualquer coisa pareceu fazer um clique na minha cabeça. Porque quando se voltava a olhar era óbvio. Ar que não devia ser respirado. Uma enorme câmara subterrânea. Semelhante a uma igreja, mas não era uma igreja.

– Perceber o quê? – perguntou Hurst.

Na peugada daquele pensamento, ocorreu-me outro. Os paus brancos nas paredes e as pedras empilhadas nas alcovas. Avancei a coxear na direcção da parede mais próxima. A luz do capacete iluminou uma estrela, um símbolo semelhante a uma mão e uma figura rígida. Vistos de perto, não eram brancos. E não eram paus. Era outra coisa.

Uma coisa que seria de esperar num lugar como aquele.

Numa sepultura, numa câmara funerária

– Thorney, vais dizer-me que raio de merda é esta? – rosnou Hurst, ameaçador.

– São ossos – respondi num murmúrio, pois o terror sugava-me a força da voz. – A parede... está cheia de ossos.

Capítulo 23

Por vezes precisamos de tempo para perceber que alguma coisa está errada. Que falta qualquer coisa. Cheira mal. Como quando se pisa merda de cão e é só quando entramos no carro a pensar de onde virá o cheiro que nos apercebemos que vem de nós. Trazemo-lo connosco.

Quando regresso à moradia reparo que a porta da frente está aberta, mas só um pouco. Lembro-me de a ter fechado e trancado com a chave. Quando me aproximo vejo que a moldura está rachada e estilhaçada. Alguém forçou a porta. Empurro-a de imediato e entro.

As almofadas do sofá foram arrancadas e esventradas, e as entranhas de espuma estão espalhadas pelo chão. A mesa de café está virada e as gavetas do pequeno armário foram arrancadas. O meu computador portátil está em bocados.

A casa foi revirada de cima a baixo. FRANZO a testa e procuro avaliar a situação. Até que me apercebo. Fletch e os filhos, com certeza seguindo instruções de Hurst. Afinal parece que não quer negociar. Tipicamente Hurst, se alguém não nos dá uma coisa, apoderamo-nos dela seja como for.

Só que eu sei muito bem que não encontraram aquilo de que andam à procura.

Subo a escada em passos cansados. O colchão foi rasgado e eviscerado, as roupas no guarda-fatos arrancadas dos cabides e atiradas em monte para o chão. Baixome para apanhar algumas camisas e, pelo cheiro e pela humidade, percebo que lhes mijaram em cima.

Vou ver a casa de banho: a cortina da banheira foi arrancada sem motivo aparente e a tampa do autoclismo foi tirada e partida. Podia ter-lhes dito que nada do que aqui pudessem fazer me incomodaria mais do que as coisas que já encontrei.

Por último, vou verificar o quarto de hóspedes, o quarto de Ben. Abro a porta, olho para o colchão esventrado, para a carpete rasgada, e sinto a fúria crescer dentro de mim. Desço a escada a coxear.

Vou encontrar *Abbie-Olhos* no fogão de sala, com o processo que encontrei debaixo do *Anjo*. Acocoro-me e retiro um e o outro. Estão sujos e

enegrecidos, mas não foram queimados. Porquê? Pouso *Abbie-Olhos* sobre a mesinha de café. Após uma breve hesitação, meto o processo dentro de uma das almofadas rasgadas, para estar mais seguro. Há uma coisa que me inquieta. Por que razão os rapazes de Fletch não lhe deitaram fogo? Será que se fartaram da destruição? Não me parece. Não tiveram tempo?

Ou o motivo será outro? Terão sido surpreendidos, interrompidos?

Sou assaltado por um mau pressentimento. Ouço um estalido proveniente da cozinha. Levanto-me e dou meia volta.

– Boa noite, Joe.



Sento-me no sofá sem almofadas. Gloria empoleira-se graciosamente na cadeira de braços. As chamas crepitam no fogão de sala. Mas não é um som de conforto. Gloria traz calçadas umas luvas pretas de pele e empunha um atizador.

– O que estás aqui a fazer?

– A cuidar do teu bem-estar.

– Custa-me a acreditar.

Solta uma gargalhada. Sinto um aperto na bexiga.

– Parece que hoje tiveste visitas.

– Encontraste-os?

– Iam a sair quando cheguei. Não tivemos oportunidade para conversar.

Olha em redor.

– Parece-me que andavam à procura de qualquer coisa. Talvez seja a mesma pela qual esperavas que o teu velho amigo estivesse disposto a desembolsar uma pipa de massa.

– Não encontraram o que procuravam.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

– Porquê?

– Porque não tenho aquilo que procuravam. Não aqui.

Reflecte sobre as minhas palavras.

– No meu trabalho, descobri que é vantajoso estar na posse de todos os factos.

– Já te disse...

– *Tudo o que me disseste É UMA TRETA!*

Com o atizador, desfere uma pancada na mesa de café. *Abbie-Olhos* é projectada no ar e vem aterrar aos meus pés. A cara de plástico está

rachada. O olho solto está pendurado na órbita. Olha-me do chão. O suor empapa-me a base da coluna.

– Felizmente – continua Gloria – também fiz algumas pesquisas. Foi interessante.

Levanta-se, dirige-se ao fogão de sala, inclina-se e abre-o.

– Deixa que te faça recuar vinte e cinco anos. Cinco colegas de escola. Tu, Stephen Hurst, Christopher Manning, Marie Gibson e Nick Fletcher. Ah, e a tua irmãzinha, Annie. Nunca me falaste dela.

Enfia a ponta do atizador no fogão, entre as chamas. As labaredas crepitam com mais força.

– Uma noite, depois de teres saído com os teus amigos, ela desapareceu. Desapareceu da cama. Houve buscas, fizeram-se apelos. Toda a gente imaginou o pior. E depois, por milagre, passadas quarenta e oito horas ela voltou. Mas não foi capaz, ou não quis, dizer o que lhe tinha acontecido...

– Não estou a ver...

– Deixa-me acabar. Foi um fim feliz, só que dois meses depois o papá estampa o carro contra uma árvore e mata-se, tal como a Annie, e tu ficas ferido com gravidade. Que tal estou a ir?

Olho para o atizador metido entre as chamas. *Da panela para o lume*, não consigo evitar de pensar.

– Bem disseste que tinhas feito umas pesquisas – digo.

Gloria endireita-se e começa a andar de um lado para o outro.

– Oh, esqueci-me de falar numa coisa. Algumas semanas depois de a tua irmã ter aparecido, o teu amigo Christopher Manning caiu na escola, do alto do edifício do Departamento de Inglês. Uma coincidência trágica, não te parece?

– A vida está cheia de coincidências trágicas.

– Saltando para o presente, regressas à aldeia onde crescestes. Tencionas chantagear o teu antigo colega Stephen Hurst e extorquir-lhe uma data de massa. O que tens para o incriminar? O que esconde ele?

– As pessoas como Hurst têm muitos segredos.

– Começo a pensar que tu também tens, Joe.

– Por que te interessa isso?

– Porque gosto de ti, Joe.

– Tens uma maneira muito curiosa de o mostrar.

– Ponhamos então as coisas de outra maneira... tu interessas-me. Não acontece com muita gente. Para já, és um dos professores mais improváveis

que já conheci. És um alcoólico e um jogador. Mas tens vocação. Optaste por transmitir conhecimentos às crianças. Porquê?

– Porque as férias são prolongadas.

– Pois eu penso que é por causa do que aqui aconteceu há vinte e cinco anos. Parece-me que queres corrigir alguma coisa.

– Só quero ganhar a vida.

– A irreverência é um fraco meio de defesa. Acredita em mim, eu sei. É uma das primeiras coisas a desaparecer quando as pessoas sentem que a vida está em perigo.

– Isso é uma ameaça?

– Pensa o que quiseses. De facto, estou a lançar-te um colete salva-vidas.

Aproxima-se. Estremeço. Inclina-se para a frente e agarra em qualquer coisa. Um cartão. Em branco, apenas com um número de telefone.

Estende a mão, enfia-mo no bolso das calças e dá-me uma palmada leve entre as virilhas.

– Podes encontrar-me aqui durante as próximas vinte e quatro horas, se precisares da minha ajuda.

– Porquê?

– Porque, cá no fundo, tenho um fraquinho por ti.

– É bom ouvir isso.

– Não leves a coisa muito a peito.

Os meus olhos fogem de novo para o atizador. O lume crepita.

– O *Gordo* está a ficar impaciente.

– Já te disse...

– Cala a boca.

O suor já me escorre entre as nádegas e sinto o estômago enrolar-se numa bola. Tenho vontade de vomitar, de cagar e de mijar, tudo ao mesmo tempo.

– Deu-te mais algum tempo. Agora, quer o dinheiro dele.

– E vai recebê-lo. É para isso que aqui estou.

– Eu sei, Joe. Se fosse só por mim... – Encolhe graciosamente os ombros. –

Mas ele tem a impressão de que fugiste. O que não inspira confiança. O *Gordo* quer certificar-se de que tu compreendes que ele fala a sério.

– Eu sei. Sei mesmo.

Retira o atizador do fogão. A ponta está em brasa. Olho para a porta. Mas sei que me aplica uma chave de pescoço mal o meu traseiro se levantar do sofá.

– Por favor...

- Como já disse, Joe, tenho um fraquinho por ti.
- Aproxima-se e acocora-se ao meu lado. Ergue o atizador. Sinto-lhe o calor. Gloria sorri.
- Portanto, vou poupar o teu lindo rosto.



Estou estendido no sofá. Tomei quatro comprimidos de codeína e acabei a garrafa de *bourbon*. Tenho a mão esquerda enrolada num velho pano de cozinha e apoiada numa embalagem de filetes congelados. As dores agora são toleráveis. Mas tão cedo não vou tocar nenhum concerto de violino.

Sinto a pele quente e febril e alterno estados de consciência e de inconsciência. Não é sono. Apenas um lugar ilusório, cinzento e negro, polvilhado de visões estranhas.

Numa delas, estou de volta à antiga mina. Não estou só. Chris e Annie estão no alto de um monte. O céu pende sobre eles como um saco cheio de mercúrio, inchado de uma luminosidade prateada e fluido de chuva negra. O vento sopra com violência, a dilacerar com as suas garras invisíveis.

A cabeça de Chris apresenta uma deformação bizarra, côncava na parte de trás. O sangue escorre-lhe do nariz e dos olhos. Annie segura-lhe na mão. E esta Annie, eu sei, é a minha Annie. O talho profundo e feio lá está, na cabeça, profundo e aniquilador. Diante dos meus olhos, abre a boca e diz baixinho:

Sei para onde vão os bonecos de neve, Joe. Agora sei para onde eles vão.

Sorri. E eu sinto-me feliz, calmo, em paz. Então, as nuvens por cima deles baixam e engrossam, mas em vez de chuva deixam cair uma cascata de escaravelhos pretos. Vejo o meu amigo e a minha irmã caírem no chão, submergidos pela massa de corpos agitados até que apenas distingo um enxame de coisas pretas. Que os devora, que os engole por inteiro.

O telefone começa a tocar. Salvo pelo gongue, ou melhor, pelos Metallica.

Rolo para o lado e agarro nele com a mão boa. Pisco os olhos para o ecrã. *Brendan*. Primo a tecla ATENDER com um dedo trémulo.

- Estás vivo? – pergunto com voz rouca.
- Da última vez que verifiquei, estava. Mas tu parece que estás na merda.
- Obrigado.
- Adoras a minha franqueza.
- Não te esqueças do teu cu provocador.
- Comida saudável, nada de álcool. Devias experimentar.
- Ando a telefonar-te há dias – digo.

– Perdi o carregador do telefone. Qual é a urgência?
– Só queria... só queria saber se estavas bem.
– Estou porreiro, só sinto a falta do meu *pub* preferido. Quando posso lá voltar?

Olho para a mão queimada e entrapada.

– Ainda não.
– Porra!
– E também não seria mau se saíesses do apartamento durante algum tempo.

– Jesus! Isso tem a ver com o teu hábito de deveres dinheiro a pessoas desagradáveis?

Sinto nas entranhas uma pontada de culpa. Brendan tem sido bom para mim – mais do que bom. Deixou-me partilhar o apartamento, sem pagar renda. Nunca me pregou sermões por causa do meu vício do jogo. A maioria das pessoas teria desistido de mim. Mas Brendan, não. E a minha paga é pô-lo em perigo.

– Tens onde ficar esta noite?
– *Esta noite?* Bem, tenho a minha irmã. Tenho a certeza de que o marido vai ficar encantado.

– Não será por muito tempo.
– Espero bem que não, caraças. – Suspira. – Sabes o que diria a minha mãezinha?

– «Estou a perder a voz», espero?
– Quando deixa a lebre de fugir da raposa?
– Quando? – gemo.
– Quando ouve a trompa do caçador.
– E isso quer dizer...?
– Que às vezes é preciso algo mais forte, como a polícia, para ajudar a resolver o problema.

– Estou a resolvê-lo, está bem?
– Como resolveste antes, a palmar do cofre da escola o dinheiro para a assistência social.

– Nunca tirei um tostão.

E é verdade. Mas só porque Debbie, a secretária viciada em carteiras, chegou lá antes de mim. Quando descobri, fizemos um acordo. Não diria nada se ela devolvesse o dinheiro. E vinha-me embora discretamente (de qualquer modo, tinha recebido o último aviso por causa da

pontualidade, do trabalho desleixado e por mau comportamento generalizado). E ela ainda ficaria em favor para comigo.

- Isso foi diferente.

- Eu lembro-me. Fui o único que todos os dias te levou uvas ao hospital quando não pagaste as dívidas e alguém te pôs o joelho em papas.

- Visitaste-me duas vezes no hospital e nunca me levaste uvas.

- Mande-te mensagens.

- Pornografia.

- Quem precisa da merda das uvas?

- Escuta, eu vou mesmo resolver isto.

- Já te disse que vou ter de partilhar o quarto em casa da minha irmã com a porra dos *hamsters* que passam a noite inteira a fazer girar a roda?

- Lamento.

- E que ela tem dois miúdos que acham que as cinco da manhã é uma hora aceitável para fazer trampolim em cima da barriga do tio?

- Peço desculpa.

- A desculpa não me resolve o problema da hérnia.

- Só preciso de mais alguns dias.

Um suspiro fundo, muito fundo.

- Está bem. Mas se não o resolveres ou se te meteres nalgum sarilho que não consegues resolver...

- Telefono-te.

- *Não, porra.* Telefona para a polícia, imbecil. Ou para o *A-Team*.

Capítulo 24

– Então, expliquei à aluna que embora respeitasse o seu direito a expressar-se atirando-me um sapato...

Simon continua a perorar. Diz qualquer coisa sobre o meu actual estado de espírito que a natureza soporífera da sua voz me seja tolerável nesta hora de almoço. Ou talvez eu tenha conseguido convertê-lo em ruído de fundo. Irritante, mas possível de ignorar.

Hoje ao almoço somos só três: Simon, Beth e eu. Não sinto fome. Absolutamente nenhuma. Mas forço-me a engolir algumas batatas fritas na vaga esperança de que me possam ajudar a ressaca. À minha frente, tenho a segunda lata de *Coca-Cola*, com todas as calorias.

Simon enveredou pela previsível e obrigatória sessão de piadas sobre uma noite de bebida na escola. Sorrio com educação e consigo dominar-me para não lhe dar um murro na cara. Era capaz de magoar a mão. Improvisei uma ligadura com aspecto quase profissional de uma fronha de almofada e contei a toda a gente que me tinha queimado no fogão. Cozinha biológica, blá, blá, blá. De vez em quando, Beth dirige-me um olhar de quem percebe. Não acredita em mim. Não quero saber. Neste momento, estou mais preocupado com a noite passada. Com aquilo que Marcus me contou. Com o meu encontro com Gloria. Com o grande sarilho em que estou metido e como é difícil que as coisas possam ficar ainda piores.

– Senhor Thorne?

Levanto a cabeça. Harry está de pé, ao lado da mesa. A sua expressão é severa.

– Podemos trocar umas palavras no meu gabinete?

É difícil, mas não é impossível.

– Com certeza.

Espero algum comentário trocista de Simon. Mas não faz nenhum. Parece concentrado no almoço. Demasiado concentrado. Arrasto a cadeira para trás.

Beth ergue as sobrancelhas.

– Falamos mais logo.

Está bem.

Sigo atrás de Harry pelo corredor.

– Posso perguntar-lhe do que se trata?

– Preferia esperar que chegássemos ao meu gabinete.

O tom da voz é seco e vago. Não gosto. Tenho um mau pressentimento acerca disto. O que, considerando a maneira como a manhã começou, é de facto impressionante.

Harry empurra a porta e entra. Sigo atrás dele. E paro. Especado.

Defronte da secretária de Harry está sentado um visitante...

Quando entramos, levanta-se e volta-se.

Poderia dizer que o meu coração se afunda, mas não creio que possa descer muito mais fundo sem máscara de oxigénio. Na verdade, quase solto uma gargalhada. Já devia estar à espera. Sou um jogador. Devemos calcular as vantagens de cada jogada antes de agir – elaborar uma estratégia –, mas de repente sinto-me como um atum saboroso a nadar num lago de tubarões.

Harry fecha a porta e olha para um e para o outro.

– Presumo que já se conhecem.

– Crescemos ambos em Arnhill – responde Stephen Hurst. – Além disso, não posso afirmar que «conheço» realmente o senhor Thorne.

– Já nesse tempo era muito exigente com os amigos que escolhia – replico.

A expressão afectada de Hurst perturba-se por momentos.

Nesse momento repara na mão ligada.

– Voltaste a andar à pancada?

– Só com o fogão. Mas queres experimentar?

– Senhor Thorne, senhor Hurst – atalha secamente Harry. – Podemos sentar-nos?

Hurst senta-se na cadeira. Avanço e faço o mesmo com relutância. Sinto-me como há vinte e cinco anos, quando nos sentávamos diante do director.

– Portanto – começa Harry, a remexer nos papéis que tem à frente. –

Chegaram ao meu conhecimento algumas coisas sobre as quais penso que temos de conversar.

Esforço-me por adoptar um tom agradável.

– Se tem a ver com Jeremy Hurst e o incidente com Marcus Dawson nos lavabos...

– Não – corta Harry, secamente. – Não é sobre isso.

– Oh!

Sou apanhado em falta. Olho para Hurst. O seu rosto readquiriu a

expressão confiante de satisfação. Apetece-me arrancar-lha dos queixos. Tenho ganas de saltar da cadeira, de agarrá-lo pelas goelas e de o sufocar até os olhos lhe saltarem das órbitas e a língua ficar azul.

Mas apenas digo:

– Então parece que o melhor será esclarecer-me.

– Antes de vir trabalhar connosco em Arnhill, estive na Stockford Academy.

– É verdade.

– Deu-nos uma carta de referências da sua antiga directora, a menina Coombes?

Começo a sentir o suor acumular-se nas axilas.

– Sim.

– Só que não é verdadeira, pois não?

– Peço desculpa mas não compreendo.

– A menina Coombes não escreveu essa carta de referências.

– Não escreveu?

– Diz que não sabe nada a esse respeito.

– Creio que se trata de um erro de comunicação.

– Duvido. A menina Coombes foi muito clara. Você saiu repentinamente da Stockford Academy, pouco depois de uma quantia substancial ter desaparecido do cofre da escola.

– Esse dinheiro foi recuperado.

Hurst não se consegue conter.

– Parece que gostas de jogar às cartas, Joe?

Volto-me para ele.

– Porquê? Apetece-te jogar ao *Mentiroso*? E que tens tu a ver com tudo isto?

– Para o caso de te teres esquecido, faço parte do conselho de administração. Quando me dão conhecimento de que um dos professores que aqui trabalha não é adequado para a função...

– Desculpa, «quando te dão conhecimento?» Quem foi?

Comprime os lábios. É então que percebo. Simon Saunders. Estava no Fox na noite em que me cruzei com Hurst. Conhece-o. (Não se passa o mesmo com toda a gente em Arnhill?) Por que havia de correr para Harry se podia passar por cima dele e falar com alguém do conselho de administração? Alguém que já me tem um ódio de morte. Põe Hurst do seu lado e pode ser que mais tarde lhe possa cobrar o favor. Dois pássaros e um pequeno sapo

venenoso.

- Devias ter mais cuidado com as pessoas a quem dás ouvidos – digo.
- Quer dizer que estás a negar?
- Poderia dizer que a versão aqui apresentada apenas tem uma remota semelhança com a verdade. Algo que prefiro discutir em privado com o meu superior hierárquico.

Perpassa um fulgor nos olhos de Hurst.

- A *verdade* é que te candidataste a este lugar sob falsas premissas e que deixaste o anterior emprego em condições pouco claras. Isto, e o facto de teres uma *vendetta* qualquer contra o meu filho, sem dúvida fundamentada na tua anterior história imaginária comigo. O teu comportamento e a tua actuação como professor são inadequados. Ah, e além disso tresandas a álcool.

Endireita o nó da gravata e reclina-se com ar triunfante. Do outro lado da secretária, Harry olha-me com uma expressão fatigada.

- Lamento, senhor Thorne, mas isto tem de ser apreciado pelo conselho. Tem direito a representação sindical, mas à luz destas revelações...

- Acusações. Na maioria não provadas.

- Mesmo assim não tenho alternativa se não suspendê-lo das suas funções docentes enquanto tomamos uma decisão sobre o seu futuro na academia.

- Compreendo.

Levanto-me, a tentar disfarçar o tremor do corpo. Em parte é da ressaca, mas é sobretudo de fúria. Não posso deixar que se veja. Não posso deixar que Hurst perceba que levou a melhor. É preciso manter uma expressão impenetrável, de jogador.

- Vou só buscar as minhas coisas.

Encaminho-me para a porta. E estaco. É preciso que saibam que ainda tenho um trunfo. Olho para Hurst.

- A propósito, que linda gravata.

A expressão que vejo no rosto dele é tudo quanto preciso.



Não volto ao refeitório. Vou à sala dos professores buscar o sobretudo e a sacola – felizmente vazia – e dirijo-me para a saída. Se voltar a cruzar-me com Simon, não respondo por mim. Embora já esteja suspenso, uma agressão é qualquer coisa que não desejo ver acrescentada ao meu currículo.

Quando chego à recepção, paro. A menina Grayson não está no seu lugar

habitual, no pequeno cubículo de vidro. No seu lugar, a teclar no computador está um *clone* mais novo – cabelos escuros cortados curtos e óculos, ainda que sem a verruga peluda.

– Desculpe, sabe dizer-me onde está a menina Grayson?

– Está com gripe.

– Oh!

– Queria falar com ela?

– Bem, estou de saída e gostaria de me despedir dela. Sabe quando ela volta?

– Não.

– Está bem. Obrigado pela atenção.

Começo a voltar-me.

– Oh, senhor Thorne...

– Sim?

– O senhor Price pediu que quando saísse entregasse o passe de entrada na escola.

O meu passe, que me permite o acesso à escola. Harry não está disposto a correr riscos.

– Tem receio que volte cá para roubar o dinheiro dos almoços?

Não sorri. Pergunto-me o que ela saberá. O que todos saberão.

– Muito bem.

Tiro o passe da algibeira e faço o possível por não bater com ele em cima da secretária.

– Obrigada.

– Não tem de quê. E dê os meus cumprimentos à menina Grayson.

– Com certeza.

Brinda-me com um sorriso eficiente. Pega no passe, e para o caso de eu ainda ter dúvidas quanto à natureza temporária da minha suspensão, pega numa tesoura, corta-o ao meio e deita-o para o cesto dos papéis.



Quando regresso, a moradia olha-me com indignação. A única janela em bom estado emite um reflexo escuro. *Olha*, parece sibilar por entre a madeira estilhaçada da porta da frente. *Olha para o que fizeste. Já estás satisfeito?*

Não, não estou. Porque ainda não acabei. Empurro a porta. Resiste e acaba por ceder com um gemido contrafeito. Não tenho a certeza se a moradia está do meu lado em tudo isto. Está demasiado envolvida no passado, em

conluio com a aldeia. Não me quer cá. Não tem a intenção de me proporcionar conforto. Mas não faz mal. Não tenciono ficar muito tempo por cá.

Entro e atiro a sacola para cima do sofá. A sala está mais ou menos no mesmo estado em que a encontrei na noite passada. Lesões internas. Considero a possibilidade de a limpar e de deitar fora algum lixo. Vou fumar um cigarro.

Talvez Hurst me tenha feito um favor ao acelerar o inevitável. De qualquer maneira, nunca fiz tenção de ficar, pois não? Nunca tencionei instalar-me num lugar do qual tenho tantas recordações sombrias e dolorosas. O animal ferido não foge da armadilha para se voltar a meter entre as mandíbulas metálicas para que estas lhe esmaguem os ossos.

A menos que tenha uma boa razão para isso.

Gostaria de dizer que a razão é Annie, ou a mensagem. Mas não é assim tão simples. Nem toda a culpa e a recriminação foram suficientes para me arrastar de novo para cá. Por si mesmas.

A verdade é que estava desesperado. Precisava de desaparecer e entrevi uma oportunidade de resolver as dívidas e de ajustar contas antigas ao mesmo tempo. Talvez a ideia tenha estado sempre presente no meu espírito. Sabia que tinha uma coisa que podia arruinar a vida de Hurst. A ideia de lhe extorquir dinheiro por isso surgiu mais tarde.

Não esperava que ele se mostrasse tão determinado em escorraçar-me da aldeia. Mas, apesar de todas as ameaças e manipulações, Hurst já jogou os seus trunfos. Não tem mais nada. Agora só tem uma maneira de se ver livre de mim, e embora não duvide que é capaz de cometer um crime, a fasquia está mais elevada. Estará ele disposto a arriscar a carreira, a vida confortável e a família?

Tenho esperança de que a resposta seja não. E, todavia, não era capaz de apostar nisso. Sou de novo penetrado pela sensação de frio. Quase sinto as paredes murmurar. Começo a ficar habituado ao frio e aos ruídos constantes da moradia. Não sei ao certo se é bom, tal como alhear-me do zumbido monótono de Simon. Quando nos acostumamos tornamo-nos complacentes, e depois cúmplices ou viciados.

Deambulo pela sala e agarro no telefone. Marco o número de Brendan. Atende ao segundo toque.

– O que queres agora?

– Não basta ouvir a doçura da tua voz?

- É bom que estejas em roupa interior.
- Preciso de um favor.
- A sério? Não sei se sabes, mas neste momento tenho merda de rato na barba.
- Pensei que fossem esquilos-da-mongólia.
- Ratos, *hamsters*, esquilos-da-mongólia, que interessa isso? Os sacanas passaram toda a noite a atirar merda para cima da minha cabeça. Quanto tempo vou ter de ficar aqui?
- Ainda tens aquele saco de viagem que te pedi para guardares?
- Saco de viagem? Qual saco de viagem?
- O que se está a abrir dos lados.
- Sim, tenho.
- Podes mandar-mo esta noite pelo correio?
- Joe...
- Ouve, só quero dizer que és um bom amigo. Obrigado.
- Deixa-te de sentimentalismos comigo.
- Já tencionava dizer-to, no caso de me sentir lamechas.

Segue-se uma pausa, até que Brendan diz em tom emotivo:

- Quero ver se me ponho a andar daqui antes que torça o pipo a um destes malditos ratos.

Desliga a chamada. Olho para o relógio. São 3 h 30 m da tarde. Relanceio os olhos pela sala de estar espatifada. Pego em *Abbie-Olhos* que está no chão e coloco-a outra vez na cadeira de braços. A boneca fita-me com um olho azul e frio. A órbita vazia é um buraco negro, ameaçador. Procuro em volta mas não encontro o outro olho em lado nenhum. Ocorre-me de súbito a imagem dele a ser transportado às costas pelos escaravelhos irrequietos. Agradeço à minha imaginação. Era mesmo disso que estava a precisar.

O telefone começa a tocar e obriga-me a dar um salto. Carrego no botão de ATENDER.

- Está?
- Não sabia que tencionava fazer gazeta. Podia ter ido consigo.

É Beth, pois claro.

- Como obtive o meu número?
- Pela Danielle, da recepção. Conheço o irmão dela. Faz parte da minha equipa de resolução de enigmas no *pub*.
- Se assim é, deve estar a par do que aconteceu, não?
- Harry disse-me que está em gozo de licença.

- Foi o que ele lhe chamou?
- E você, o que lhe chamaria?

Hesito.

- Você está prestes a vir embora também, não está?
- Creio que acabo de sair.
- Meu Deus! Isso é um recorde mundial.
- Ainda bem que a minha rapidez lhe agrada.
- Não ande por aí a dizer isso. É por causa da cena de ontem com o Jeremy

Hurst?

- Não,
- Então por que é?
- É um pouco complicado.
- Complicado como?
- Bem...
- Complicado para umas canecas ou para uns copos de *bourbon*?

Fico a pensar.

- O último caso.
- Está bem. Encontramo-nos às sete no Fox. Mas primeiro meta qualquer coisa no estômago.

Desliga a chamada sem se despedir. *Por que estão as pessoas sempre a fazer isto?*

Devia ter-lhe dito alguma coisa. Tenho perguntas a fazer. Mas podem esperar. Sento-me pesadamente no esqueleto duro do sofá e penso em fazer café. Depois olho para *Abbie-Olhos*, ou melhor, *Abbie-Olho*. Domino um estremecimento. Decisão tomada.

Dirijo-me para a porta e saio para ir à loja de *fish and chips*.

Capítulo 25

Esta noite, o Fox parece ainda mais decrepito e dilapidado. Entrou em declínio, penso. Como se a minha presença por cá tivesse provocado uma qualquer reacção em cadeia. Como se este espaço acanhado e murcho estivesse mumificado e agora abrisse uma racha por onde entrou um pouco de oxigénio do ambiente rarefeito e tenha começado de repente a apodrecer por dentro.

Empurro as portas de vaivém e entro. Um olhar rápido informa-me que Hurst não está presente, bem como nenhum dos seus sequazes. Alguns clientes idosos – provavelmente os mesmos da outra noite –, o que, sem evocar nenhum arco-íris, Sol radioso e pipilar de pássaros, é pelo menos melhor do que o semblante grosseiro de Nosferatu.

Arvoro um sorriso.

– Tudo bem?

Ela olha para mim como se nunca me tivesse posto a vista em cima.

– Joe Thorne. Professor. Os nossos caminhos cruzaram-se nos terrenos da antiga mina.

– Ah, sim, sim. – A expressão dela contrai-se. Talvez seja um sorriso. Pode ser uma careta de enfado, é difícil dizer. – Então, o que lhe posso trazer?

– Ehhh, *bourbon*, se faz favor. Um duplo.

– Traga dois.

Volto-me. Beth está de pé ao meu lado. Desta vez tem o cabelo solto a cair-lhe sobre os ombros numa espécie de rastas. Um casaco de cabedal de tamanho exagerado envolve-lhe a figura pequena e faz que as pernas, vestidas de *jeans* pretos estreitos e os pés calçados com botas de combate, pareçam ainda mais finas.

A argola no nariz cintila quando me sorri.

– Você é o assunto de todas as conversas na sala dos professores, senhor Thorne.

– É mesmo? Deve ser por isso que sinto as orelhas a arder.

– Sim, mas também pode ser da sua efígie, onde Simon anda a cravar alfinetes.

– Deve estar aniquilado pelo desgosto por causa da minha saída prematura.

– Se cantar *Mas Que Bela Manhã*, é um sinal disso, então sim, está.

Lauren bate com os dois copos em cima do balcão. O serviço é brusco, mas ao olhar para eles constato que foi generosa na medida.

– Nove libras, se faz favor.

– Obrigado.

Pago com a minha última nota de vinte, a perguntar-me quanto terei sacado em excesso e quando será que o banco me cancela todos os cartões.

Beth pega no seu copo.

– Vamos?

Dirigimo-nos para uma mesa no canto mais distante da sala. Uma coisa que o Fox possui em abundância são os recantos escuros e poeirentos em que nos podemos esconder para não sermos vistos nem escutados.

Beth senta-se numa das cadeiras de madeira e eu sigo-lhe o exemplo. Ambos bebemos um pequeno gole do copo – o meu um pouco maior do que o dela.

– E entãoooo... – diz ela, numa entoação carregada de significado. – Quer contar-me o que de facto aconteceu?

– O que disse o Harry?

– Que você pediu uma licença por motivos pessoais.

– E o que corre pelos bastidores?

– Oh, que você sofreu uma espécie de colapso, que o Hurst Sênior fez com que o despedissem, que foi raptado por extraterrestres, esse género de coisas.

– Está bem.

– Afinal o que foi?

– Os extraterrestres, como é evidente. Apossaram-se do meu corpo, e o verdadeiro *eu* está na moradia, deitado num casulo.

– Hmmm. Quase dá para acreditar... só que hoje toda a gente viu Hurst na companhia de Harry.

Baixo os olhos para o copo.

– Menti para conseguir este emprego. Falsifiquei uma carta de referências da minha antiga escola. Não saí de lá envolto num halo luminoso. Foi mais numa nuvem. Harry descobriu.

– Está bem. O que fez de tão mau na sua escola anterior?

– Na verdade não fiz nada. Mas *tencionava* roubar o dinheiro do cofre para

pagar uma dívida.

Vejo que digere a informação.

– Mas não o fez?

– Não.

Acena e parece reflectir.

– Então como Harry descobriu...? – Ergue a mão. – Espere, já sei. *Simon*.

Ele não disse que o conhecia de qualquer lado?

– É isso. E parece-me que também conhece o Hurst.

– Não sabia que sim... mas Simon é um cagalhão capaz de se enfiar no traseiro de alguém só para subir um degrau na escada.

– *Cagalhão?*

Ergue o copo.

– E é para ser simpática.

– Bem, é evidente que ser um cagalhão resulta. Pois cá estou eu sem emprego, e talvez para sempre.

– Não teria tanta certeza disso. Harry gosta de si. Os garotos também parecem gostar. Harry teve um trabalhão para preencher esse lugar com alguém que não fosse acabado de sair da faculdade.

Abano a cabeça.

– Hurst não vai permitir que Harry me aceite de volta.

– Você e o Hurst têm uma história antiga, não é? O que se passa entre vocês os dois?

Pouso o copo e olho para ela. Sob a luz difusa, parece mais nova. Disfarça-lhe as rugas finas em torno da boca e na testa. Os olhos escuros parecem maiores e a pele macia e clara. Sou tomado por um impulso. Como gostaria se houvesse pelo menos uma coisa decente e honesta neste lugar. Pelo menos uma.

– Está a olhar para onde? – pergunta Beth, a franzir a testa. – Tenho alguma coisa na cara?

– Não... nada.

Continua a fitar-me, desconfiada. Até que diz:

– Ia falar-me de si e de Hurst.

– Ia?

– Ia, sim.

– A verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade?

– Mais ou menos isso.

– Zangámo-nos a sério quando éramos adolescentes. Uma coisa estúpida,

quando se olha para trás. Por causa de uma rapariga, como em geral acontece nestas coisas.

– A rapariga era Marie Gibson?

– Era.

A mentira sai-me facilmente.

Beberica um gole.

– Não diria que é o seu tipo.

– Porquê? Qual pensa que é o meu tipo?

– Quero dizer, é bonita, mas...

– Mas o quê?

– Não me interprete mal...

– Está bem.

– Sei que é feio dizer isto, com a história do cancro e tudo, mas sempre me pareceu um bocado cabra.

Sou apanhado desprevenido.

– Bem, era capaz de ser dura quando queria.

– Não quero dizer dura. Quero dizer cabra. Impunha-se por aí, graças a Hurst. Vi-a reduzir uma professora às lágrimas durante uma reunião de pais. Outra vez foi a casa da mãe de um aluno porque o miúdo tinha acusado o Hurst Júnior de *bullying*. A mulher trabalhava a tempo parcial para a Câmara Municipal. O contrato foi cancelado no dia seguinte.

Franzo a testa. Sempre achei Marie um bocado espalha-brasas. E uma mãe nem sempre é capaz de distinguir os defeitos dos seus rebentos. No entanto, não me parecem coisas da Marie de que me lembro.

– Bem, as pessoas mudam.

– Mas não tanto.

– E nesse tempo eu era novo e idiota.

– E agora, o que é?

– Velho e cínico.

– Junte-se ao grupo.

Não, digo para comigo. Ela disfarça bem. Mas não acredito. Vejo-o nos olhos dela. O fulgor não desapareceu. Pelo menos por completo. Ainda não.

– Isso faz-me lembrar que você nunca me disse qual das duas era.

– Qual das duas quê? – pergunta, a enrugar a testa.

– A que quer marcar a diferença ou a que não encontra trabalho noutro lado?

– Bem, é evidente. Quem havia de querer uma coisa *destas*?

E abre os braços.

– Portanto, o que pretende é fazer a diferença?

– Isto agora é uma entrevista?

– Não, estava só a pensar.

– Em mim?

– Em Emily Ryan.

A sua expressão altera-se. A delicadeza sumiu-se.

– Era a aluna de quem falou, não era? A que se matou?

– Você sabe mesmo dar cabo de uma boa disposição.

– Disse que era sua aluna. Mas não ensinava cá quando ela morreu.

– Andou a investigar?

– Chame-me apenas Columbo.

– Sou capaz de pensar noutros nomes. E não tenho que lhe dar satisfações.

– É verdade.

– Mal o conheço.

– É verdade.

– Você é irritante como o caraças quando se mostra agradável.

– E também...

Levanta a mão.

– *Está bem.* Você tem razão. Emily não era minha aluna. – Cala-se por momentos. – Era minha sobrinha.

– A minha irmã era um pouco mais velha do que eu. Não havia pai, e a minha mãe não era a Mamã do Ano, por isso éramos muito chegadas. Fomos criadas em Edgeford, sabia?

– Já ouvi falar. Não é a melhor zona de Nottingham.

– Seja como for, Carla, a minha irmã, engravidou muito jovem. De acordo com a tradição da família, o pai não esteve presente, mas ela era uma excelente mãe. Criou Emily enquanto estudava enfermagem. Emily era uma criança amorosa e quando cresceu tornou-se uma adolescente estupenda.

– É uma proeza.

– Eu estava a leccionar numa escola em Derby, portanto não as podia visitar com muita frequência. Emily e eu trocávamos mensagens pelo Facetime. Foi algumas vezes ficar comigo. Íamos às compras, ao cinema, essas coisas. Eu era a tia porreira, suponho.

– É para isso que servem as tias porreiras.

Esboça um sorriso.

– Não me interprete mal. Ela tinha treze anos, às vezes amuava, mas em

geral era uma boa companhia, alegre, divertida, curiosa.

Sinto um pequeno baque no coração. Imagino que espécie de adolescente Annie poderia ter sido. Barulhenta, extrovertida, engraçada, afável? Ou passaria a ser ensimesmada, como acontece com tantos?

– Carla arranhou um emprego. Um bom emprego. Mudaram-se. Emily teve de ser transferida para outra escola.

– Deixe-me adivinhar. Mudaram-se para Arnhill?

Acena.

– O emprego era no hospital de Mansfield. Arnhill não ficava longe, as casas eram baratas e a escola ficava perto, podia-se ir a pé. Fazia todo o sentido.

Como acontece com muitas decisões erradas.

– Mudar de escola, para qualquer escola, é difícil quando se tem treze anos – digo.

– A princípio, tudo parecia correr bem...

– Mas...?

– A escola era demasiado boa. Está a ver, quando tudo parece maravilhoso, há qualquer coisa que está mal.

– O que disse a sua irmã?

Deixa escapar um suspiro.

– Não se apercebeu. Não me interprete mal. Ela adorava a filha, mas não se deu conta do problema. Ou não quis.

Aceno com a cabeça. Andamos demasiado ocupados e distraídos com o esforço de viver o dia-a-dia – o trabalho, as contas para pagar, a hipoteca, as compras – que não *queremos* ver mais fundo. Não nos atrevemos. Queremos que as coisas corram pelo melhor. Que tudo seja perfeito. Simplesmente porque não temos energia mental para as enfrentar se não for assim. Só quando acontece alguma coisa ruim, uma desgraça irremediável, é que vemos as coisas como elas são. Mas então já é tarde.

– Tentou falar com Emily?

– Tentei. Cheguei a vir até cá para falar com ela. Levei-a a comer uma piza, como costumávamos fazer, só que não era a mesma coisa.

– Que quer dizer com isso?

– Já acabaram?

Levantamos a cabeça. Lauren está de pé junto da mesa.

– Ehh, sim, obrigado. Pode trazer-nos mais dois? – peço.

Diz que sim com um movimento da cabeça.

– Claro.

E afasta-se em direcção ao bar.

Beth olha para mim.

– Ela deve mesmo simpatizar consigo. Não é qualquer um que ela serve à mesa.

– É o meu encanto natural. Estava a dizer...

O seu rosto volta a ensombrar-se.

– Fomos ao restaurante de pizzas de que ela mais gostava, mas pouco comeu. Estava de mau humor, sarcástica. Não era ela.

– Os garotos mudam quando chegam ao secundário – digo. – É como se alguém ligasse um interruptor, as hormonas aumentam até ao máximo e está tudo estragado.

– Deixe-se de tretas. Também sou professora, lembra-se? Sei como é. *Invasão dos Violadores.*

Pega numa base para copos e começa a desfazê-la entre os dedos.

– Mas antes, mesmo quando passava por uma fase de «adolescência», Emily falava *comigo*. A nossa relação era diferente.

– Ela não disse nada a respeito da escola, daquilo que a andava a transtornar?

– Nada. E quando perguntei fechou-se como uma ostra.

Lauren regressa com mais dois copos de *bourbon* que coloca à nossa frente. Se são duplos, devo estar mal da vista. Talvez Beth tenha razão e ela simpatize mesmo comigo.

Beth bebe um gole.

– Agora, acho que devia ter insistido com ela. Obrigá-la a falar comigo.

– Não funciona assim. Se apertamos muito com os adolescentes eles fecham-se ainda mais na sua concha.

– Pois é. Mas quer saber o pior? Nem lhe dei um abraço de despedida. Despedíamo-nos sempre com um abraço, mas daquela vez fomos cada uma para seu lado. E eu pensei... era a tia porreira... que a devia deixar ir. Que lhe devia dar tempo. Só que afinal não tínhamos tempo. Foi a última vez que a vi. Duas semanas mais tarde estava morta.

Funga e enxuga os olhos com um gesto irritado.

– Devia tê-la abraçado.

– Não podia adivinhar.

Porque a vida nunca nos alerta para o perigo.

– Pois não, *mas devia*. Sou professora. Devia ter percebido que aquilo não

eram os amuos habituais da adolescência. Devia ter notado os indícios da depressão. Era minha sobrinha. E eu não a ajudei.

Sou avassalado por uma onda de culpa que me paralisa por momentos. Engulo em seco.

– O que aconteceu à sua irmã?

Abana a cabeça e tenta recompor-se.

– Não pôde ficar naquela casa, onde tudo aconteceu. Voltou para Edgeford, para mais perto da mãe. Continua a ter muita dificuldade em aceitar. Vou lá sempre que posso, mas a morte de Emily ergueu entre nós uma barreira que não sabemos contornar.

Percebo o que ela quer dizer. O desgosto é muito pessoal. Não é coisa que se partilhe, como uma caixa de chocolates. É nosso, e só nosso. Uma grilheta de espinhos de aço presa ao nosso pé. Um manto de pregos sobre os ombros. Uma coroa de espinhos. Mais ninguém consegue sentir a nossa dor. Não podem calçar os nossos sapatos, pois os nossos sapatos estão cheios de vidros partidos e de cada vez que damos um passo dilaceram-nos as plantas dos pés em pedaços sangrentos. O desgosto é a pior das torturas e dura para sempre. Uma masmorra a que temos direito para o resto da vida.

– Foi por causa disso que veio para cá? Por causa de Emily?

– Quando o emprego apareceu, poucos meses mais tarde, pareceu-me que me era destinado.

É curioso como as coisas acontecem.

– Por que razão não me disse isso logo de princípio?

– Porque o Harry não sabe. Não queria que pensasse que estou cá pelas razões erradas.

– Como...?

– Vingança.

– E não está?

– Ao princípio, talvez. Queria que *alguém* fosse responsabilizado pela morte de Emily. – Suspira. – Mas não descobri nada. Pelo menos nada de concreto. Só as amizades e desavenças do costume.

– E quanto a Hurst?

– Ela nunca falou nele...

– Mas... – incito.

– Há nesta escola *qualquer coisa* que não bate certo, e Hurst faz parte disso. Quando se deixa um miúdo como Hurst safar-se das coisas que faz, cria-se um espaço onde a crueldade passa a ser a norma.

Pergunto-me se será só isso. Recordo-me das palavras de Marcus, que Hurst levava garotos para a antiga mina. Garotos que se queriam integrar. Talvez mesmo uma jovem desesperada por ser aceite na escola nova. A mina podia afectar-nos de diversas maneiras. Como fez com Chris.

– Você não diz nada.

– Estava a pensar que a História tem o mau hábito de se repetir – comento em tom amargo.

– Mas não devia. A única maneira de mudar escolas como a Arnhill Academy é a partir de dentro. O ensino não tem a ver só com patrocinadores e relatórios Ofsted. Serve para ajudar os jovens a serem pessoas melhores, seres humanos mais completos, e a ultrapassarem a adolescência sem se destruírem. Quando os perdemos nesta idade, perdemo-los para sempre. – Um rápido encolher de ombros. – Deve pensar que sou ingénua.

– Não. Acho que é corajosa e recomendável e todas essas coisas que a vão levar a mostrar-me o dedo médio a qualquer momento e... cá está.

Recolhe o dedo.

– Apesar do cinismo das suas palavras, até parece que me compreende.

– E compreendo. Mas não se iluda, os motivos que me trouxeram cá são muito menos dignos.

– E quais são?

Hesito. Não há ninguém a quem quisesse tanto contar a verdade como a Beth. Mas também é a opinião dela a que mais temo.

– Como você disse, só há dois tipos de professores que vêm para Arnhill. Não consegui um lugar noutro lado.

– Pensei que estávamos a ser francos um com o outro.

– Eu estou.

– Não está. – Abana a cabeça. – Há qualquer coisa que não me está a dizer.

– Pode crer que não há.

– Vê-se na sua cara.

– É só a minha cara, mais nada. Foi uma praga que me rogaram.

– Pois sim. Se não quiser dizer, não diga.

– Está bem.

– Portanto, *há* alguma coisa?

– Muito bem. Tinha o vício do jogo. Fiquei a dever uma quantidade de dinheiro. Precisava de me esconder num sítio qualquer até poder liquidar as minhas dívidas. Não há nenhuma razão nobre para o meu regresso. Sou apenas um jogador pouco hábil, um professor medíocre e um ser humano

de qualidade duvidosa. Está satisfeita?

Fita-me com ar carrancudo.

– Tudo isso são tretas. Você pode ser um tipo nojento, mas é um tipo nojento que está aqui por um motivo qualquer. Por qualquer razão importante para si. De outro modo ter-se-ia posto a andar quando os rufias de Hurst o espancaram. Mas se não me quer dizer, não diga. Pensei que nos estávamos a tornar amigos. É óbvio que me enganei.

Levanta-se e agarra no blusão.

– Vai-se embora?

– Não. Vou sair porta fora.

– Oh!

– E deixá-lo como um falhado triste.

– Detesto contrariá-la, mas para isso não preciso da sua ajuda.

Põe o blusão pelas costas.

– Você precisa de alguém.

– Toda a gente precisa de alguém.

– É significativo.

– *Blues Brothers*.

– Vá-se lixar.

E com isto dá meia volta e sai desabridamente do *pub*. Ninguém levanta o nariz do que está a beber.

Deixo-me ficar sentado à mesa, como um falhado triste. Mas pelo menos sou um falhado triste com dois copos meio cheios de *bourbon*. Há males que vêm por bem. Despejo o copo de Beth para o meu e bebo um trago generoso. Meto a mão no bolso e tiro um pedaço de papel onde rabisquei um endereço.

É chegada a hora de fazer uma visita. Para alegrar a noite de alguém.



Num jogo de cartas há sempre um momento em que podemos ver o jogo do adversário, como se as cartas fossem transparentes. Sabemos o que ele tem na mão. E calculamos de cabeça as probabilidades. As próximas jogadas. Está lá tudo, tão nítido como se alguém o tivesse escrito no ar diante dos nossos olhos com tinta fluorescente.

E em geral enganamo-nos.

Quando pensamos saber o jogo dos outros, o que se vai jogar a seguir, quais as jogadas a fazer, quais os *bluffs* que devemos denunciar, estamos metidos num sarilho.

Porque é nesse momento que tudo se desmorona sobre a nossa cabeça.

Julgava que tinha sido esperto ao descobrir a ligação entre Ruth e Marcus. Pensei que eles sabiam o que se estava a passar. Ruth vivia lá nesse tempo, conheciame, conhecia Arnhill. Também conhecia Ben e Julia. Era *possível* que de alguma maneira tivesse sabido o meu endereço electrónico e o meu número de telefone e me tivesse enviado as mensagens. Era *possível*. Mas porquê?

Agora tenho outra explicação. Não faz muito mais sentido do que a anterior. Não sei qual é o jogo do adversário. Mas pelo menos agora sei com quem jogo.

Dou um passo em frente e primo a campainha da porta. Dou de novo um passo atrás.

Demora algum tempo. Através das cortinas, vejo que não há luz na sala da frente, mas tenho a certeza que ela está em casa. Não me enganei. Passados alguns segundos, através do vidro da porta vejo acender-se uma luz no corredor.

Um vulto desfocado aproxima-se. Ouço tossir, fungar e depois o som de uma chave a rodar na fechadura; a porta abre-se...

– Senhor Thorne.

Não parece surpreendida por me ver. Mas passou a vida inteira a aperfeiçoar uma expressão impassível. Que mais terá feito durante o resto da sua existência, pergunto-me.

Esboço um sorriso bem-educado.

– Olá, menina Grayson.

Capítulo 26

1992

– Ossos?

O rosto de Hurst iluminou-se com tanta alegria como se alguém lhe tivesse puxado os calções para lhe fazer um broche ali mesmo.

Precisei de algum tempo para me recordar o que aquilo me lembrava. O olhar de êxtase, o clarão da lanterna de mineiro a iluminar-lhe as feições. Até que percebi. Fez-me recordar a cena de *Os Salteadores da Arca Perdida*, quando os nazis estão de olhos postos na Arca... pouco antes de todos os demónios de lá saírem e os seus rostos se derreterem, deixando apenas a caveira.

Julguei que em momento algum teria mais medo do que ali. Como de costume, enganei-me.

– Ossos!

A palavra vibrou em volta do grupo, num eco lúgubre.

Olharam para os ossos embebidos na parede. Alguns eram mais amarelados, quando vistos de perto. Mais antigos, se calhar. Também eram pequenos. Embora alguns tivessem sido partidos e cortados para formar os símbolos e as formas, outros continuavam inteiros. Delicados, mesmo frágeis.

Hurst esticou o braço e tocou num deles com uma delicadeza surpreendente. Depois, enterrou os dedos na parede e arrancou-o. Cedeu mais facilmente do que eu esperava, numa pequena nuvem de pó, terra e fragmentos de rocha que resvalaram para o chão. Hurst ficou a olhar para o osso. É um braço, pensei. Um braço pequenino.

– Jesus, foda-se! – gritou Fletch. – Viram isto?

Segurava na mão uma das pedras amarelas, só que não era uma pedra. Era um crânio. Minúsculo. Mal lhe enchia a mão. Não era de um adulto, era de uma criança. Quase todos aqueles esqueletos desmembrados tinham pertencido a crianças.

– Acho que nos devemos ir embora – disse eu, mas a minha voz soou fraca

e distante.

– Estás a gozar? – perguntou Hurst. – Este lugar é o máximo. E é nosso.

Foi nesse momento que tive consciência do sarilho de merda em que estávamos metidos. Não se é dono de uma coisa daquelas. Não se pode possuir um lugar como aquele. Quanto muito, é ele que nos possui.

Fletch fez um sorriso imbecil e atirou o crânio na direcção de Marie.

– Filho-da-puta!

Baixou-se e o crânio caiu no chão onde se quebrou em dois pedaços.

– Ordinário – resmungou Marie.

Não parecia muito bem-disposta. Talvez fosse a presença de todos aqueles ossos ou então eram os efeitos da cidra, mas o seu rosto apresentava uma palidez acinzentada.

Agora, Hurst andava pela caverna, a arrancar mais ossos das paredes com o pé-de-cabra e a guinchar de excitação. A guinchar, literalmente.

Fletch agarrou mais alguns crânios e começou a dar-lhes pontapés, como se jogasse futebol. As minhas entranhas contorceram-se de horror. Mas não fiz nada. Limitei-me a não participar. Como sempre fazia.

– Para aqui! – gritou Hurst, a brandir o pé-de-cabra.

Fletch pegou numa caveira e agarrou-a como se fosse uma bola de *bowling*, com os dedos metidos nas órbitas. Lançou-a na direcção de Hurst, que deu balanço ao pé-de-cabra. O metal e o crânio colidiram com um som de rachar e a caveira desfez-se. Senti uma contracção no estômago.

Olhei para Chris em busca de auxílio, de alguém que me apoiasse, mas ele não se movia, de pé, os braços caídos ao longo do corpo, a olhar sem ver. Como se, agora que ali estávamos, ele se desse conta do que tinha encontrado e o trauma o tivesse lançado num estado catatónico.

Consegui articular:

– Foda-se, são ossos de crianças mortas.

– E então? – Fletch virou-se para mim. – Não me parece que se vão queixar.

Hurst limitou-se a sorrir.

– Anima-te, Thorney. Estamos só a divertir-nos. Além disso, quem encontra alguma coisa fica com ela, não é?

Pegou na metade do crânio partido que estava no chão.

– Como é aquela treta do Shakespeare? Ser ou não ser?

Atirou o crânio ao ar e deu-lhe uma pancada com o pé-de-cabra. Os estilhaços de osso voaram pela caverna.

Pestanejei, mas qualquer coisa me chamou a atenção. Julguei ter ouvido um ruído. Vindo das paredes. Um som estranho. Não era arranhar. Mais de qualquer coisa que se agitava, que se mexia. Pensei em morcegos. Poderia haver morcegos ali? Ou ratazanas? Gostam de túneis subterrâneos e escuros, não é?

– Vocês ouviram alguma coisa? – pergunto.

Hurst franziu o sobrolho.

– Não.

– Tens a certeza? Pareceu-me ouvir qualquer coisa, morcegos ou ratazanas.

– Ratazanas! – A cabeça de Marie rodou em todos os sentidos. – Merda!

Correu para um canto e vomitou.

– Foda-se! – vociferou Fletch. – Eu bem sabia que não a devíamos ter trazido.

A expressão de Hurst contraiu-se. Não percebi se ia descompor Fletch ou gritar com Marie. Mas nesse momento ouviu-se outro ruído. Desta vez mais distinto. Uma ligeira derrocada de pedras proveniente dos degraus lá de cima.

Todos nos voltámos num ápice (excepto Marie, que continuava ao canto, a fazer arrancos sonoros). O ar da caverna estava pesado com o fedor do vomitado e do suor. Mesmo assim, pareceu-me que o ar se tornava mais fresco. Mesmo frio. Mas não era um frio normal. Era um frio misterioso. *Um frio de arrepiar*, ocorreu-me de súbito. Como as sombras que se moviam. Não estavam estáticas. Moviam-se, estavam vivas.

Apontámos as lanternas na direcção do ruído. Para os degraus irregulares que subiam para se perderem nas trevas.

– Ei! – gritou Hurst. – Está aí alguém?

Silêncio, e mais uma queda de pedras.

– É melhor desceres, senão vou aí acima e...

A voz sumiu-se-lhe na garganta. Uma sombra destacou-se contra a parede. Alta, alongada, a segurar nos dedos longos qualquer coisa que se assemelhava a um bebé...

Ficámos em silêncio, e até os gemidos de Marie cessaram. Voltei a ouvir o outro som. *O roçar agitado*. Agora mais perto. A sombra rodeou a esquina. Eriçaram-se-me os pêlos. Hurst ergueu o pé-de-cabra. Lentamente, a sombra foi diminuindo e fundiu-se num vulto sólido. Um vulto pequeno com um carapuço cinzento, calças de pijama cor-de-rosa e ténis. Numa das mãos

segurava uma lanterna. Na outra, uma boneca de plástico.

– Foda-se para isto – exclamou Hurst, a baixar o pé-de-cabra.

– Pregaste-me um cagaço – murmurou Fletch.

Olhei para Annie.

– Que raio estás aqui a fazer?

Capítulo 27

Sentámo-nos na sala das traseiras. A luz é difusa, e a única mobília são dois pesados cadeirões de couro, uma secretária e uma mesa de leitura. Um tapete de cores desbotadas mas que deve ter sido caro cobre as tábuas nuas do soalho. As estantes altas tapam a quase totalidade das paredes, atafalhadas de livros de lombadas agradavelmente estaladas e gastas.

Nunca se deve confiar numa pessoa cujos livros se encontram alinhados e em perfeito estado de conservação ou, ainda pior, numa pessoa que vira as capas dos livros para a frente. Quem assim procede não é um leitor. É um exibicionista. *Vejam como eu tenho um refinado gosto literário. Vejam os livros famosos que tenho, e que com certeza nunca li.* Um leitor quebra as lombadas, manuseia as páginas, absorve cada palavra, cada *nuance*. Pode não se conseguir avaliar um livro pela capa, mas pode-se com certeza julgar o seu possuidor.

– Portanto – diz a menina Grayson, a colocar uma chávena de café sobre a mesa ao meu lado e a sentar-se no outro cadeirão com uma caneca de *Lemsip* – tem perguntas para me fazer.

– Só algumas.

Reclina-se no cadeirão.

– A primeira é por eu ser uma velha maluca com demasiado tempo livre?

Estendo a mão para o café e bebo um gole. Ao contrário da mistela que me ofereceu na escola, este é rico de aroma e sabor.

– Essa é uma delas.

– Imagino que sim.

– Mandou-me o *e-mail*?

– Sim.

– Como me encontrou?

– Por exclusão de partes. Sabia que era professor. Descobri qual a última escola onde tinha estado e expliquei que se estava a candidatar aqui mas que eu tinha perdido os seus contactos.

– Mas isso foi *antes* de eu me ter candidatado.

– É verdade.

Ocorre-me outra coisa.

- A escola disse por que razão eu me vim embora?

- Veio à baila.

- Portanto sabia que eu tinha falsificado as referências que entreguei a Harry.

Vejo-lhe nos olhos um lampejo repentino.

- Fiquei impressionada com a sua capacidade para inventar.

Fico a digerir a informação. Tem-me manipulado desde o princípio.

- E o processo?

- Fui eu que o organizei. Marcus deixou-o lá para si, pensei que despertaria menos as atenções.

- Mas a mensagem veio pelo telefone de Marcus?

- Um telefone antigo, que já não usava. Até que lhe partiram o *iPhone* e ele teve de se socorrer do outro.

- *Porquê?* Porquê dar-se a todo este trabalho? A esta pantomima? Por que não pensou apenas em *telefonar-me*? Sabe que os correios continuam a entregar cartas?

- Se eu me tivesse limitado a telefonar, você teria voltado?

- Talvez.

- Ambos sabemos que não é verdade.

A sua voz é cortante. Sinto-me repreendido. Como um garoto apanhado numa mentira.

- Aprendi muitas coisas em todos estes anos a lidar com crianças – continua ela. – A primeira é que nunca se deve fazer uma pergunta directa. A resposta será sempre uma mentira. A segunda é fazê-las pensar que a ideia foi delas. A terceira é que, se tornarmos as coisas interessantes, elas vêm ao nosso encontro.

- Esqueceu-se da quarta, nunca deixar que acendam os seus própriospeidos.

- Você sempre usou o sarcasmo como um mecanismo de defesa, até quando era miúdo – responde com um pequeno sorriso.

- Surpreende-me que se recorde de mim em miúdo.

- Recordo-me de todos os meus alunos.

- É impressionante. Mal me lembro da minha última turma.

- Stephen Hurst, sádico, amoral, mas esperto. Uma combinação perigosa. Nick Fletcher, nada inteligente e com um excesso de raiva. É pena que não tenha encontrado melhor maneira de a utilizar. Chris Manning, brilhante,

perturbado, perdido. Sempre à procura de qualquer coisa que não podia encontrar. E você, a ovelha negra. Que aparava os golpes com palavras. A coisa mais próxima que Hurst tinha de um verdadeiro amigo. Ele precisava mais de si do que você alguma vez imaginou.

Engulo em seco. A minha garganta parece lixa.

– Está a esquecer Marie.

– Ah, sim, uma rapariga bonita, mais esperta do que parecia. Uma rapariga que já nesse tempo sabia como obter o que pretendia.

– Só que já não somos crianças.

– Continuamos todos a ser, cá por dentro. Os mesmos medos, as mesmas alegrias. Somos apenas mais altos e mais hábeis a disfarçar.

– Você também é muito boa a disfarçar.

– Não tencionava enganá-lo.

– Então, o que *queria* fazer?

– Convencê-lo a voltar. E consegui.

Começa a tossir. Tira um lenço da manga e tapa a boca. Quando acaba de tossir, retoma a palavra:

– Presumo que tenha descoberto através de Marcus.

Aceno.

– Ele estava preocupado com a possibilidade de você se meter em sarilhos. Prometi-lhe que tal não aconteceria... desde que você me dissesse a verdade.

Acena com a cabeça.

– Marcus é bom rapaz.

– E tem grande consideração por si.

– É meu afilhado, mas suponho que também lhe tenha dito isso, não?

– Sim. Nem me apercebi de que conhecesse a mãe dele...

– Ruth sofreu imenso na escola. Um dia salvei-a dos rufiões e tornei-me uma espécie de confidente.

Penso nas crianças que costumava ver no seu gabinete. As que tentava ajudar. Não era muito. Mas na escola, quando se está assustado e se é vítima de *bullying*, uma pequena gentileza vale imenso.

– Seja como for – prossegue – eu e Ruth mantivemo-nos em contacto depois de ela sair da escola. Quando teve Lauren e Marcus pediu-me para ser madrinha deles.

«Durante as férias, por vezes ficava com eles, quando ela estava a trabalhar. Continuámos a ser chegadas, em especial com Marcus. Ainda me

visita duas vezes por semana, para tomar chá. É um rapaz muito inteligente e temos muitos assuntos de interesse em comum.

– A história local...?

Outro sorriso discreto.

– Entre outras coisas.

– Portanto, serviu-se dele, não foi?

– Ele queria ajudar. Mas não sabe tudo, se é o que está a pensar.

– Oh, não faz a menor ideia do que eu estou a pensar.

– Então diga-me.

Abro a boca e só então percebo que *não faço* ideia do que estou a pensar.

– Leu os documentos da pasta? – adianta ela, a beber um gole da caneca.

– A maior parte.

– Achou o conteúdo interessante?

Encolho os ombros.

– Arnhill tem uma história sinistra. Como muitos outros lugares.

– Mas nem todos os lugares são tão antigos como esta aldeia. As pessoas pensam que Arnhill nasceu por causa da mina. Não é verdade. Já aqui estava muito antes da mina.

– E então?

– Por que razão nasce um povoado no meio do nada?

– A vista era boa?

– As povoações nascem em certos lugares por algum motivo. Água boa, terra fértil. Mas por vezes as razões são outras.

Outras razões. Sinto uma súbita corrente de ar. Uma lufada de ar gelado.

– Tais como...?

– Leu os artigos sobre os julgamentos das bruxas e sobre Ezekeriah Hyrst?

– Mitos, lendas urbanas.

– Que muitas vezes contêm uma pitada de verdade.

– E qual era a verdade sobre Arnhill?

Agarra a caneca com as duas mãos. Mãos fortes, apercebo-me. Competentes. Firmes.

– Esteve no cemitério. Percebeu aquilo que lá falta?

– Crianças. Bebés.

Acena com a cabeça, a confirmar.

– Isso é o que *obviamente* falta.

– Obviamente?

– Como você mesmo disse, Arnhill tem uma história sinistra. Muitas

mortes. No entanto, só há noventa corpos enterrados no cemitério.

– Não reutilizam as mesmas covas ao fim de algum tempo?

– Sim. Mas mesmo tendo isso em consideração, e o facto de depois de 1946 muitas pessoas terem sido sepultadas noutros cemitérios, ou cremadas, nos anos mais recentes, faltam muitos corpos. Falando sem rodeios, não há campas que cheguem para os mortos. Portanto, onde estão?

Apercebo-me de súbito do que ela fez. Conduziu-me até ali lenta e cuidadosamente, enveredando pelo caminho mais longo para que eu não veja para onde vamos. Até agora.

– Creio que foram levados para outro lugar – diz ela. – Um lugar que os aldeões acreditavam ser de algum modo especial. – Deixa as palavras a pairar antes de prosseguir. – Foi o que você e os seus amigos encontraram há vinte e cinco anos.

As povoações também têm os seus segredos, penso. Como as pessoas. Só precisamos de escavar. Na terra, na vida, na alma de um homem.

– Como soube?

– Ao longo da vida conheci muitos jovens aqui da aldeia. Vi-os crescer, casarem-se e terem filhos. Mas alguns nunca foram tão longe. Como Chris.

Acode-me à memória uma pancada surda. Uma mancha avermelhada, cor de rubi.

– Por vezes vinha sentar-se no meu gabinete. Até Hurst passar a dominá-lo.

– Não me lembro...

– Você passava sempre a correr para eu não o repreender por causa da fralda da camisa de fora ou por usar sapatos de ténis.

Quase sorrio. É o passado, penso. À distância de umas poucas palavras descuidadas. Só que não creio que as palavras da menina Grayson sejam descuidadas. Esteve muito tempo à espera para as dizer.

– Poucos dias antes de morrer, Chris veio ver-me. Precisava de falar com alguém. Sobre aquilo que vocês tinham descoberto.

– Ele contou-lhe o que aconteceu?

– Em parte. Mas creio que há mais, não há, Joe?

Há sempre mais. *Basta escavar.* Quanto mais fundo se vai mais negro se torna.

Aceno.

– Sim.

– Não me quer contar?

Capítulo 28

1992

Annie relanceou o olhar pela caverna, os olhos enormes no rosto pequenino.

– Vim atrás de ti.

– Deixa-te de merdas. Estavas a pensar em quê?

– Quis ver o que andavas a fazer. São caveiras? A sério?

A voz saiu-lhe um pouco trémula e apertava com força *Abbie-Olhos* contra o peito.

– Tens de te ir embora.

Levantei-me, dirigi-me para ela, a coxear, e agarrei-lhe o braço.

– Vamos embora.

– Espera.

Hurst barrou-nos o caminho.

– O que é?

– E se ela dá com a língua nos dentes?

– Tem oito anos.

– Exactamente.

– Eu não digo nada – murmurou Annie.

– Estás a ver? Deixa que a leve daqui para fora.

Os nossos olhares cruzaram-se. Não sei o que teria feito se Marie não tivesse gemido do canto:

– Steve, não me sinto bem. Quero ir para casa.

– Vaca estúpida – resmungou Fletch, que esgarrou para o chão, mas o insulto saiu-lhe sem entusiasmo.

Vi que Hurst se debatia. Olhou para mim e para Annie e depois para Marie.

– Está bem – rosnou. – Vamos embora. Mas havemos de voltar. Não vou sair daqui sem levar algumas recordações.

– Não! – gritou Chris, a quebrar o silêncio pela primeira vez. – Não podes. Não podes levar nada daqui.

Hurst avançou para ele.

– E por que não posso, *Molengão*? Isto agora é nosso. Pertence-nos.

Não, pensei outra vez. Não és dono deste sítio. Pode ser que ele tenha deixado que pensasses isso. Talvez até *tenha querido* que penses isso. Mas foi assim que te apanhou. Foi assim que te trouxe cá abaixo. Foi assim que te tornou propriedade *dele*.

– Chris tem razão – disse eu. – Não podemos levar nada. E se alguém perguntasse aonde fomos arranjar ossos humanos?

Hurst virou-se para mim.

– Ninguém me dá ordens. Ninguém me diz o que posso ou não posso fazer, Thorney.

Ergueu de novo o pé-de-cabra. Senti que Annie se encolhia. Agarrei-a com mais força.

Um sorriso alastrou pelo rosto de Hurst.

– Dá-me a tua mochila.

Sem esperar pela resposta, arrancou-ma das costas e atirou-a para Fletch.

– Vamos levar alguns troféus. Podemos enfiar-lhes umas velas para acagaçar as pessoas no Halloween.

Fletch agarrou no saco e ajoelhou-se para recolher mais alguns crânios. Hurst virou-se para a parede e começou a escavá-la com o auxílio do pé-de-cabra, a arrancar ossos com uma fúria febril.

Annie agarrou-me o braço.

– A *Abbie-Olhos* diz que não gosta de estar cá em baixo.

– Diz à *Abbie-Olhos* que está tudo bem. Vamos embora daqui a pouco.

Estremeceu encostada a mim.

– *Abbie-Olhos* diz que não está nada bem. Diz que são as sombras, que as sombras se estão a mexer. – Virou-se bruscamente. – Que barulho é aquele?

Desta vez não havia engano com o *roçar agitado*. Estava a toda a nossa volta. Não eram ratazanas. Nem morcegos. Esses eram demasiado grandes e desajeitados. Isto era um som activo, frágil, quebradiço. O som de qualquer coisa pequena mas muito numerosa. Uma massa móvel de carapaças eriçadas e pernas.

Apercebi-me do que era um momento antes de acontecer. *Insectos*, pensei. *Insectos*.

Hurst espetou o pé-de-cabra na parede para arrancar um pedaço de osso que teimava em não sair.

– Já te apanhei!

A parede explodiu numa massa de corpos negros e brilhantes.

– Foda-se!!

Os escaravelhos jorravam do buraco numa vaga lustrosa, como petróleo vivo. Eram às centenas. Escorriam para fora do buraco e inundavam o chão. Alguns correram pelo pé-de-cabra e subiram pelos braços de Hurst, que largou a barra de ferro e começou a sacudir-se como se executasse uma dança tresloucada.

Do outro lado da caverna, Fletch soltou um grito. A caveira que segurava na mão agitava-se, e das órbitas vazias e da boca aberta emergiam mais escaravelhos. No chão, os crânios moviam-se, empurrados por milhões de pernas minúsculas dos insectos.

Fletch atirou o crânio para o lado e pôs-se de pé. Na pressa para se levantar deixou cair a lanterna, que se apagou ao bater no chão, mergulhando metade da caverna na escuridão.

Marie soltou um grito agudo e histérico.

– Não vejo nada. *Merda, merda, merda.* Estou coberta deles. Ajudem-me. *Ajudem-me!*

Despontou-me um grito na garganta, mas tinha de pensar em Annie. Agarrada a mim, paralisada e em silêncio. Envolvi-a nos braços e sussurrei-lhe junto à cabeça.

– Está tudo bem. São só escaravelhos. Vamos sair daqui.

Tentei recuar em direcção aos degraus, onde Chris continuava especado com a lanterna inútil na mão, virada para baixo e a iluminar uma pequena área do solo em movimento. Sob os nossos pés, os escaravelhos estalavam, esmagados. *Crac, pch, pop.* Alegrei-me por ter calçado as botas, com as calças lá enfiadas por cima, embora sentisse o tornozelo inchado dolorosamente comprimido pelo cabedal. Ao meu lado, Annie choramingava como um animal assustado.

Já quase tínhamos chegado aos degraus quando um vulto surgiu a correr da escuridão. Hurst. À luz da lanterna de mineiro, entrevi-lhe o rosto pálido e brilhante de suor. Em pânico. O que me assustou mais do que tudo o resto.

– Dá-me o teu capacete!

Estendeu a mão para o tirar e atirou-me contra a parede. Annie escapou-me das mãos.

– Larga-me!

– Dá-me a lanterna.

Empurrou-me com força, e a minha cabeça embateu com violência contra a rocha. Senti o cérebro sacudido dentro do capacete. Qualquer coisa

estalou. A luz vacilou, aguentou-se mais algum tempo e depois apagou-se. As trevas envolveram-nos como um manto negro.

– Idiota de merda! – vociferei, ao mesmo tempo que empurrava Hurst.

A garra do desespero cravava-se-me na garganta. Tínhamos de sair dali. Já.

– Annie?

– Joey? Não te consigo ver.

A voz dela denunciava as lágrimas contidas. Fazia um esforço para se mostrar corajosa.

Avancei a coxear na direcção da voz.

– Estou aqui. Liga a lanterna.

– Não posso. Perdi-a.

– Não faz mal... – Estendi a mão e os meus dedos afloraram os dela.

Do escuro emergiu um grito de Marie:

– *Nãoooo!*

Senti o ar deslocar-se quando qualquer coisa passou perto da minha cara. Atirei-me para o chão e aterrei sobre o cotovelo. O capacete saltou-me da cabeça. A dor subiu-me pelo braço. Mas não tive tempo para me concentrar nela, pois nesse momento ouviu-se novo grito agudo, agonizante, terrível.

– *ANNIE?*

Arrastei-me pelo chão, a esgaravatar entre as carapaças duras e as patas fugidias. Os meus dedos sentiram o contacto de metal. A lanterna de Annie. Agarrei nela e percebi que a pilha estava pendurada da parte de trás. Meti-a no lugar, liguei o interruptor e varri a caverna com o foco luminoso.

Fiquei de cabeça perdida e o meu coração pareceu contrair-se, expandir e despedaçar-se ao mesmo tempo. Annie jazia no chão, dobrada sobre si, encarquilhada, mas sempre agarrada a *Abbie-Olhos*. O pijama rasgado revelava as pernas finas sujas de terra. Tinha a cabeça e o cabelo empastados de uma substância escura, vermelha e viscosa.

Arrastei-me até ela e envolvi-a nos meus braços. Tão magrinha, tão ossuda. Cheirava a champô e a *crisps* de queijo e cebola. À nossa volta, os escaravinhos que tudo tinham inundado começavam a bater em retirada e sumiam-se pelas paredes, acabada a sua função.

– Foi um acidente...

Levantei a lanterna. Hurst estava a poucos passos de distância, com Marie agarrada ao braço. O pé-de-cabra jazia no chão, aos pés dele. Lembrei-me daquele movimento brusco junto à minha cara. Baixei os olhos para Annie,

de cuja cabeça o sangue continuava a escorrer.

– *Mas que raio fizeste tu?*

A raiva cresceu dentro de mim, senti que a bÍlis negra me queimava a garganta. Tive ganas de me atirar a ele e de lhe esmagar a cabeça contra a rocha até não ser mais do que um aglomerado gelatinoso de ossos desfeitos. Apeteceu-me pegar no pé-de-cabra e enfiar-lho nas tripas.

Mas qualquer coisa me impediu. *Annie*. Continuava a sentir dores no tornozelo. Já me seria muito difícil subir os degraus sozinho, quanto mais transportar Annie comigo. Nem tinha a certeza se a devÍamos mover. Precisava do auxílio de Hurst e dos outros.

– Arranjem-me qualquer coisa para estancar o sangue.

Hurst tirou a gravata pela cabeça e atirou-ma. Tinha uma expressão apagada, como a de alguém que acaba de despertar de um pesadelo e descobre que afinal não era um sonho.

– Eu não queria...

Não queria magoar Annie. Só me queria agredir a mim. Mas naquele momento não tinha tempo para pensar nisso. Comprimi a gravata contra o ferimento na cabeça de Annie. A gravata enfiou-se para dentro. Não era bom. Mesmo nada bom.

– Está morta? – perguntou Fletch.

Não, disse para comigo. *Não, não, não. A minha irmãzinha, não. Annie. Não.*

– Temos de chamar uma ambulância.

– E... o que lhes dizemos?

– Que importância tem isso?

Senti que a gravata ficava empapada. Atirei-a para o lado.

– Fletch tem razão – disse Hurst entredentes. – Precisamos de uma história. Quero dizer, vão começar a fazer perguntas...

– Uma história? – Olhei para ele. – Vai bardamerda!

Pelo canto do olho dei-me conta de que Chris se movia. Baixou-se e apanhou qualquer coisa do chão. Depois, voltou a sumir-se nas sombras.

– Diz-lhes qualquer coisa – contrapus em desespero. – Mas vai buscar auxílio. Já!

– Para quê, se ela já está morta? – Fletch de novo. Maldito Fletch! – Não a ouço respirar. Não está a respirar. Olha para ela. Olha para os olhos dela.

Recusei-me a olhar. Porque já tinha visto. *Está apenas inconsciente*, pensei. Apenas inconsciente. *Então por que não estavam os olhos revirados? Por que o seu corpo frágil começava a arrefecer?*

Hurst passou a mão pelos cabelos. A pensar. O que era mau. Se começasse a pensar só se preocuparia em salvar a pele e nós estávamos lixados.

– Vão fazer perguntas. A polícia.

– *Por favor* – implorei. – É a minha irmãzinha.

– Steve.

Marie tocou-lhe no braço. Quase me tinha esquecido da sua presença.

Hurst olhou para ela. Algo perpassou entre os dois. Ele assentiu.

– Muito bem. Vamos embora.

Olhei para Marie para lhe transmitir o meu agradecimento, mas o olhar dela não se cruzou com o meu. Continuava pálida, maldisposta. Arrastaram os pés na direcção dos degraus. Ninguém se ofereceu para ficar comigo, nem mesmo Chris. Mas não fazia mal. Não os queria cá. Só eu e Annie. Como sempre.

No início dos degraus, Hurst deteve-se. Pareceu-me que ia dizer qualquer coisa. Se o tivesse feito, creio que era capaz de ter corrido para ele e de lhe arrancar o coração apenas com as mãos. Mas não disse nada. Virou-se em silêncio e desapareceu no negrume.

Fiquei ajoelhado no chão frio, a embalar no colo o corpo inerte de Annie. Encostei a lanterna à parede, virada para cima. Estávamos cercados por escaravelhos esmagados. Ainda conseguia distinguir o ténue ruído que os restantes faziam nas paredes. Tentei não pensar nisso e concentrar-me apenas nos sons produzidos pelos outros a subir. E não prestar atenção ao som que faltava.

Ela não está a respirar.

Não eram rápidos o suficiente. *Mais depressa, pensei. Vão mais depressa.* Ao fim de alguns instantes, os ruídos dos passos hesitantes tornaram-se quase inaudíveis. *Já devem estar perto da abertura, pensei.* Têm de estar. Depois, não precisariam de muito tempo para correrem até à aldeia, a uma casa, a uma cabina telefónica. Para ligarem para o 112. O hospital ficava a uns bons dezoito quilómetros de distância, mas as ambulâncias tinham luzes e sirenes, e se soubessem que se tratava de uma criança, se...

Um som. Mais como um eco. Longínquo, mas audível. *CLANGUE.* Como uma coisa pesada a cair. Ou uma porta metálica a fechar-se. *CLANGUE.*

Ou um alçapão.

CLANGUE.

Olhei para o escuro.

– Não – murmurei.

Não fariam isso. Não seriam capazes de fazer isso. Nem mesmo Hurst, pois não?

Ninguém diz nada. Precisamos de uma história. Eles vão fazer perguntas.

CLANGUE.

E quem viria a saber? Quem nos havia de encontrar? Quem poderia contar?

Procurei raciocinar com frieza. Podia estar enganado. Talvez tivessem fechado o alçapão apenas para que ficássemos em segurança, para garantir que ninguém caía lá dentro. Tentei. Tentei com toda a determinação convencer-me, mas tudo quanto me vinha à cabeça era aquele ruído metálico:

CLANGUE.

Naquele momento fiquei a saber coisas sobre a natureza humana que nenhum rapaz de quinze anos deveria saber. Sobre o instinto de autopreservação. Sobre o desespero. Uma vaga de pânico apoderou-se de mim ao ponto de ter dificuldade em respirar. Apertei Annie com mais força, a embalá-la para a frente e para trás.

Annie, Annie, Annie.

CLANGUE.

Agora conseguia distinguir outro som. *Um roçar, uma agitação.* Os escaravelhos. Estavam outra vez a sair das paredes. Voltavam para nos vir buscar.

A ideia arrancou-me ao torpor.

Não podíamos esperar ali. Não podíamos esperar por um auxílio que talvez nunca chegasse.

Tínhamos de nos movimentar. Tínhamos de sair dali.

Pousei Annie com delicadeza no solo e levantei-me. Se apoiasse a maior parte do peso no pé esquerdo conseguia manter-me de pé. Baixei-me e peguei em Annie por debaixo dos braços. Até que percebi que não ficava com uma mão livre para segurar a lanterna. Hesitei. Os escaravelhos continuavam a arrastar-se. Peguei na lanterna e entalei-a entre os dentes. Voltei a erguer Annie e cambaleei de costas até aos primeiros degraus, a equilibrar-me na parede rochosa e a arrastar o seu corpo inerte. Era magra, mas eu também era. O carapuço dela estava sempre a prender-se, e a sua pele macia roçava nos degraus ásperos de pedra. Parava a cada passo para puxar o carapuço, o que era estúpido. Um desperdício de energia e de tempo.

Subi com ela mais três degraus. Doía-me o tornozelo. Sentia a cabeça a andar à roda. Parei para respirar e para a agarrar melhor. Dei um passo para trás. A pedra cedeu sob o meu calcanhar. Escorregou-me o pé e as pernas fugiram-me para a frente. Estava a cair. Outra vez. Agarrei Annie, mas sem nada para me amortecer a queda, a minha cabeça embateu violentamente no degrau atrás de mim. Toldou-se-me a visão, e fui engolido pelas trevas.

Desta vez era diferente. A escuridão. Mais densa. Mais fria. Senti-a a mover-se, à minha volta e por dentro de mim. A insinuar-se sob a minha pele, a encher-me a garganta, a abrir caminho para baixo, para...

Abri os olhos. As minhas mãos agitaram-se, a friccionar e a esbofetear a cara e a cabeça. Apercebi-me de coisas que fugiam. Uma maré sussurrante de carapaças lustrosas que recolhiam uma vez mais para o interior da rocha. Ao meu lado, a lanterna projectava uma luminosidade fraca e doentia. Não lhe restava muito tempo de vida. Quanto tempo tinha estado inconsciente? Segundos? Minutos? Mais tempo? Estava estendido no penúltimo degrau. Senti o corpo estranhamente leve. Desaparecera um peso.

Annie.

Não estava em cima de mim. Sentei-me. Não estava ao meu lado, nem perto, nem no fundo da escada. Mas que...

Agarrei a lanterna e levantei-me com dificuldade. O tornozelo continuava a doer-me, mas já não tanto. Talvez estivesse apenas entorpecido, ou então tinha-me acostumado à dor. Senti uma dor na nuca. Toquei num alto macio. Mas não tinha tempo para pensar naquilo.

Annie.

Desci para a caverna com precaução. Os ossos e as caveiras estavam espalhados pelo chão. Alguns pedaços mais pequenos estalaram sob os meus pés.

– Annie?

A única resposta foi o eco. Oco. Vazio. *Só cá estamos nós*, parecia o eco responder. *Só nós, os cobardes.*

Impossível. Mas a verdade é que ela não estava, e para isso só havia uma explicação: tinha saído.

Tentei recordar-me. Não a vira ser atingida pela pancada. É certo que havia imenso sangue e que ela estava inconsciente, mas a cabeça sangra muito, não é? Li isso em qualquer lado. Mesmo um pequeno golpe pode deitar muito sangue. Talvez ela não estivesse tão ferida como eu pensava.

Ah, sim? E então a frieza do corpo dela? E o facto de não respirar?

Um engano. Um exagero da minha mente. Estávamos todos acagaçados. Tudo era escuro. Entrei em pânico, tive uma reacção excessiva. E ainda havia mais uma coisa, não havia? Perpassei de novo os olhos pela caverna. *Abbie-Olhos*. Onde estava *Abbie-Olhos*? Tinha deixado a boneca lá em baixo, mas agora ela tinha desaparecido. Annie devia tê-la levado.

Dei uma derradeira olhadela à caverna e regressei aos degraus. Desta vez desembaracei-me mais depressa, pressionado pela esperança e pelo desespero, e esgueirei-me pela abertura na rocha. Um rápido relancear sobre a caverna mais pequena revelou que também estava vazia. A luz da lanterna vacilou. Talvez tivesse bateria suficiente para chegar a casa, talvez não.

Chegar a casa. Annie teria chegado a casa?

Não eram mais do que dez minutos da nossa casa até à mina. Se tinha conseguido sair, teria chegado a casa? Talvez lá estivesse agora, a contar tudo ao meu pai, e quando voltasse bem podia esperar uma sova com o cinto. Naquele momento até isso agradecia.

Icei-me pela escada acima. O alçapão estava parcialmente aberto (talvez também me tivesse enganado quanto a isso). Não todo, mas o bastante para que Annie se tivesse esgueirado pela abertura e o suficiente para que eu também saísse. Pus-me de pé, exposto ao ar puro e fresco da noite. Queimou-me a garganta quando inspirei fundo. Senti-me estonteado, com a visão desfocada. Baixei-me e descansei as mãos sobre os joelhos. Precisava de me aguentar. Pelo menos até chegar a casa.

Subi os montes de escórias apoiado nos pés e nas mãos e escapuli-me pela abertura na vedação exterior. Já ia na rua, a meio caminho, quando a lanterna por fim se apagou. Mas já não fazia mal, pois havia candeeiros públicos e uma luz ou outra que se filtrava através das cortinas das saletas. Que horas seriam? Quanto tempo tínhamos estado lá em baixo?

Apressei-me pelo carreiro que corria ao longo das traseiras da nossa casa e atravessei a cancela. Já no quintal, detive-me. Continuava com o casaco e as botas do meu pai. *Merda*. Despi-me e descalcei-me no barracão e depois coxeei até casa, calçado só com as meias esburacadas, em direcção à porta das traseiras. Rodei a maçaneta. Não estava fechada. Acontecia muitas vezes, pois o meu pai chegava demasiado bêbedo para se lembrar de a fechar à chave.

Chegado à cozinha, hesitei. Havia uma luz na sala de estar. A televisão.

Defronte dela, o meu pai estava meio sentado, meio esparramado no cadeirão de braços, a rressonar. No chão, junto aos seus pés, havia uma pequena colecção de latas de cerveja vazias.

Subi a escada em bicos de pés e, apoiado no corrimão, arrastei o corpo exausto. Sentia-me agoniado, esgotado. Mas precisava de ver Annie. Tinha de me certificar que ela estava em casa. Abri a porta do seu quarto.

Um alívio tremendo, avassalador.

Com a luz do corredor, apenas conseguia distinguir um vulto com a forma de Annie enroscado debaixo do edredão *My Little Pony*. A emergir num dos extremos, uma madeixa de cabelos escuros desgrehados.

Ela estava em casa. Tinha conseguido voltar. Estava tudo bem.

Naquele momento estava capaz de acreditar que tudo quanto acontecera antes não passava de um pesadelo terrível.

Comecei a fechar a porta...

Nesse momento, detive-me. Terei pensado por um segundo como era estranho que Annie se tivesse enfiado logo na cama e não fosse acordar o pai para me prestar auxílio? Terei pensado, nem que fosse por um instante, em entrar no quarto e verificar se ela estava bem? Afinal, levava uma pancada na cabeça. Devia tê-la acordado para me certificar de que estava consciente e coerente.

Devia ter feito, devia ter feito, devia ter feito.

Mas não fiz.

Fechei a porta e cambaleei até ao meu quarto. Despi as roupas sujas e meti-as no cesto da roupa para lavar. Tudo iria ficar bem, disse para comigo. De manhã havíamos de resolver o assunto. Inventar uma história sobre os acontecimentos daquela noite. Diria a Hurst que não queria continuar a fazer parte do bando. Que ficaria mais tempo com Annie. Para a compensar. Ia fazer isso, ia mesmo.

Deixei-me cair em cima da cama. No meu espírito, qualquer coisa adejou em silêncio, como uma traça cinzenta. Qualquer coisa a respeito de Annie, deitada na cama dela. Qualquer coisa importante que *faltava*. Mas antes de conseguir perceber o que era voltou a sumir-se. Desfeita em pó. Puxei o edredão até ao queixo e fechei os olhos...

Capítulo 29

– E de manhã, ela tinha desaparecido?
– Nunca voltou. O vulto na cama era um monte de brinquedos. O cabelo era de uma boneca. – Abano a cabeça – Um monte de brinquedos, *porra*. Devia ter percebido. Devia ter verificado.

– Parece que também sofreu uma pancada na cabeça e não raciocinava com clareza.

Mas devia ter percebido o que estava em falta. *Abbie-Olhos*. *Abbie-Olhos* não estava na cama. Annie nunca a teria deixado lá ficar. Tê-la-ia trazido consigo.

– E depois, o que aconteceu? – pergunta a menina Grayson.
– Chamaram a polícia. Foram enviadas equipas de busca. Tentei dizer-lhes. Tentei explicar-lhes que Annie por vezes me seguia até à mina. Que era lá que deviam procurar.

– Mas não lhes contou o que se passara?
– Bem quis. Mas por essa altura Hurst já tinha dito à polícia que tínhamos estado todos em casa dele nessa noite. E o pai confirmara. Ninguém acreditaria. Era a minha palavra contra a dele.

A menina Grayson acena com a cabeça, e eu penso: *Ela sabe*. Ela sabe que sou um mentiroso e um cobarde.

– E não voltou lá para a procurar?
– Não me podia aproximar, e a polícia não me deixou fazer parte das equipas de busca. Convenci-me de que haviam de encontrar o alçapão. E Annie. Tinham de a encontrar.

– Por vezes há lugares, como há pessoas, que têm de *querer* ser encontrados.

Gostaria de rejeitar aquilo como um disparate. Mas sei que ela tem razão. Chris não tinha encontrado o alçapão. Fora o alçapão que o encontrara. E se ele não nos queria lá dentro, nunca mais havíamos de voltar a encontrá-lo.

– Queria confessar. Queria ir à esquadra e contar-lhes tudo.
– O que o impediu?
– Ela voltou.

E depois viveram muito felizes.

Mas isso não existe. A minha irmãzinha voltou. Sentada na esquadra, a balançar as pernas, com um cobertor enorme pelos ombros e a apertar *Abbie-Olhos* contra o peito. Olhou para mim e sorriu.

Foi nesse momento que percebi. Que me dei conta do que estava mal. Tão mal, tão terrivelmente mal.

A cabeça de Annie. Onde estava o ferimento? E o sangue? Tudo quanto vi foi uma pequena cicatriz vermelha na testa. Fiquei a olhar para ela. Como podia ter sarado tão depressa? Então eu tinha-me enganado? Imaginara que o ferimento era mais grave do que de facto era? Já não percebia nada de nada.

– Joe?

– Aconteceu *qualquer coisa* à minha irmã – digo, a pronunciar devagar as palavras. – Não sei explicar o que foi. Só sei que quando regressou não era a mesma. Não era a *minha* Annie.

– Compreendo.

– Não, não compreende. Ninguém compreende. E passei vinte e cinco anos a tentar esquecer-me disso. – Lanço-lhe um olhar irritado. – Disse que sabia o que tinha acontecido à minha irmã. Mas não sabe nada.

Olha-me com uma firmeza fria, a avaliar-me. Depois, levanta-se e dirige-se à secretária. Abre uma gaveta e tira uma garrafa de *sherry* e dois copos.

Enche-os até à borda, estende-me um deles e volta a sentar-se, com o outro na mão. Não sou grande apreciador de *sherry*, mas bebo um gole. Grande.

– Tive uma irmã...

– Não sabia...

– Nasceu morta. Vi-a logo depois de nascer. Parecia que estava a dormir, só que não respirava, não emitia um único som. Recordo-me da parteira da aldeia, uma velha, a enrolá-la e a pô-la nos braços da minha mãe. E depois disse qualquer coisa que na ocasião não percebi: «Não tem necessariamente de ser assim. Sei de um lugar onde a pode levar, para lhe voltar a dar vida.»

Tenho vontade de fazer um comentário cáustico. Uma observação sentenciosa, pueril. Apetece-me dizer-lhe que era uma criança e que interpretou mal as palavras. Que as recordações se esfumam ao longo do tempo. Maleáveis e moldáveis na mente, podemos configurá-las conforme quisermos.

Mas descubro que não sou capaz. A corrente de ar frio voltou. Deve haver

uma janela aberta em qualquer lado.

- E a sua mãe, o que fez?

- Ordenou à mulher que saísse. E que nunca falasse naquelas coisas.

- Alguma vez lhe fez perguntas sobre isso?

- Os meus pais nunca falavam na minha irmã. Mas nesse tempo pouca gente falava na morte, não é? É um segredo infecto. E, no entanto, de certo modo a morte é a parte mais importante da vida. Sem ela, a nossa existência seria impensável.

Despejo de um trago o que resta do *sherry*.

- Por que razão queria que eu voltasse?

- Para que a história não se repita.

- Não é possível. A história é isso mesmo. Gostamos de fingir que aprendemos com os nossos erros, mas não é verdade. Pensamos sempre que desta vez será diferente. E nunca é.

- Se acreditasse mesmo nisso não estaria aqui.

Solto uma gargalhada.

- Neste momento não sei em que acredito, nem por que razão aqui estou.

- Então deixe-me ajudá-lo. Creio que Jeremy Hurst descobriu outro caminho para a caverna que vocês encontraram. Tem andado a levar crianças para lá. Penso que terá levado Ben, e que depois alguma coisa lhe aconteceu, tal como à sua irmã.

- Lamento muito isso, está bem? Tenho pena de Ben. Tenho pena de Julia. Mas não percebo o que espera que eu faça...

- Não se trata apenas de Ben e de Julia.

- Então de que raio se trata?

- Stephen Hurst.

Cerro o maxilar num gesto instintivo.

- O que tem ele a ver com tudo isto?

- Há meses que vem a levantar obstáculos à construção do parque rural. Não permite que os construtores tenham acesso às terras.

- Pensei que ele quisesse construir lá casas de habitação.

- Isso é o que ele *quer* que as pessoas pensem. Creio que está a proteger o que se encontra debaixo do solo.

- Porquê?

- Marie está muito doente.

- Com cancro. Eu sei.

- Cancro *terminal*. Restam-lhe alguns meses, talvez semanas. Está

a morrer.

Acode-me à memória a expressão de terror que lhe vi no *pub*.

Marie não vai morrer. Não vou deixar que isso aconteça.

– Não – replico, e abano a cabeça. – Nem mesmo Hurst é louco a esse ponto.

– Mas *está* desesperado. E as pessoas desesperadas tentam tudo. Andam à procura de um milagre. – Inclina-se para a frente e pousa na minha mão a sua mão fria e seca. – É claro que raramente o encontram. Percebe agora por que razão quis que voltasse?

Percebo, e a ideia provoca-me uma reviravolta gélida nas entranhas.

– Ele quer salvá-la – digo.

– E eu penso que você é única pessoa que o pode deter.

Capítulo 30

Sento-me no sofá com um copo de *bourbon* na mão e um baralho de cartas à minha frente, sobre a mesa de café. Ainda não toquei em nenhum dos dois. A lareira não está acesa e a sala está imersa em escuridão. Continuo com o sobretudo vestido. Está frio, mas a verdade é que está sempre frio.

À débil claridade da Lua que entra pela janela da cozinha consigo distinguir *Abbie-Olhos* sentada no cadeirão em frente, a fitar-me com aquele seu novo olhar, ainda mais aterrador.

Não é a minha única companhia. Consigo senti-los, não estão longe. Não são apenas os sons de *remexer e roçar*, aos quais já quase me acostumei. São outros companheiros. Silenciosos, mas vigilantes. Abro o baralho de cartas – pela primeira vez desde há muito tempo – e começo a baralhá-las.

– Não é problema meu, pois não?

Cuspo as palavras para a escuridão e fico à espera que me desdiga. Não responde, mas sinto pousados sobre mim os seus olhos repletos de negrume.

– Já antes tentei acabar com aquilo. Não resultou.

O negrume estremece e o roçar intensifica-se, como se tivesse dito alguma coisa que o irritasse. Distribuo as cartas. Quatro *mãos* para os meus parceiros invisíveis. Estendo a mão para o copo e emborco o líquido. Coragem de holandês. Uma expressão estúpida. É falsa coragem, seja qual for a língua.

– Não devo nada a Hurst. Ele que vá em frente. Para aprender. Não quero saber.

Só que, adverte a escuridão, a falar como para uma criança tomada por uma birra, isso não é verdade, pois não, Joe? Isto não tem só que ver com Hurst. Tem a ver com Marie. Uma rapariga por quem em tempos nutriste uma paixão. Uma mulher que está a morrer. Que merece fazê-lo mais ou menos em paz. Porque há coisas que são piores do que a morte. Porque o que volta nem sempre é o que partiu. E tu és a única pessoa que pode impedir isso.

Tento olhar a escuridão. Mas o negrume não se mexe, não pestaneja. Se alguma coisa faz é acercar-se mais, a pressionar-se contra mim como uma

amante indesejada. E agora consigo distinguir mais alguma coisa que se esconde nas suas dobras. Vultos, sombras dentro das sombras. Porque os mortos nunca nos abandonam verdadeiramente. Trazemo-los dentro de nós. Nos nossos sonhos, nos nossos pesadelos. Os mortos são parte de nós. E talvez sejam parte de mais qualquer coisa. Deste lugar. Desta terra.

E se a terra estiver podre? Se as coisas que nela plantarmos crescerem repletas de veneno? Recordo-me de como nunca se consegue fazer o mesmo boneco de neve, de como os filmes que o colega do meu pai copiava eram sempre pouco nítidos e de má qualidade. Há coisas – coisas belas e perfeitas – que nunca podem ser recriadas sem as arruinar.

Ouçó um movimento. O ranger de uma porta, o som abafado de passos. Estou preparado.

– O que queres de mim? – pergunto. – O que queres que eu faça?

– Bem, para já podias ligar a merda da luz.

Levanto-me e viro-me de um salto, no momento em que a sala de estar é inundada de luz.

– Jesus!

Protejo os olhos com as mãos, como um vampiro exposto aos raios ardentes da alvorada.

Espreito por entre os dedos. Brendan está à entrada da porta, resplandecente num blusão do exército, um camisolão largo, calças de bombazina e uns ténis velhos *Green Flash*. Ao ombro traz um grande saco de viagem.

Fita-me do seu ninho emaranhado de cabelo e barba.

– Mas que raio estás aqui a fazer, sentado às escuras e a falar sozinho?

Limito-me a olhar para ele. Até que abano a cabeça.

– Será que já sou a única pessoa que bate à porta?



Brendan faz um café horrível. Além disso, já passa da meia-noite, não é o meu momento predilecto para beber café. Mas estou demasiado cansado, confuso e amarfanhado para discutir com ele.

Sai da cozinha com duas canecas, pousa ruidosamente uma à minha frente e olha em redor, à procura de um sítio onde se sentar.

– Adoro o que fizeste a esta casa.

– Chama-se desconstrução.

– Algum nome deve ter.

Com um gesto da cabeça, indico o cadeirão de braços.

– Senta-te. *Abbie-Olhos* adora companhia.

Olha para a boneca.

– Talvez seja afirmar o óbvio, mas estar aqui sentado a falar com uma boneca zarolha ainda é mais arrepiante do que falar sozinho.

Pega em *Abbie-Olhos*, coloca-a no chão com um gesto trémulo, senta-se e agarra a caneca com as duas mãos. O saco está aos seus pés. Baixo os olhos para ele.

– Estava à espera de um mensageiro, não de uma entrega personalizada.

– Pois, mas achei que a gasolina era mais barata.

– Nem tens automóvel.

– Pedi emprestado o da minha irmã.

– Então e o trabalho?

– Posso faltar um ou dois dias. E ainda bem que o fiz. Estás com um aspecto miserável, meu. O ar do campo não te faz bem.

Esfrego os olhos.

– Bem, não o vou respirar durante muito tempo.

De uma maneira ou de outra.

– O teu plano está a resultar?

– Mais ou menos.

– Foi por isso que foste buscar um baralho de cartas?

Olho para as cartas que distribuí sobre a mesa.

– Estava só a matar o tempo.

– Não estarás a jogar para recuperar o teu dinheiro?

– *Não*. Claro que não.

– Ainda bem. Não me leves a mal, mas como jogador és uma desgraça.

– Não me podias ter dito isso antes de alguém fazer paus de fósforos com a minha perna?

– Tem de se estar disposto a ouvir. – Baixa os olhos para o saco. –

Portanto, presumivelmente, não me parece que esteja a pisar os calos de Sherlock se deduzir que tem alguma coisa que ver com o que está dentro do saco, pois não?

– Bravo, meu caro Watson.

– Então?

Ergo uma sobrelha. Pelo menos tento. Esta noite, todos os esforços são penosos.

– Alguém vai ter de me pagar uma pipa de massa para *não* levar isto à polícia. – Inclino-me, pego no saco e coloco-o em cima da mesa. – Já viste o

que lá está dentro?

– Achei que se quisesses que eu soubesse me terias mostrado.

Corro o fecho e retiro um objecto volumoso enrolado numa camisola velha. Desdobro a camisola e revelo duas peças guardadas com cuidado dentro de um saco de plástico.

Um pé-de-cabra e uma gravata azul de uniforme escolar, mais escura onde o sangue se empapou. O sangue da minha irmã. Mal se distingue, mas tem um nome bordado: Stephen Hurst.

– Que raio de merda é essa? – pergunta Brendan.

– Vingança.

Capítulo 31

1992

Cair não mata. Parar de cair é que mata.

Foi o que Chris me ensinou.

As pessoas pensam que quando se cai de uma grande altura o cérebro desliga antes de atingirmos o solo.

Não é verdade. É possível, dada a velocidade a que o cérebro processa a informação, que não haja tempo para apreender conscientemente o impacto. Mas isso não significa que não tenha trabalhado durante toda a descida.

Até ao esmagamento final.



No dia em que Chris caiu, tive uma aula de Inglês no Bloco, a última do dia. Estivemos a ler o *Triunfo dos Porcos*. Nunca gostei daquele livro. Não era, e continuo a não ser, um apreciador do simbolismo carregado.

Na opinião dos meus quinze anos, teria sido possível contar a história com pessoas, sem as disfarçar de animais. Não percebi a ideia. E não gostava do conceito rebuscado. Como se o autor se achasse tão esperto que ninguém visse que o livro fingia ser o que não era. Mas via-se. E não era muito inteligente. Como num passe de mágica onde nos apercebemos do truque e o mago continua a pensar que ninguém viu nada.

Orwell não era nada daquilo. *1984* era muito bom. Não fingia. Era apenas duro, brutal e assustador.

Para ser sincero, não dei muita atenção ao livro durante a aula. Estava distraído. Nas últimas semanas andava sempre distraído.

Annie já tinha voltado há perto de um mês. A euforia e as atenções dos primeiros dias tinham desaparecido. Mas mesmo assim devia ser um tempo feliz. As coisas deviam estar a regressar ao normal. Só que não estavam. Nem tinha a certeza de saber o que era normal.

Durante os primeiros dias tentei conversar com Annie. Para levá-la a dizer o que tinha acontecido naquela noite. Mas ela limitava-se a fitar-me com uns

olhos velados de incompreensão. Ocasionalmente sorria ou começava a rir sem motivo. O som das suas gargalhadas, que sempre me tinha feito feliz, agora arrepiava-me como unhas a raspar no quadro da aula.

A minha mãe pouco parava em casa porque passava a maior parte do tempo a cuidar da avó, que continuava «a não estar bem» depois da queda. O meu pai tinha metido licença no trabalho para ficar a tomar conta de Annie até ela estar em condições de voltar para a escola. Pelo menos era o que ele dizia. Mas não era verdade. Uma noite, vi uma carta a sair-lhe do bolso do casaco. No alto lia-se «P45». Sabia o que aquilo queria dizer. Que ele tinha deixado o emprego ou que fora despedido. Enfieei a carta para dentro do bolso e não disse nada à minha mãe.

Havia muitas coisas que não dizia à minha mãe. Que *não lhe podia* dizer. Porque não a queria inquietar. Porque não a queria ver infeliz. E porque tinha medo que ela não acreditasse.

Não lhe disse que começara a ter pavor de voltar para casa ao sair da escola porque o meu pai estava sempre embriagado e a casa cheirava muito mal. E não era só à bebida. A qualquer coisa pior. Uma coisa fétida, putrefacta. O género de cheiro que se sente quando algum animal se arrasta para morrer debaixo das tábuas do soalho. Uma noite, a minha mãe chegou a dizer-nos, a mim e ao meu pai, para procurarmos um rato morto. Como não encontrámos nada, ela revirou os olhos e disse:

– Há-de passar.

Não lhe disse que estava enganada, que o cheiro não era de um rato morto, mas de qualquer outra coisa que tinha vindo procurar abrigo na nossa casa.

Não lhe disse que quase todas as noites ficava acordado, à escuta dos ruídos que provinham do quarto de Annie, contíguo ao meu. Por vezes era a mesma canção repetida vezes sem conta:

Quando ela vier, virá pela montanha, quando ela vier, virá pela montanha.

Outras noites eram berros e gritos terríveis. Punha o *Walkman* nos ouvidos, ou tapava-os com a almofada, para abafar os sons. De manhã, ia ao quarto de Annie, tiravalhe da cama os lençóis ensopados de urina, metia-os na máquina e ligava-a antes de sair para a escola. A minha mãe devia pensar que eu tentava ajudar o meu pai. E, para ser franco, se eu não fizesse a lavagem, ninguém a faria. Mas a verdadeira razão não era essa.

Fazia-o porque me sentia responsável. Era a minha sina. Penitência. O castigo pelo que tinha feito. Ou pelo que não tinha feito. Porque não a tinha

salvado.

Nunca disse a ninguém que por vezes também mudava os meus lençóis. Que estremecia a cada rangido da casa porque me podia virar e encontrar Annie a olhar para mim, com a *Abbie-Olhos* apertada contra o peito, sem falar, apenas a sorrir e a fitar-me com aqueles olhos demasiado escuros e velhos para uma miudinha de oito anos.

Recusava-me a aceitar, nem mesmo para mim, que por vezes sentia um medo de morte da minha irmãzinha.

A campainha tocou, a anunciar o fim da aula. Guardei os livros na sacola e arrastei a cadeira para trás. O lugar ao lado do meu estava vazio. Era lá que Chris se costumava sentar. Mas ultimamente preferia ficar sozinho, numa carteira livre, situada ao fundo.

Era um alívio. Não só porque não queria falar com ele como não queria ouvi-lo a apresentar desculpas e justificações para o que tinham feito naquela noite. Mas também porque se passava qualquer coisa com Chris. E não era coisa boa. O seu aspecto era mais desleixado do que nunca. A gaguez acentuara-se. Adquirira o hábito de cantarolar baixinho e de murmurar para si. Por vezes parava bruscamente e começava a esfregar frenético os braços, como se procurasse libertar-se de uma sujidade invisível. Ou de insectos.

Em geral, era o primeiro a sair da sala de aula. Era assim que se escapulia aos nomes que lhe chamavam, às rasteiras e às pancadas. Já não fazia parte do grupo de Hurst (nenhum de nós dois fazia) e não estava sob a protecção desse escudo invisível.

Não tomei o partido dele. Tinha os meus problemas, as minhas preocupações. Por isso, quando naquele dia vi que ele se tinha deixado ficar para trás, a descer a escada atrás de mim num passo arrastado, fiquei chateado.

– O que foi?

– Pre-pre-preciso de te m-m-mostrar uu-u-ma coisa.

Tinha um hálito horrível, como se não tivesse lavado os dentes. A camisa cheirava a sujidade.

– O que é?

– N-n-não te po-po-posso dizer aqui.

– Porquê?

– Há m-m-muita gente.

Chegámos ao rés-do-chão. Empurrei a porta que dava para o pátio. À nossa volta corria uma multidão de alunos, a confusão habitual das horas de

saída. O rosto de Chris estava muito corado. Percebi que fazia um esforço para articular as palavras e apesar de tudo tive pena dele.

– Tenta respirar, está bem?

Acenou com a cabeça e inspirou fundo várias vezes. Esperei.

– O cem-cemitério. Enc-encontramo-nos lá. Às seis. Importante.

Tive vontade de dar uma desculpa. Mas qual era a justificação? Ver se o meu pai não deitava fogo à casa depois de adormecer a fumar um cigarro? Ver se a minha irmã estava em casa? Se continuava a não ser Annie?

– Está bem – acedi num suspiro. – Espero que seja uma coisa interessante.

Chris anuiu, baixou a cabeça como se quisesse esconder-se e desapareceu para lá da esquina.

Ajustei a sacola ao ombro e ouvi rir atrás de mim. Olhei em volta. Hurst vinha a sair pela porta do Departamento, seguido por Fletch como uma sombra untuosa. Hurst olhou, esboçou um sorriso desdenhoso e segredou-lhe qualquer coisa. Desataram os dois a rir à gargalhada.

Cerrei os punhos, a enterrar as unhas na palma da mão, e virei-me com esforço. Só me iria trazer mais sarilhos. A minha mãe ficaria zangada. O meu pai havia de me bater com o cinto. Hurst acabaria por sair vitorioso. Outra vez. E para quê? Baixei a cabeça e dirigi-me resolutamente para o portão.

Não fui para casa. Agora nunca ia. Deambulava pelas ruas, comia batatas fritas na paragem do autocarro, deixava-me ficar no parque de jogos (se Hurst e Fletch não estivessem por lá), tudo me servia para retardar o momento em que teria de empurrar a porta e ser confrontado com o cheiro, a escuridão desagradável e o frio *arrepia*nte que me envolveria...

Naquele dia só tinha alguns cêntimos no bolso. Não podia ir à loja das batatas fritas ou à confeitaria, de modo que vagueei pela rua principal, a dar pontapés numa lata de refrigerante vazia. Passei pelo estreito relvado onde se erguia a estátua de bronze de um mineiro. Ao lado da estátua havia um banco. Em geral estava vazio. Naquele dia estava ocupado por uma figura solitária, corcovada dentro de um blusão militar excessivamente grande, de cabeça baixa e os cabelos escuros caídos para a cara. Marie.

Nunca mais tínhamos falado desde aquela noite na mina. Para ser sincero, nem sabia se ela se recordaria de muitas coisas. Gostaria de dizer que aquilo me fizera perder parte da consideração que tinha por ela. Que tinha caído do pedestal onde eu a colocara. Mas não era verdade. Bastava vê-la para sentir um aperto no coração, e noutros sítios.

Aproximei-me, hesitante.

– Sentes-te bem?

Levantou a cabeça e olhou-me por entre os cabelos.

– Joe?

Fungou e limpou o nariz. Percebi que estava a chorar. Hesitei antes de tirar a sacola do ombro e de me sentar ao lado dela.

– O que se passa?

Abanou a cabeça e respondeu numa voz entaramelada de choro e ranho.

– Fui uma idiota.

– Porquê?

– Peço desculpa. Pelo que aconteceu à tua irmã.

– Está tudo bem – respondi, embora não estivesse.

– Fui tão estúpida lá em baixo. Quero dizer, nem quero acreditar que pensámos que ela estava, sabes...

Engoli o nó que me apertava a garganta.

– Eu sei.

Voltou a abanar a cabeça.

– Nem sabes quanto queria falar contigo, mas tinha medo.

– Medo? Medo de quê?

Puxou os cabelos para a cara com um gesto nervoso.

– Nada.

Contudo, não me pareceu que fosse *nada*. O tremor na voz dela. A maneira como escondia o rosto por detrás do cabelo. De repente tive um pressentimento.

– Tem alguma coisa a ver com o teu olho?

– Não, é só...

Inclinei-me e puxei-lhe o cabelo para trás da orelha. Não fez menção de me impedir. Tinha o olho direito inchado e de uma cor azulada.

– O que aconteceu?

– Discutimos. Ele não fez de propósito.

Senti que a raiva formava uma bola na minha garganta.

– Foi o *Hurst* que fez isso?

Hurst era um sacana, mas nunca tinha imaginado que usasse os punhos contra uma rapariga.

– Deixa lá.

– Ele *bateu-te*. Tens de contar a alguém.

– Por favor, Joe. Não vás dizer nada. – Agarrou-me as mãos. – Promete.

Não tinha alternativa.

– Está bem. Mas promete-me que não deixas que volte a acontecer.

– Está bem.

– Qual foi o motivo da discussão?

– Foi por causa do Chris.

– Chris?

– Steve tem medo que ele vá contar a alguém sobre a mina. Tem andado tão estranho. Steve diz que ele tem qualquer coisa que não devia ter e que tem de ser metido na ordem. Respondi-lhe que deixasse o Chris em paz. E depois disse que queria acabar o namoro, e foi quando...

– Quando ele te bateu?

– Chamou-me cabra e disse que ninguém o pode abandonar, nunca.

Os seus olhos voltaram a encher-se lágrimas. Envolvi-a nos meus braços e apertei-a contra mim. O seu cabelo era áspero, cheirava a laca e a tabaco.

– Joe – perguntou num murmúrio –, o que fazemos?

– Eu trato do assunto – respondi. – Vou encontrar-me com Chris às seis horas, no cemitério. Posso avisá-lo.

Afastou-se um pouco.

– Talvez possas falar com ele. Diz-lhe para não dizer nada a ninguém. Para acabarmos com toda esta loucura de merda.

– Não sei.

– És bom a falar com as pessoas.

– Está bem. Vou tentar.

– Obrigada.

Inclinou-se e comprimiu os lábios de encontro aos meus. Depois, levantou-se bruscamente.

– Tenho de ir.

Assenti, ainda atordoado.

– Queres que vá contigo? – perguntei.

– Não posso. Tenho de comprar umas coisas para a minha mãe.

– Ah! Está bem.

– Até logo.

– Adeus.

Fiquei a vê-la afastar-se, a sentir os lábios trémulos da recordação do seu beijo e a imaginar o que tinha vontade de fazer a Hurst.

Talvez tenha sido por isso que nunca mais pensei no que acabara de lhe dizer.



Quando voltei para casa, encontrei o meu pai semi-inconsciente defronte da televisão. Annie devia estar no quarto. A minha mãe tinha deixado algumas refeições preparadas no frigorífico. Tirei uma e meti-a no microondas. Não tinha muita fome, mas forcei-me a comer um pedaço de lasanha, bebi uma *Coca*, gritei ao meu pai que havia comida na cozinha e subi até ao quarto para mudar de roupa.

Parei à porta do quarto de Annie. Costumava ficar por ali, a observá-la enquanto ela se entretinha numa qualquer brincadeira imaginária com as *Barbies* e os meus *Action Men*, a imitar vozes diversas. Mas agora a porta estava sempre fechada, e as vozes que vinham lá de dentro eram diferentes.

Naquela noite não ouvi nada. O silêncio ainda era pior. Hesitei. Mas era hora do chá, Annie devia ter fome. Não podia confiar no pai para a alimentar.

Levantei a mão e bati à porta.

– Annie?

Não houve resposta.

– Annie?

A porta abriu-se numa frincha. Empurrei-a e tive de fazer um esforço para não recuar, por causa do cheiro. Annie estava de pé no outro extremo do quarto, a olhar pela janela. Devia ter corrido para abrir a porta e voltara para o mesmo sítio. Contudo, não podia ter a certeza. Já não tinha a certeza de nada.

Entrei no quarto.

– Aqueci um pedaço de lasanha.

Permaneceu imóvel. De repente dei-me conta de que tinha vestida uma camisola velha, mas que não tinha calças nem cuecas.

– Diz-me se quiseses um bocado...

Voltou-se. Senti o sangue afluír-me à cara. Annie ainda era uma criança, mas não a via nua desde que era bebé. Como percebesse a minha atrapalhão, sorriu. Um sorriso matreiro, horrível. Deu um passo em frente, afastou os pés e um jorro de urina quente e amarela brotou-lhe de entre as pernas para a carpete.

Senti a bília subir-me à garganta. Annie começou a rir. Saí do quarto a correr, bati a porta com força e corri pela escada abaixo. Não pensei mais em mudar de roupa. A única coisa que queria era estar longe da minha irmã.

As gargalhadas dela acompanharam-me enquanto saía de casa, mas naquele momento assemelhavam-se mais a gritos que me mordiam os

calcanhares.



Chris não estava no cemitério. Empurrei o portão de grades e percorri a vereda entre as ervas altas. Fiz um círculo à volta da igreja, para o caso de se ter escondido em qualquer lado, o que seria estranho, mas não impossível.

Nada de Chris. Nem vivalma. Soltei um suspiro. Era típico. Ele estava a perder o juízo. A perdê-lo mesmo. Mas naquele momento eu também não estava a raciocinar com clareza.

Não conseguia tirar da cabeça a imagem de Annie. A sua nudez. A urina a jorrar por entre as pernas franzinas. Não podia voltar. Naquela noite, não. A simples ideia de voltar para casa estava para além da minha compreensão.

Talvez ela precisasse de voltar ao médico. Talvez a pancada na cabeça – e ela *tinha* levado uma pancada na cabeça, disso tinha a certeza – lhe tivesse danificado o cérebro. Quero dizer, ela tinha perdido a memória e não se conseguia lembrar onde tinha estado nas quarenta e oito horas anteriores. Talvez houvesse mais qualquer coisa mal. Qualquer coisa que a fazia agir de modo tão estranho. Tinha de falar com a minha mãe. Ela podia levá-la ao hospital. Talvez eles a pudessem curar. Pô-la melhor. Fazer que voltasse a ser *Annie*.

A ideia deu-me algum consolo, embora pense que nunca acreditei nela. Talvez seja para isso que as igrejas existem. Para nos incutirem conforto, mesmo quando no fundo sabemos que não passa de um chorrilho de aldrabices.

Sentei-me no banco desengonçado do cemitério, a olhar para as pedras tumulares, cinzentas e tortas. Inclinei-me e apoiei os cotovelos nos joelhos, com os pés dobrados debaixo de mim. Foi nesse momento que me apercebi que havia qualquer coisa debaixo do banco. Baixei-me e puxei para fora um saco. Reconheci imediatamente que era de Chris. Todos nós tínhamos *Adidas* ou *Pumas*. O saco de Chris era velho e sem marca, com etiquetas coladas de *Dr. Who* e de *Star Trek*.

Naquela noite havia mais qualquer coisa colada. Um envelope fechado, com o meu nome escrito. Arranquei-o e abri-o. Lá dentro, numa folha arrancada a um caderno, estava uma carta garatujada na caligrafia irregular de Chris:

Joe, o que está neste saco é para ti. Hás-de saber o que fazer. As outras

*coisas, penso que talvez venhas a precisar delas. Não sei porquê. À cautela.
Tudo isto é por minha culpa. Bem gostaria de nunca o ter encontrado.
Aquele lugar é ruim. Sei-o agora. Talvez tu também saibas.
Tenho muita pena. De Annie. De tudo.*

Fiquei a olhar para o bilhete, como se esperasse que as palavras se reordenassem para fazer sentido. Qualquer coisa que não fosse um disparate de merda. Por que razão me tinha ele deixado aquilo? Por que motivo não estava ali?

Corri o fecho do saco. A primeira coisa que vi foi um monte de peças de fogo-de-artifício. Das grandes. Daquelas que era preciso mostrar a identificação para comprar. A menos que se fosse bom a obter coisas.

Intrigado e de testa franzida, procurei mais fundo. Por baixo havia qualquer coisa. Uma coisa mais pesada, cuidadosamente embrulhada num plástico transparente. Tirei-a para fora e senti um nó no estômago. Percebi logo do que se tratava. Fiquei a olhar. Voltei a guardá-la com cuidado e corri o fecho do saco.



A casa de Chris ficava do outro lado da aldeia. Atirei o saco por cima do ombro e comecei a andar. Tinha de falar com ele. Por qualquer razão, pareceu-me urgente. Sentia uma estranha ansiedade na boca do estômago, como se estivesse atrasado para qualquer coisa importante. Acelerei o passo. Alguns fragmentos do bilhete não me saíam da cabeça:

Aquele lugar é ruim.

Passei pelo banco onde Marie tinha colado os seus lábios aos meus. Acudiu-me à memória uma imagem proveniente dos recônditos do meu espírito, mas dissipou-se de imediato.

Talvez possas falar com ele.

Dei por mim junto ao portão da escola. Naquele tempo era costume ficar aberto até terem acabado todas as reuniões e os professores terem saído. Para chegar à casa de Chris, era mais rápido atravessar os terrenos da escola e saltar a vedação do outro lado, desde que o vigilante não me apanhasse.

Passei a correr pelo parque de estacionamento e pela ala de Ciências, em direcção ao Bloco, um monólito negro que se recortava contra o céu prateado. Ao dobrar a esquina, uma rabanada de vento fustigou-me a cara e o cabelo. Estremeci. E parei, por julgar ter ouvido qualquer coisa, trazida

pelo vento. Do recreio? Não. Mais perto. Olhei em volta. Depois... Olhei para cima.



Foi então que o vi. Já a cair. Senti a deslocação do ar. Ouvi a pancada surda quando embateu no solo. A distância entre a eternidade e um piscar de olhos. Perguntei-me se ele teria sentido. O embate final.



A minha primeira reacção foi fugir dali a correr. Desaparecer. Mas não podia. Não podia deixá-lo ali estatelado. E se ele ainda estivesse vivo?

Aproximei-me, com as pernas a tremer. Tinha os olhos abertos e pelo canto da boca escorria um fio de sangue. Por baixo dele havia mais sangue que formava um halo escarlata sob a cabeça loira. O mais curioso é que, talvez pela primeira vez na sua curta existência, ele parecia calmo, como se por fim tivesse encontrado aquilo que andara sempre a procurar.

Deixei que a sacola me escorregasse do ombro e caísse no chão. Fiquei ali, ajoelhado ao lado dele sobre o chão frio de cimento, sob o calor moribundo do dia. As lágrimas corriam-me pela cara. Acariciei-lhe carinhosamente o cabelo macio e desgrenhado. E disse-lhe que a culpa não tinha sido dele.

Mais tarde, demasiado tarde para Chris, talvez para alguns garotos seja sempre tarde, levantei-me, sacudi a poeira das calças e desci a rua em direcção à cabina telefónica. Chamei uma ambulância. Disse-lhes que um miúdo tinha caído. Não revelei o meu nome.

E também não lhes disse – nem a ninguém – o que mais tinha visto naquele fim de tarde.

Um segundo vulto, a correr para longe do Bloco. Apenas uma sombra escura. Mas eu sabia quem era. Soube logo.

Tem de ser metido na ordem.

Stephen Hurst.

Capítulo 32

No dia seguinte, tracei o meu plano. O que em mim é invulgar. Não sou dos que acreditam em planear antecipadamente. Sei por experiência como planear é antecipar o desastre, um convite ao destino para nos tramar.

Mas para isto tenho de estar preparado. Preciso de ter um plano de acção. E sem emprego, não me restam muito mais alternativas.

Brendan abandonou a moradia pouco antes das duas da manhã. Ofereci-lhe o quarto de hóspedes, mas ele não aceitou.

- Sem ofensa, mas este sítio causa-me uns arrepios do caracas.

- Pensei que não fosses supersticioso.

- Sou irlandês. É claro que sou supersticioso. Tal como a culpa, está-nos no ADN. – Vestiu o sobretudo. – No caminho reservei um quarto num Bread & Breakfast.

Na quinta, imagino, e algo me passou pela cabeça e depois se desvaneceu sem que a conseguisse agarrar. Importante, creio. Mas, como todas as coisas importantes da minha vida, já desapareceu.

Faço um café forte com as borras que ficaram no fundo da cafeteira e fumo dois cigarros antes de me lançar ao trabalho. Sento-me à mesa da cozinha e começo a tomar apontamentos. Não preciso de muito tempo. O meu plano não é complicado. Nem sei ao certo por que razão senti a necessidade de o escrever. Afinal de contas, sou professor. Encontro conforto e estabilidade na palavra escrita. Papel e caneta. Uma coisa concreta à qual me posso agarrar. Ou talvez esteja apenas a adiar. Ao contrário do que acontece com os planos, sou bom a adiar.

Em seguida pego no telefone e faço algumas chamadas.

Uma delas vai para o correio de voz. Deixo a mensagem. A segunda é um pouco mais complicada. Nem sei se ela atenderá. O meu prazo há muito que expirou. Até que lhe ouço a voz. Explico-lhe o que pretendo. Não sei se ela dirá que sim. Não estou em posição de pedir favores.

Gloria suspira.

- Tens consciência de que isso leva tempo? Por muito bem relacionada que esteja, não sou a porra da tua fada madrinha.

Ando de um lado para o outro, com um cigarro na mão.

– Quanto tempo?

– Mais ou menos duas horas.

– Obrigado – digo, mas o telefone já está em silêncio.

Procuro não interpretar isso como um mau presságio.

A terceira chamada é para um número internacional. Para o conseguir tive de fazer algumas pesquisas. É possível que não seja mesmo necessário. Mas agora que a semente está lançada, preciso de saber. Adopto um tom profissional. Explico quem sou e o que gostaria de confirmar. Escuto enquanto a bem-educada recepcionista americana me manda dar uma curva muito à maneira americana. Aceito os seus votos de um bom-dia – o que me parece improvável – e termino a chamada.

Deixo-me ficar a olhar para o telefone, com o coração um pouco mais pesado. Depois, levanto-me para fazer outro café. Deixo para mais tarde o último telefonema. Não se trata de adiar. Não lhe quero dar muito tempo para fazer planos ou para reunir os seus sequazes.

Estou à espera que a cafeteira ferva quando o telefone toca. Agarro-o imediatamente num gesto rápido.

– Sim?

– Recebi a sua mensagem.

– E?

– Tenho aulas.

– Nunca fizeste gazeta?

– Quer que falte às aulas?

– Não é por hábito. Só esta tarde. É importante.

Um suspiro fundo.

– Foi por isto que o puseram a andar?

– Não. Foi por uma coisa muito pior.

Espero.

– Está bem.



Estou sentado entre as ervas bravias, a olhar para a paisagem desolada. Um lugar como este nunca poderá ser bonito nem pitoresco, penso. Não faz diferença quantas árvores novas se plantam nem quantas flores se semeiam; construam todos os parques de jogos e centros de visitantes que quiserem, haverá sempre nele qualquer coisa de estéril e desagradável.

Um lugar como este não quer ser reaproveitado. Contenta-se em ficar

esquecido, dormente, morto. Um cemitério de vidas perdidas, de sonhos desperdiçados, de pó de carvão e de ossos. Apenas arranhamos a superfície da terra. Mas ela tem muitas camadas. E por vezes é melhor não cavar muito fundo.

– Ora cá está.

Volto-me. Marcus está de pé atrás de mim, na vertente de um montículo.

– Sim. E feio todos os dias – digo.

Não sorri. Fico com a sensação de que o humor, que é alegre, não faz parte do seu repertório de emoções. Mas não faz mal. Dá-se demasiada importância à felicidade; para já, costuma ser demasiado breve. Se a comprássemos na Amazon, teríamos de pedir um reembolso. *Partida ao fim de um mês e sem reparação possível. Da próxima vez deve experimentar a desgraça – ao que parece essa merda dura para sempre.*

Aproxima-se e fica de pé ao meu lado, embaraçado.

– O que está a fazer?

– A apreciar a vista e a comer isto. – Levanto a mão com a barra de *Wham* que tenho estado a chupar, a chupar. – Queres uma? Trouxe duas.

– Não, obrigado – e sacode a cabeça.

Olho para o doce cor-de-rosa e brilhante.

– Tinha um amigo que andava sempre a comê-los. Fazes-me lembrá-lo.

– De que maneira?

– Era um inadaptado. Ambos éramos. Ele gostava de procurar coisas. E de encontrar coisas. Penso que também és capaz de ser bom nisso, Marcus. Pela maneira como conseguiste passar pela segurança da escola.

Não responde.

– Contaste à menina Grayson que Jeremy encontrou a caverna?

– E encontrou.

– Não. – Abano a cabeça. – Não me parece. Há lugares que *querem* ser encontrados. Mas para isso é preciso ser alguém especial. Não é alguém como Hurst. É alguém como tu.

Hesita antes de dizer:

– Hurst sabia da caverna. Há muitos miúdos que conhecem os boatos. Ele sabia que eu costumava vir para cá. Queria que o ajudasse a encontrar uma entrada.

Aceno com a cabeça.

– E foi o que fizeste.

– Praticamente tropecei nela.

– Sim. Essas coisas acontecem.

Senta-se ao meu lado.

– Quer que o leve lá.

– Nem por isso. *Preciso* que me leves lá.

– Disse que era importante.

– E é.

Parece notar pela primeira vez a presença da mochila.

– O que está aí dentro?

– Talvez seja melhor que não saibas.

Faz-se silêncio. Até que ele se levanta.

– Vamos lá.

Ponho-me de pé. Enquanto sigo atrás dele pela colina abaixo, Marcus diz:

– Sabe que não deve oferecer guloseimas a garotos que não conhece?

Afinal sempre é capaz de ter sentido de humor.



Desta vez não há nenhum alçapão. Dou por mim a olhar para uma grade semicircular, oculta sob uma saliência baixa da rocha. O metal ferrugento apresenta uma cor semelhante à da terra, e a camuflagem é completada pelas ervas daninhas e pelos espinhos. Marcus afasta-os e retira cuidadosamente a grade. É pesada, e noto-lhe no rebordo as marcas de ter sido forçada.

Parece-me que, em dado momento, os aldeãos tentaram bloquear todas as entradas. Mas não conseguiram silenciar a gruta. Evitar que ela continuasse a chamar. Chris. Marcus.

Pego na lanterna que comprei e aponto para o buraco. Este túnel é menos íngreme que o da minha juventude. Mas é baixo, não deve ter mais que meio metro de altura. Vou ter de rastejar. A ideia não me agrada.

– São cerca de cinco minutos até ele alargar e chegar a uns degraus – diz Marcus. – Levam-no lá para baixo.

– Obrigado.

– Vai fazer que as pessoas deixem de entrar ali?

– A ideia é essa. Não te importas?

– Creio que não. – Olha-me. – Sabe, para professor é muito estranho.

– Sou um ser humano estranho. O que nem sempre é mau. Lembra-te disso.

Confirma com um breve aceno de cabeça. Não tenho a certeza, mas fico com a impressão de que um sorriso lhe aflorou aos lábios antes de se voltar

e se afastar a passos largos.

Os raios débeis do Sol iluminam-no no alto da colina, a envolver-lhe o cabelo num halo luminoso. Por um segundo parece o fantasma de um rapaz que em tempos conheci. Depois, desce para a sombra e tanto o fantasma como o rapaz desaparecem.



O avanço pelo túnel é lento, como o de um caranguejo. A perna doente lateja sem cessar. Por diversas vezes paro e considero a possibilidade de voltar para trás. Mas virar-me é um problema, portanto acocoro-me e sigo em frente, a lutar contra a claustrofobia nauseante que me tolhe a garganta, a fazer uma careta de cada vez que a mochila que trago às costas roça contra o tecto do túnel.

Ao fim do que me parecem várias décadas – durante as quais fiquei com os joelhos em carne viva e adquiri uma corcunda permanente – o túnel eleva-se o suficiente para me pôr de pé, ainda que curvado. Uns degraus íngremes descem pelo que parece ser uma parede de rocha sólida. Percorro-a com o foco da lanterna. A luz revela uma abertura estreita, quase oculta na profundidade das trevas. Pois claro. Uma outra entrada... ou saída. Explica como Annie desapareceu. E por que não a consegui encontrar. Encolho-me para passar.

Os vinte e cinco anos escoam-se. Estou de pé na caverna dos pesadelos da minha juventude. Parece um pouco mais pequena. Reduzida a sua dimensão pela perspectiva de adulto. O tecto não parece tão alto, nem se assemelha a uma catedral. O espaço não é tão vasto. O que não impede que um frio gélido me erice os pêlos.

No chão estão espalhados alguns crânios, com pontas de cigarro e latas esmagadas de *Woodpecker*. Há buracos nas paredes, onde Hurst e Fletch levaram a cabo a sua destruição deliberada, mas mais acima a parede continua intrincadamente embutida de ossos brancos e amarelos. Olho para eles. *Os que não conseguiram voltar*. Os que foram deixados para trás, como decorações macabras, ou numa espécie de oferenda.

Pergunto-me há quanto tempo existirá aquele lugar. Centenas de anos? Milhares? É estranho que a exploração da mina não o tenha destruído, Ou terá sido ao contrário? Vem-me à memória o Desastre da Mina de Arnhill. Apesar de todas as investigações, nunca foi bem explicado. Ninguém foi considerado responsável. E os outros acidentes? Deve haver túneis da mina por debaixo da caverna. Os mineiros, ter-se-ão aproximado demasiado?

Terão ameaçado a escavação antiga que em muito os precedia? Um espaço que ali tinha estado durante séculos, suspenso, à espera?

Percorro devagar a caverna, a inspirar fundo e a tentar manter a calma. Isto é apenas uma caverna. Os mortos não nos fazem mal. Ossos não são mais do que ossos. As sombras não passam de sombras. Só que as sombras nunca são apenas sombras. São o recesso mais fundo da escuridão. E é nos recessos das trevas que os monstros se escondem.

Tenho de fazer isto depressa.

Tiro da mochila o material que Gloria me trouxe. Tremem-me as mãos, escorregadias de suor. Remexo desajeitadamente nas coisas, praguejo e tento recomporme. Tenho de fazer isto como deve ser. Se fizer asneira, desfaço-me em pedaços. Coloco o material no centro da caverna; a mão ligada faz-me sentir desajeitado. Afasto-me. Obrigo-me a virar. Já os ouço, que se agitam. É um aviso. Uma ameaça. Esgueiro-me pela abertura e galgo os degraus tão depressa quanto posso. Digo para mim que tenho de ser cuidadoso, que os passos apressados e descuidados são aquilo que eles querem. Uma escorregadela, uma queda – como da outra vez – e vou parar lá abaixo. Chego ao túnel e rastejo através dele. Pelo menos agora a mochila está vazia. Ao pensar no que levei lá para baixo – e o medo súbito de que não funcione como planeado – espicaça-me para fora da gruta.

Saio para o ar livre, confuso, a tremer e de pernas frouxas, e deixo-me cair sobre o solo rochoso.

Permaneço assim algum tempo, ofegante, a deixar que a brisa fresca seque o suor que me cobre a pele. Ao fim de alguns minutos sento-me e tiro do bolso o maço de cigarros. Acendo um e inspiro sofregamente, como se fosse uma máscara de oxigénio. Ainda penso em acender um segundo na beata do primeiro, Mas olho para o relógio, e com um gesto relutante volto a guardá-lo no maço.

Pego no telemóvel. Obter o número dele não foi difícil. Primo o botão de CHAMAR e aguardo. Atende ao terceiro toque. É quase sempre ao terceiro toque. Já repararam nisso?

– Está?

– Sou eu.

Silêncio. Depois, a sentir-me como uma personagem de um *thriller* de má qualidade, acrescento:

– Parece-me que devíamos conversar.

Capítulo 33

Ele tem-se safado bem. É o que se costuma dizer quando se vê alguém que alardeia riqueza e êxito, não é? Em geral é uma casa grande, um fato caro e um automóvel novo e reluzente.

É estranha a maneira como avaliamos as coisas. Como se a capacidade para comprar uma casa grande ou a maneira de consumir mais gasolina nos engarrafamentos de trânsito fossem a suprema expressão do êxito dos nossos escassos anos sobre este planeta. Apesar de todos os progressos, ainda continuamos a avaliar as pessoas em termos de tijolos, tecidos e cavalos de potência.

Seja como for, sob esses aspectos Stephen Hurst «tem-se safado bem».

O seu tijolo e cimento é uma casa de quinta restaurada, a uns oitocentos metros de Arnhill. O restauro foi daqueles que retiram todo o carácter ao edifício antigo e se limitam a adicionar-lhe toneladas de aço, hectares de vidro e umas horrorosas portas articuladas.

Esta noite, apenas um carro se encontra estacionado na vereda coberta de gravilha. Um *Range Rover* novinho em folha. Marie está fora com Jeremy, em Nottingham, para lhe comprar ténis e comerem uma piza. Atrás da casa, vejo um jardim comprido, uma cabina de hidromassagem e uma piscina iluminada. Um homem não consegue comprar uma cabina de hidromassagem e uma piscina apenas com o ordenado de vereador.

Talvez tenha sido por isso que Marie resolveu ficar. No entanto, e em última análise, nada disto tem valor. Porque os anos em que gozamos a hidromassagem e a piscina são menos do que imaginámos. E talvez tivesse sido melhor aproveitar o tempo para fruir um pouco de liberdade, para viver uma vida longe deste lugar. Presumo que tudo depende da vontade que temos de possuir essas portas articuladas, e do que estamos dispostos a sacrificar por elas.

Olho para o relógio. São oito e vinte e sete da noite. Hesito um pouco mais até que me obrigo a estender a mão para premir o botão da campainha.

Lá dentro, ao longe, ouço-a badalar. Espero. Som de passos. A porta escancara-se.

Diria que é impossível um homem envelhecer em dois dias. Mas sou capaz de jurar que foi o que aconteceu. Sob a luz crua da lâmpada de segurança, Hurst parece um homem muito mais velho, quase um reformado. As peles pendem-lhe da cara como um trapo molhado e os olhos são fendas injectadas de sangue que espreitam pelas dobras da pele cinzenta. Não estende a mão nem me cumprimenta.

– O meu escritório é por aqui – diz ele e vira-se para fechar a porta atrás de mim.

A casa é diferente do que esperava. Revela mais bom gosto, ainda que a qualidade das peças deixe a desejar. Fico com a impressão de que o papel acetinado da parede e os falsos jarrões persas se devem à mão de Marie.

Conduz-me pelo corredor. À frente, entrevejo de relance uma grande sala de jantar-sala de estar. À direita, uma cozinha que cintila de mármore e cromados. Hurst abre uma porta do lado esquerdo. O seu escritório. Sou percorrido por uma corrente subjacente de ressentimento. Hurst é dono de tudo isto, apesar das coisas que tem feito.

E tem uma mulher que está a morrer de cancro.

Sigo atrás dele para dentro do compartimento. Em comparação com o resto da casa, o escritório é mais minimalista. Uma grande secretária de carvalho domina o espaço. Algumas fotografias a preto e branco adornam as paredes. Um armário de vidro exhibe uma fiada de copos de cristal e garrafas de uísque caro.

É uma paródia do gabinete de um cavalheiro, até ao pormenor de um pesado pesa-papéis de vidro sobre a secretária. É o gabinete de um homem convencido de que está bem na vida.

Mas neste momento não parece. Parece um homem prestes a desintegrar-se pelas costuras das roupas feitas por medida.

– Bebés? – Dirige-se para o armário e torce um pouco o corpo para trás. – Uísque?

– Por mim, está bem.

Despeja duas doses generosas nos copos de cristal cintilante e pousa-os sobre a secretária.

– Senta-te.

Com um gesto, indica uma cadeira de braços em frente da secretária. Largo o saco no chão, ao lado da cadeira. Espero que Hurst se recline no cadeirão de couro de costas altas e só depois tomo lugar no assento de cabedal estaladiço. Fico mais baixo do que ele. Não me importo que se

sinta superior. Sou eu que tenho os trunfos na mão.

Por um momento, nada se diz, nada se bebe. Até que ambos estendemos a mão para o copo ao mesmo tempo.

– O que queres?

– Pensei que soubesses.

– Vieste implorar-me para reocupares o lugar?

Solto uma gargalhada.

– Gostavas, não gostavas?

– Nem por isso. Do que gostava é que fosses para casa. Que nos deixasses em paz.

– Há pessoas que não merecem ter paz.

– Sempre pensaste o pior a meu respeito.

– Sempre fizeste o pior.

– Era miúdo. Éramos todos. Já lá vai muito tempo.

– Como está a Marie?

Percebo que a pergunta o deixa nervoso.

– Não quero falar sobre a Marie.

– Foste tu que a mandaste falar comigo.

– Na verdade, a ideia foi dela.

Não foi o que ela me disse. Mas estou a falar com Hurst. Para ele, as mentiras são tão naturais como o acto de respirar.

– Pensou que seria capaz de meter algum juízo nessa cabeça. Para que evitasses complicações desagradáveis.

– Como mandares os rapazes de Fletch darem-me uma tarefa? Espatifar a moradia? Esse género de coisas desagradáveis?

Esboça um sorriso fino e astuto.

– Não sei nada dessas coisas.

– Ainda não encontraste, não foi? Aposto que ficaste mesmo chateado.

Sacode a cabeça e bebe um pequeno gole.

– Creio que julgas que dou mais importância às coisas que aconteceram no passado do que de facto dou.

– Importaste-te o bastante para seguires Chris até ao Bloco naquela noite. O que aconteceu? Discutiram? Empurraste-o?

Abana a cabeça, como se estivesse a falar com um tipo destrambelhado.

– Ouviste o que disseste? Sabes, tenho pena de ti. Organizaste a tua vida. Tinhas uma carreira e agora queres estragar tudo. Para quê? Para ajustar contas antigas? Para procurar respostas onde elas não existem? Deixa lá

isso. Vai-te embora agora, antes que as coisas se tornem piores para ti.

Estendo a mão para o copo e bebo um trago lento e prolongado.

– Eu vi-te. Estavas lá.

– Não fiz mal ao Chris. Apenas tentei salvá-lo.

– Pois.

– Tentei falar com ele. Mas ele tinha perdido a razão. Divagava. Dizia coisas sem sentido. Até que saltou. E eu fugi, reconheço que sim. Não queria ficar por ali para que as pessoas não saltassem para conclusões erradas.

Atento na sua escolha de palavras – para que «saltassem» é deliberadamente insensível. Mas não é o que penso. E não creio que esteja a mentir. Bem no fundo, acho que nunca acreditei que ele tivesse empurrado Chris. Queria acreditar. Dava-me outra razão para o odiar. E talvez também uma saída para mim. Porque se Chris tinha saltado isso significava que eu o abandonara. Tal como tinha feito com Annie.

É claro que também não acreditei que Hurst o tivesse tentado salvar. A única pessoa que Hurst sempre se preocupou em salvar foi a si mesmo. É com isso que estou a contar.

– Por que razão tens tanto medo da minha presença aqui?

– Não tenho. Estou apenas farto.

– Ah, é engraçado, não estás com muito bom aspecto.

– Estou cansado. O cancro dá cabo de toda a gente. É isso. Estás satisfeito? Afinal não foi uma vida perfeita. É isso que queres ouvir?

Olho para ele. Talvez tenha razão. É possível que a vida não lhe tenha corrido assim tão bem. Acodem-me à mente as palavras da menina Grayson:

– *Ele está desesperado... Você é a única pessoa que o consegue travar.*

E tenciono fazê-lo. Mas não é por isso que aqui estou. Antes disso, tenho outro assunto para tratar. Um assunto que Hurst compreende bem. Salvar o meu coiro.

Agarro no saco e deixo-o cair sobre a secretária. Vejo que os seus olhos se esbugalham. Reconhece o saco velho e gasto, sem marca. As estampas desbotadas e retorcidas de *Dr. Who* e de *Star Trek*.

– Mas que raio é isto?

– Penso que sabes. Mas para os membros do júri – abro o saco e disponho o conteúdo com cuidado à frente dele – isto é o pé-de-cabra com o qual esmagaste a cabeça da minha irmã e isto é a tua gravata do uniforme da escola, suja com o sangue dela e com o teu ADN.

O seu maxilar agita-se, a rilhar os dentes, a digerir a informação como se

fosse uma pílula amarga.

- E isto prova o quê? A tua irmã foi encontrada. Viva.

- Ambos sabemos que não foi isso que aconteceu.

- Experimenta contar isso à polícia. Tenho a certeza de que te hão-de arranjar um belo colete-de-forças para vestires.

- Muito bem. Então ouve isto. A minha irmã esteve desaparecida dois dias. Quarenta e oito horas. Onde esteve? O que achas que a polícia faria se lhes dessem estas provas? Provas de que foste tu que a levaste? Que a agrediste? Como aceitariam isso os outros habitantes da aldeia e os teus colegas da Câmara?

Fica muito tempo a olhar para o pé-de-cabra e para a gravata ensanguentada. Até que levanta os olhos.

- Vou perguntar mais uma vez: o que queres?

- Trinta mil.

Espero. Até que vejo qualquer coisa no rosto dele. Esperava raiva, negação. Ameaças, talvez. Mas em vez disso reclina-se na cadeira e os seus lábios emitem um som.

Uma gargalhada.

Em todos os cenários que ensaiei mentalmente, este não estava previsto. Olho nervoso para a janela. Lá fora está tudo escuro. Sinto a tensão a subir.

- Não queres dizer onde está a piada?

Endireita-se na cadeira e recompõe-se.

- Em ti. É sempre em ti.

- Muito bem.

Pego no pé-de-cabra e na gravata e volto a metê-los no saco.

- Pode ser que leve isto de imediato à polícia.

- Não, não levas.

- Pareces muito seguro de ti.

- E estou.

- Se tencionas deter-me ou se planeias chamar os teus rufiões, devo avisar-te que...

- Deixa-te de merdas – atalha secamente. – Não tenho a menor intenção de te fazer mal. Estás a ver, o teu problema é esse. Andas sempre à procura de alguém a quem apontar o dedo. De alguém que arque com as culpas. Nunca te passou pela cabeça que foste tu quem se meteu nesses sarilhos?

- Não faço ideia de que raio estás a falar.

- Sei do acidente.

– O que há para saber? Foi um acidente. O meu pai e a minha irmã morreram.

– Onde iam naquela noite?

– Não me recordo.

– Que conveniente.

– É a verdade.

– Os jornais especularam que alguma coisa devia ter acontecido, que o teu pai ia para o hospital. Pouco antes do desastre, alguém lá de casa tentou contactar o 112.

Pergunto-me como saberá isso ou, talvez mais importante, por que razão se deu ao trabalho de o saber.

– Por que não vais ao fundo da questão?

– Naquela noite, o teu pai não estampou o carro por acidente.

– Estás enganado. Há provas de que tentou travar. Que tentou evitar o acidente.

– Oh, mas eu não estou a afirmar que não foi um *acidente*. Só que não foi o teu pai a causá-lo.

Sorri, e vejo o meu castelo de cartas – a minha *mão* de trunfos – desmoronar-se.

– Foste tu, Joe. Eras tu que ias a conduzir.

Capítulo 34

O passado não é real. É apenas uma história que contamos a nós mesmos. E, por vezes, mentimos.

Adorava a minha irmãzinha. Muito. Mas a irmã que eu amava desaparecera. Observava-a quando deambulava pela casa, naquele estranho andar desengonçado que agora tinha – como se o corpo não fosse seu –, mas não via a minha Annie. Via qualquer coisa que se parecia com Annie, que falava como Annie. Mas era uma falsificação. Uma cópia defeituosa.

Por vezes tinha vontade de gritar aos meus pais: *Vocês não vêem? Não é Annie. Aconteceu qualquer coisa e ela desapareceu. Houve um erro. É um erro terrível, e foi esta coisa que voltou no lugar dela. Uma coisa que veste a pele dela e vê com os seus olhos, mas quando os olhamos percebemos que não é Annie que está lá dentro.*

Mas nunca o fiz. Porque teria parecido maluco. E porque sabia que era a última coisa de que os meus pais precisavam. Não queria ser o pauzinho na engrenagem que acabaria por destroçar a nossa família. Tinha de resolver o assunto. Corrigir o que estava mal. Um dia, antes de ir para a escola, peguei no telefone com a mão trémula e telefonei para o médico. Assumi uma voz adulta, disse que era o senhor Thorne e que queria marcar uma consulta para a minha filha. A recepcionista, que era despachada e eficiente, mas não muito perspicaz, respondeu que nos podiam atender às quatro e meia dessa tarde. Agradei-lhe e disse que estava bem.

Quando voltei da escola, disse ao meu pai que acabava de me lembrar que a minha mãe tinha marcado uma consulta no médico para Annie. Felizmente, ele ia ainda na segunda lata de cerveja. Protestou, e eu disse-lhe que não fazia mal, que ele podia dizer à minha mãe que resolvera cancelar a consulta. O truque resultou. O meu pai não se arriscava a contrariar a minha mãe, a enfurecê-la. Vestiu o casaco e gritou por Annie para que descesse. Prontifiquei-me para ir com eles. No caminho comprei na loja pastilhas de hortelã-pimenta. Ofereci uma ao meu pai. Ele tirou duas.



O médico era um homem com excesso de peso, o nariz sulcado por veias vermelhas e uns resquícios de cabelos sobre a calva reluzente. Era bastante simpático, mas parecia cansado e vi que tinha a maleta aos pés, já pronta para ir para casa.

Examinou Annie, apontou-lhe luzes aos olhos, bateu-lhe no joelho. Annie estava sentada na cadeira, tão rígida como o boneco de um ventríloquo. Feitos os exames, o médico explicou paciente que não lhe encontrava nenhum problema físico. *Contudo*, ela tinha passado por uma situação traumática. Desaparecera dois dias. Perdida, quem sabe se fechada em qualquer lado. Quem sabia o que lhe acontecera? Urinar na cama, os pesadelos, os comportamentos estranhos, tudo era de esperar. Tínhamos de ser pacientes. Dar-lhe tempo. Se não se registassem melhoras, podia indicar-nos um terapeuta. Sorriu. Mas era provável que não se chegasse a esse ponto. Annie era muito nova, e os jovens são muitíssimo resistentes. Dentro de pouco tempo voltaria a ser como dantes, tinha a certeza.

O meu pai agradeceu e estendeu-lhe a mão trémula. Ainda bem que tinha comprado as pastilhas de hortelã-pimenta. Voltámos para casa. Annie urinou-se pelo caminho.

Trauma. Dêem-lhe tempo. Ele tinha a certeza.

Mas eu não. Achei tudo aquilo uma treta, e não sei porquê pareceu-me que estávamos a ficar sem tempo.



Além disto, tive de enfrentar a morte de Chris. Ou melhor, não tive. Houve uma cerimónia fúnebre, no crematório. Não me pareceu real. Continuava à espera de me voltar e ver Chris ao meu lado, com os cabelos louros espetados como sempre, a comentar que a temperatura da fornalha oscilava entre os 750 e os 1000 graus, que o corpo era consumido em duas horas e meia e que o crematório queimava cerca de cinquenta corpos por semana.

A mãe de Chris estava sentada na primeira fila. Ele não tinha mais família. O pai tinha-se ido embora quando ele era pequenino, e o irmão mais velho tinha morrido de cancro antes de Chris ter nascido.

A mãe tinha o cabelo branco espetado, como Chris. Trazia um vestido preto sem formas e segurava um monte de lenços. Mas não chorava. Apenas olhava em frente. De vez em quando murmurava qualquer coisa e sorria. Não sei dizer porquê, mas aquilo era mais horrível do que se se desfizesse num berreiro.

Depois disso, ainda a vi algumas vezes. Vestia sempre as mesmas roupas.

Tive vontade de lhe dizer qualquer coisa, mas não sabia o quê. Sempre que passava pela casa de Chris, as cortinas estavam corridas. Algumas semanas mais tarde apareceu um letreiro: PARA VENDA.

Dei por mim a vaguar sem destino pela aldeia, depois das aulas, e a acabar sempre junto do Bloco, a olhar para cima, a perguntar-me como seria cair de tão alto, tão depressa. As pessoas deixavam lá flores e mensagens. Até havia uma de Hurst. A tentação de lhe pegar, de a rasgar em pedaços e de a calcar sob os pés era mais do que tentadora.

Mas nunca o fiz. Da mesma maneira que nunca disse a ninguém que o tinha visto naquele dia.

A morte de Chris lançou-me numa espécie de apatia. Tinha escondido o saco no barracão, mas não fazia ideia do que devia fazer com ele. Não conseguia raciocinar. Não conseguia pôr em ordem as minhas ideias. Sempre que me lembrava do saco via Chris estendido no chão, o corpo estranhamente esvaziado, o sangue espesso e escuro. Tanto sangue. E depois pensava na minha irmã.

Por vezes julgava que era eu quem estava a enlouquecer. Talvez não houvesse nada de errado com Annie. Talvez a pancada que eu levara na cabeça tivesse afectado o *meu* cérebro. Talvez fosse eu a imaginar tudo aquilo.

Na escola, tinha dificuldade em concentrar-me. Lembrar-me de comer, de tomar banho – todas essas coisas deixaram de me parecer importantes. As minhas longas deambulações pela aldeia foram-se tornando cada vez mais prolongadas. Certa noite, um agente da polícia interpelou-me e mandou-me para casa. Já era perto da meia-noite.

Acordava várias vezes durante a noite, ofegante, para escapar aos pesadelos. Num deles, Chris e Annie estavam de pé sobre uma colina coberta de neve. Por detrás deles, o céu reverberava a luz, salpicado de um cor-de-rosa de rebuçado. O Sol era negro, rodeado por um halo de luz prateada, como num eclipse. Chris e Annie pareciam de novo perfeitos, integrais. Como eram antes de terem morrido.

Em volta deles abundavam os bonecos de neve. Grandes, rotundos, brancos e fofos, com longos braços feitos de ramos e pedaços de carvão brilhante no lugar dos olhos e da boca. Sob os meus olhos, os seus sorrisos distorcidos converteram-se num arreganhar de dentes.

Vocês não podem estar aqui. Aqui só há lugar para nós, bonecos de neve. Voltem para onde vieram. VOLTEM PARA LÁ! O Sol desceu abaixo do

horizonte. Chris e Annie desapareceram. O céu polvilhado de cor-de-rosa fervilhava, a formar bolhas, e adquirira uma tonalidade escarlate-escura. Começaram a cair flocos. Mas não eram brancos. Eram vermelhos. E não eram flocos. Era sangue. Gotas enormes e grossas de sangue, que ferviam como ácido. Caí no chão. A carne desagregava-se-me dos ossos. Os ossos fundiam-se no solo. Os bonecos de neve ficaram a olhar, com os seus olhos negros e frios, enquanto eu me dissolvia no nada.



Na manhã seguinte, sabia o que tinha de fazer.

Vesti o uniforme da escola, como de costume. Saí de casa à mesma hora de sempre. Mas a minha sacola continha outras coisas, bem acondicionadas sob os cadernos de exercícios.

Saí de casa em passos rápidos. Não meti pela rua que levava à escola. Subi em direcção à mina. Já tinham arranjado a vedação. E colocado mais sinais. PERIGO. NÃO ENTRAR. OS INFRACORES SERÃO PROCESSADOS. Devia haver um funcionário da Câmara a patrulhar a zona para evitar que outros garotos lá entrassem. Mas naquela manhã não vi ninguém enquanto avançava devagar ao longo do perímetro vedado. A cerca não me pareceu muito segura. Continuava um tanto desengonçada e havia buracos entre os painéis de rede. Não precisei de muito tempo para encontrar um grande o suficiente para me permitir a passagem. Mas era apertado. O casaco do uniforme ficou preso num arame solto. Puxei-o para me libertar e senti que se rasgava. Soltei uma praga. A minha mãe era capaz de me arrancar um bocado de pele por causa daquilo. Pelo menos antes tê-lo-ia feito. Agora, até podia ser que nem desse por isso.

Subi penosamente o monte. Parecia diferente naquela manhã. Estava frio, mas o Sol brilhava, o que não tornava o local mais alegre, mas pelo menos suavizava-lhe os contornos mais ásperos e desolados. O que também me desorientou um bocado. Para que lado ficava o alçapão? No sopé da encosta seguinte, ou seria da que ficava por detrás? Olhei em volta. Mas quanto mais olhava mais inseguro me sentia. O pânico começou a insinuar-se no meu estômago. Tinha de ser rápido. Não podia chegar atrasado à escola.

Tomei uma direcção, mas mudei de ideias e arrepiei caminho. Tudo me parecia igual. Merda! No meu lugar, que faria Chris? Como a tinha encontrado? Até que me lembrei. Ele não a tinha encontrado. *Ela* é que o tinha encontrado.

Inspirei devagar. Tentei não pensar, nem ver. Deixei-me apenas estar.

Até que me dirigi para a esquerda, subi um monte, desci do outro lado e subi a encosta seguinte, mais íngreme. Deixei-me escorregar pela vertente cheia de pedras. No fundo encontrei uma pequena concavidade, oculta pelos arbustos raquíticos. *É aqui*, pensei. Não a conseguia ver. Só terra e pedras. Mas sabia que era ali. Sentia-o. Quase me dava conta da terra a vibrar sob os meus pés.

Aproximei-me com cuidado. Evitei perscrutar o terreno. Olhar com demasiada atenção. E resultou. De repente apercebi-me dos contornos do alçapão enterrado no solo. Agachei-me. Visto de perto, não estava fechado. Havia uma abertura grande o suficiente para eu meter lá os dedos e puxá-lo. Tentei, e satisfeito por conseguir, voltei a baixá-lo. Não tencionava entrar lá naquele momento. Não podia aparecer na escola sujo de terra e de pó de carvão. Além de que corria o risco de alguém ver e ir lá investigar.

Teria de voltar mais tarde. Quando estivesse mais escuro. Quando pudesse fazer o que tinha de fazer sem que ninguém me impedisse.

Peguei nas coisas que metera na sacola e escondi-as debaixo de uns arbustos. Depois, para não correr o risco de não encontrar o alçapão quando voltasse mais tarde, enrolei num ramo uma meia encarnada velha que tinha trazido. Servia. Concluída a primeira parte do meu plano, pus-me de pé, abandonei o local e dirigi-me para a escola.



O dia arrastou-se e ao mesmo tempo pareceu correr mais depressa, como acontece quando esperamos alguma coisa da qual temos receio. Como uma ida ao dentista ou ao médico. Trocaria de boa vontade um dente arrancado pelo que tinha de fazer naquela noite.

Por fim, a campainha tocou e saí da aula, receoso de que alguém chamasse o meu nome ou me detivesse, e meio esperançado em que isso acontecesse. Mas ninguém fez nada. Contudo, não me apressei. Ainda tinha de matar o tempo até que a luz do dia cedesse lugar ao crepúsculo.

Fiz a minha caminhada do costume pela rua principal. Tinha comigo alguns trocos sacados da carteira do meu pai na noite anterior, de modo que comprei batatas fritas – embora não tivesse fome –, que depeniquei na paragem do autocarro antes de deitar para o lixo o pacote ainda meio cheio.

Vagueei mais um pouco, até que me sentei num baloiço do parque de jogos deserto. Quando as luzes começaram a piscar como olhos cor de laranja espantados, encetei o caminho em direcção à mina.

Tinha metido na sacola uma lanterna, bem como um velho barrete de lã

do meu pai, que enfiei pela cabeça, quase até aos olhos. Inspeccionei o lugar, à procura do vigilante, mas a rua estava vazia e silenciosa. Esgueirei-me pelo buraco da vedação antes que a situação se alterasse.

Até então não tinha precisado da lanterna, embora estivéssemos quase em fins de Outubro e a claridade se desvanecesse rapidamente. Não queria chamar as atenções sobre mim. Além disso, e por qualquer razão, entendi que me seria mais fácil encontrar o caminho na escuridão.

Apesar de algumas escorregadelas e trambolhões – que desta vez me fizeram um rasgão nas calças da escola – não me tinha enganado. Cheguei ao fundo da vertente íngreme e distingui a meia encarnada, uma sombra mais escura no arbusto.

Tinha conseguido. E agora que ali estava de novo sentia-me acagaçado. Precisava de ser rápido, antes de me deixar acobardar pelo medo. Ao puxar o alçapão para o lado, esfolei os nós dos dedos. Fui buscar os cartuchos de fogo-de-artifício que tinha escondido sob o arbusto, voltei a metê-los na sacola e empunhei a lanterna.

Após um derradeiro olhar em volta, entrei pelo alçapão e desci os degraus.



Não foi preciso muito tempo. Depois de acender o rastilho só tive tempo para subir os degraus e voltar a fechar o alçapão antes de começar a ouvir os primeiros estoiros abafados. Peguei na sacola e pus-me de pé. A tampa metálica ergueu-se e voltou a cair com estrondo, a lançar uma nuvem de poeira. Depois, afundou-se no solo.

Recuei. Só tinha dado alguns passos quando senti a terra estremecer e um rugido que parecia elevar-se das solas dos ténis até ao meu peito. Reconheci o som. Quando tinha mais ou menos a idade de Annie, tinha havido uma derrocada na mina. Ninguém tinha ficado ferido, mas fiquei para sempre na memória com aquele ronco subterrâneo da terra a desmoronar-se sobre si.

Estava feito, pensei. Agora só me faltava esperar que fosse suficiente.



Eram quase oito horas quando voltei para casa, cansado, sujo, mas invulgarmente exultante. Por uma fracção de segundo, antes de empurrar a porta das traseiras, fui tomado pela ideia insana de que de repente tudo ficaria bem. Tinha quebrado o feitiço, matado o dragão, exorcizado o demónio. Annie voltaria a ser ela, a minha mãe prepararia o chá e o meu pai leria o jornal, a cantarolar as canções da rádio como dantes fazia quando

estava bem-disposto.

Só disparates, é claro. Quando entrei, o meu pai estava espojado no seu lugar habitual, defronte da televisão. Apenas lhe consegui ver o alto dos cabelos encaracolados por cima das costas do cadeirão, e fiquei com a certeza de que tinha adormecido. Annie não estava cá em baixo, pelo que concluí que devia estar no quarto. Dentro de casa, o cheiro era pior do que nunca. Tapei a boca e subi a escada a correr, para a casa de banho.

Detive-me ao chegar ao patamar. A porta do quarto de Annie estava escancarada. O que há muito não acontecia. Avancei.

– Annie?

Espreitei lá para dentro. O quarto estava imerso numa semiobscuridade, como sempre. Apenas uma claridade ténue e crepuscular se insinuava através das cortinas finas. A cama estava por fazer. Se o cheiro lá em baixo era mau, ali era quase insuportável – urina apodrecida, podridão adocicada e qualquer coisa como uma mistura de vomitado e ovos podres. O compartimento estava vazio.

Fui ver no meu quarto. Também vazio. Bati à porta da casa de banho.

– Annie? Estás aí?

Silêncio. A porta não tinha fechadura, O meu pai tinha-a tirado quando Annie era pequenina, depois de um dia ela se ter trancado por dentro.

Sentara-me cá fora com a minha mãe, a cantar para que ela se mantivesse calma. Entretanto, o meu pai começara a trabalhar na fechadura, para a tirar. Quando por fim conseguimos entrar, Annie estava a dormir, enroscada no chão da casa de banho, vestida apenas com a fralda e uma *T-shirt*.

Olhei para a porta fechada. Depois, agarrei o puxador, estranhamente pegajoso, empurrei a porta e acendi a luz. O mundo rodopiou à minha volta.

Vermelho. Vermelho por todo o lado. No lavatório. Esborratado sobre o espelho. Manchas por todo o chão. Vivas, brilhantes, frescas.

Fiquei a olhar, a sentir o estômago às voltas. Olhei para a minha mão. A palma apresentava uma mancha escarlate. Virei-me e desci a escada a correr e aos tropeções. Só então reparei que as paredes e o corrimão também estavam cobertos de manchas vermelhas.

– Annie? Pai?

Saltei o último degrau e corri para a sala de estar. O meu pai continuava esparramado no cadeirão, de costas para mim.

– Pai?

Rodeei a cadeira. O seu rosto surgiu-me à vista, os olhos meio fechados, a

boca entreaberta e a respiração áspera a brotar-lhe por entre os lábios. Tinha vestido uma velha camisola *Wet Wet Wet*, que tinha ganho num concurso local de rádio (tinha procurado ganhar o prémio de umas férias em Espanha). Como são estranhas as coisas em que reparamos. Como quando reparei que por baixo da cara de Marti Pellow alastrava uma grande mancha sobre o peito do meu pai. Parecia uma nódoa de tinta, como daquela vez que não pus a tampa da minha caneta de tinta permanente. Só que era maior. E não era azul. Era vermelha, de um vermelho-escuro, e não era tinta, era sangue. *Wet, wet, wet*.

Procurei dominar o pânico e pensar. Esfaqueado. Tinha sido esfaqueado. Annie não estava. Tinha de chamar a polícia. Tinha de ligar para o 112. Corri para a parede onde estava o telefone e levantei o auscultador. Marquei o número com os dedos trémulos. Tocou por diversas vezes antes de se ouvir uma voz agradável:

– Qual é o serviço que pretende?

Abri a boca, mas as palavras morreram-me na garganta. *Sangue. Vermelho. Fresco.*

– Está lá? Qual é o serviço que pretende?

A casa de banho. As manchas de sangue no chão. Mas não são manchas. São formas. Uma mancha grande, cinco manchas pequenas.

Pegadas. Pegadas de pés pequenos.

– Está lá? Continua ao telefone?

Baixei o braço. Atrás de mim ouvi um ruído. Uma risada abafada. Pousei o auscultador e dei meia volta.

Annie estava à porta. Devia ter estado acorada na despensa por baixo da escada. Nua. O corpo e a cara sulcados de riscas de sangue, como uma pintura de guerra. Vi-lhe cortes nos braços, no peito franzino. *Também se cortou.* Os olhos dela cintilavam. Numa das mãos empunhava uma grande faca de cozinha.

Tentei respirar, dominar-me para não me lançar por uma janela, aos gritos.

Uma faca. O pai. Húmido, húmido, húmido.

– Annie. Sentes-te bem? P-pensei que tinha havido um assalto.

Percebi a sua confusão.

– Está tudo bem. Agora já estou em casa. Eu protejo-te. Sabes isso, não sabes? Sou o teu irmão mais velho. Hei-de proteger-te sempre.

A faca vacilou. Qualquer coisa mudou na sua expressão. Pareceu quase a

minha Annie. Como era dantes. Senti um aperto no coração.

– Larga essa faca. Podemos resolver isto. – Abri os braços e disse com a voz embargada pelas lágrimas. – Vem cá.

Sorriu. E atacou-me com um grunhido gutural e feroz. Mas eu estava preparado. Dei um passo para o lado e empurrei-a com força. Voou para a frente, tropeçou na carpete da lareira e caiu. Agarrei no atizador, mas não foi preciso. A cabeça dela embateu contra a esquina da lareira. Estatelou-se no chão e a faca resvalou-lhe da mão.

Fiquei de pé, a tremer, à espera que ela se erguesse de um salto. Mas continuou imóvel. O que quer que fosse que estava lá dentro, ocupava o corpo de uma miúda de oito anos. E uma criança de oito anos é frágil. Quebra-se com facilidade.

Olhei para o meu pai. Tinha de o levar ao hospital. Olhei para o telefone e corri para a cozinha. Pouco tempo antes, o meu pai tinha-me dado algumas lições de condução. Apenas nas estradas locais. Naquele tempo, em Arnhill, ninguém dava importância a um rapaz de quinze anos atrás do volante. Não era um bom condutor. Mas conhecia os rudimentos.

E sabia onde o meu pai guardava as chaves.



O meu pai era pesado. Tinha engordado. Arrastei-o até à porta, abri uma frincha e espreitei para a rua. Não se via ninguém. As cortinas das janelas estavam corridas. Não podia ter a certeza se alguma bisbilhoteira, como a senhora Hawkins, não estaria a espreitar pelas cortinas de rede, mas tinha de correr o risco.

Acartei o corpo pela vereda curta até ao carro. Encostei-o à porta de trás e abri a do passageiro. Depois, empurrei-o lá para dentro, primeiro o tronco, depois as pernas e os pés. Dei um passo atrás. Tinha as mãos e o peitilho da camisa da escola cobertos de sangue, Não tinha tempo para me preocupar com isso. O hospital ficava a dezoito quilómetros, em Nottingham. Tinha de me despachar. Corri para o lugar do condutor, mas detive-me. Olhei para a casa. Annie.

Não a podia deixar ali ficar.

Ela esfaqueou o teu pai.

Não passa de uma criança.

Já não.

Pode morrer.

E então?

Não a posso deixar. Não a posso abandonar outra vez. Como antes.

Corri para casa. Em parte esperava que Annie tivesse desaparecido, como nos filmes de terror, quando pensamos que o herói matou o bandido e este reaparece mais tarde, a brandir uma serra mecânica. Mas Annie jazia no mesmo sítio onde tinha caído. Nua. *Merda*. Corri para o primeiro andar, com o coração a bater como um relógio interior, a recordar-me que o tempo escasseava. Abri o pequeno guarda-vestidos branco do quarto de Annie e peguei num pijama – cor-de-rosa com carneiros brancos – e voltei a descer a escada a correr.

Não se mexeu quando a vesti, embora tenha conseguido perceber-lhe a respiração débil. Erguia-a nos meus braços, tão leve como um veadinho. Estava fria. E não contive um estremecimento de repugnância.

Já estava perto da cancela quando me dei conta de um vulto que se aproximava pela rua e de uma respiração ofegante. Alguém passeava um cão. Recuei para a sombra e esperei que passassem. O cão parou junto à cancela, a farejar, até que retomou a corrida, a puxar o dono pela rua abaixo.

– Está bem, está bem, cheirou-te a raposa, não foi?

Não, disse para comigo, mas captou o cheiro de *qualquer coisa*.

Coloquei Annie no banco traseiro. Rodeei o carro e atirei-me para o assento do condutor. As mãos tremiam-me tanto que precisei de três tentativas para meter a chave na ignição.

Felizmente – por milagre – o motor arrancou à primeira tentativa. Engrenei a primeira velocidade. De repente lembrei-me do cinto de segurança. Aperteio e arranquei rua fora. Concentrei-me em manter-me do lado correcto da via, e em não embater no passeio. A acção distraiu-me e não me deixou pensar no que faria se o meu pai morresse pelo caminho ou no que diria se isso não acontecesse.

Precisava de uma história. Lembrei-me do que tinha acabado de dizer a Annie – um assaltante. Alguém que entrou em casa. Haviam de acreditar. Tinham de acreditar. E se o meu pai estivesse vivo, poderia contar a verdade.

Já estava fora da aldeia. A fita negra da estrada contorcia-se à minha frente como uma cobra. Não se viam candeeiros, apenas os olhos dos gatos. Não consegui ligar os máximos. Um automóvel saiu de uma estrada lateral e seguiu atrás de mim. Demasiado perto. O reflexo das luzes no retrovisor cegava-me. *E se fosse a polícia? Se eles tivessem localizado a chamada para o*

112 e me estivessem a seguir? Até que o carro fez sinal e me ultrapassou, a tocar a buzina.

Olhei para o velocímetro. Ia apenas a cinquenta à hora, numa estrada de oitenta. Não era de admirar que se tivessem irritado comigo. Apesar da escuridão e do fraco domínio do volante, obriguei-me a calcar o acelerador. Vi o ponteiro subir para os sessenta, para os setenta e cinco. Voltei a olhar pelo retrovisor.

Annie olhava para mim.

Dei uma guinada ao volante, os pneus galgaram a berma, esforcei-me por voltar à estrada. A borracha guinchou, mas retomou o contacto com o alcatrão. O meu pai caiu em cima de mim. *Merda*. Tinha-me esquecido de lhe pôr o cinto. Empurrei-o com uma mão, enquanto tentava controlar o volante com a outra.

Lá de trás, Annie saltou sobre mim. Enterrou-me as unhas na cara e agarrou-me pelos cabelos, a puxar-me a cabeça para trás. Tentei sacudi-la com a mão livre, mas tinha-me agarrado com uma força surpreendente. Senti que as suas unhas me rasgavam a carne e as raízes dos meus cabelos gritavam. Fechei o punho e bati-lhe violentamente na cara. Caiu para trás.

Agarrei de novo o volante, mesmo a tempo, quando uns faróis se cruzaram comigo. *Foda-se*. Carreguei ainda mais no acelerador. Tinha de chegar ao hospital. *Tinha mesmo*. A velocidade subiu para os cento e dez quilómetros. Vi que Annie se voltava a sentar. Tentei bater-lhe com o cotovelo, mas ela agachou-se e tapou-me os olhos com as mãos. A enterrar os dedos. Gritei. Não conseguia ver mais do que trechos de luz e sombra.

Segurei o volante só com uma mão e tentei afastar os dedos dela com a outra. O meu pé escorregou no acelerador. O motor rugiu. Senti que o carro rodopiava, que os pneus saíam do alcatrão e subiam a berma coberta de ervas.

O automóvel deu um sacão violento. Annie abriu os dedos. Uma grande sombra negra surgiu em frente. Uma árvore. Tentei agarrar outra vez o volante, pisar o travão. Demasiado tarde.

O choque. Uma pancada monstruosa. O ruído do metal amachucado. O meu corpo foi atirado para a frente e o meu nariz embateu no volante. O cinto de segurança puxou-me de novo para trás. Atordoado. Qualquer coisa passou por mim e saiu pelo pára-brisas. Dor. O meu peito. A minha cara. A minha perna. *A MINHA PERNA!* Gritos. Gritos meus.

A escuridão.

⁴ *Wet* (húmido). Trocadilho com o nome da banda. (*N. do T.*)

Capítulo 35

– Foi assim que te encontrámos.

– *Encontrámos?*

– Eu e o meu pai. Vínhamos de ver o jogo da noite. O meu pai viu o carro estampado contra uma árvore.

– Parámos para ver se podíamos fazer alguma coisa. Percebemos logo que o teu pai estava morto. O corpo da tua irmã, encontrei-o a pouca distância do carro. Não pude fazer nada por ela... – Faz uma pausa. – Voltei para o carro, e o meu pai disse:

– O rapaz ainda está vivo. – E depois: – Mas tem um grande problema às costas, não tem?

– Percebi imediatamente o que ele queria dizer. Só tinhas quinze anos. Não devias conduzir.

– Resolvemos mudar-te de lugar. Pusemos-te no lugar do passageiro e o teu pai no do condutor, para que a polícia pensasse que era ele quem ia a conduzir.

– Porquê? Por que razão se deram a esse trabalho?

– Porque, apesar das nossas divergências, o meu pai entendia que devíamos cuidar dos nossos. Fazias parte do meu grupo. O teu pai era mineiro, embora fosse um tipo desprezível. Não atiramos os nossos aos porcos.

«Devia ir ver-te ao hospital para te convencer a confirmar essa versão. Mas descobriu-se que já tinhas a tua. Não te lembravas de nada sobre o acidente, disse-me uma enfermeira. Verdade, Joe?

Olho-o. Mentiras, penso. Não há verdades puras. A verdade nunca é a preto e branco. É tudo cinzento. Uma névoa a obscurecer a verdade. Por vezes tão espessa que nem nós a conseguimos distinguir.

Para já, nem tinha a certeza do que me lembrava. Era mais fácil aceitar o que a polícia e os médicos me disseram. Era mais fácil fechar os olhos e dizer que não sabia o que tinha acontecido. Que não me recordava do acidente.

Nunca contei à minha mãe. Mas a verdade é que ela nunca perguntou.

Nada. E devia ter perguntado. Tinha sido ela a limpar o sangue. Mas nunca disse uma palavra. E uma vez que tentei abordar o assunto apertou-me o pulso com tanta força que me deixou marcas e disse:

– O que quer que tenha acontecido naquela casa foi um acidente, Joe. Tal como o do automóvel. Percebes? *Tens* de acreditar nisso, Não te posso perder também.

Foi então que percebi. Pensava que tinha sido eu a fazer aquilo. Que eu era de algum modo responsável. Não a podia censurar. Havia semanas que me comportava de uma maneira estranha. Mal comia, mal falava, andava por fora todo o tempo que me era possível. E, de certo modo, eu *era* responsável. Tinha sido eu o causador. De tudo.

Quando voltei do hospital, de muletas e com parafusos metidos na perna destroçada, a casa tinha sido arejada e limpa, e o quarto de Annie estava pintado de uma cor diferente. Tudo o resto permanecera na mesma.

Não tentei corrigir a minha mãe, nem contar-lhe o que realmente tinha acontecido. E ela nunca traduziu em palavras o que eu lia nos seus olhos: que tinha sido a criança errada a morrer. Que devia ter sido eu. Até ao dia em que morreu, a minha mãe continuou a fingir que ainda me amava.

E eu fingi não perceber que não era verdade.

Tossico para limpar a garganta. Tenho a cabeça a rebentar de pensamentos contraditórios que se digladiam na massa amorfa da minha consciência.

– Queres que *te agradeça*? – pergunto.

Hurst sacode a cabeça.

– Não. Quero que pegues nisto – e com um gesto designa o pé-de-cabra e a gravata – e que atires tudo ao rio Trent. *Depois*, quero que te ponhas a andar daqui para fora e que nunca mais apareças.

Sinto-me agoniado. Uma agonia de vencido. O que sentimos quando vemos as cartas do outro jogador e percebemos que estamos tramados. Que estamos arrumados. Bem, quase arrumados.

– A polícia também te vai fazer perguntas. Por que razão me mudaste de lugar? Porquê falar agora no assunto? Interferir no local de um acidente é um crime.

Acena.

– É verdade. Mas não passava de um miúdo. E a ideia foi do meu pai. Agora que sou mais velho e sensato resolvi reapreciar os acontecimentos. Para me limpar. Se for necessário, sei como dar a volta ao caso. E eles vão acreditar

em mim. Sou um membro respeitado da comunidade. E tu? Olha para ti. Suspenso das tuas funções actuais. Suspeito de roubo na escola anterior. Não és um cidadão-modelo.

Tem razão. E se eles começarem a perguntar mais coisas? A investigar outra vez o acidente? A pôr em causa os ferimentos do meu pai?

– Portanto – continua Hurst – parece que estamos empatados.

Aceno com a cabeça e levanto-me. Pego nos objectos embrulhados e volto a metê-los no saco. Não tenho alternativa. Tiro o telefone do bolso.

Hurst olha para ele.

– Sempre vais chamar a polícia?

– Não.

Chamo os contactos e levo o telefone ao ouvido. Ela atende ao primeiro toque.

– Olá, Joe.

– Tens de falar com ele – e estendo o telefone a Hurst.

Olha para ele como se fosse uma granada. E é. De certo modo.

– E com quem vou falar? – pergunta.

– Com a mulher que matará a tua mulher e o teu filho se eu não sair daqui trinta mil libras mais rico.

Pega no telefone e vejo o seu rosto ficar cinzento. Gloria consegue fazer isso às pessoas. Mesmo antes de lhe enviar as fotografias de Marie e Jeremy a acabarem de jantar na cidade naquele preciso momento.

Hurst devolve-me o telefone.

– É bom que recebas esse dinheiro – diz-me Gloria. E logo depois: – Estão a irse embora, tenho de os seguir.

Termino a chamada e olho para Hurst.

– Trinta mil. Transfere-os já e nunca mais te chateio.

Limita-se a olhar para mim. Parece atordoadado. Como se alguém lhe acabasse de dizer que a terra é plana, que os extraterrestres existem e que Jesus está a preparar uma segunda vinda.

Gloria também é capaz disso.

– Que raio fizeste? – rouqueja.

– Preciso do dinheiro.

Os seus olhos focam-se. Marejados de lágrimas.

– Não tenho esse dinheiro.

– Não acredito. O automóvel que está lá fora vale pelo menos sessenta mil.

– Está em *leasing*.

- Esta casa.
- Já tem duas hipotecas.
- A *villa* em Portugal.
- Vendi-a, quase pelo preço de compra.

A sensação de enjoo está de volta. Agora pior. Como se uma ratazana me estivesse a devorar as entranhas. A roer-me o tecido do estômago. A abrir caminho para as tripas.

- Não me parece que Gloria goste de ouvir isso.

Passa a mão pelo cabelo impecavelmente penteado.

– É a verdade. Não tenho trinta mil libras. Nem vinte, ou dez ou cinco mil, caraças.

- Isso é uma treta.

– Foi-se tudo. O tratamento de Marie na América. Fazes ideia de quanto custa uma cura milagrosa? – Uma risada amarga. – Mais de setecentas e cinquenta mil libras. Só isso. Tudo quanto tenho. Não me sobrou nada.

– Mentiroso. – Abano a cabeça. – Como sempre. A tentares salvar a pele. És um mentiroso.

- É a verdade.

– Não. Telefonei para a clínica na América. Marie falou-me nela. E, queres saber, nunca ouviram falar de ti nem de Marie. Ela não está lá inscrita nem para tratar de uma unha encravada, quanto mais para um milagroso tratamento ao cancro.

Olho para ele em triunfo, à espera de ver o habitual sorriso de desdém. Um homem posto em causa e furioso por ser apanhado numa mentira. Mas o que vejo é outra coisa. Algo inesperado. Confusão. Medo.

- Não pode ser. Ela pagou-lhes. Transferi o dinheiro.
- Mais aldrabices. Nunca páras de mentir? Eu *sei* o que estás a planear.
- Posso mostrar-te os documentos do banco. Com o número da conta.
- Pois sim. É claro que podes... – Calo-me e olho para ele. – *Ela...?*

– Marie. Foi ela quem descobriu a clínica. Que preparou tudo. Os hotéis, os voos.

- Transferiste o dinheiro todo para Marie?

– Para a nossa conta conjunta. Foi daí que ela fez os pagamentos.

– Mas não falaste com a clínica. Não confirmaste se tinham recebido o dinheiro?

– Confio na minha mulher. E por que motivo havia ela de mentir? Está desesperada. Não quer morrer. Este tratamento é a única oportunidade

dela.

As pessoas desesperadas querem acreditar em milagres.

Tento manter-me calmo, raciocinar.

– Por que razão te tens vindo a opor à construção do parque rural?

– Porque construir casas é mais lucrativo.

– Apesar do que se encontra lá por baixo?

Uma risada sardónica.

– Um desmoronamento tapou tudo aquilo há vários anos.

– Era o que eu esperava. Mas parece que o teu filho descobriu outra entrada.

– *Jeremy? Não.* E que raio tem isso a ver com o resto?

– Nunca lhe falaste naquilo que encontrámos?

– O que lhe disse foi para *nunca* lá ir. Para se manter à distância.

– E os garotos costumam fazer o que os pais lhes dizem?

– É claro que não. Na verdade, Jeremy não podia ligar menos importância ao que eu digo. Mas dá ouvidos a Marie. Sempre deu. Por ela, faz o que for preciso. É um menino da mamã.

Engulo em seco, e é como deglutir vidro moído.

Por ela, faz tudo o que for preciso. É um menino da mamã.

E por vezes a maçã não cai longe da árvore.

Tenho estado a aplicar os meus esforços no local errado.

O meu telefone começa a tocar. Pego-lhe.

– Sim?

– Como vão as coisas?

Olho de relance para Hurst.

– Bem. Quanto tempo falta para eles voltarem?

– Foi por isso que liguei. Eles não vão voltar.

– O quê?

– Já voltaram da cidade. Marie deixou o rapaz na rua principal, para se encontrar com uns amigos. Agora vai pela estrada em direcção à tua casa.

– *A minha casa?*

– Não, espera. Parou. Está a sair do carro. É estranho. Leva uma lanterna e uma mochila.

Merda.

– A mina – digo. – Ela vai para a mina!

Capítulo 36

Não acredito no destino.

Mas por vezes existe uma tendência inelutável na vida, que lhe impõe um curso difícil de alterar.

A mina, foi lá que tudo começou. E, ao que parece, onde tudo irá terminar.

Mas não como eu imaginava. Não como eu tinha planeado. É o problema dos planos. Nunca resultam como imaginamos. Os meus, pelo menos, nunca resultam.



Arrancamos no *Range Rover* de Hurst. Não proferiu uma palavra durante o curto trajecto. Mas apercebo-me da confusão no seu olhar, do abrir e fechar do maxilar enquanto procura digerir o que acabou de saber. A tentar compreender como foi possível Marie tê-lo traído. Ter-lhe mentido.

Esperava um acesso de fúria. Mas só me parece destroçado. Esmagado. Estava enganado a respeito dele. Julgava que Marie era apenas mais um troféu, tal como a casa e o automóvel. Mas Hurst está apaixonado por ela. Sempre esteve. E, apesar de tudo, continua a querer salvá-la.

Vejo um *Mini* amarelo abandonado na berma da estrada. Não vejo Gloria nem o carro dela. Não sei se me devo preocupar ou ficar aliviado.

Subimos a encosta.

– Onde está ela? – pergunta Hurst.

– Não sei.

Examino a vedação com a lanterna, encontro a abertura através da qual tinha passado.

– Anda.

Atravesso pelo buraco. Hurst vem atrás. Ouço-o praguejar. Nos tempos que correm, não é só a carteira que é mais gorda.

– Já não era sem tempo.

Dou um salto. Gloria emerge das sombras junto à vedação. Invulgar no caso dela, enverga um casaco escuro por cima dos tons de pastel habituais. Vestida para o trabalho.

Olho em redor.

– Onde está Marie?

– Na mala do meu carro.

– Cabra! – vocifera Hurst.

Gloria vira-se para ele.

– Stephen Hurst, creio? Era uma piada. Ela passou pelo alto do monte vai para vinte minutos.

Apresso-me a intervir.

– Gloria, quem tem o teu dinheiro é Marie. Mais que as trinta mil. Mais de setecentas e cinquenta mil. Temos de a ir buscar.

Olha para Hurst.

– E ele?

– Ele o quê?

– Disseste que Marie, a mulher dele, é que tem o dinheiro?

– Sim.

– Então para que nos serve?

– Gloria...

– Era o que eu pensava.

Move-se tão depressa que mal chego a ver a arma. Ouço uma explosão abafada e de repente Hurst está no chão a estrebuchar e a gritar, agarrado a uma perna. Um esguicho de sangue escuro sai-lhe do ferimento. *Um verdadeiro esguicho*. Caio de joelhos ao lado dele e agarro-lhe os braços.

– Jesus Cristo!

Relanceio os olhos em volta. Para lá da vedação, a estrada está deserta. Não se vê ninguém. Nem os faróis de um automóvel que passe nos podem iluminar, nas sombras onde nos encontramos.

– Artéria femoral – diz Gloria, que baixa a arma com um enorme silenciador na extremidade do cano. – Mesmo que eu aplique pressão, vai esvair-se em quinze ou vinte minutos.

Os olhos de Hurst encontram os meus. Gloria agarra-me o braço e puxa-me para cima.

– Estás a perder tempo. Vai buscar a *porra* do meu dinheiro.

– Então...

Encosta-me o dedo aos lábios.

– Põe-te a andar.

Começo a subir o monte, com a luz da lanterna a balançar furiosamente à minha frente. Não serve de muito. Sou guiado pelo medo e por um instinto

natural. Como não trouxe a bengala, coxeio, tropeço e subo de gatas as encostas pedregosas e escorregadias. A perna doente encarrega-se de me proporcionar um acompanhamento constante de dor. As costelas fazem-lhe companhia. Mas uma parte de mim sente-se desligada de tudo o resto, como se estivesse por cima de mim a observar um homem alto e magro com uma respiração penosa de fumador e cabelos negros desgrenhados a deambular pelos campos como um vadio embriagado.

Tenho vontade de rir do absurdo de tudo aquilo; de rir até gritar. Parece um sonho, terrível e macabro. E, no fundo, sei muito bem que é real. Um pesadelo acordado que teve início há vinte e cinco anos.

E que acaba esta noite.

No sopé da colina, vejo-a sentada à entrada, de pernas cruzadas. Tem ao lado um candeeiro de campismo, e aos pés uma mochila. A cabeça está oculta por um lenço e um carapuço contra o frio. Está dobrada para a frente, e por momentos penso que está a rezar. Mas quando se levanta vejo que esteve a acender um cigarro.

Desligo a lanterna e deixo-me ficar, a observá-la. Mas não a estou a ver. O que vejo é uma rapariga de quinze anos. Uma rapariga linda, inteligente... e fria. Pergunto-me como não vi isso antes, mas um rosto bonito é capaz de nos tornar cegos aos defeitos, em especial quando se tem quinze anos e um turbilhão de hormonas. Não queremos saber do que está por baixo. Da sombra. Dos ossos apodrecidos.

Avanço um passo.

– Marie?

Não se vira.

– Sabia que tinhas de ser tu. És sempre tu. Desde que éramos miúdos, és um espinho na minha carne.

– Por nome^s e por natureza.

– Vai para casa, Joe.

– Vou. Se vieres comigo.

– Boa tentativa.

– Agora ouve. Se não voltares comigo, há uma tipa doida que vai matar o teu marido.

– Mesmo que acreditasse, que me interessava isso? Quando isto terminar, eu e Jeremy vamos deixar Hurst e este buraco de merda. Para sempre.

– Deves saber que isto é uma loucura.

– É a minha única hipótese.

– A clínica na América era a tua única hipótese. Alguma vez fizeste tenção de ir para lá? Ou foi apenas uma artimanha para ficares com o dinheiro?

Volta-se para mim. À luz do candeeiro, a sua cara é assustadoramente magra e calma de um modo aterrador.

– Sabes que a taxa de remissão era de 30 por cento? Apenas de 30 por cento.

– Já apostei em circunstâncias menos favoráveis.

– E ganhaste?

Não respondo.

– Também pensei que não. E não quero correr esse risco. Não quero morrer.

– Todos temos de morrer.

– Para ti é fácil de dizer, pois não estás às portas da morte. – Expira o fumo. – Fazes ideia de como é? Fechar os olhos à noite e pensar que pode ser a última vez? E em certas noites anseias *por que seja*, porque estás assustado e cheio de dores. Outras noites tentas ficar acordado e combater o sono, porque tens pavor de cair nas trevas.

Os seus olhos encontram os meus. A luz do candeeiro empresta-lhes um brilho febril.

– Já alguma vez pensaste na morte? A sério? Ausência de sentidos, de som, de tacto. Uma não-existência. Para sempre.

Não, creio que não. Porque todos tentamos não pensar. A vida é isso mesmo. Mantermo-nos ocupados, desviar os olhos para não termos de fitar o abismo. Que nos enlouqueceria.

– Nenhum de nós sabe o tempo que lhe resta.

– Não estou preparada.

– Não te compete dizer isso. Não nos compete tomar uma opção.

– E se pudesses? O que fazias?

– Isto não fazia, de certeza.

– Dizes tu ... – Olha de relance para o túnel. – Ambos sabemos o que lá está em baixo.

– Ossos – replico, a procurar manter a firmeza da voz. – É isso que está lá em baixo. – Ossos de pessoas que morreram há muito tempo, pessoas que não sabiam o que eram medicamentos, quimioterapia e analgésicos. Que ainda acreditavam em Deus, no Diabo e em milagres. Agora sabemos mais do que isso. Isto não é *real*.

– Não me venhas com sermões, Joe. Estiveste lá. Todos nós estivemos.

– Marie, tu estás doente. Não estás a raciocinar como deve ser. Por favor. Não há nada lá em baixo que te possa ajudar. Nada. Acredita em mim.

– Está bem.

Esmaga a ponta do cigarro e estende a mão para a mochila. Tira de lá uma garrafa de vodka e uma embalagem de comprimidos para dormir.

– Se acreditas mesmo nisso, então deixa-me ir. Tomo isto e acaba-se tudo. Pelo menos *faço* uma escolha.

Não respondo.

Marie sorri.

– Não podes, pois não? Porque *tu sabes*. Por causa do que aconteceu à tua irmã.

– A minha irmã foi ferida. Perdeu-se. E acabou por voltar.

– De onde?

Engulo em seco, a desfazer o nó duro que tenho na garganta.

– Ela não morreu.

Solta uma gargalhada. Um som horrível e áspero, desprovido de humor e de humanidade. Pergunto-me se terá sido sempre assim. Ou se alguma mudança se operou nela naquela noite, quando descemos lá abaixo. Talvez algo tenha mudado em todos nós. Talvez a culpa e o arrependimento não tenham sido as únicas coisas que trouxemos de lá.

– Não acreditas nisso – diz ela.

– Acredito, sim.

– Que disparate. – Retorce a boca num esgar. – Ela estava morta. Nunca podia ter sobrevivido àquela pancada. Sei isso porque...

Interrompe-se, e sinto-me gelar. Parece que todos os meus nervos começam a zunir.

– Porque *o quê*?

– Nada. Não foi nada.

Uma mentira. Tudo é mentira. E de súbito revejo a cena. Annie estatelada no chão, enrodilhada num pequeno monte. Hurst a curta distância. O pé-de-cabra no chão. Marie agarrada ao braço de Hurst. Mas Marie não se encontrava ali *antes*. Tinha-se deslocado. Estava mais próxima, de mim e de Annie.

– Foste tu – acuso. – Foste tu que a atingiste.

– Não fiz de propósito. Entrei em pânico. Foi um acidente.

– E deixaste que Hurst carregasse com a culpa. E ele encobriu-te, protegeu-te.

– Ele ama-me.

Agora tudo faz sentido. A razão de ela ter ficado. De se terem casado. Ele amava-a. Mas também tinha poder sobre ela, e ela não lhe podia escapar. Talvez a piscina e as portas articuladas tenham ajudado. Mas só um bocadinho.

– Vocês iam mesmo deixar-nos lá em baixo?

– Tentei dissuadi-lo.

Mas não é verdade. Recordo-me dela a pousar-lhe a mão no braço. Do olhar que trocaram. Pensei que ela nos quisesse ajudar. Mas agora já não tenho a certeza. Já não tenho a certeza de nada.

– E Chris? Naquela tarde disse-te onde me ia encontrar com ele. Mandaste o Hurst atrás dele? Também foi ideia tua?

– Não. Não foi assim. Sabes como era o Hurst. Eu tinha medo dele.

Penso no hematoma no olho dela. No olho direito. E vejo Hurst a servir-me o uísque. *Ele é destro*. Mais um pedaço do pedestal que se desmorona.

– Ele nunca te bateu, pois não?

– Isso tem alguma importância?

– Tem.

– Está bem. Não, não me bateu. Andei à bulha com a Angie Gordon depois de sairmos da escola.

– Portanto, também mentiste acerca disso.

– Mas que porra esta! Já lá vão vinte e cinco anos. O que aconteceu, aconteceu. Não posso alterar nada. Bem gostaria. – Olha para a entrada da caverna. – Por favor, Joe. Deixa-me ir.

– Não posso.

– Faço o que quiseres. Dou-te dinheiro, tudo o que quiseres.

– Tudo o que eu quiser?

– Sim.

Acode-me à memória a imagem de Hurst caído no chão, a esvair-se em sangue. Penso no dinheiro que devo. Em Annie, de olhos muito abertos, a espreitar pela janela numa manhã de Inverno, e no seu corpinho enrodilhado no chão da gruta.

Penso nos explosivos que coloquei lá em baixo, e no detonador remoto que tenho no bolso. Olho para Marie. O ódio é luminoso.

– Há uma coisa que me podes dizer – respondo por fim.

– Seja o que for.

– Para onde foram os sacanas dos bonecos de neve?

Abre a boca. Um lado da sua cabeça explode. Ossos, sangue e massa cinzenta são projectados no ar e tombam como *confetti*. O crânio dela é uma cratera escancarada, desfeito como se fosse de *papier mâché*.

Os seus olhos não revelaram qualquer sinal de perceber o que tinha acontecido. Foi demasiado repentino para isso. Num momento está viva. No momento seguinte está morta, caída no solo num monte amarfanhado, como se alguém tivesse desligado um interruptor. Cortado a corrente. *Off*.

– *Jesus Cristo!*

Rodo nos calcanhares.

Gloria está atrás de mim, de pistola em punho.

– Mataste-a!

– Ela não te ia dar nada. Estou habituada a lidar com cabras como ela.

– Onde está o Hurst?

– Acontece que sangrava muito depressa.

Hurst. Morto. Procuro apreender a situação. Durante anos desejei vê-lo morto. Ansiei por isso. Mas ali de pé não sinto nada, excepto cansaço e enjoo. E medo. Porque agora somos só eu e Gloria.

– Não devias tê-lo deixado morrer...

– Mas deixei. Vê o lado positivo. Tenho mais dois corpos para me livrar, portanto não tenho tempo para te matar devagarinho. – Aponta-me a arma.

– Queres dizer as tuas últimas palavras?

– Que não dispares contra mim?

– Gostaria.

Não vale a pena implorar. Com Gloria, não. Podia tentar. Podia dizer-lhe que sou professor. Que os professores não são assassinados a tiro. Não somos assim tão interessantes. Morremos lentamente, muito tempo depois de as pessoas nos julgarem já mortos. Podia dizer-lhe que tenho outro plano. Que tencionava fugir com ela. Podia dizer-lhe que não estou preparado. Não faria a mais pequena diferença.

Fecho os olhos.

Ouçó-a armar o cão da arma.

– Espero que tenhas calçado os sapatos de baile.

Fecho os dedos em torno do telemóvel... e primo o botão CHAMAR.

Desta vez não foi um ronco distante. Foi um estrondo a sair da terra e a sacudir o chão onde me encontro. Abro os olhos. Vejo que Gloria perde o equilíbrio, que a pistola lhe oscila na mão. Terei tempo de correr contra ela? Gloria olha para trás. Volta a assestar a arma. O dedo prime o gatilho...

Não há adiamento. Não há escapatória no derradeiro minuto. Não há uma segunda oportunidade.

Gloria desaparece no solo.

Como um coelho a enfiar-se na toca, como uma moeda a cair num poço. Sem um grito. Sumiu-se. Desapareceu. Ainda em choque, olho para o lugar onde ela se encontrava e para o buraco de súbito rasgado no terreno.

Aproximo-me, a coxear. Entrevejo uma cintilação cor-de-rosa, uma madeixa de cabelos loiros. O solo volta a abanar. Sob as solas dos ténis, sinto o terreno a esboroar-se. Cambaleio para trás. Mesmo a tempo, pois a periferia do buraco cede e mais gravilha, terra e pedras caem por cima do corpo dela.

Entontecido e agoniado, espreito para o abismo profundo. Sinto que se me tolda a visão. Uma coisa quente escorre-me pela cara, junto à orelha. Sinto uma dor na cabeça. Ergo a mão para a apalpar. Por cima dos olhos, sinto-a pegajosa e estranhamente mole. Não tenho tempo para me ocupar disso. Lá de baixo sobe outro ronco. Um aviso. Tenho de sair daqui antes que me vá reunir a Gloria. Lá em baixo. Na profundidade das trevas. Entre os ossos dos mortos.

E outras coisas.



Levo muito tempo a regressar. Não me consigo equilibrar. Cambaleio e escorrego pelas vertentes e encostas. Caio várias vezes. Tenho um zumbido constante no ouvido esquerdo, e um dos olhos não consegue focar as imagens. Isto não é bom. Não é nada bom.

Já estou perto dos portões da velha mina quando sinto o derradeiro espasmo do solo. Paro e olho para trás. Um fumo negro confunde-se com o céu cor de carvão.

Cai-me qualquer coisa na cara. Parecem flocos de neve. Preciso de algum tempo para perceber que os flocos são negros, não brancos. Flocos de carvão. Fico um momento parado, a deixar que caiam à minha volta.

Até que me sento. Não é uma decisão consciente. As pernas cedem sob o meu peso, como se o cérebro deixasse de lhes enviar instruções. Desligado para a noite. Talvez para sempre. Estou cansado. Tenho o olho esquerdo coberto por um véu vermelho. Ocorre-me que talvez não me volte a levantar. Não me importo.

Estou deitado de costas sobre o solo pedregoso. Olho para o céu, mas é como se olhasse para baixo, para um buraco negro e fundo. A escuridão

parece puxar-me.

Alguém me agarra o braço...

⁵ Trocadilho entre *Thorne* (nome) e *thorn* (espinho). (*N. do T.*)

Capítulo 37

Duas semanas mais tarde

– Não gosto de despedidas emocionadas.

– Eu também não.

– Abraçamo-nos?

– Quer?

Beth olha-me de soslaio.

– Realmente, não.

– Eu também não.

– Sabe o que as pessoas dizem dos abraços? – pergunta.

– O que é?

– Que são apenas uma desculpa para esconder o rosto.

– Bem, para algumas pessoas até é capaz de ser bom.

– Vá-se foder.

– Já perdeu a sua oportunidade.

– Passo bem sem ela.

– E eu a pensar que você estava a afogar as mágoas.

Beth ergue o copo.

– *Cheers!*

Bato com a *Coca-Cola* contra a cerveja dela.

– E não pense, lá porque se está a pirar e a deixar-me a tratar das consequências, que eu estou deliciada com a situação – diz ela.

– Quando fala em «consequências» presumo que se esteja a referir à sua nova posição como subdirectora, não?

– Bem, sabe como é, tanto faz tomate como *tumate*.

– Dar-lhe na cabeça ou na cabeça lhe dar.

Mostra-me o dedo médio.

Harry demitiu-se há poucos dias, com Simon Saunders. Não posso ter a certeza, mas talvez tenha sido por causa das mensagens de correio electrónico que a polícia encontrou no computador de Stephen Hurst e que demonstram a existência de suborno e corrupção. Pressões indevidas sobre

Harry e pagamentos a Simon Saunders em troca de falsificar as notas do filho. Tudo coisas deploráveis.

A menina Hardy (Susan, a professora de História) assumiu interinamente o cargo de directora e nomeou Beth sua auxiliar directa. Creio que farão uma boa equipa. De facto, se eu fosse optimista poderia mesmo ir mais longe e dizer que as julgo capazes de revirar a Arnhill Academy de alto a baixo, porque o maior dos seus problemas – Jeremy Hurst – não voltará para a escola.

Neste momento, está ao cuidado de uma família de acolhimento e a ser seguido por um psiquiatra. Ficou em estado de choque com a morte violenta e repentina do pai e da mãe. Gostaria de dizer que sinto pena dele. Até me lembrar de Benjamin Morton.

Nunca saberei ao certo, mas estou convencido de que Jeremy o levou à caverna. Pode ter sido uma brincadeira, pode ter sido uma «iniciação». Seja o que for, qualquer coisa aconteceu a Ben lá em baixo. Qualquer coisa má. E talvez não fosse o primeiro. Penso em Emily, a sobrinha de Beth. Outra miúda que deixou de ser quem era. Outra vida tragicamente cerceada.

E Jeremy nunca contou a ninguém. Ou talvez tenha contado à mãe.

Os corpos de Hurst e de Marie foram encontrados nos terrenos da mina velha. A polícia continua a investigar as circunstâncias das mortes. Hurst tinha relações com pessoas pouco recomendáveis e o que não lhe faltava eram inimigos, para não falar num saco que continha um pé-de-cabra manchado de sangue e que encontraram na mala do carro, de modo que chegar ao fundo de tudo isto é capaz de levar ainda algum tempo. Tenho o pressentimento de que, se não receberem mais informações, nunca chegarão a resolver este crime.

O buraco deve ser preenchido em breve. O projecto do parque rural está a ser reanalisado. Não serão construídas casas no local. Nenhum vereador aprovaria.

Como é evidente, a polícia veio falar comigo. A agente Taylor e um tipo enorme, mesmo enorme, um tal sargento-detective Gary Barford. Assinalaram a minha presença dentro do carro de Hurst, o que não neguei. Disse-lhes que uma noite me tinha dado boleia para casa. Uma vez esclarecido esse pormenor, todas as perguntas foram superficiais.

– Sou suspeito? – perguntei quando eles iam a sair.

Taylor ergueu um sobrolho.

– Por isto, não.

O sargento enorme deixou escapar uma gargalhada. Humor de polícia.

– Isto tem ar de ser um trabalho profissional – disse ele. – Não achamos que você tenha o perfil de um assassino contratado.

Podia ter-lhes dito que há muitos perfis para assassinos contratados (e assassinas). Mas não o fiz. Apenas sorri.

– A caneta é mais poderosa – comentei.

Olhou para mim, sem perceber. Humor de professor.



Beth olha com desconfiança para a minha *Coca-Cola*.

– Tem mesmo de se ir embora hoje? Como bebida de despedida, não é lá grande coisa. Podíamos encomendar uma garrafa de vinho. Para entreter a tarde?

Olho para ela. Vou ter saudades de olhar para ela. E ainda bem que esclarecemos as coisas entre nós. Conte-lhe que a razão pela qual tinha regressado a Arnhill era porque culpava Hurst do suicídio de Chris. Porque tinha de dar descanso a alguns fantasmas. É verdade, mas apenas em parte. Acontece o mesmo com muitas mentiras. E por vezes é suficiente.

– Por muito interessante que seja, tenho de me ir embora – digo. – Aliás, o que é importante é a companhia.

Faz uma careta.

– Simpático. Vou fazer chichi.

Levanta-se da mesa, a pavonear-se. Fico a ver a figura esguia que se afasta. Veste uns *jeans* pretos justos, botas de combate *DM* e uma camisola larga, às riscas, cheia de buracos (o que julgo ser moda e não o trabalho de um batalhão de traças famintas). Experimento uma sensação de pesar. Gosto de Beth. Muito. E quase me sinto tentado a pensar que ela também gosta de mim. É uma excelente pessoa. Mas eu não sou. É por isso que me vou embora, para estar o mais longe possível dela.

– Uma taça de batatas fritas para partilharem.

Levanto os olhos. Lauren pousa sobre a mesa uma taça a abarrotar de batatas fritas.

– Obrigado – digo com um sorriso.

– Não tem de quê.

– Não é só pelas batatas.

Fica a olhar para mim.

– Eu lembro-me – digo. – Foi você quem me encontrou nos terrenos da mina, naquela noite.

O momento prolonga-se. Quando penso que vai ficar calada, ela diz:

– Fui levar o cão a passear pela última vez.

Um cão velho, penso. O cão da mãe dela. Um cão a quem faltava um cordão de pêlo em redor do pescoço. E que tinha tendência para morder.

– Mais uma vez, obrigado. Por me ter levado para casa. Por não dizer nada. E por tudo o resto. Os pormenores são um pouco nebulosos para mim.

– Não fiz muito.

– Não creio que seja verdade.

Encolhe os ombros.

– Como está a sua cabeça?

Levo a mão à cabeça. Tenho uma pequena marca vermelha na têmpora, macia como uma antiga cicatriz. Mas é só isso.

– Devo ter batido com ela quando caí.

– Você não caiu.

– Não?

– Não caiu durante todo o caminho.

Dá meia volta e regressa ao balcão. Acompanho-a com os olhos.

Beth volta a sentar-se à mesa.

– Disse alguma coisa?

– Não. Nada. – Pego numa embalagem de molho. – Quer *ketchup*?

– Obrigada. – Agarra no molho e diz. – Ah, antes que me esqueça.

Procura na carteira e empurra uma pequena caixa de sapatos por cima da mesa.

– Era você quem a tinha?

– A senhora Craddock, de Biologia.

– Obrigado.

Abro a caixa e espreito lá para dentro.

– Eis a *Bola de Pêlo* – diz Beth.

– Ela não... sabe, não sabe?

– Nããão. Causas naturais.

– Ainda bem. Obrigado.

– Presumo que não tencione esclarecer-me.

– Não.

– Homem de mistérios.

– Não se esqueça de «Internacional».

– Vou sentir a sua falta.

Sorrio.

- Eu também.
 - Como pode encarar as coisas assim? Faz-me perder o apetite.
- Enfio a caixa na sacola.
- Está melhor assim?
 - Estava a falar do seu sorriso estúpido.



Já passa das três quando entro no carro para regressar ao Noroeste. Beth e eu trocámos números de telefone e prometemos manter-nos em contacto, o que provavelmente não iremos fazer porque não somos do género de pessoas que trocam mensagens de amizade, mas não faz mal.

Não há abraço nem lágrimas, nem um beijo romântico e apaixonado no último minuto. Não corre atrás do carro quando começo a descer a rua. Despede-se com dois dedos espetados que vejo pelo retrovisor e desaparece no interior do *pub*. Tudo bem.

Percorro a rua principal. Mas não vou longe. Chegado ao fim da rua, estaciono ao lado de St. Jude.

Desço do carro e empurro a cancela. Está sentada no banco de madeira desengonçado. Muito serena, num casaco cinzento e vestido azul. Volta-se quando me aproximo.

– É um lugar estranho para um encontro de despedida – observa a menina Grayson.

– Pensei que fosse adequado.

– Sim, talvez.

Olhamos para o cemitério.

– Ela não está aqui enterrada, pois não? – pergunto.

– Quem?

Mas sabe a quem me refiro.

– A sua irmã.

– Este cemitério não é usado há muito tempo.

– Não está enterrada em nenhum cemitério das redondezas. Já verifiquei.

– Os meus pais mandaram cremá-la.

– Também não existe registo no crematório. Aliás, não há qualquer registo da morte dela.

Um longo silêncio. Até que ela diz:

– A dor de perder um filho é inimaginável. Penso que o desgosto é uma espécie de loucura. Faz-nos fazer coisas que em circunstâncias normais nunca seríamos capazes de fazer, nem de pensar.

– O que lhe aconteceu?

– Uma noite os meus pais levaram-na. E nunca a trouxeram. Ou pelo menos nunca a trouxeram para casa.

– Foi por isso que se interessou tanto pela história de Arnhill e da mina? E que afirmou saber o que tinha acontecido a Annie?

Acena e pergunta:

– O desastre de automóvel foi mesmo um acidente?

– Sim. Foi.

Parece reflectir.

– As pessoas dizem que a vida encontra o seu caminho. Talvez por vezes aconteça o mesmo com a morte.

E, em última análise, ela parece ter todos os trunfos.

– Tenho de ir andando. Adeus, menina Grayson. – Estendo-lhe a mão. Envolve-a na sua mão macia e gelada.

– Adeus, senhor Thorne.

Levanto-me e afasto-me. Quando já estou perto da cancela, ela chama-me:

– Joe?

– Sim?

– Obrigada. Por ter voltado.

Encolho os ombros.

– Por vezes não temos alternativa.

Capítulo 38

As estradas rurais são coleantes e escuras. Percorro-as com o maior cuidado. Mesmo à minha velocidade de caracol, a viagem leva menos tempo do que esperava. A hora do congestionamento de trânsito já passou e a minha cabeça não pára de trabalhar. Demasiado.

Estaciono numa rua lateral, a pouca distância do apartamento que partilho com Brendan. Apeio-me e olho para um lado e para o outro. Tenho de ir até ao fim da rua para o encontrar. Um *Ford Focus* levemente amachucado, com duas cadeiras de criança no banco traseiro e um letreiro no vidro a dizer: MONSTRINHOS A BORDO.

Olho para ele algum tempo e depois atravesso a rua devagar até ao meu *pub* habitual. Um bom *pub*. Servem uma empada de carne e rins bem aviada.

Assim que empurro a porta vejo-o logo, sentado à nossa mesa do costume, no canto mais distante. Encomendo uma cerveja e um pacote de batatas fritas e dirijo-me para lá. Levanta a cabeça. Um sorriso alastra-lhe pelo rosto de feições irregulares.

– Ora vejam o que o gato acabou de trazer.

Pouso a cerveja sobre a mesa. Ele levanta-se e abre os braços. Abraçamo-nos. Não consegue ver a minha cara.

Sentamo-nos por fim. Brendan ergue o copo de sumo de laranja.

– É bom voltar a ver-te, e todo inteiro.

Bebo um gole.

– Obrigado.

– E agora, vais contar-me o que raio aconteceu?

– A mulher loira deixou de ser um problema.

– Sim?

– Morreu. Um acidente.

Observo-o. Mas ele é bom.

– E a tua dívida?

– Espero que em breve esteja saldada.

– Sabes o que diria a minha mãe?

– O quê?

– Um homem prudente não conta as galinhas antes de ter matado a última raposa.

– O que significa...

– Que te podes ter encarregado da mulher, mas achas mesmo que é o fim de tudo?

Abro o pacote das batatas e ofereço-o a Brendan. Bate na barriga com a mão aberta e abana a cabeça.

– Estou a dieta, lembras-te?

– Ah, pois claro! Eras bastante mais gordo, não eras? Quando bebias.

Sorri.

– Nada como o Adónis que hoje sou.

– Quer dizer que então eras gordo?

O sorriso esmorece.

– O que significa isto, Joe?

– Uma coisa que a Gloria disse antes de morrer. Foi rápido, para o caso de estares a pensar. Vocês os dois eram chegados.

– Chegados? Não faço a mínima ideia do que estás para aí a dizer. Sou teu amigo. Aquele que tem estado sempre ao teu lado. Que te visitou no hospital durante semanas.

– Foste ver-me duas vezes. Estavas demasiado atarefado a gerir os teus negócios. Jogo, extorsão, assassínio.

– Negócios? Estás a falar com o *Brendan*!

– Não. Estou a falar com o *Gordo*.

Olhamo-nos. Vejo que ele percebe que não vale a pena. Já todos os trunfos foram jogados. Ergue os braços.

– Foda-se. Apanhaste-me. Sempre foste esperto. É por isso que gosto de ti.

O espesso sotaque irlandês desapareceu, como uma cobra a mudar de pele.

– Foi por isso que mandaste a Gloria estropiar-me?

– Negócio é negócio. Amizade é amizade.

– Que sabes tu a respeito de amizade?

– Ainda respiras. Poderia chamar a isso amizade.

– Porquê? Porquê fingires que eras meu amigo? Porquê permitires que partilhasse o teu apartamento?

– Estava a tentar ajudar-te. A dar-te uma possibilidade de pagares. Mas continuaste a enterrar-te cada vez mais. Palavra de honra que gosto da tua companhia. Na minha posição não se têm muitos amigos.

– Sofrem muitos acidentes, não é?

Solta uma gargalhada.

– Por vezes é necessário.

Necessário. Pois claro.

Reclina-se na cadeira.

– Conta lá. O que disse a Gloria?

– *Espero que tragas os sapatos de baile.* Na ocasião não dei importância, estava a apontar-me uma arma à cabeça. Mas mais tarde lembrei-me.

Abana a cabeça disforme.

– Já devia saber que as minhas palavras sábias um dia se voltariam contra mim.

– Não foi só isso. Quase podia ter ignorado as palavras de Gloria...

E queria tê-lo feito. Muito. Mas houve outra coisa.

– Foi o carro – digo.

– O carro?

– Vi um *Ford Focus* estacionado no parque do B&B *antes* de dizeres que tinhas vindo de carro trazer-me o saco. Reconheci-o, mas não sabia de onde. Até que me lembrei de o ter visto à porta do apartamento. Disseste-me que tinhas pedido o carro emprestado à tua irmã.

– Ah!

– É isso?

– De facto, não. Esconde-te sempre à vista de todos, meu amigo. Metade dos que vêm a este *pub* já ouviram falar no *Gordo*. Ninguém sabe que ele vem cá quase todas as noites. Ninguém olha duas vezes para Brendan, o alcoólico recuperado, o inofensivo palhaço irlandês.

«Com o carro é a mesma coisa. Ninguém repara em mais um carro para transportar garotos. Se alguma coisa acontece e temos de fugir à pressa, a polícia não manda parar o papá mal pronto que vai buscar os miúdos no seu *Ford Focus*. É o disfarce perfeito.

– Ou talvez não.

– Bem, todos cometemos erros. O teu foi regressar aqui. Porque agora tenho um dilema. Continuas a dever-me dinheiro. A minha namorada morreu. Que devo fazer contigo, Joe?

– Deixa que me vá embora.

Solta uma gargalhada.

– Podia fazer isso. Mas seria apenas adiar o inevitável.

– Não vais matar-me.

– Porquê?

– Primeiro, diz-me duas coisas: por que razão me disseste para ir à polícia?

– Porque sabia que não ias. Psicologia reversa.

– Então eram tudo mentiras? Tudo aquilo que me contaste?

Pensa antes de responder.

– Bem, vamos ver. A minha mãe é irlandesa, mas não é nenhum amor. Eu já fui gordo. Sou um alcoólico em recuperação. Ah, tenho uma irmã...

– ... que tem dois filhos, Daisy e Theo.

Olha para mim. Noto-lhe uma contracção nervosa no canto do olho.

– Vivem em Altrincham. O pai trabalha no aeroporto. A mãe é recepcionista num gabinete de cirurgia. Daisy e Theo frequentam a Escola Primária Huntingdon. A tua irmã vai buscá-los três dias por semana, e uma ama vai buscá-los às terças e quintas, quando ela trabalha até tarde. A propósito, o que eles têm não são esquilos-da-mongólia, são *hamsters*.

– Pego na caneca e bebo um gole. – Que tal estou a ir?

– Como raio...

– Não tenho emprego. Não me falta tempo livre. Agora, vamos ao que interessa. Se vieres atrás de mim, irei atrás da tua irmã e da família dela.

Os seus lábios encurvam-se num esgar.

– Não és capaz disso.

– Não?

Meto a mão no bolso e tiro uma coisa pequena, castanha e peluda. Deixo cair o *hamster* morto dentro do copo dele.

– Como diria a tua querida mãezinha numa orgia, não fazes a mais pequena ideia do que sou capaz.

Brendan olha para o *hamster*, e depois para mim. Sorrio. A sua expressão altera-se.

– Desaparece daqui. Nunca mais quero voltar a ver essas trombas.

Empurro a cadeira para trás.

– Para longe, para *muito* longe – acrescenta.

– Ouvi dizer que o Botswana é bonito.

– Compra um bilhete só de ida. Se me mandares nem que seja um postal, és um homem morto. Percebes?

– Percebo.

Viro-me e atravesso o *pub*. Não olho para trás.

E, não sei porquê, não coxeio.

Epílogo

Henry já foi avisado para não brincar lá em cima. Desde que se mudaram, é o que a mãe lhe tem dito. É perigoso, pode magoar-se, perder-se, cair para um buraco. E ele não quer cair dentro de um buraco, pois não?

Henry não quer, mas também nem sempre dá ouvidos à mãe. Por vezes, é como se as palavras dela fossem apenas uma amálgama de letras. Ouve-as, mas não lhes percebe o significado. Ao que parece é por causa do autismo. Quer dizer que não estabelece empatia (que não sente devidamente as coisas).

Não é verdade. Com as pessoas, tem dificuldade. Com os animais, nem tanto. E com os lugares. Consegue senti-los. Como a mina velha. Sentiu-a assim que se mudaram para lá. A chamar por ele. Como se estivesse ao lado de uma sala onde muitas pessoas conversavam, embora não fosse capaz de perceber o que diziam.

Henry não falou à mãe nas vozes. São muitas as coisas que não conta à mãe porque ela «se preocupa». Está sempre a dizer isso. Preocupa-se em mantê-lo em segurança. Preocupa-se por ele passar tanto tempo sozinho. Foi por isso que ficou tão contente quando ele lhe falou nos seus novos amigos. Henry nunca tinha tido amigos, e sabe que a mãe também se preocupa com isso.

Hoje, a mãe está no piso de cima, a pintar. Resolveu pintar a moradia. Disse que magnólia em todas as paredes a fazia sentir como se estivesse a viver dentro de uma lata de sêmola. Às vezes a mãe dizia coisas engraçadas. Henry acha que gosta muito da mamã.

É por isso que se sente um pouco (culpado?) quando sai de casa às escondidas. Mas não o bastante para o deter. O problema é esse. Henry não se detém a pensar como os seus actos podem afectar os outros (disseram os médicos). Vive apenas o momento presente.

Este momento é bom. O Sol brilha. Mas não é um brilho suave, de manteiga derretida, como no Verão. É um brilho intenso. Brilho de Inverno. De arestas vivas, como se fosse capaz de cortar os dedos se lhe tocassem. Henry gosta disso. Tem vestido um casaco grosso acolchoado e lá dentro

sente-se quente e seguro, isolado do mundo que o rodeia. Henry também gosta disso.

Segue pela vereda até chegar à vedação. Sabe onde existe uma abertura. É bom a encontrar maneiras de entrar em sítios. Esgueira-se pelo buraco e olha em volta.

Pergunta-se onde estarão os seus amigos. Costumam encontrar-se com ele lá em cima. Até que os vê (como se apenas por pensar neles os fizesse aparecer). Acenam-lhe e descem a pequena encosta para vir ao seu encontro. A miúda é mais ou menos da idade de Henry. O rapaz é um pouco mais velho, magro e de cabelos loiros. Às vezes a rapariga traz consigo uma boneca.

Vagueiam juntos pelo terreno desolado de vegetação rasteira. De vez em quando, Henry pára para apanhar uma pedra, um parafuso velho ou um pedaço de metal. Gosta de coleccionar objectos.

Ao fim de algum tempo – não sabe quanto, pois os relógios confundem-no – apercebe-se de que o Sol já não está tão brilhante e intenso. Percorreu um longo caminho no céu. Ocorre-lhe que a mãe já deve ter acabado de pintar, e que se não estiver em casa ela ficará *preocupada*.

– Tenho de ir – diz.

– Ainda não – responde o rapaz.

– Fica mais um bocadinho – insiste a rapariga.

Henry hesita. Gostaria de ficar. Sente esse impulso nas entranhas. Ouve a mina a rumorejar na sua cabeça. Mas não quer que a mãe se sinta infeliz.

– Não, vou-me embora.

– Espera – diz o rapaz.

O tom da sua voz é premente.

– Temos uma coisa para te mostrar – diz a rapariga.

Toca-lhe no braço. A mão dela é fria. Só tem vestido um pijama. O rapaz veste calções e uma *T-shirt*. Nenhum tem sapatos.

Henry acha aquilo um bocado estranho. Mas o pensamento depressa se esvai, abafado pelas vozes que sussurram.

Tenta de novo.

– Tenho mesmo de me ir embora.

O rapaz sorri. Uma coisa preta cai-lhe do cabelo para o chão e foge precipitadamente.

– Hás-de voltar – diz ele. – Garantimos que hás-de voltar.

Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO

Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2019, C. J. Tudor

© 2016, Planeta Manuscrito

Título original: *The Taking of Annie Thorne*

Tradução: Victor Antunes

1.ª edição em epub: Março de 2019

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-236-8 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

